

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 30 de Junho de 1855. N.º 25.

A SENTINELLA.

S. LUIZ 29 DE JUNHO DE 1855.

—Prestamo-nos hoje a dar publicidade, á tabella dos Emolumentos consulares, como o haviamos promettido em o nosso ultimo numero, em consequencia de se haverem suscitado diversas questões entre o consulado Portuguez, e alguns subditos de S. M. Fidelissima. A publicação d'esta Tabella tem por fim expór aos nossos leitores, a verdadeira e ultima lei emolumentar de 1851, para que se não persuadão muitos que isto é estabelecido—ao arbitrio dos Consules—e á generozidade dos subditos.

Não pense *alguem* que, o que acabamos d'expender, tem por fim offender esse consulado; ainda que digão geralmente, ter elle recebido exagerados emolumentos.

Tabella dos emolumentos consulares.

NATUREZA DOS DOCUMENTOS.

Attestado para as Secretarias de Estado (*)	:920
Carta de Saude	1:600
.. .. Visto, ou averbamento na dita	:920
Certidão de mercadorias vendidas em leilão sendo esta uma só lauda regular	1:200
.. por cada lauda que accrescer	:480
<i>A lauda começada é paga como lauda inteira.</i>	
.. de origem de mercadorias	1:200
.. de qualquer documento dos	

(*) Ou um Pezo duro.

registos da Chancellaria, por cada lauda	:800
.. de vida, ou residencia	1:200
.. das não especificadas nesta Tabella	1:200
Concurrencia do Consul para actos fóra do logar da sua residencia, por cada dia, alem da despeza da jornada, e do mais que legalmente lhe competir.	2:400
Consulagem de embarcações, a saber:	
Barcos sem cobertas,	:800
De navios até 100 toneladas.	3:200
.. .. 101 a 200.	6:400
.. .. 201 a 250.	8:000
.. .. 251 a 300.	9:600
.. .. 301 a 350.	11:200
.. .. 351 para cima	12:800
Escriptura de Botomaria, ou contracto de risco marítimo	2:000
.. ou carta de fretamento	2:000
.. de compra, ou venda.	2:000
.. de compromisso	2:000
.. ou contracto de juros	2:000
.. de formação de sociedade.	2:000
.. de dissolução de dita.	2:000
.. de hypotheca	2:000
.. de doação.	4:000
.. de esponsaes det. se arrhas	4:000
Inventario de um navio.	4:000
.. de bens por falecimento, sendo uma lauda	960
.. por cada lauda q' accrescer	:480
Manifesto da carga de um navio, em duplicado e registo	4:500
Declaração adicional, por lauda	:800
Por juntar, sellar os Conhecimentos de um navio, rubri-	



cal os e concertal-os com o Manifesto	2:400
ou declaração de um navio em lastro	1:200
Matricula e registo.	2:400
Visto, ou averbamento na dita	:920
Passaporte provisório de navio.	2:400
Visto ou averbamento no Passaporte Real.	1:200
a subdito portuguez.	:800
Visto ou averbamento no dito	:480
Dito no de estrangeiro	:720
Attestado para obter da Legação ou Consulado Geral de Portugal o Passaporte extraordinario de navio estrangeiro comprado por subdito portuguez	1:600
Dito para obter o Passa da Alfandega	:920
Procuração bastante.	1:600
Substabelecimento da dita	:920
Quitação de quantia proveniente de Inventario	1:200
Reconhecimento de assignatura	:960
Registo de qualquer documento nos livros da Chancellaria Consular, por cada lauda	:480

(Continúa.)

PUBLICAÇÃO A PEDIDO.

— José de Castro Freitas em resposta ao art. que o Sr. Francisco Liborio Fernandes publicou hontem em um avulso, com data de sabbado declara que tudo o que alli se contém são falsidades proprias de quem por faz ou por nefaz quer declinar de si terivel responsabilidade que sobre elle peza, e protesta contra ellas desafiando ao Sr. Liborio, visto que tem a consciencia de ser innocente a apresentar-se em publico, e perante os tribunaes do paiz ventilar a questão, a deixando que os juizes competentes a decidam, sem lhe valerem subterfugios de qualquer especie e muito menos aquelles que lhe forem inspirados, por um bebado, por um assassino ou por um ladrão como o Sr. S. . . que ainda se não justificou verbalmente de similhantes imputações e nem o poderá fazer em quanto existir num cartorio desta cidade, a petição de queixa que contra elle deu o Sr. J. C. Fragoso e em quanto forem vivas as 5 testemunhas de vista que nella se declaram, que por tão bellos predicados é digno consocio dos celebres feitos do Sr. Liborio, que é um innocentinho, mas que por cautela se conserva homisiado.

O Sr. Liborio que quer campar de homem de bem não se recusará por certo a este meu justo pedido, mas se o não fizer eu continuarei a considerá-lo um assassino, como acertadamente lhe chamou o *Diario do Gram-Pará*.

José de Castro Freitas.
(Do D. do Gram-Pará.)

ELFRIDA.

(ROMANCE HISTORICO)

AO MEU AMIGO MENDES CAVALLEIRO.

(Continuado do n. antecedente.)

VI.

Volta Ethelwald ao castello,
Galopa a bom galopar,
Leva segura a fortuna,
Vae sua esposa abraçar.

Urge, porém com prestesa
Seu consorcio celebrar,
Que póde um leve capricho
O segredo divulgar.

O velho conde guerreiro
Chamou a gente feudal,
Do alto da torre erguida
Das bodas rompe o signal.

Tangem-se dentro dos muros
Aafins e atables,
Aos echos daquelles sons
Respondem montes e valles.

Transluz no rosto de todos
Muito prazer e alegria,
Que a linda flôr do oriente
Vae cazar-se nesse dia.

Só o esposo mais triste
Do que todos se mostrou,
Uma nuvem tenebrosa
Pela fronte lhe passou.

Teme que a sua peccidia
Venha o rei a conhecer,
Sabe que a traição tam negra,
Negro castigo ha de ter.

Grande cuidado emprêga
Para a esposa occultar,
Sabe que o rei fóra amante,
E ella muito d'agradar.

VII.

O crime, embora escondido
Mesmo no fundo do mar,
Um dia a onda revolta
A's praias o vae lançar.
Soube o monarcha os manejos
Do seu valido infiel,

O cume e a vingança
Enchem-lhe a taça do fé.
Guardou porém em segredo
O seu juízo final:
— Punirá, não punirá
O corteção desleal?

VIII.

Anda a corte em alvoroço,
Que o rei se vai a caçar:
O rei que gosta de damas,
Que caça irá buscar?

Os pagens e cavalleiros
Promptos, lusidos, estão,
Um monta arabe ardente,
Outro ligeiro alazão.

O valido Ethelwald
Tambem alli hade estar,
Acaçada é do rei,
Niuguem la deve faltar.

Estão promptos os lebreos,
E falcões d'altenaris,
Deve ser grande caçada,
Deve durar mais d'um dia.

Dhega o rei: cil-o montado
No seu brioso corcel,
Nobre animal que se inflamma
Com o som do seu tropel!

"Rei senhor," pergunta o guia,
"Para onde hei de guiar?"
—"Matas de Devonshire,
Trota, trota, a bom trotar!"

A insofrida matilha
Muita caça levantou,
Um soberbo javali
Bem perto do rei passou.

O rei viu o javali
E nem um dardo atirou!
Quem diz que o rei vai á caça,
Decerto que se enganou.

(Continua.)

POESIA.

*Dedicada a uma bella que vi por occasião de
um soeré em casa do meu amigo C. . . .
no dia 17 de Junho de 1855.*

OS OLHOS D'ELLA.

Eu amo uns olhos que vi,
A côr que tinham não sei;
Eram muy lindos fagueiros,
Dentro do peito os guardei.

Não são azues côr do Céu
E tambem verdes não são,
Castanhos tambem não eram,
Que desgostão o coração.

Mas ja sei . . . a cor da noite,
Imitavão, . . . são iguaes:
Grandes, alegres e bellos,
Brilhantes sem ter rivaes.

São pretos, — ó que ducura,
Tinhão n'um languido olhar;
Em meu peito os senti logo,
Ardente chamma lançar.

São pretos — e tão amaveis,
Attrabião o coração;
Que por elles sinto ainda,
A mais ardente paixão.

São pretos — e quando os vejo,
Eu me sinto estremecer;
Qual esperanza de ventura,
Que quer o peito acolher.

Mas não foi só de seus olhos,
Que minh'alma s'enlevou;
Que o seu todo era tão bello,
Que minh'alma captivou.

Oh! era assim sedutora,
Vista de frente ou perfil;
Que não sei se outra beldade
Encontrarei tão gentil.

Maranhão.

D. de M. Varajão.

A SEMANA

—Caros leitores! Duas semanas são a nossa tarefa de hoje, e com quanto tenhamos muito para dizer, havemos ser comtudo resumidos, por assim o permittir a estreiteza do nosso pequeno jornal; por considerarmos a nossa fraca situação, e sabermos que não nos chega as forças para satisfazer plenamente tantas condições e predicadas— Comtudo exorçar-nos-hemos por cumprir a missão de que somos encarregados.

No espaço d'estas duas semanas nada mais se tornou importante entre nós, do que a questão suggerida pelo Consul de S. M. Fidellissima, e o subdito Joaquim da Silva Santos que vamos brevemente explicar. . . . No dia 19 do corrente, foi chamado o Sr. Santos pelo Sr. Consul Carneiro, e intimado por este a apresentar no prazo de 4 horas o passaporte com que tinha voltado de Pernambuco para esta cidade, já visto e registrado a 31 de Maio p.p. para o que havia despendido (960) fortes, e tão fortes como as questões que d'aquí se suscitaram. . . .

Replicando-lhe o Sr. Carneiro, que caso deixasse de praticar o exigido, seria recolhido á cadeia sob pena de ser processado.

Inuteis protestos eram estes por certo. . . . Porém *

Sr. Santos, aterrado por esta maneira percorria como um louco as ruas da cidade, contando a quantos encontrava o occorrido . . . Mas vendo correr rapidamente as horas marcadas, resolveu-se voltar ao consulado a mostrar a impossibilidade de que tinha de apresentar o *tal passaporte*, pelo haver confiado ao Sr. J. C. Fragozo, e este ao Sr. Vice-Consul Silva Guimarães que o havia já remetido para Lisboa.

No entanto tão forte exigencia do consul de S. M. Fideiíssima, apresentava-nos o quer que fosse de mysterio, e que não podiamos rapidamente perceber. Era que o Sr. Vice-Consul, havia requerido uma Certidão d'aquelle importante documento, para convencer-se talvez do recebimento de mais (480) fortes em contravenção . . . ao disposto no reg. consular que determina nada receber-se por isso. . . . Contudo o Sr. Consul, deu uma especie de certidão que já *alguem* denominou corpo de delicto . . . E seja como fór, o Sr. Carneiro não ficou muito contente com tantos trabalhos sem fructos, . . . fazendo *accordar* no dia 20 do corrente os Srs. Santos, Fragozo, e Silva Guimarães por um requerimento de queixa dirigido ao Illm.º Sr. Dezenbargador Chefe de Policia que começa, *por estas poucas e formaes palavras*:

Queixando-se-me o subdito Portuguez Joaquim da Silva Santos que traçoeramente e de má fé, se lhe havia tirado um passaporte & c.

Transcrevemos aqui estas *memoraveis, e fatalissimas* linhas que é o enunciado da Proposição, para notarmos que o Sr. Santos o contestou—como se vê no termo de perguntas lavrado na Secretaria de Policia perante os tres Surs. que deixamos mencionados—dizendo, que o havia confiado. . . —e agora acrescentaremos nós—O Sr. Santos era tam *innocentinho*, que ignorava as *voltas* que haviam soffrido o seu passaporte? . . .

—Que *supina* ignorancia! . . .

Emfim não sei o que póssamos inferir do corollário, de tam *intrincado* problema; mas appellamos para o tempo que é bom mestre, e de tudo nos desenganará . . .

D'outro facto vamos tratar agora, e de não somenos importancia.

No Globo—do dia 19—appareceu uma correspondencia . . . da *quinta-essencia*. . . assignada pelo Sr. Santos: eil-a. . .

« Sr. Redactor.

Tendo apparecido no seu *Globo* de sexta-feira uma pequena correspondencia em desabono do Consul Portuguez nesta Provincia, o Sr. Carneiro, e havendo quem me tenha indigitado como author ou coivente nessa correspondencia, pelo facto de ter eu lido ultimamente a Pernambuco, rogo a sua permissão para declarar aqui formalmente, que nenhuma parte tive directa, ou indirecta ao tal artigo, e que bastante me penaliza que *alguem* abuse da minha boa fé, para semelhantes *embuscadas*.

Sou Sr. Redactor,
seu venerador e creado

Joaquim da Silva Santos.

Agora convidamos ao Sr. Santos, como coriozoz que somos, para que desembrulhe, a sua correspondencia, do guardanapo de serzidos, que a encobre e nos declare—1.º quem foi o seu indigitante—2.º Se o *alguem* de que trata é o mesmo indigitante—3.º O que s'entende naquelle *abuze da minha boa fé*, que muitos devem

entender, ser a correspondencia do Globo n.º 364 levada aquella redacção por outro, sob seu nome e responsabilidade—4.º Dizer-nos finalmente se, a *embuscada*, de que trata, é o *fragmento* d'alguma metralha russa que atrevessando os horisontes alli se foi encaixar *subtilmente*.

Dirão agora os entendedores, que parte isto de uma seiva d'ideias incipientes, e é do que pouco nos importa. . . porque de braços cruzados sorrimos sempre a esse bando de *Orates*, que dão a conhecer a sua publica corrupção de sentimentos—e porque muito bem sabemos, o quanto podemos valer.

Esperamos com ansiedade, noticias do Pará, e veremos o que nos disem acerca do processo do tyranuo *Raphael*—mais insignificante que o famoso corsario Heridim Barba-roxa, porém mais feróz nos crimes, e mais sanguinario talvez. . . Porém não foi isso bastante, para encontrar protectores, como todos devem saber, e entre os quaes o Consul Portuguez *figurou* tambem.

Tem entrado estes dias alguns navios de Portugal. . . Entre elles, é notavel a barca Linda . . . pelos 148 Colonos que conduziu do Porto para aqui.

Esperamos que o Sr. Consul, lhes preste aquelles sócorros que se tornão necessarios n'estas occasiões, pois é de suppor que a maior parte d'elles sejam indigentes; e isto é, protegendo-os e animando-os, que tudo isto se tornará singular na pessoa de um consul; ainda que muitos bradem, em voz alta e sublimada! . . .

Quem negará na actualidade a infeliz situação do consulado Portuguez? . . .

O reino de S. M. Fideiíssima o velho Portugal! . . . gosava da couza mais desejada na epoca presente. A paz! Emfim nada ha que agite aquella bella mansão. . .

Entrou no dia 28 o vapor Imperatriz, procedente dos portos do Sul.

Nada trouxe de notavel para mencionarmos aos nossos leitores. . . A noticia recebida pelo Capitão do Castro 2.º de ter lido a pique a Barca Dinamarqueza, não aconteceu como alguns jornaes affirmaram. O *Tocantins* abalroou-se com ella, soffrendo ambos grande avaria, tambem nos consta que não houve victima alguma. . .

O Vapor *D. Pedro* 2.º da companhia Luza-Brazileira fez a sua primeira viagem, chegando á Pernambuco no dia 15 do corrente.

A camara municipal acaba de fazer observar rigorosamente uma de suas posturas, por seis *fiscas*, que é tratar do accio das ruas, praças, e quintaes & tudo se tornará necessario para que o *colera* aqui se não introduza. Algumas medidas para esse fim foram lembradas pelo Sr. Dr. Antonio H. Leal e publicadas . . . E muito provão o interesse que tem pela salubridade do Maranhão.

Hontem de manhã suicidou-se o commerciante Joaquim Texeira de Souza deixando uma carta a sua familia, ignoramos o motivo que o levou a cometer tão horrivel attentado.

Aqui terminamos, a nossa tarefa, podiamos tornarmos-nos mais longos, mas para tudo é necessario reservar espaço. Costumamos fugir sempre da hypocrisia de *autor*. . . que muitas conservão ainda. E não temos para prologo o arremedado d'imposturas, e estudadas submissões. . . e antes que venha tocar-nos o *bafo* d'algum mordacissimo e venenozo critico. . . Aceitai leitores com benevolencia um verdadeiro Adeus. . . e até a semana. . .

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie.

Maranhão 7 de Julho de 1855.

N.º 26.

HIPPOLITO E CAMILLA.

I.

Fiai, fiai, terno amor,
De Camilla, ó cavalleiro,
Se o fiado fór perfeito
Amor será verdadeiro.

— Na magestosa e brilhante cõrte de Carlos Magno, vivia o gentil mancebo Hippolito, que, ja distincto em acções cavalheresces, perdido de amores em presença dos negros e lindos olhos de Camilla, e por muitos outros encantos e attractivos della, depoz a seus pés os troféos de Marte, vencido pelas settas de Cupido.

A muitas legoas em distancia, nas faldas do alto e escarpado Apenino, possuia Hippolito uma grande herdade, interessante e rica por suas uteis e lisongeiras producções, pelos mimos de Ceres e de Flora; porém, tão solitaria, que se poderla dizer util e primoroso jardim no centro dos horrores de embrenhado deserto.

Para este sitio conduziu o fervoroso cavalleiro a sua amada, votando lhe fé constante em puro consorcio, e havendo só consideração a amor, porque, quando é verdadeiro, em toda a parte se ama, se passaram seis mezes sobre os mais mimosos laços.

Findas porem elles, a formosa Camilla, que apenas contava dezolito annos, sentiu em seu consorte, que só tinha viate, certa frieza, certa sonhar pensativo e melancolico, um certo ar equivoco e taciturno, que muito a consternou; porque muito se differenciava do primeiro fôao que ardêra em seu peito, e, por extremo sensivel, absorva em seus cuidados, lhe dirigiu semelhantes expressões:

— Desejara me d'esses, meu querido Hip-

politto, qual é o terrivel destino que tem fixado a duração dos nossos prazeres, e que lhes tem dado igual sorte a da mimosa flôr que só vive de manhã, para morrer de tarde! Nada tenho poupado para te agradecer... Julgo que ainda sou a mesma, ou o meu espelho me engana, e que só o teu coração está mudado.... Ingrato! ah! quanto pretendes obligar-me com teus estranhos modos a appetecer a iudifferença em que contente vivia antes de teus falsos juramentos!

Assim fallou, acompanhado de uma torrente de lagrimas suas palavras.

Surprehendido ficou Hippolito com discurso tão energico, e que não esperava; porem abraçando ternamente Camilla, de prompto cuidou em satisfazê-la, dizendo-lhe:

— Não formes de mim, minha amada, tão injusto conceito; nem te escandalizem meus modos, que todos são a teu favor: estabelece, ó mil vezes querida, melhores juizos sobre o meu coração, que é, e que sempre sera teu sem reserva alguma. Dize-me, como poderei vêr, sem lutozoso pezar, que sendo tu digna de habitar os mais ricos e sumptuosos palacios, e de viver no luxo das mais lindas cõrtes gozando de todos os apparatus, prazeres e divertimentos, devidos a tua singular belleza virtude resplandecendo nas sociedades como a estrella mais brilhante; como é que poderei vêr, repito, que estejas confinada em uma pequena quinta solitaria e triste, por meu respeito nas escardadas encostas do Apenino!? Ah! encantadora Camilla, que não possa eu dar-te quanto desejo! este sentimento me devora me punge e me mata! Desengana-te, pois; eis aqui tens o motivo porque muitas vezes ando triste e pensativo.

— Não te consteraes por isso, Hippolito.

replicou a formosa Camilla; estou satisfeita; acho que todos esses bens são quimericos, quando se descança nos braços de um verdadeiro amor; e além disto, qual é o meio que existe para emendar taes revezes da fortuna?

— Um me lembra, minha Camilla, que tenho sempre em memoria, e eu to descobro. Creado na opulenta cõrte de Carlos Magno, bemquisto aos olhos delle, e amigo dos seus mais distinctos e valentes cavalleiros, conseguiria facilmente, se me apresentasse, esses bens preciosos e necessarios que nos faltam. Eu, que já na campanha contra os lombardos depositi a seus pés dous estandartes; eu, que mereci que elle com um sorriso me dissesse — és amigo, és valente, digno de ser meu cavalleiro. Bem sei, Camilla que o merito quasi sempre é pelos monarchas esquecido, quando não o acompanham protecções; porem, eu as tenho na cõrte, e se não fõras tu, eu iria tentar minha fortuna, com os unicos desejos de me collocar em situação mais vantajosa, em circumstancias mais felizes; porém, como fazê-lo? Como poderei deixar-te só neste ermo sitio? Como viver sem ti? Ah! que tormento que desesperação!

Camilla prestava a mais religiosa attenção a estas reflexões do seu Hippolito, e ella mesma com aquella ambição, com aquelle particular appetite que domina o espirito feminino quando metida sobre presumpções de vaidade e de gloria, seu desejo insaciavel, aconselhou e consentiu na retirada de Hippolito à cõrte, rogando-lhe só que no menor tempo, em que podesse conseguir suas imaginadas furtunas, regressasse à sua companhia; e protestou, com os mais sensiveis extremos, ser sempre firme e sempre a mesma.

— Em fim, deixar-te-hei, lhe responde Hippolito, porque assim o consentes, porque assim o destino o quer; mas em breve e-pero voltar mais dignos dos teus affectos; o prazer deque sejas mais venturosa animará minha alma em tão cruel ausencia. Se tens votado que serás sempre a mesma na firmeza e constancia, eu formo votos iguaes, sob o juramento mais sagrado.

Entre abraços e osculos, entre amores e saudades, dous dias se passaram, e na madrugada do terceiro, Hippolito, havendo recebido e dado as ultimas aurozas despedidas à sua amada, rompia o quasi inaccessible Apenino, cavalgando em brioso cavallo, acompanhado sómente de tres fiéis criados que o seguiam.

(Continua.)

Maxima.

— Os honens, que mais se devem estimar, são os que fallam a verdade; e os que mais merecem despresos são os aduladores. (Extr.)

ELFRIDA.

(ROMANCE HISTÓRICO)

AO MEU AMIGO MENDES CAVALLEIRO.

(Conclusão.)

IX.

Já ao longo se divisa
D'Elfrida o nobre castello,
Diz o rei ao seu valido
Que desejava ir vê-lo.

Que desejava tambem
Sua esposa conhecer,
Que era justo que se visse
Quem raioha esteve a ser.

Na alma do pobre esposo
Um raio se fulminou,
E inda á regia visita
Mil escusas protestou.

Foi debalde. O soberano
Apenas lhe concedera
Tempo para preveni-la
De que está á sua espera.

Aos pés da formosa Elfrida
Ethelwald se lançou
Quanto fez para alcançal-a
Em soluços lhe contou.

Pede-lhe que as suas graças
Ante o rei vá simular,
Que o rei se perde por ellas,
Que bem se pôde tentar.

Pobre marido—não sonha
Quanto a mulher é vaidosa,
Que antes quer morte aviltante,
Que deixar de ser formosa!

Querer tal condescendencia
Nunca o devêra pensar,
Fõra pedir as estrellas
Que cessassem de brilhar.

Fõra ser mais respeitado
Do que Deus, que nos creou,
Quando a Eva innocente
O fatal pomo vedou.

Que finezas deve a dama
A quem da c'roa a privou?
Em vez d'ocultar as graças,
Mais e mais as realçou.

Mal o rei viu seus enlevos,
Perdido d'amor ficou,
E jura gozar a rosa,
Que a viração lhe agitou.

Aos olhos do seu valido
Sua paixão disfarçou,
E logo para seus paços
O rei e a cõrte voltou.

X.

Vae o valido Ethelwald
P'ra outras terras partir,
Vae em serviço do rei,
Vae ordens do rei cumprir.

Da esposa e do castello
Bem pesaroso saiu,

E o coração agitado
No peito a bater sentiu,
Alguns dias se passaram,
E o esposo não voltou,
Um pagem que o procurava
Assassinado o encontrou.

Cravado no coração
Fino punhal se lhe achou
Pela riqueza do punho,
Que era do rei se julgou.

XI.

Correm justas e torneios
Na corte do rei Edgar.
Ha festas em todo o reino,
Que o monarcha vae casar.

D'entre as bellas a mais bella
A bella Elfrida acclamou.
Quantas lanças se correram
A todas o rei quebrou.

Vencedor enamorado,
Rainha alli lhe chamou,
E no throno d'Iaglaterra
Ao seu lado a sentou.

Vive feliz sobre a terra
Quem encontra o seu amor;
Edgar é venturoso,
Já colheu a linda flor.

Mas os destinos occultos
Nunca alguém os conheceu
A estirpe deste amor
Sceptro e reino perdeu!

Pará—1855.

F. G. de Medeiros Branco.

—Da correspondencia de Lisboa em 27 de Maio p. p. ao Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, extrahimos o seguinte:

“Foi ultimamente à scena no theatro de S. Carlos a opera *Macbeth*, de Verdi, desempenhada pela Castellán, Bartolini, e Surf. A Castellán, que se acha completamente extincta de voz, ficou á perder de vista da Gresti e Bartolini á igual distancia do baritono Fiori, que desempenharão á mesma partitura a alguns annos. Como porem á Castellán tem a protecção de varias fidalgas, continuão os petiscos litterarios, á sustentar que é a melhor cantora do universo, digna de sempre eteras ovações e palmas. O coreographo St. Leon artista de indisputavel merecimento, tem sido justamente applaudido pela sua mimosa dança intitulada —*as flores animadas*— uma destas flores, a Sra. Morena, vai partir para o Maranhão, onde tenciona electrizar aquelle publico com a sua proficiencia no genero *bullané*.”

“A civilisação progride, o amor das bellas artes desenvolve-se, e as nossas povoações não poupão despesas para adquirir á

maior sena de commodidades e deleites. Se a vinte annos se dissesse que em Vianna havia theatro italiano, todos ririam incredulamente; e todavia é o que acaba de ter lugar. A companhia de Angelo Alba, em que entrão á prima-dona Ponti tenor Dell'armi, e o baritono Ludovici, encantarão os ouvidos dos *dilettants* de Vianna do Castello com a representação da *Sonnambula* de Bellini, que será seguida de outras muitas.”

ACROSTICO.

COMO É BELLA.

—inda Olivia esses teus olhos,
—nspirão terna affeição;
—os teus cabellos a esp'rança
—esprendida em negra trança
—mar pode um coração.

—Olivia tu tens encantos
—indos encantos sem par;
—ncentes como as brizas,
—em-me d'amores fallar;
—mmeveis teus lindos seios,
—lmo fogo a derramar.

S. Luiz. Junho.

A SEMANA

—Caros leitores! Eis-nos de novo com a desejada tarefa da semana; e ainda que desta vez seja despida de factos importantes, sempre lhe guardamos um pequeno espaço. Para que se vá rebustecendo, e tomando a salutar influencia, senão deixo perecer á mingua, como custuma acontecer a todos os jornaes, que agora começão como o nosso, a dobrar o proceloso cabo, da bem ou mal emprehendida tarefa.

Ainda hoje voltamos á materia de que tratavamos na semana antecedente. . .

Fallamos do Sr. Joaquim da Silva Santos, e da sua correspondencia que transcrevemos—que era uma tabua de salvação de que elle se queria valer. Era o celebre termo de conciliação entre si, e o Sr. Consul Carneiro, que teria por certo logrado bom exito senão partisse, de um juizo tão *frascario*, e adulador. E' que o Sr. Santos, não gosta de *inimizades*, e muito menos de *inimigos*. . . Ouçamos porem o que *ad reum* nos diz o Padre Antonio Vieira:—

“Ter inimigos parece um genero de desgraça, mas não os ter, é indicio certo de outra muito maior. Não ter inimigos tem-se por felicidade, mas é uma

tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter."

Agora que nos respondão os philosophos da época.

Endereçamos estas poucas linhas ao Sr. Santos, para que não continue a dizer, que lhe damos importancia, pois conhecemos a fundo sua absoluta nullidade. Se d'elle tratamos (veja bem o publico) foi para não *borrarmos o quadro*. . . porque é natural que os caens domesticos, costumem seguir os passos de seus amos.

Durante esta semana entrarão tres navios do Pará. . . o Patriota, Carolina e Laura; que trouxe 7 dias de viagem e pelo qual recebemos as mais recentes noticias.

O cholera continuava a ceifar os habitantes d'aquella infeliz Provincia—porem com maior desenvolvimento especialmente em gente de *côr* comtudo não é tanto, quanto por aqui se tem exagerado.

Censuramos o Sr. Dr. Goes que é encarregado do governo, pelo descanso que teve em remetter as malas d'esses navios para o correio, por quanto havendo elles entrado no dia 1 do corrente só nos foi possível recebermos noticias Terça-feira 4 pelas 2 horas da tarde. Devemos nottar que o correio esteve aberto Segunda-feira até nove e meia horas da noite, a espera das taes encantadas mallas—no entanto gosamos da *esperança*. . . e nada mais.

O commercio tem andado *desesperadissimo*, com semelhante atraso de noticias, e que se tornão na verdade *sensíveis*. . .

A dias correu por certo haverem fallecido no Pará alguns artistas Dramaticos, porem graças ao Altissimo gosão todos perfeita saude. . . e o Theatro Providencia continuava a offerecer ao publico excellentes espectaculos: ignoramos d'onde partiu tão mal fundada noticia.

Não tivemos o prazer de recebermos os Diarios do Gram-Pará, com que nos costuma a obsequiar um antigo e leal companheiro d'armas para podermos noticiar aos nossos leitores, o andamento do processo do assassino *Rafael*. Como sentimos aqui, o fim que deu a 47 infelizes, matando-os a fome, sede, e "espancamentos": tambem nos regozijaremos em ver descripto em todos os Jornaes os salientes esboços que o encaminhão ao *Patibulo*! em que deveria acabar. . .

Tivemos noticias das minas de *Maracassumé* e lembramos ao Sr Consul de S. M. Fidellissima—para que empregue toda a vigilancia sobre o tratamento dos *pobres colonos* naquelle ponto; pois consta que tem sido castigado barbaramente; assim como os do furo do *Arapahy*.

Esta semana tem estado triste e luctuosa—pela maneira terrivel com que aqui exaggerão o cholera—Reune-se frequentemente a commissão de hygiene publica. . . e nem isso obsteo para que no dia 4 fosse atacado do mal, uma pessoa no Lazareto. Da

Ponta d'Areia fizeram immediatamente signal para esta cidade. O rumor foi grande na capital durante a noite, no seguinte dia porem soubemos do occorrido, que vinha a ser, falta de agua segundo nos informou um amigo do Sr. Dr. Goes.

Abordo da curveta *Paracuse* fallecerão já duas praças do cholera.

Afirmamos que temos bastante medo d'ella; mas acreditamos que não será tão feia como a pintam. . . O que ainda não podemos ver é a tal peste do commercio de carne humana. . .

A barca Linda que tratamos em o nosso n.º antecedente. . . foi a *celebre*, que conduziu 115 colonos que desembarcãõ aqui a 8 de Março pp. e é a que acaba de conduzir 148. . . Faz partir o coração ouvir contar por elles, como nós ouvimos, a maneira por que forão illudidos pelos Srs. *Agentes* affiançando-lhes, encontrarem aqui, thesouros precisos. . . dinheiro, e tudo quanto se pode desejar, no entanto admiramo-nos do lethargo em que se conserva o governo Portuguez.

O nosso Theatro Sam Luiz accordou finalmente do pesado somno que dormia, offerecendo aos *dil-tantis*, tres grandes e variados bailes mascarados. Estamos preparados, para disfrutarmos o entusiasmo *caricato*. . . que vai dando aspectos de grande influencia. . .

Consta-nos que o primeiro será no dia 15, quando o havião annunciado para o dia 8; em consequencia das preces que hontem se começaram a celebrar na Cathedral.

A sociedade de Bailes *Recreio Commercial* tambem se levantou agora da cama, porem ja forte da convalescencia. . . offerece hoje aos Srs. socios um esplendido baile graças aos empenhos do Sr. Pinto.

—Entrou hontem de Liverpool a escuna ingleza *Shark* com 30 dias de viagem. Acerca da guerra do Oriente, consta-nos que a esquadra ingleza, tomára um grande numero de navios russos no mar Azoff.

—Fondeou hoje em frente da Ponta d'Areia o vapor *Imperatriz* regressando do Pará, e já partiu para o Sul a 1 hora da tarde. O cholera ja atacava em muito menor escala. Havia fallecido o Exm. Vice-Presidente da Provincia Angelo Custodio Correia.

Terminamos aqui os trabalhos d'esta semana, pois tão foi necessario abrimos a grande porta. . . para darmos sahida—a factos de tão pouca importancia; e quanto menos importantes são, tanto mais os resumimos.

Desejamos saude aos nossos leitores, para que gosem da mais aprazivel tranquillidade, e possam gozar dos poucos divertimentos que offerece agora esta pequena cidade, adeos até a semana.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscree-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 14 de Julho de 1855. N.º 27.

A SENTINELLA.

S. LUIZ 13 DE JULHO DE 1855.

—Pelo vapor *Imperatriz* entrado no dia 7 do corrente, recebemos os Diarios do Gram-Pará, até 4.

A epidemia que grassava naquella cidade, e que tanto aqui se ~~era~~ exaggerado, havia declinado bastante, e d'esta forma os fallecimentos que constava regular de 20 a 25 pessoas por dia, diminuíão consideravelmente. Com tudo a carestia de alguns generos de primeira necessidade, era o que agora se tornava mais sensivel.

A galera *Defensora* estava proposta a sair brevemente do Pará sem que o facinoroso Raphael o assassino de 47 infelizes . . . soffresse a punição de seus horrozos crimes! . . . E quem é esse consul de S. M. Fidelissima, tão orfão de patriotismo, e tão vasio de sentimentos? para deixar assim passar desapercibido, o cumplice de tantas victimas! . . . É o Sr. Fernando José da Silva, em cujo regaço dorme profundamente o consulado Portuguez. . . .

O assassino encontrou apoio nas autoridades, que o devião punir, e que tem por brinco o verem quotidianamente reproduzidos factos de semelhante especie. Seria bom que os factos da *Defensora* fossem levados ao conhecimento de S. M. Fidelissima, para tomar em seria consideração, os motivos que levarão esse Consul a prostituir vergonhosamente o seu governo . . .

O Theatro Providencia continuava bastante animado. O Sr. Salles Guimarães foi muito louvado pela felicidade que teve de escripturar a actriz Josephina Miró.

Convidamos a illustre redacção do *Diario do Gram-Pará*, para que attendendo ao credito que goza o seu excellente jornal, dêsse aos seus leitores, um mappa dos fallecimentos diarios dessa cidade.

SELEM 16 DE JULHO DE 1855.

Retrospecto Semanal.

A nossa Companhia Dramatica é hoje

uma das melhores de todo o Imperio, e o Theatro acha-se tão decente que se torna por todos os motivos digno da protecção do publico, e o publico paraense sabe retribuir com generosidade os sacrificios, que se fazem para apresentar-lhe um recreio digno d'elle.

A ultima representação — *Os Tres Amores* — attesta, que os artistas, que hoje possuímos são da melhor qualidade.

Quem ousará negar a naturalidade do trabalho do Sr. Silvestre Weira? Quem melhor comprehenderia a lucta embravecida dos sentimentos mais nobres e ardentes, que pode abrigar-se em peito de homem, e a rápida passagem da ventura para a desgraça? Como imaginar uma comprehensão mais feliz e ajustada ao character nobre e altivo de *Eduardo de Mendonça*, cujo nome tinha herdado de seus avós puro e sem mancha, mas que vae acabar nelle coberto de ignominia, por que está em vesperras de ir morrer no cadafalso morte affrontosa de assassino, no intanto que sua consciencia de nada o accusa! Matou, é verdade, o seu adversario, mas em combate leal, e nunca á falsa fé! Aquellas transições da dor ao prazer, da esperauça ao descerer, e do entusiasmo ao abatimento tem difficuldades, que só um artista como o Sr. Silvestre Francisco Meira poderia comprehender e desempenhar!

Na parte de *Fr. Eusebio* brilhou o Sr. Duarte Coimbra como costuma. A magestade do rei não ressumbrava a través do borel do religioso; a certeza que *Fr. Eusebio* tinha de innocencia de *Mendonça* de quem era effeçoado, o desejo de salvá-o, sem poder, porque as apparencias o condemnau, e aquella resignação evangelica com os desiguos occultos da Providencia são de um effeito tam wara-

vilhoso, que depois de descoberto o incognito, tudo está de harmonia com o caracter inflexivel e justiceiro de D. Pedro I. — Tudo isto foi tam bem desempenhado pelo Sr. Duarte Coimbra, que não ha frases, que possam expressar o effeito, que em nós produziu!

O Sr. Assumpção trabalhou muito bem na parte de D. Affonso; era um verdadeiro tyranno resolvido a commetter todos os crimes com tanto que possuísse D. Branca de quem estava apaixonado!

O Sr. Pinto desempenhou bellamente a parte de D. Rodrigo.

Na parte de Mata Lobos houve-se o Sr. Nicolla tam bem, que julgamos ver um perfeito fadista sem alma, sem Deos, sem creuça nem fé!

O Sr. João Ribeiro na parte de Jeronimo nada deixou a desejar, em presença de suas facecias ri se o cidadão mais sizudo!

A Sr.^a D. Joanna na parte de Izabel, e a Sr.^a D. Maria Luiza na de D. Branca satisfizerão o publico.

As outras partes do drama, inda que pequenas, foram bem desempenhadas.

Na aria—*Em longa penosa ausencia*—agradou o Sr. Silvestre muito, e foi victoriado.

Nas—*Duas Bengalas*—prenderam-nos a attenção os Srs. Pinto e Ribeiro, o primeiro na parte de Silverio, velho impertinente e zeloso, que não queria por couza alguma que o outro o *pentecasse*, e o segundo na parte de *Agapito de Mendonça*, caricato engraçado no ultimo ponto.

Tabella dos emolumentos consulares.

NATUREZA DOS DOCUMENTOS.

(Continuado do n. 25.)

Relatorio de bordo. — Sua aprovação e legalisação	4:200
Rol da equipagem (Visto no)	:920
Sentença, ou julgamento proferido na qualidade de arbitro	2:000
Termo de arrematação	2:000
• de composição amigavel	2:000
• de deposito	2:000
• de fiança (em geral)	2:000
• de dita de quantia que exceda a 2:000:000.	3:200
Chegando a 8:000:000	4:000
Dahi para cima	4:800
Por cancellar a fiança.	4:200
• de responsabilidade	2:000
• de vistoria a bordo	4:800
• de fazendas em terra	3:200
• de juramento, ou declaração	4:200
• de mudança de capitão	2:000

• de nascimento.	:920
• de nomeação de louvados para vistoria de mercadorias avariadas	2:000
• de obito	:920
• de protesto contra demoras, &c.	4:600
• de dito e ratificação de catro feito no mar	2:400
Testamento e aprovação inda o Agente Consular a casa do testador	4:800
• sendo apresentado na Chancellaria Consular	2:400
Termo de abertura do mesmo e rubrica	3:200
Testemunhas (Interrogatorio de) por cada uma	:800
Titulo de nacionalidade e registo, ou habilitação de subdito portuguez	4:840
Tradução de qualquer documento para portuguez, e <i>vice versa</i> , feita pelo Agente Consular, por lauda	:800
Legalisação da cópia, ou* conferencia da tradução feita fóra da Chancellaria, por lauda.	:480
Visto no diario da navegação	:920

Emolumentos ad valorem.

Arrecadação e administração dos bens dos portuguezes fallecidos <i>ab intestato</i> , sobre o valor ao tempo da entrega 2 1/2 por cento.
Arrecadação de objectos pertencentes á carga e casco do navio naufragado, sobre o valor — 2 1/2 por cento.
Deposito de dinheiro ou de fazendas, sobre o valor — 2 por cento
Liquidação de heranças — 2 1/2 por cento.
Pelos adiantamentos de fundos feitos pelo Agente Consular para fornecimento dos navios de guerra, a commissão de 3 por cento paga pelo ministerio da Marinha.
Por presidir a uma venda em leilão, sobre o producto bruto, 4 por cento, ou o que for estylo na Praça respectiva.

Os emolumentos não especificados *desta* Tabella serão regulados pelos que perceberem em Portugal os Agentes Consulares das Nações em cuja territorio residirem os Agentes Consulares portuguezes.

Secretaria de Estado dos negocios Estrangeiros, em 26 de Novembro de 1851 — Antonio Aluizio Jervis d'Alouquia.

N. B. Seguem se Annexos mencionados neste regulamento e os formularios de Actos Consulares. (Do Diario do Governo.)

POESIA.

SOU POBRE, MAS LIVRE!

Eu nasci—pobre—não tenho,
Grandezas de corteão;
Mas não me corvo aos caprichos,
D'essa vil escravidão.

Nasci pobre — nada tenho,
Pobre, tão pobre a pedir;
Mas desprezo a sociedade,
Que meus — ais — não quer ouvir.

Detesto os ricos que gosão,
Esses brasões da nobresa;
Desprezo os vis que curvão,
Ante o orgulho e avariza.

Desprezo o luxo sou — pobre —
Como o não pensa ninguém —
Detesto os vícios, que males,
Só a vida traser tem.

Que m'importa a vista do ouro,
Com que nos querem calcar! . . .
Mas que venhão — a liberdade,
Dos fóros meus disputar!

Querem com o fel da discórdia,
Teu bello throno altoir;
Querem com idolos falsos,
Tuas leis prostituir:

Embora, teu grande nome
Não ha-de o mundo esquecer;
Por ti quasi a França expira,
Por ti Hungria a morrer! . . .

Eu te adoro, ó linda Virgem,
Tens p'ra mim nobre esplendor
Rende-te cultos meu peito,
Dou-te os meus cantos d'amor!

E não posso ver eguistas
Que me ralão o coração
Não posso vel — os mesquinhos
Cobertos d'ingratidão.

Sei que sou pobre, mas nunca . . .
Seus umbraas hei-de passar;
Que de mim se riem todos
Como os hei-de então olhar? . . .

Antes ser aventureiro,
Deixar praseres da cidade;
Antes viver docemente,
C'os gosos da — liberdade —

Abjuro as leis corruptas,
Com que nos querem atar
Só a ti, ó linda virgem,
Os pés quisera beijar! . . .

Quisera lá sobre as ondas,
Saltar então, meus gemidos;
Que talvez lá encontrasse,
Peitos mais compadecidos.

Antes lá fóra contente,
Dar os restos, — dar a vida —
Sobre um escolho tremendo,
Ver minha sina esculpida!

E ha cousas cá na terra,
Que põe negro o coração;
Desde a minha puberdade
Antes lá vivera então! . . .

Gosaria mais contente,
Gosos que a terra não tem
Nunca veria em miserias;
Meus irmãos e minha mãe.

Minha mãe. . . que doce nome! . . .
Como é triste o viver teu;
Libares o fel que a desgraça,
Sobre os teus labios verteu!

Nem um gemido exalares,
Como és triste. . . eu sou teu filho. . .
Mas baixeza. . . isso nunca. . .
Remgo do fardo o trilhio! . . .

Se n'este mundo martyrios,
Te affligem o coração
Deus te dará novo mundo
Em que gozes distincção.

Sei que nada. . . e nada tem,
Quem entre a plebe nasceu;
Mas não invejo grandezas,
Que o torpe luxo embebeu.

Aborreço humens perversos,
Que vivem d'adulação;
Que em sorrisos fingidos,
Requerem só maldição.

Tenho por larca a miseria,
Por anjo d'esperança a morte. . . —
Tudo p'ra mim é extinto
Se não goso amena sorte.

Se além da vida me apontão,
O nada d'esta existencia
Tudo p'ra mim são receios,
Venturas sem persistencia.

Mas quero assim o meu canto
Na triste lyra cantar;
Que nem dá culto a mentira
Nem quero a lyra manchar.

Nem a macho — que sou livre,
Como a aguia, o é no ar. . .
Como o u oiro no deserto
Como o pirata no mar! . . .

Onde não ha despotismos,
Nem se vive da maldade
Onde Deus os rege altivos
C'os fóros da liberdade.

— E como és bella — eu te amo,
Em ti meu peito descança;
Contigo a vingar desprezos,
Quisera clamar — vingança! . . .

Maranhão.

I. Ferreira.

A SEMANA

— Caros leitores! A profusão ostentosa da semana deu-nos felizmente alegria e coragem para registrala. Pactuamos com todas as classes, e é por isso que nos chamamos felizes.

Sómos pequenos, mas por esforço nosso é grande a missão que desempenhamos. Escrevemos para o povo; elle entende nos e temos por isso cumprido o predicaço essencial da nossa tarefa. Escusado é entretermos o leitor aqui, e será melhor por certo conduzi-lo á sala dos acontecimentos semanaes.

Recebemos pelo vapor Imperatriz noticias do Pará, e d'entre todas as mais importante para nós, foi a applicação do novo jornal o — *Farfallão*. — *O Diário do Gram-Pará* entrava em lucta com elle; porem luctação com as armas da intelligencia. Em quanto este elabora rapidamente os excellentes artigos de que vem ornado — procura aquelle estudar os moldes repletos do gongorismo! . . . e como são miopes na lingua de Camões! . . .

A sua chronica semanal é obra prima de

mestre Redactor . . Mas segundo os — homens da sciencia — pouco tempo terá de vida, se não encontrar por ahí uma mão benéfica que o illumine na senda periodical.

Agora voltaremos aos factos d'esta cidade. . .

No dia 7, tivemos o praser de assistir ao baile *Recreio Commercial*; tudo alli esteve bello e encantador.

A musica era excellente, e bem dirigida, assim como o foi todo o baile. . .

As flores animadas, percorrião as salas, elegantemente vestidas, e com aquelles singelos admans e docuras que só à penna de Mr. Alexandre Dumas, foi concedido descrever minuciosamente. Nós porem, que gosavamos dos odôres que exalvãõ, a infiltrarem-se docemente em todos os corações. Julgamo-nos transportados ao formoso templo de Venus, sorvendo os magicos surrizes das Graças — E deste completo extasis — eis a resumida censura.

Leitor! . . . poucos jornaes ha n'esta cidade . . . que não tenham publicado os meios mais evidentes, para attenuar o colera. . . e nós que somos de talento . . . para estudal-os sem contado os confundir . . .

As preces que se tem celebrado em diversas igrejas, e que devem terminar hoje, tem sido assaz concorridas, o que attesta o temor de que actualmente se acha possuida a população d'esta cidade. . .

Um dos factos importantes da semana foi a deliberação tomada pelo Exm. Sr. Presidente da Provincia, nomeando uma comissão para a compra de generos comestiveis — remettendo-os por sua conta para o Pará.

Consta-nos que o Brigue Escuna Laura fôra fretado pela commissão, devendo partir brevemente com 100 a 150 bois. Approvamos muito esta medida; porem é incontestavel, que devia ser lembrada a mais tempo. . . Pois é sabido que o colera peor que la reinava era a — *fome*. —

Tendo ido a dias a ponta d'Arela o Snr. José da Costa Nunes, tentou desembarcar junto ao lazareto, as sentinellas da fortaleza prevenirão-o para que não desembarcasse. Porem elle entendeu que o devia fazer, e teve em resultado a retenção de 12 dias, para que nos não viesse empestar. Depois da cara pena receberá as apparatusas *fumegações* do Sr. Dr. Marques . . . e regressará a S. Luiz.

Corre por certo, o que vamos transcrever do jornal — *Observador*. — O facto é extraordinario, e os nossos leitores lhe darão o pezo competente . . . eis a carta registrada . . . *ipsis verbis*.

.....
 "Huma mulher residente no lugar de-

nominao Caraura da villa do Paço, sentindo-se gravida, veio no fim de um anno a parir um bicho, que de ser humano só tinha es hombros, e o mais era de differentes animaes; cabeça e cara de macaco, orelhas de morcego, sem ouvidos, cabellúdo todo o corpo, sem cauda, pernas de gia, genitales de cão e pregados ao umbigo: estas erão as mais notaveis circumstancias da tal bicho, que nasceu morto de um ventre humano. A tal disformidade tinha dentes."

É esta a carta que explica o facto extraordinario do — monstro — O Observador assevera ser de pessoa autorizada, que reside nas immediações da villa do Paço. Mas nós não nos inclinamos a crer n'ella exactamente.

A assemblea approvou em nobre discussão o projecto para subdividir em tres, as duas freguezias desta cidade, ficando a ser: Victoria, S. João e Conceição.

Hontem entrou dos portos do sul, o vapor Imperador, em lugar do *Guanabara*, que se esperava no dia 9.

Como dissemos na semana passada tudo se conserva ainda luctuoso e triste; nem o espirito d'associação, que ultimamente se tem animado, nem as reformas da assemblea, dão tanto em que pensar como o colera que nos ameaça actualmente, pela curta distancia, que nos separa do Pará.

Amanha iremos deleitar nos com o apreciavel *masqué*. . . e veremos enfim, se os espiritos se despertão com elle.

Conforme couber em nossas forças promettemos dar em um artigo especial a revista do grande baile.

Aqui terminamos a nossa resumida semana de hoje — É pouco do que trata, mas interessante. Os factos são muito salientes, e não nos pedirão por isso o clerido, com que os costumamos ornar. Não foi grande o trabalho porem algumas virão, em que seja maior, para levar a cabo a promettida tarefa.

E assim o que nos resta a *desejar* aos leitores? saude, paz, e diabeiro. . . de que estamos vastos, e do que se queixa actualmente o commercio

Agora que temos concluido, as grandes ou pequenas difficuldades deste trabalho, e na incertesa de q' caminhamos bem, crêmos q' não será licito fatigar o leitor. A teus até a semana.

ANNUNCIO.

— Defronte do Colligio de N. S. dos Remedios, rua de Santo Antonio casa n. 18 encaderna se livros, com perfeição e por commodo preço.

S. Luiz, Typ. M. Traduzido — de A. J. da Cruz — 1855.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANARIO.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno. ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Acecção-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 20 de Julho de 1855. N.º 28.

UMA LAGRIMA SOBRE O TUMULO DO SR. JOSÉ FERREIRA DA SILVA SANTOS.



Abra-se o ceu á sua alma, assim como fechou-se a terra sobre o seu corpo.

Matthos Estima.

I.

Morte acaba de extinguir d'entre nós o principal negociante d'esta praça José Ferreira da Silva Santos ! ...

Como foi inesperada a solução d'este problema da vida ? ...

Que perda imponderavel não sentirá sua desvellada Esposa, os filhos, parentes e amigos, que nada pouparão para suavisar os seus soffrimentos, extorcendo-se como nos agora, entre a dôr cruel que os magôa ? ...

Mas um lenitivo resta aos corações, e os affaga, attenuando as magoas que os pungem—Esse lenitivo, esse affago, é o sabermos que a morte para nós é justa e univitel, lançando assim a vida aos braços de quem a recebemos.

O sentimento que agora nos agita, perturba-nos as ideias ...

As lagrimas que brotam dos olhos, descorão os caracteres, com que desejaríamos mostrar, o quanto a dôr nos opprime.

II.

Era o Snr. Silva Santos, um homem assaz virtuozo; mas qual o seu transumpto ? ...

Um cadaver pallido e frio... tal foi a lei immutavel do destino. Aonde existe elle agora ? ...

Em gelida campa... tão gélida como o cadaver que encerra, e em que é necessario repousar eternamente ...

Os ais do moribundo fluctão ao principio. A imaginação, debate-se com o espirito, e não ha quem se não sinta apertado pela dôr, na seria analyse d'esta situação.

Situação, que exprime em deficiência, os derradeiros instantes, em que a luz da existencia, prevalece bruxoleante entre a vida e a morte. Extremos estes que se transfusam unicamente pela dôr ! ... Ser rapida é a existencia humana, tanto mais rapidas são as peripercias d'ella ! ...

A morte: essa cruel inimiga da vida, se n'uma longa enfermidade como a do Snr. Silva Santos, nos vem dar as vezes admiraveis esperanças, traduzem-se logo depois pelo seu augurio fatal... fazendo-nos deixar a terra em que habitamos... E que resta ao depois ? ...

Mysterio ! ...

A Sentinella.

III.

Submetemo-nos pois, a vontade de Deos.
Submersos em profunda dôr... é dever nosso partilhar irmãmente das agruras moraes da vida...
Nós o acompanhamos á terra do sepulchro, e banhamol-a com nossas lagrimas, que é aquella a derradeira morada da existencia.
Conservaremos agora eternamente a memoria do negociante ornado de virtudes, cuja existencia terminou, sendo riscada pelo Eterno—do livro sagrado dos destinos!...
—Elle—lhe dará o premio de suas virtudes, e nós lhe pagaremos com lagrimas de dôr e saudade... o merecido tributo de—gratidão.—

Os RR.

Maranhão 18 de Julho de 1855.

REFLEXÕES SOBRE A PROSPERIDADE DO IMPERIO.

—O Brasil por seu immenso territorio, pela obridade de seu solo, pela riqueza, e variedade de seus productos, pela doçura e amenidade de seu clima, tem de ser por longo tempo um paiz inteiramente agricola.

As suas extensas matas e fertéis terras só precizão de braços industriosos que tirem d'ellas todo o proveito possível.

Este paiz porem, onde a Natureza espalhou com mão prodiga inconsideraveis riquezas, onde a Natureza abriu com grande cuidado extensos e caudalosos rios, arterias estas por onde um dia devem ser transportados os ricos productos de um solo tão fertil; jaz por assim dizer se ainda na sua infancia, e logo, indifferente aos grandes melhoramentos que se operão em outros paizes, menos favorecidos pela Natureza, sim; porem mais desejosos de alcançar a alta civilização por que tanto aspirão.

O Brasil até 1850 não tinha dado se quer um passo na carreira do progresso, e os homens que tinham nas mãos o poder só se servião d'elle para agitar os animos das diversas facções... Huma continuada luta segulo-se á Independencia; luta essa que teve por fim se mear a discordia no seio das familias, outr'ora ligadas pela mais franca e leal amizade D'esta luta pois e da rivalidade de duas nações, á pouco ligadas e partilhando todas um mesmo interesse, partio o golpe terrível dado aos progressos do Brazil.

Porem este estado de cousas, que só tinha por fim estorvar os interesses do paiz, não devia durar por mais tempo.

Os homens do poder cançados d'essas lutas estereis, que tendião a desunião de todos os brazileiros; e desviando os olhos d'esse campo, onde querião sepultar a gloria e os interesses de um paiz ainda nascente, porem rico em si mesmo; volverão-nos para um outro campo que promettia a futura grandeza do imperio.

Este campo era o dos melhoramentos.

O anno de 1851 foi o marcado para abrir

as portas á civilização do Brazil— Desde então para cá todos os espiritos se volvem para os melhoramentos. O espirito de associação que até alli estava ainda adormecido, principiou a animar-se; e os capitalistas vendo que não erão só do commercio que se tirava resultados, começarão a empregar os seus capitães em diversos empresas, collendo não só elles, mas tãobem todo o paiz as vantagens que resultão d'ellas.

O trafico de africanos prohibido por um tratado concluido com a Inglaterra, continuava a ser feito em grande escala.

Este contrabando acarretava ao Brazil grande responsabilidade, e até mesmo punha em risco a sua paz interna e externa.

O governo pois por um louvavel esforço resolveo extinguil-o; e graças a esse esforço, e a opinão sensata da maioria dos brazileiros, o conseguiu completamente em 1852—ficando por esta forma livre de ser ameaçado no futuro por uma potencia estrangeira.

O continente africano fornecia o Brazil annualmente de braços, e annos bonve em que os braços importados chegarão ao elevado algarismo de 60 mil.—A torrente pois de braços, que até aquella data era extraordinaria e chegava para fornecer os necessarios á cultura das terras desapareceu rapidamente com a extinção do trafico.

A um outro meio devia sem duvida recorrer-se, e este meio unico e mais provitozo era a colonização; era atrair para o paiz uma torrente de emigração, espontanea, morigerada e industria, tal como a que importa os Estados Unidos— Para este ponto por ventura o principal, voltarão-se as vistas dos poderes do estado ainda que por ora sem grande resultado. Alguns ensaios de colonização braaca se tem tentado, mas estes em tão pequena escala, que pouco ou nenhum resultado podem prestar ao paiz. O vacuo que deixou na lavoura a repressão do trafico é bastante grande para ser supprido por alguns centenares de colonos.

A repressão do tráfico trouxe em resultado, como era de esperar, a grande alta no preço dos escravos, e os proprietários estimulados por esse preço estão continuamente desfazendo-se d'elles, enfraquecendo por esta forma a lavoura de suas provincias em beneficio da metropole.

A não se esforçar o governo para attrair a emigração, como temos dito a decadencia do Brazil sera evidente e certa.

E não é só da colonização que temos necessidade, é tambem de maquinas e instrumentos aperfeiçoados, tanto para o arroteamento das terras, como para a preparação dos diversos productos d'ellas.

Prosiga pois o governo no louvavel empenho de realizar todos estes melhoramentos, que a prosperidade e grandesa do paiz progredirá brevemente. (Continua.)

—Lê-se no *Echo Pernambucano*:

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

—Não desejavamos acabruhar o Sr. Germano, mas a vista das continuas tolices do Sr. Reis (*) das defezas impertinentes, e recheadas de *imposturas com que tem massado o publico*, tratando só do seu interesse, e faltando inteiramente a verdade, obriga-nos a dizer alguma couza do Sr. Reis que nada é e, que forçosamente se quer fazer alguma couza, o Sr. Reis tão conhecido aqui e em diferentes provincias do Brazil por seus altos feitos, entregamo-lo ao desprezo que merece tal portento; mórda-se, esbraveje, mas não lhe daremos a honra de analiza-lo, não bem analisado deve estar da opinião publica.

POESIA.

Por occasião de um jantar em casa do meu amigo C. a 17 de Junho.

UNS OLHOS CASTANHOS.

Erão olhos muito bellos,
Os olhos lindos que eu vi,
Gravei-os logo na mente,
Com fervor n'alma os senti.

São castanhos que lindeza! . . .
Era esta a sua côr;

(*) José da Silva Reis, actor comico que aqui vimos no palco do S. Luiz é a quem expende este juizo em quanto ao seu trabalho, como particular nem o conhecemos.

Da *Sentinella*.

Mas porque sendo tão bellos,
Me não fallavão d'amor?

Erão mui ternos fagueiros,
Ao despedir um olhar,
Amei-os pensei que a vida,
Tinha n'elles de acabar.

E porque tão bellos sendo,
Inda os não pude gozar? . . .

E porqu'esses meigos olhos,
Tem um devino condão:
A tocarem incensíveis
O meu triste coração.

Amo-os sim, porque são bellos;
E tem magica attração! . . .

E são muito, e muito lindos,
Como estrellas a brilhar;
São mui rizonhos travessos,
De velos fiquei amar:

Mas porque amando-os tanto,
Puro amor me não vem dar?

Más de amal-os se quer tenho o gozo
Que são olhos p'ra mim immortaes;
E agora quizera saudozo,
Qu'esses olhos me fossem liaes.

Que me dessem em affaveis ternuras
Doce culto de mago calor:
Que me dessem em fallas mui puras,
Os mysterios qu'explicão amor.

S.

7 de Julho de 1855.

A SEMANA

—Caros leitores! Na presente semana vão registrados os factos que se tornarão mais dignos de especial menção.

Em a nossa semana passada, dissemos que havíamos dar em um artigo especial, a revista do apreciavel *masqué*, que entre nós tem sido excellentemente acolhido, o que d'esta vez não aconteceu; porem agora o faremos incluindo-o na semana.

Tudo vimos, e de pouco gostamos.

A orchestra (tenha paciencia o Sr. Marinho) não esteve como é costume, pois muitas das peças que tocou, ouvimos já por ella mesmo melhor executadas. Em quanto aos mascarões, nenhum para nós se tornou tam saliente, como um que trajava, vestido de seda furta-côres, como um manto atravessado pelos hombros, e apertado por uma fivella, chapéu de palhinha fina guarnecido de flores com plumas. O *todo* era simples, mas encantador. Disserão-nos que era um *machacoz*: ao principio não acreditamos, porem verificou-se, e agora só temos a elogiar-lhe o bom gosto que teve. O seu par tambem não trajava mal. O joven, que s'intitulava *Parisiense*, era um perfeito ratoão, o chicotinho que trahia na mão, o deltar do pé, davão-lhe exactamente o cunho do *petimaitre* Francez. Um ou

tro houve que se tornou muito saliente, trasia uma mascara com focinho de *cão*. — Entre sesenta e tantos mascarados, nada mais houve que mereça o descrever-se. Aguardamo-nos para o baile seguinte em que havemos tomar parte nas folias *caricatas*.

No dia 17, pelas 5 horas da manhã, faleceu o negociante mais abastado d'esta praça José Ferreira da Silva Santos, depois de uma longa serie de padecimentos.

Consta-nos que entre diversas disposições, se tornarão louvaveis uma á caza dos Educandos Artífices, outra ao Asylo de Santa Thereza. Dose navios que estão fundeados n'este porto, pertencentes a negociantes de diversas praças, tem estado em fueral.

A pezar dos abundantes jornaes, que circunão a capital, tornava-se bastante sensível a falta de um Diarrio. Chegou finalmente o tempo em que se decidiu bavel-o, commecendo a publicar se no dia 1.º de Agosto, o *Diario do Maranhão*.

Tendo sido apresentada uma proposta á Assemblêa, pelo Editor do *Publicador Maranhense*, pedindo o subsidio annual de 2:400\$ para a publicação de um diario, com as partes officiaes da Secretaria do Governo; a Redacção do Globo entendea em outra proposta offerecer se para o mesmo fim por meos 400\$ Porem o Deputação Maciel Aranha *levantou se fallou e extinguiu-se* envolvendo o patriotismo ou por isso, senão foram empenhos preferirão finalmente o primeiro; isto é que é fazer progredir a Provincia com poucos rendimentos, *economizando* e fazendo boas applicações...

Pelo hyate *Lindo Paquete*, tivemos noticias do Pará. O cholera lá diminuindo consideravelmente e poucos casos ja se davão d'elle.

Algumas pessoas que estiverão retidas no Lazareto da Ponta d'Areia lamentão hoje por toda parte o miseravel estado d'aquella *espetunca*, a agua que se bebe é salobra, as mezas em que se come forão em tempo camas de bexigosos; a imundice vegeta allí... enfim nada ha de mais triste e deploravel.

No *Estandarte* de terça feira lê-mos o seguinte:

.. No Furo os colonos estão adoecendo de diarrhéas, e de febres, o que se attribue ao bacalhão de que fazem sua exclusiva alimentação, por estar a 80 rs. a libra! O sur. Olimpio não olha para isto!

— Neste mez até 16 tem fallecido 15 pessoas de bexigas."

Consta nos que *Joaquim Barbosa de Carvalho* tendo levado em sua companhia um colono de idade de 12 annos — para o seu sitio

denominado *S. Braz*, o castigára barbaramente com um *chicote*.

O infeliz colono logo que tomou forças fugiu para esta cidade. Honras sejam feitas ao Consul de S. M. P. que tomando logo informações, fez proceder immediatamente corpo de delicto para a perseguição d'esse malvado, acostumado talvez a tratar com escravos.

Esquecendo antigas dissensões, não duvidamos affirmar, que este procedimento do Sr. Consul e outros, lhe constituirão em breve grande influencia nos subditos da nação que representa.

Até hoje ficão registrados todos os factos da semana. Com tudo seriamos mais longos se houvesse espaço. Prevendo inconvenientes sai hoje o nos-o jornal que deveria sair amanhã nada resta dizer aos leitores... senão que gozem paz e saude, e adeos até a semana...

Theatro de S. Luiz.

GRANDE BAILE DE MASCARAS.

A FAVOR DE MANOEL GONSALVES DA SILVA.

DOMINGO 22 DE JULHO DE 1855.

As 7 1/2 horas da noite estarão abertas as portas da entrada, sendo a que dá para o becco a de entrada geral, e uma das da frente a de sahida.

As 8 1/2 horas a muzica executará uma excellente symphonia, finda a qual se dará com um pequeno intervallo, o signal de que vai começar o BAILE.

As quadribas terão o intervallo de 10 minutos de uma as outras, sendo estas alternadas de 2 em 2 por uma *Walsa* ou *Schottich*.

PREÇO DE ENTRADAS.

Camarotes de seis entradas.....	6\$000
Entrada geral para os mascarados....	1\$500
Dita para as pessoas sem mascara..	1\$000
Torrinha com 5 entradas.....	2\$000
Verandas	500

O regulamento apresentado pelo Illm. Sr. Dezebargador chefe de policia determina a ordem que se deve seguir, e o mesmo que já se publicou no *Publicador Maranhense* de 15 de fevereiro do corrente anno.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno; ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitam-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 28 de Julho de 1855. N.º 29.

REFLEXÕES SOBRE A PROSPERIDADE DO BRASIL.

(Continuado do n. 28)

Doas necessidades occupão presentemente todos os animos do paiz: estas duas necessidades são a falta de braços, e a falta de *maquinas e instrumentos aperfeiçoados*, para que a agricultura possa attingir aquelle estado de perfeição a que tem direito; e para que possa sair do estado de abatimento, e de apathia, a que tem sido por longo tempo condemnada.

Hum paiz para que seja poderoso, e para que possa lançar-se à carreira do progresso, é necessario que tenha braços bastantes para fazer desenvolver todas as suas forças productivas.

A não ter elle braços sufficientes, de nada serve ser um paiz rico e abundante de tudo.

Nós estamos neste caso.

A natureza favorece nos com todas as materias primas, que servem de alimantar as diversas industrias; mas do que nos serve tudo isto, se não temos braços e nem industria para podermos aproveitá-las?

A terra offerece-se nos com prodigalidade o algodão, o chá, o linho, a seda, o carvão de pedra, o ferro, o cobre o ouro, a prata, e o marmore; mas do que nos serve andarmos calcando todas estas riquezas, se não sabemos, ou não temos braços para poder aproveitá-las?

De que nos serve essa fertilidade da terra, se não sabemos d'ella tirar tanto proveito, quanto poderíamos tirar?

De que nos servem esses grandes rios, que a natureza abriu em nosso territorio, se não temos forças para navegá-los?

Porém voltemos ao assumpto principal.

A agricultura é a industria que deve ser por todos os governos protegida, pois que é ella o nervo principal em que ella se sustenta: ella alimenta o commercio; ella dá força e vida a todas as demais industrias.

Sem agricultura não ha commercio, não ha industria, e o governo torna-se fraco e impotente.

Quando a agricultura prospera e a produção se augmenta, o commercio cresce nas mesmas proporções e se vivifica; as industrias se animão, e o governo apoiado sobre estes dous nervos — agricultura e commercio — segue sem tropeços na sua marcha administrativa.

A provincia do Maranhão á muito tempo que está passando por uma d'essas crises, que as vezes se tornão necessarias para fazer despertar um povo, que vive na indolencia e na apathia.

Esta crise é a falta de braços; mal este que a muito tem profundado raizes na provincia, mas cujos effeitos são agora mas do que nunca sentidos, por via das grandes remessas de escravos para o sul do Imperio.

A falta de braços tem levantado mil embaraços a agricultura; e os nossos agricultores se tem visto em grandes apuros para poderem sustentar os seus estabelecimentos.

Logo que se concluiu o tratado com a Inglaterra para a cessação do trafico, o Maranhão deixou de importar braços africanos.

Desde então para cá os nossos agricultores não tem podido augmentar os seus estabelecimentos, e alguns se dão por bem satisfeitos de terem podido conservar os seus, sem grande diminuição das suas forças.

A agricultura todos os annos sente perdas de braços; perdas estas que não podem ser reparadas, não só porque os nascimentos

não estão na razão dos obitos, como porque o alto preço a que tem chegado actualmente os escravos, não anima o lavrador a empregar n'elles seus capitaes.

Com uma outra difficuldade luta ainda a agricultura: é com a falta de maquinas para a preparação de seus productos.

Em outros paizes mais adiantados todas as materias primas, que se arrancam do solo, vão passando sempre por meio de preparações de maquinas até que chegam áquelle estado de perfeição, donde saem para as mãos do consumidor: entre nós porem tudo é o contrario do que se vê n'esses paizes: empregamos um trabalho bruto e por demais pesado para extrahir da terra, aquillo mesmo que ella nos poderia dar com mais facilidade por meio de instrumentos adaptados; e depois fazemos passar os nossos productos por um trabalho manual muito mais pesado, até que os julgamos promptos para concorrerem ao mercado.

A utilidade das maquinas, como bem o sabemos, consiste na economia de braços e na economia do tempo; em preparar muito melhor, e mais barato.

Entre nós porem é tudo o contrario: não empregamos maquinas; temos poucas forças, e queremos produzir muito o que resulta pois d'ahi? Resulta estropiarmos e enfraquecermos essa pequena força, e pouco produzirmos.

Todas as maquinas de que dispõe a lavoura de nossa provincia, limitão-se a alguns engenhos de serra para algodão, e nada mais; ao passo que o café, o arroz, o mesmo algodão em alguns districtos, o carrapato, o gergelim, o milho, e muitos outros productos, que seria fastidioso enumerar, são preparados por meio de um serviço manual insano, moroso, e pesado no ultimo ponto.

A empregarmos porem maquinas aperfeiçoadas na preparação de todos estes productos, não economisaríamos braços, que seriam applicados com mais vantagem em outros serviços, não economisaríamos tempo; não augmentarião estas os rendimentos d'esses mesmos productos, e não seriam elles melhor preparados?

Não duvidamos em affirmar-o.

Numa quadra, como esta, em que estamos ameaçados de um movimento retrogrado, e em que apenas dispomos de uma força tão diminuta, e que não temos esperanças de alcançar braços estrangeiros, tão cedo, e em numero tal, que possa satisfazer as necessidades do nosso serviço; digo, que seria muito conveniente que os nossos agricultores, seguindo as pisadas dos agricultores dos Estados-Unidos, fizessem uso das maquinas, alli em pratica, na preparação dos seus productos; porque assim alliviarão essa pequena força de

que dispõem de um arduo trabalho, sendo melhor empregado na cultura das terras.

Do relatório apresentado este anno pelo Exm. Presidente d'esta provincia á Assembleia se deprehende, que a provincia até o fim do anno terá recebido perto de mil colonos: mil colonos certamente é nada para a provincia, que precisa importar de cem a duzentos mil; todavia já é um feliz presagio; folgamos com essa noticia, e apressamo nos em dal-a aos nossos caros leitores, porque ella mostra não só os desejos que animão o governo em favor da colonisação, mas tambem a tendencia que já existe da parte dos particulares para a reforma, que se pretende operar no nosso systema rotineiro de cultura.

Agora porem que estamos em vespuras de receber braços estrangeiros para ajudarnos em nossos trabalhos, convem dispor favoravelmente os animos dos nossos leitores, a respeito d'esses nossos futuros hospedes, e fazeremos algumas observações, que julgamos necessarias para que esta gente seja por nós bem tratada, afim de que possa desempenhar bem o papel, que vem representar entre nós.

Até aqui tinhamos debaixo de nossos ordens os escravos, homens ignorantes, bisoños, constrangidos e votados ao desprezo, sobre os quaes tinhamos (*perdoe-nos a expressão*) o direito de vida e de morte, e os castigavamos quando entendiamos que o mereciam; agora porem o caso é mais serio; os homens que vem para os nossos trabalhos são livres, tão livres e tão bons cidadãos como nós, são homens protegidos, tanto pelas leis do seu paiz, como pelas do nosso: assim pois se estaes acostumados a tratar os vossos escravos com imperio, e com rancor; si estaes acostumados a mandar e serdes obedecidos humildemente; convem que vós dispaeis d'esse caracter de arrogancia, de orgulho, e de absolutismo, e que tomeis por alvo a brandura, a moderação, e as boas maneiras; porque *se assim metamorphozeados, e que poderis ter ao vosso serviço os estrangeiros de que acima falto.*

A paz e a boa harmonia entre nacionaes e estrangeiros é uma das cousas que muito nos deve importar, e que nos devemos sempre esforçar por conseguir; pois diz o antigo rifa — da união é que nasce a força.

Huma nação que goza sempre de paz torna-se forte e grande; faz-se respeitada, e torna-se civilisada.

Huma nação sempre envolvida em lutas civis, sempre envolvida em desordens, e retalhada pelos partidos; despovoa-se abate-se; fica desmoralizada, enfraquecida, e é desrespeitada.

Todos estes males vem abalar as columnas em que se sustenta o governo; e eil-o im-

potente desrespeitado, e tornado o ludibrio das outras nações.

É de o quadro triste, que nos apresenta o Mexico, e as outras republicas de origem espanhola ! ! . . .

Assim pois procuraí restabelecer o equilibrio da paz e da boa harmonia entre vós e os estrangeiros que vem viver ao abrigo de vossas leis; sepultai as trevas do esquecimento essas rivalidades infundadas, esses odios mesquinhos e ridiculos; despi vos d'esse falso amor de patria, a que individamente daes o nome de patriotismo. . . e confundidos, como se foramos uma só nação, concorramos todos para o bem da patria.

(Continúa.)

POESIA.

O. I. E. S. D. A. S. B.

Mulher ! que tem teus olhos ?
Que me fazem em fogo arder;
Desde o momento em que tive
O almo prazer deos ver;
Quanto é doce quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

Responde, mulher, responde,
Nunca o continuo soffrer;
Qu'esses teus olhos milmosos,
Tem me feito padecer,
Quanto é doce quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

Mulher ? ainda o silencio,
Não me queres responder ?
Talvez, talvez ella soffra,
O q'eu tambe n. stou a soffrer,
Quanto é doce quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

Um sorriso então aos labios,
Logo vejo apparecer;
Vem dar amarga repulsa
Ou juras d'amor fazer ?
Quanto é doce quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

Eis qu'então a linda mão
Do collo eu vejo erguer;
N'uma fida aceitação
Principio logo a crer.
Quanto é doce, quanto é justo
Quanto é bello este viver.

Que doces palavras ouço
Do seu peito então nascer
E juras logo me pede
De não p'ra sempre ser,
Quanto é doce quanto é justo
Quanto é bello este viver.

Era bella como o sol,
No poente a se meter;
Era bella como a rosa
Na manhá pura a nascer.
Quanto é doce quanto é justo
Quanto é bello este viver.

Eu amei-a, e como amei ?
Nem posso ao menos dizer:
É amor incomparavel,
É amor até morrer.
Quanto é doce quanto é justo
Quanto é bello este viver.

Amendo assim extremoso,
Que mais tenho a apetecer !
Um beijo desse seus labios
É tudo qu'eu posso ter.
Quanto é doce, quanto é justo
Quanto é bello este viver.

Longe, longe o pensamento,
Dos roseos labios querer;
Um beijo com que eu possa
Sua vida ennegrecer.
Quanto é doce, quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

Ó Lyra não toques mais,
Trata jo de emmudecer
Não queiras no lar sagrado
Uma bella perverter.
Quanto é doce quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

Deixa o amante que procura,
A sua bella fazer crer;
Qu'elle a ama qual orvalho,
Amá a flor ao amanhecer.
Quanto é doce quanto é justo,
Quanto é bello este viver.

ACROSTICO.

Florisbella teus encantos
Indezas como ninguém;
O nome teu é saudozo
Espira a flores tambem.

Maximas e Pensamentos.

— Se a um negociante correm mal as suas especulações dizem d'elles os nobres que era um alvor e um grosseiro plebeo; se lhe correm bem, pedem-lhe a filha.

La Brujere.

— A Imprensa é a artilharia do pensamento.
— O futuro é o segredo de Deos.
— A educação é o mais valiosa herança, que os pais podem deixar a seus filhos.

— Uma boa educação enriquece a alma de pensamentos uteis, e de sentimentos nobres.

— Os beneficios são tropheos que se erigem sobre os corações dos homens.

— O homem beneficente é sobre a terra um agente da Providencia.

— Nada desmoralisa tanto os homens como o desprezo da religião.

— A duvida é um mar agitado, de que a religião é o porto.

A SEMANA

— Caros leitores ! Eis-nos de novo com a tarefa semanal, a que somos condemnados. Estavamos com *spleem* fulminante, pelos desejados bailes de mascaradas, que já são tantos, para esgotar as algibeiras aos amantes de *cette divertissement*.

Domingo 22 do corrente, comparecemos da forma que havíamos promettido no Sam Luiz. . . .

A Orchestra que foi *Origida* pelo Sr. Sergio Marinho. . . . tocou excellentemente varias peças, não só mais bem executadas, como de melhor escolha que as do primeiro Baile.

Deleitamo-nos, muito alem do nosso usual costume. Entre pouco mais de duzentas mascaradas, muitos houverão que se tornarão salientes e de gosto; como um celebre Leigo que la vimos.

- Ó que pena de nariz,
- Ninguem pode imaginar ! . . .
- Que é difficil de pintar. . . .
- Com pincel, lapis ou giz ! . . .

Era um daquelles religiosos da corte de D. Manoel de la Rosa, que atravez do bucel que vestia, deixava vêr claramente a magica hypocrisia, com que fallava a todos. O *Pescadinha* era tambem um perfeito ratão, em quanto a maior parte dos mascarados se occupava em dansar, corria *elle* todos os angulos e triangulos daquelle vasto salão; e todos comprimentava celebrenmente fazendo-nos recordar certo *ginja* d'esta cidade com o — *pa-xaxe muito bem, a continha prá xexama, 3 e 7 10 com 10 biute, vai amanhã a canôa*

Muito nos rimos com estas passagens, que aqui seria difficil contar.

Foi singular tambem um russo que la appareceu com umas grandes bottas capazes atravessar sem perigo o *mar Azoff*. O chapéu crivado de boraces attestava as passagens que havia dado a alguns centenas de baillas aliadas. Não sabemos tambem como pôde escapar do oculo de Lord Dundar, que tambem

lá vimos, com o seu chapéu armado, e *fardão* vermelho, e bordado — Ora lord Dundar occupa um typo ratão até nos pequenos divertimentos d'esta terra. . . .

Tivemos a honra de observarmos de perto o celebre *Coronel Coutinho*, tam celebre nos annaes da Federação Argentina.

Foi para nós muito saliente um mascarado vestido côr de roza, que tinha por par uma joven encantadora tambem mascarada, e que dansava magnificamente: na Schotisk sentimento-nos perplexos. . . . mas a censura de nossa penna —

- Não de Perú, gallinha, ou gallo.
- Perdõem a franqueza com que fallo.

O Mascarado que trajava de Carrasco não teve mau gosto . . . assim como a celebre que por signal:

As côsta trazia,
Uma grande jiga,
P'ra que se não diga,
Que era mulher.

Que interessante figurinha ! . . . Era o prototypo fiel de uma titia de 40 annos.

Veremos agora que influencia terá o Baile do dia 28 . . . para o qual tambem nos aguardamos.

O Vapor Imperador que chegou do Pará no dia 21 tronxe-nos jornaes affirmando que o cholera (se com effeito o é) estava quasi extincto, o que foi para nós um felicissimo presagio.

As noites tem se tornado bellissimas pelo luar A festa de Sam Thiago acabou de celebrar-se ante-hontem, com toda aquella pompa do costume. A vespera foi assaz concorrida a musica dos Educandos artifices a nada escapa, lá tocou debaixo da frondosa mangueira, que parece disposta já por natureza para aquelle fim, lindas e variadas peças atrafudo assim o numerooso concurso de pagodistas.

Parte amanhã para o porto na Barca *Linda* o nosso amigo o Sr. Francisco Ignacinho Ferreira, fazemos votos ao céu pela sua prospera viagem e que volte com prestesa para o seio dos seus amigos que tam merecidamente sabem apreciar o genio poetico do Sr. Ferreira.

Leitor a semana está concluida ainda que ao correr da penna, nada resta a dizer; a profissão não foi ostentosa, como é costume, hoje todos procurão fato para o masque, todos querem observar a illuminação á chinezia com que será pela primeira vez illuminado o Sam Luiz. Esperamos que os offendidos da critica *mascale*, nos compensem no seguinte baile, se é que nos conhecerem, com uma tremenda cacholeta; esquecendo reparos, adras até a semana. . . .

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 4 de Agosto de 1855. N.º 30.

REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO BRASIL.

(Continuado do n. 29)

A agricultura é a fonte principal de nossa riqueza: ella constitue a primeira industria entre nós, e d'ella pois trataremos ainda; visto como essa fonte, que dá vida a uma sociedade inteira se acha n'um estado verdadeiramente lastimozo, e ameaçando arruinar todas as fortunas.

A agricultura precisa de um esforço grande, e generoso de nossa parte, para que possa sair do lethargo em que está mergulhado, do desprezo a que tem sido votada, e da rotina que até hoje foi condemnada a seguir.

Em materia de lavoura estamos ainda muito atrasados; e fazemos hoje sem differença alguma, o que os nossos antepassados, fizeram a cincoenta, ou cem annos — sempre a mesma pratica; sempre os mesmos processos; e até mesmo parece que temos receio de abandonar as pegadas de nossos avós —

Cada lavrador procura, quanto está em seu poder, conservar os antigos uzos, e costumes.

Para conhecermos o atrazo em que estamos em materia de lavoura, basta arredarmos os passos da Cidade, e seguirmos para qualquer ponto do interior da provincia; por ahí o dezalento tem chegado ao ultimo ponto os espiritos se achão abatidos, e um clamor geral se deixa ouvir da parte dos lavradores.

A producção, que em outro tempo era extraordinario, e chegava para compensar bem as fadigas, e o trabalho do lavrador; hoje vai decrescendo consideravelmente.

Em vão se exforça o lavrador por trabalhar, e o diminuição na sua producção, é sempre certa.

E nem é de esperar outra couza, quando seguimos um processo de cultura, tão vicioso, e tao imperfeito.

Preparem-se os terrenos, como se pratica na França na China, e nos Estados-Unidos, que a producção augmentará immediatamente, e o lavrador não trabalhará mais em vão.

Deixando porem de parte os meios a empregar, para que a agricultura attinja aquelle estado de verdadeiro desenvolvimento, e aquelle pé de prosperidade, a que desejamos vel a chegar; e de que ao diante trataremos; lancemos um volver d'olhos para a situação de nossos lavradores; situação esta, tanto mais critica e precaria, quanto é ella motivada pela escravatura, em cujo centro vive o nosso lavrador.

Os nossos estabelecimentos de lavoura, tem de fazer todos os annos as despesas indispensaveis, tanto com a compra de animaes para o servico, como com o costeo dos escravos, e com os salarios dos trabalhadores livres, que estão hoje muito mais elevados: estas despesas não podem por maneira alguma ser supprimidas, pois que uma suppressão, importaria a queda do estabelecimento: entretanto a producção vai em decrescimento, e esse producto não chega para contrabalançar aquellas grandes despesas: o que resulta pois? Resulta o alcance em que se achão alguns de nossos lavradores, e estes querendo, mas não podendo satisfazer em dia os seus contractos, veem-se na dura necessidade de lançar mão de alguns de seus escravos, algumas vezes dos

melhores, vendel-os, para assim poderem sustentarem o seu crédito illibido.

Com este sacrificio feito, aquelles braços fortes e vigorosos, que podião concorrer para a prosperidade do estabelecimento, são d'elle arrancados, causando o seu enfraquecimento.

Aqui o lavrador cavando involuntariamente a sua ruina...

Para maior infelicidade do nosso lavrador, elle se vê cercado, não de homens livres e alegres, e de escravos, homens forçados e estrangidos, e em cujos rostos se deixinha estampado o odio, a desesperação, e o desejo de vingança.

Em verdade a situação d'estes entes não pode ser mais triste, e precaria; e por isso alguns dentre elles, que são fracos de espirito, e que se não revestem da verdadeira prudencia, e no auge da dor, porque lhe fazem passar, acabão dando-se uma morte violenta, e prematura; como temos tido a infelicidade de observar.

Aqui elles procurando a ruina de seus senhores, com o sacrificio até da propria vida!

A escravatura, que por infelicidade nossa, se acha introduzida em nosso paiz, e que é permittida pelas nossas leis, é, sempre foi, e será ainda uma barreira com que o nosso lavrador tem de lutar: ao passo, que este se esforça por muito adquirir, aquella, por isso que nada reverte em seu beneficio, olha com indifferença para tudo que se passe em derredor de si; e se ainda alguma coisa faz, é, com medo dos rigorosos castigos, que a ameaça.

Trabalhar com homens livres, e interessados, é muito differente do trabalhar com escravos, que estão na convicção de que, ainda que muito fação, nada é para si; e que tudo o que esperão de seus senhores, é o apereamento, os castigos, a nudez, a fome, e todas as sortes de tormentos e de desgostos.

O nosso lavrador não é um homem feliz, como o lavrador europeu, que vive cercado de trabalhadores; que esperão receber uma paga pelo seu trabalho, e que por isso fazem mais do que podem, e se obrigão a fazer: ao contrario d'esses, o nosso lavrador vive cercado de inimigos, e cada um escravo que encara, é um inimigo gratuito, que tem diante de si; pela razão natural de que todos amão o seu descanso, a sua commodidade, os seus gozos, e o que é preferivel a tudo — a liberdade!... esse ralo de luz Divina, que illumina o coração do homem, e porque elle não cessa de chamar, e de procurar com os olhos, e com o pensamento; com todas as suas forças, e durante toda a sua vida... farol, cuja luz, elle não cessa de procurar, até que o véo da morte lhe venha cobrir os olhos...

O nosso lavrador, e seus escravos representam duas forças, que se debatem entre si, procurando uma elevar-se com o sacrificio da outra, e esta, procurando libertar-se d'esse mesmo sacrificio, que lhe impõe a lei do mais forte...

Para que uma maquina possa trabalhar com regularidade, é preciso que haja harmonia entre suas diversas partes: para que uma nação possa viver, existir, e prosperar é preciso que haja harmonia e equilibrio entre todos os seus poderes; como poderá pois o lavrador prosperar, se esta em completa desarmonia com os seus trabalhadores, se estas duas forças se dirigem em sentido diametralmente opposto e si pretendem prejudicar reciprocamente?

Não pode prosperar por certo.

Os nossos antepassados, olhando só o seu presente, e esquecendo o futuro; olhando só o seu interesse immediato, e não o mal, que para o futuro irão crear aos seus vindouros, nos impozirão este duro sacrificio — a escravatura.

E agora como, e de que maneira havemos nós de dar remedio a esse mal? Quando as nossas fortunas, e os nossos interesses se achão compromettidos?

Já não é tempo por certo de curarmos esse mal, e de podermos gozar dos effeitos d'essa cura; façamos ao menos alguma coisa em beneficio dos nossos vindouros.

Provamos a colonisação branca: façamos um generoso e energico esforço para tornarmos o nosso trabalho livre; por nos lavarmos d'essa nodoa, que também caiu sobre a nossa querida patria: sejamos livres nas nossas acções, e nos nossos trabalhos; livres, como é o passarinho, que cortando os ares esvoaça por cima de nossas cabeças; como é livre o peixinho, que frisa a superficie tranquilla das aguas; como é livre o gamo, que habita nas relvas; como é livre finalmente o nosso pensamento, que gira, e que se volve para todas as partes.

(Continuaremos.)

Inauguração da primeira pedra para uma praça de mercado.

— É para nós grande prazer sempre que temos de communicar aos nossos leitores, algum melhoramento introduzido, ou feito ao paiz, e este prazer se torna ainda maior, si o melhoramento é feito á esta provincia.

A noticia pois que vamos dar, é a da inauguração de uma praça de mercado, em nossa capital, em substituição dos pardieiros da praia Grande; e que teve lugar no dia 28 de Julho; em que festejamos a adhesão á causa

da independência; principiaremos pois a descrever em ligeiros traços, esta pequena função que encheo do mais vivo prazer a todos os corações Maranhenses.

Logo ao amañecer tratou-se de remover todos os objectos, que obstruíam a pequena praça defronte das barracas; assim como todo o entolho, e imundicia allí depositados.

Por ordem da directoria da sociedade — *Confiança Maranhense*. — construiu se uma pequena barraca a um lado da praça, para allí fazerem-se aquellas ceremonias uzadas n'estes cazos.

As columnas da barraca estavam forradas de damasco encarnado, assim como as extremidades da cobertura.

Dentro fóra construido um pequeno tablado, forrado de tapete em que assentava a cadeira para S. Ex. o Sr. Bispo, assim como diversas outras para o seu acompanhamento.

Em cada um dos dous lados fronteiros da barraca, tremulavão duas grandes bandeiras nacionaes.

Dentro d'ella estavam colocadas duas banquinhas, uma de um lado, e outra de outro; sobre a primeira estava uma grande salva de prata com duas pequenas colheres de pedreiro tambem de prata; e sobre a segunda a pedra que devia enterrar-se n'aquella occasião, como signal da inauguração.

As 4 horas da tarde em ponto, desceo a banda de musica do 5.º batalhão de infantaria e foi collocar-se defronte da mencionada barraca, tocando de vés em quando diversas e escolhidas peças de musica.

O largo estava então algum tanto deserto porem pouco a pouco se foi enchendo de povo, de sorte que, as 5 horas ja estava elle todo apinhado.

Todas as janellas das cazas contiguas estavam atulhadas de espectadores.

Havia já dado 5 horas, quando os sinos da Cathedral principiaram a annunciar a partida do Sr. Bispo, e não tardou muito, que S. Ex. apparecesse no largo: a banda de muzica tocou então com o maior enthusiasmo o hymno Nacional, e duas girandolas de foguetes subiram aos ares.

S. Ex. pois acompanhado do Sr. Vigario Geral, de varios Conegos, e de grande numero de capellães, penetrou na barraca, e tomou assento na cadeira que lhe era destinada, fazendo o mesmo o seu nobre acompanhamento.

Feito isto, procedeo-se a leitura dos termos, que continhão a narração completa d'aquella inauguração: em seguida um dos termos foi encerrado em uma lata de chumbo, e junto das moedas; uma de ouro e outra de prata: soldou se a dita lata, e foi assim in-

troduzida na pedra, que estava sobre uma das banquinhas.

S. Ex. depois levantou-se, e pegando uma das ja ditas colheres, lançou algumas pequenas porções de bitume sobre aquella pedra no que foi imitado por varias pessoas de distincção.

Acabada esta cerimonia, a pedra foi conduzida, e collocada no lugar, que ja de antemão lhe estava destinado.

E assim ficou lançada a primeira pedra, de um edificio que sera não só de grande utilidade publica, como tambem, que concorrerá muito para o aformozamento de nossa bella Capital.

Concluidas que forão aquellas ceremonias tocou a banda de musica de novo varias peças de musica; e diversas girandolas de foguetes fenderão os ares, voltando então S. Ex. precedida de numeroso acompanhamento.

A concurrencia de expectadores foi immensa, e o prazer, e enthusiasmo, que se divisavão em todos os semblantes, extraordinarios.

Faltariamos aos mais sagrados deveres, se, terminando este artigo, não fisessemos aqui menção honrosa, e se não testemunhassemos o nosso sincero reconhecimento aos principaes emprehendedores d'este grande melhoramento — os Illm.º Sr.º Joaquim Marques Rodrigues, e André de Castro Reis; estes nomes ja por nós respeitados pelo seu amor ao paiz, passarão a posteridade cobertos de gloria immortal.

São tão bem dignos do maior louvor o Exm. Sr. Presidente da provincia, e os Illustres Membros da Camara Municipal, pela maneira franca, leal, e patriótica com que se houverão para com os instaladores da sociedade — *Confiança Maranhense* — por cuja prosperidade fazemos os mais ardentes votos.

POESIA.

ADEUS.

Por occasião da minha partida para o Porto.

Vou-me agora sobranceiro,

Terra tão bella deixar, . . .

Como o astuto maricheiro,

Sorrie as ondas do mar! . . .

Irei sim, com passo incerto,

A procurar um futuro;

Qu'este mundo é um deserto,

Onde debalde o procuro.

Levarei n'alma as saudades,

D'amigos que tanto amei;

Não tem meu canto baldades,
Cantai-as mesmo não sei.

Esquecer não pôde o peito,
D'acolher tamanhas gozias;
Ou mesmo em gelido leite,
Recordar vossas memórias.

Qual florinha abandonada,
Em solitário penar. . . .
Aos pés de todos calcada,
Nem se quer pôde chorar. . . .

É a dor que n'alma móra,
Que se traduz em paixão;
É a dor que me devora,
Os seios do coração. . . .

Deixai-me chorar ó povo,
Deixai-me lavar a dor;
Que a cada echo de novo,
Mais se altera o meu amor.

Recordar heide comigo,
Este querido Maranhão:
Onde tive tanto amigo,
E em cada amigo um irmão. . . .

Mas ó meu Deus que tristeza,
Vem cobrir meu pensamento,
Com que minh'alma vai preza,
Neste meu frouxo lamento.

Que dias aqui passei,
Cheios de vida e doçuras;
Junto d'amigos que amei,
A gosar tantas venturas! . . .

Triste ai . . . amargo e triste,
Agora m'experta a dor. . . .
Se avançar a mente insiste,
Até me falta o valôr!

Adeus ó povo saudoso,
Querido povo qu'eu amei:
Vou deixar-vos é forçozo,
O meu voto cumprirei.

Adeus comas verdejantes,
D'esta terra dos amores;
Adeus prados vecejantes,
Adeus ramos, adeus flores!

Maranhão 27 de Julho de 1855.

F. J. Ferreira.

A SENTINELLA

— Caro leitor! — Acaba de soar na torre da Sé a hora fatal dos nossos cuidados.

Em resumo e ao correr da penna, começaremos pelo *masqué* no dia 28 como havíamos promettido, não faltemos, ao S. Luiz, a

concorrença foi numerosa havendo muitos mascarados de gosto e distincção uma linda jovem mascarada de vestido branco, grinalda de flores envolta em seus lindos cabellos causou-nos sensações diabolicas!!... dançava elegantemente... aceite ella os nossos agradecimentos pelo aperto de mão que nos deu! . O digno professor Sergio Marinho, esmerou-se na escolha das excellentes peças que tocou, com que muito nos distrahiu. Notamos muita irregularidade nas contradanças nestes ultimos bailes, por não haver um mestre salla que dirija os mascarados ao lugar que lhe compete, toda a vez que isto acontecer teremos de ver, divergencias por causa de lugares. A illuminação *a chineza* não nos surpreheo, por ser á mesma que vimos no Tivoly.

No dia 29 entrou do Sul o desejado *Guanabara* alguns dias depois de esperada pelo respeitavel, velu á sea bordo o Sr. Germano Francisco d'Oliveira ex-empresario do Theatro de S. Luiz, com alguns actores, dos que o havião acompanhado ao Ceará.

Ignoramos, se esta companhia dará alguns espectaculos no S. Luiz, o publico maranhense apprecia a arte Dramatica porem duvidamos que o nosso Theatro reuna uma companhia como já teve *orgulho de possuir*.

As queixas que diariamente temos presenciado contra o Sr. Dr. Marques director do Lazareto da ponta d'Area, tem sido de alguma maneira justas, as cartas do vapor *Imperador*, ainda desta vez muito se demoram em receber as competentes fumegações, a malla de um vapor do Pará nunca contem mais de 200 cartas, fumegar e golpiar não é crível que seja necessario oito ou dez horas para esse trabalho!!

O baile *Recreativo militar* no dia 28 esteve brilhante e concorrido pelas encantadoras maranhenses, esta sociedade torna-se credora de eucumios pelas difficuldades com que tem lutado desde a sua instalação, apesar disso sempre á vemos caminhar em prosperidade e animação.

Leitor, damos por concluida a nossa tarefa de hoje, amanhã não faltaremos ao Tivoly, admirar não só os novos jogos, como o celebre *cosmorama* com vistas que ja temos visto cento é uma vez, segundo dizem os jornaes da capital, a illuminação será por candeiros solares.

Do que se passar, resumidamente vos contaremos.

Adeus até sabbado.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 11 de Agosto de 1855. N.º 31.

REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO BRASIL.

(Continuado do n. 30)

Em o numero passado descrevemos em poucas palavras, a situação precaria, em que se achão os nossos lavradores, e os embaraços que os obrigão a desviar-se daquella vereda, que deverião seguir; agora porem deixando de parte esse assumpto, vamos vêr, se nos é possível descrever o processo, que seguimos na preparação dos nossos terrenos; demonstrar a imperfeição d'esse processo, e os danos e prejuizos, que elle acarreta ao lavrador; assim como vêr tambem se nos é possível chamar a attenção d'esses homens, que estão á testa da nossa lavoura para fazerem uso do arado, poderoso instrumento, que só nos pode salvar da decadencia, que ameaça aniquilar nos,

Conhecemos a nossa incapacidade para tratar de um assumpto tão importante, e de tanta transcendencia, como é a agricultura; todavia nos afontamos a fazel o, não porque queiramos tornar o nosso nome conhecido, ou porque queiramos que nos venha d'abí alguma gloria; mas só porque dezejamos a prosperidade do nosso paiz, e porque dezejamos ser-lhe tambem util em alguma couza. Alem de que temos inteira fé, de que a demaziada bondade do leitor, desculpará as faltas, que aqui encontrar.

Os instrumentos de que até hoje temos conhecimento, e de que fazemos uzo geralmente são, o machado, a eucxada, a fouce, e o sacho; e d'aquí não passamos, embora tenhamos noticia de que em outros palzes mais adiantados se faça uso de outros instrumentos aperfeiçoados.

O nosso paiz, como ninguem ignora, é coberto de espessas matas, e de grandes e grossas madeiras; de sorte que, para preparar-se um terreno d'esses é mister, empregar uma grande força, gastar muito tempo, desenvolver grande actividade, e por em pratica um trabalho morozo, pesado, e fastidioso até ao ultimo ponto; e o fazemos por meio dos roçados.

Estes ordinariamente tem lugar no principio de Setembro, e vão terminar em Dezembro,

Antes de principiarem estes roçados, os nossos lavradores marcão por meio de picadas uma certa porção de terreno, que julgão sufficiente para as suas forças.

Feito isto principião os negros a lançar por terra o mato mais pequeno, trabalho este, que é executado por meio da fouce.

Concluido este pequeno trabalho passa-se ao segundo, que é executado pelo machado, e que consiste no derrubamento d'aquelles grandes madeiros, e d'aquellas arvores, que pela sua grossura, e rizeza não pode ser executado pela fouce.

Depois de concluido este serviço, e em que o lavrador tem empregado uma força determinada, por espaço de 4 e as vezes de 5 mezes, deixa-se passar algum tempo para que aquelle roçado se torne bem secco, findo o qual lança se-lhe fogo ficando assim o terreno pela acção destruidora d'este, limpo da folhagem e dos sipós, como tambem dos madeiros pequenos; porem ainda assim mesmo esse terreno não fica de todo limpo, e em estado de proceder se a plantação; e torna-se indispensavel empregar ao depois um trabalho muito fastidioso e mortificador, que vem a ser cortar aquelles galhos dos páos já chamusca-

dos, e que mal-os juntamente com aquelles grandes madeiras, que realistirão a acção do primeiro fogo.

Dezobstruido assim o terreno d'esses madeiros, que dificultavão o trabalho, o lavrador trata de fazer a sua plantação, e a excuta fazendo pequenas covas no chão, com o sucho, e outras vezes com a enchada, em que lança as sementes cobrindo-as ao depois com a ponta do pé.

Desde a preparação do terreno, até chegar ao ponto de concluir a plantação, o lavrador tem já consumido o melhor de sete mezes, tem estroplado a sua gente, e esta tem corrido mil perigos, e soffrido mil encommodos.

Este systema rancoso de cultivar-se a terra entre nós, não pode dar resultado algum vantajoso; pois que não obstante ter-se gasto um tempo infinito, e ter-se empregado uma força tão grande, o terreno não fica ainda assim preparado, como convem, para fazer desenvolver com força as sementes, que lhe lançamos.

O systema que seguimos de destruir as nossas mais bellas matas, traz em resultado muitos prejuizos, que bem poderamos evitar, se ao machado fizessemos substituir o arado.

De envolta com o mato pequeno, lançamos por terra, madeiras excellentes, tanto para a carpentaria, e marcenaria, como para a tintoraria; apreciadas, não só pela sua duração, e cores, como pela sua rizeza; madeiras que transportadas aos nossos mercados, darião um lucro trinta vezes maior, do que esse mesquinho resultado que tiramos nos generos, que colhemos; em uma palavra nós seguimos um systema de cultura, que é o mesmo, que destruir vinte para colher cinco; e sem o menor pezar, e sem o menor escrúpulo, reduzimos todas essas riquezas vegetaes a um montão de cinzas, e quando precisamos e temos de fazer alguma obra, vemo nos na dura necessidade, ou, de irmos buscar muito longe, e com grande trabalho, e sacrificio, ou então fazermos uso das que tem pouca utilidade, ou são de pouca duração.

Além dos prejuizos já mencionados, accresce, que os trabalhadores empregados no corte d'essas matas, estão sempre expostos a um grande perigo, qual o de serem envolvidos debaixo dos madeiros por uma casualidade, ou mesmo por um descuido da parte dos seus companheiros.

Com a queima do terreno, toda aquella grande copia de estrume vegetal, alli depositada durante a serie de muitos annos, é reduzida a uma pequena quantidade de cinza, que fica espalhada pela superficie da terra, e que é levada para longe pela violencia do vento,

ficando esta enfraquecida a um ponto, de não poder crear as sementes por mais de um anno findo o qual é mister irmos em procura de novos terrenos, e de novas matas; e assim vamos praticando continuamente, até que reduzimos tudo a pequenas capoeiras, ou para melhor dizer, aridos desertos.

Se porem abandonando esta rotina rancosa, fizessemos uso do arado, e de outros implementos agricolas, adoptados e seguidos por todos os povos civilizados, não economizaríamos braços e tempo; não evitaríamos tão grandes prejuizos, como acabamos de mostrar não livrariamos a nossa gente do perigo, que constantemente a ameaça; não tornaríamos o nosso trabalho mais suave, e mais agradável; e não aumentaríamos a nossa producção; e o estado não se tornaria mais florescente mais forte, e mais poderoso?

Por certo. . . .

Abandonemos pois essa rotina que aniquilla os nossos interesses, e que nos faz passar aos olhos das outras nações por um povo barbaro e indolente, sem industria, e sem actividade; e empreguemos na cultura das nossas terras o arado, cuja superioridade já é bem conhecida mesmo na nossa provincia, como adiante demostraremos.

(Continuaremos.)

A SEMANA

— Abriu-se finalmente o Tivoly, domingo 5 do corrente, lá estivemos, admiramos tanto a concorrencia, como a mania dos diietantis nos divertimentos que constantemente trabalhão, não esquecendo os cavallinhos, em cujo recreio as Senhoras tomão parte. Os curiosos agarravão-se ao cosmorama que o não largavão, lá vimos o Rio Douro, Sebastopol, e Rio de Janeiro & &.

Tudo por uma pataca

Não ha coisa mais barata.

A entrada do Tivoly e em outras partes ha-se o seguinte — *Aqui não se apanhão flores* — convem lembrar aos encarregados de tal lembranças, que advertencias desta ordem em um recreio publico tornão-se irrisorias, e mofa-se dellas tanto quanto nós o fizemos, isto é, visto que alli se não encontrou nenhum formoso jardim.

O Sr. Sergio Marinho com as suas excellentes peças atrahio ao Tivoly, grande parte da concorrencia que teve; o Sr. Marinho é incansavel pela bonda dos Educandos cujo lugar de profeta se dignamente occupa.

O vapor Guanabara regressou do Pará segunda feira 6 do corrente, trancada aos 10

mais lisongeiras noticias sobre o estado sanitario daquella provincia; partiu para o sul 6 horas depois, não dando tempo aos commerciantes para apromptarem suas correspondencias.

A companhia dramatica que outr'ora gozamos continua a fazer progressos no theatro *Providencia* eis o que se lê no Retrospecto do *Diario do Grã Pará* do dia 30 de Julho p. passado:

O artista Silvestre Francisco Meira fez o seu beneficio quinta-feira 26 do andante, offerecendo ao publico desta capital um dos mais lindos espectaculos a que elle tem assistido — *As Memorias do Diabo* — o duetto — *O Mestre de Capella* — e a comedia — *O Perdão d Acto* — o espectaculo correu excellentemente, e a concurrencia foi extraordinaria.

O beneficiado na parte de *Robin* trabalhou muito bem e f i devidamente applaudido, senhor de um segredo, que pode restituir á baroneza de Ronqueroles seus titulos de nobresa, e seus cabedaes, propõe-se a essa grande empresa, e a consegue á custo de fadigas e de calorosos debates que facilmente vence por meio de certas revelações; elle é o unico juiz que pode fazer triumphar á causa da justiça e o sangue frio e altivez com que *propõe as condicções, revelam* que elle pode muito; e com effeito assim é, porque todas as difficuldades se lhe aplanam e consegue tudo quanto deseja — naturalidade e belleza não faltavam ao sr. Silvestre, e uma linda e mimosa coroa de flores artificiaes que lhe foi cahir aos pés, foi o premio do seu trabalho.

O sr. Duarte Coimbra na parte de — *João Gautier* — trabalhou divinamente: aquelles *sim e não* acompanhados do conveniente gesticulação de dor e compaixão eram tam naturaes, e traduziam tanto ao vivo os trances d'agonia porque passava aquelle coração honrado, que podia com uma só palavra restituir a sua boa fama honra e riquezas, mas que um juramento lhe vedava fazel-o. oh! quando elle soffria com o peso desse horrivel segredo, sabia-o Deus! e tam bem comprehendidas foram essas emoções da alma enferma pelo sr. Coimbra, e tanto extasiaram os expectadores, que elles creram realidade o que era illusão, que levado ao zenith da arte acabava por confundir-se com a verdade! A platéa para significar ao sr. Duarte Coimbra a sua admiração, chamou-o a scena e victoriou-o freneticamente!

O sr. Pinto na parte de *Rapiniér* trabalhou com aquella naturalidade que denuncia o genio, e agradou muito.

O sr. Joao Ribeiro na parte de *Valentin* trabalhou muito bem, e entreteve constantemente a platéa.

As Sr.^{as} D. Miró e D. Joanna trabalharam excellentemente, esta na parte de *baroneza de Ronqueroles*, e aquella na de *Amelia* sua filha.

Em um de nossos numeros anteriores falamos sobre um celono que havia sido surrado por um tal *Joaquim Barbosa de Carvalho*, consta nos que o consulado portuguez dera logo as necessarias providencias para a captura desse algoz! . . . que se tinha evadido, porem como o publico ignora o andamento dessa questáo, rogamos por isso ao Sr. Carneiro a publicação de todos esses actos que sem duvida á nossa policia tomou conhecimento.

A nossa tarefa de hoje não nos deu muito que pensar.

Dezemos aos nossos leitores que gozem amanhã no Tivoly felizes momentos em companhia das bellas de sua affeição, pela nossa parte faremos o mesmo, adeus até sabbado.

POESIAS.

ADDETS.

Ao meu amigo Francisco Ignacio Ferreira por occasião da sua partida para Portugal.

Partiste oh! meu amigo,
Que tormento, que saudade!
Partiste, e me deixaste
Chorando na soledade!

Triste, triste os dias passo
Sem ja mais eu ter prazer.
Só meus suspiros e ais
Constitue o meo viver.

Não te esqueças de que vivo
Com a linda flor da esperanza,
Que em breve verá murchar
Se é longa a tua tardança.

Pois tristes os dias passo
Sem jamais eu ter prazer;
Só meus suspiros e ais
Constitue o meu viver! . . .

Julho 28 de 1855.

C. F.

AOS ANOS DE UM ANJO QUE BAIXOU DO CÉO
EM 1 DE AGOSTO DE 1848.

Escuta, Maria, as queixas
Dos anjos que no céu moram;
Fazem hoje os teus seis annos,
E' a sexta vez que choram.

Ouve os anjinhos, e a causa
 Dos saudosos prantos seos:
 • Acaso a terra é melhor
 • Do que a morada de Deos ?

• Porque te foste, deixando
 • Tão sem vida o nosso céu ?
 • Preferindo a nossa sorte
 • Dos mortaes o nome e o véo ?

• Aqui, sem ti, nós vivemos
 • Cada qual mais infeliz. . . .
 • Vives na terra, Maria. . . .
 • Sê pois ditosa e feliz !

Dedicada a uma Donzella.

Ah ! Tirse se soubesses,
 Quanto soffre meo coração;
 Embebido em tua belleza,
 Prostrado em adoração.

Ah ! quantas graças, quantos dons,
 Reunes Tirse em tua belleza,
 Em ti ó meo bem, contemplo,
 O poder da natureza.

Teus lindos olhos, oh Tirse !
 Despedem settas d'amor,
 Embebido em tua belleza,
 Acho alivio á minha dor,

Oh ! Tirse minha linda Tirse !
 Teos encantos não tem fim;
 Tuas graças excedem
 As d'um anjo serafim.

Linda rosa do rosal
 Vem dar fim a meo mal ?
 Vem meo anjo de candura,
 Consolar-me com ternura.

Linda flor sem igual,
 Que deixaste o teu rosal,
 Vem metigar minha dor
 Com ternos carinhos d'amor.

O meo mal é insanavel;
 A morte m'é insupportavel,
 Só pode curar esta dor,
 Os ternos afagos de teu amor.

Sou feliz, sou ditozo,
 Posso um anjo bondozo,
 Envejado da natura,
 Que faz a minha ventura.

Belem do Pará, 12 de Julho de 1855.

F. R. S.

VARIEDADE.

COMEDIA UNIVERSAL.

— O mundo é o theatro; os homens são os comicos; os destinos compoem a peça; a fortuna distribue as partes; os theologos dirigem as machinas; e os philosophos são os espectadores; os ricos occupão os camarotes; os poderosos o amphitheatro; e os infelizes a platéa; as mulheres andão servindo os refrescos, e os pouco favorecidos da fortuna espevitão as luzes; as loucuras compoem a orchestra, e o tempo corre o pano; a peça tem por titulo *mundus vultus decipi, ergo percipiatur*. A comedia principia logo por lagrimas e suspiros: no primeiro acto representão-se os projectos chimericos dos homens, a que os insensatos dão palmas para mostrarem o seu applauso, e os sabios, pateada. Logo na entrada, paga-se á porta uma moeda a que chamão pena, e recebe-se em troco um bilhete marcado, que significa inquietação para tomar logar. A variedade dos objectos que nella se apresentão, diverte por algum tempo os espectadores, mas o despeixo das intrigas bem ou mal combinadas faz tir os philosophos. Aparecem nella gigantes que de repente se tornão pygméos, e andes que crescem imperceptivamente e chegão a uma altura extraordinaria. Nella tambem se veem homens que parecem tomar todas as cautellas e medidas imaginaveis para traçar o verdadeiro caminho que conduz ao fim a que aspirão, em quanto que d'outro lado estouvados e os que de nada se lhes dá, chegão ao porto das felicidades mundanas. Tal é finalmente a comedia deste mundo, e quem quizer divertir-se a sua vontade, não tem mais do que pôr-se em algum pequeno canto, d'onde possa commodamente ver tudo sem ser visto; afim de poder com segurança escarnecer de tudo como merece.

(Pensamentos do conde de Oxenstiern.)

Maximas e pensamentos.

— Os erros mais difficéis de abjurar, são os erros lucrativos.

— A abjuração não é nunca desairosa, porque o não pôde ser abandonado o erro para abraçar a verdade.

— Para aquelles, que professão uma religião falsa, a abjuração é a maior das necessidades, como é o primeiro dos deveres.

— Não ha nada, que tão seguramente se ponha ao abrigo das injurias da sorte como aquillo que se dá aos desgraçados.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes que artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 18 de Agosto de 1855. N.º 32.

A SENTINELLA.

MARANHÃO 15 DE AGOSTO DE 1855.

— Hontem a nossa cidade despertando cheia de vida e de alegria, se entregava ás suas costumadas occupaões; eis que porem em breve todo esse movimento se paralisa, e toda essa siegria se converte em pranto, em dor, e em luto!

Que causa tão extraordinária seria essa?

Que madança tão inesperada e repentina? ! . .

Sim, é que a Providencia acaba de ferir-nos com o mais terrivel golpe, arrancando dentre nós a Alma do Dr. Eduardo Olimpio Machado, digão Presidente d'esta provincia!

É que a morte nos roubou para sempre um thesouro precioso. . . um pai verdadeiro e extrem so. . . um amigo sincero franco e leal um protector emfim sempre e sempre abençoado por um povo inteiro. . .

Oh! como é triste. . . como é cruel este passamento! ? . . .

Como tão depressa se ensopão no fel da amargura tantos corações, ainda a pouco, tão ledos, tão risouhios, e tão cheios de esperanças? ! . . .

É como tão depressa todas essas esperanças, e alegrias se convertem, em lagrimas, dores, luto, e pezares? . . . É que a morte, essa cruel inimiga da humanidade, derribou de um só golpe aquella arvore da virtude que vegetava entre nós! . . .

Hontem pois pelas 9 e 1/4 da manhã, depois de uma longa enfermidade, e depois de longos e cruéis padecimentos, rendeo a

alma ao seu Creador, o Dr. Eduardo Olimpio Machado!!!

A molestia nos ultimos dias fez tão rapidos progressos, que forão baldados todos os meios empregados pela arte, para o salvar. Conscio da sua morte, fez se acercar dos seus numerosos amigos, e opprimido pela mais pungente dôr, lhes disse o seu ultimo, eterno, e saudozo adens †

Pouco depois da sua morte, todos os navios surtos no porto, tanto nacionaes, como estrangeiros se pozerão em funeral; as fortalezas e os navios de guerra, aqui estacionados principiarão logo a salvar de cinco em cinco minutos, as repartições publicas se fecharão; e o commercio tomando parte no sentimento geral, não hesitou em praticar um acto de tão grande deferencia, a pessea d'aquelle que sempre se tornara digno d'ella.

Concorrerão ao enterro as pessoas mais distinctas da nossa sociedade, todo o corpo do commercio; os empregados publicos; e a numerosa classe dos operarios.

Antes de partir o acompanhamento funebre houve salva de artilheria e fuzilaria no largo das Mercês.

As 7 1/2 horas da noite, e depois da salva o corpo do Dr. Eduardo Olimpio Machado seguiu ao seu ultimo jazigo precedido de um acompanhamento que se calcula ter-se elevado a cima de quatro mil pessoas e como não consta ter-se aqui observado em tempo algum; acompanhado do 1.º e 2.º batalhão da Guarda Nacional; do 5.º batalhão de fuzileiros, e dos Educandos artífices. Seu corpo foi pois sepultado na Cathedral pelas 9 1/2 horas da noite, depois das exequias do costume, e depois de ter recebido como ultimo tributo de gratidão e de respeito duas salvas de artilheria, uma

no mar e outro em terra, e trez descargas de fuzilaria.

O Dr. Eduardo Olimpio Machado, habitou entre nós 4 annos dous mezes e 10 dias: durante todo esse tempo o seu nome foi sempre pronunciado, com amor, com respeito, e com reconhecimento, por todas as classes do povo.

As suas virtudes e o seu coração bem-fazejo o tornaram sempre digno da geral estima.

Contavamos gozar ainda por longo tempo do governo sabio, paternal e creador do Dr. Machado, porem aprovou a Divina Providencia privar-nos d'elle tão cedo: resignemo-nos pois á sua Suprema vontade.

Os Maranhenses chorão a perda do Dr. Eduardo Olimpio Machado, assim como um bom filho chora a perda de um pai extremoso e desvelado; assim como os Romanos chorarão a morte do Imperador Tito cognominado — delicias de Roma! . . .

A terra lhe seja leve! . . .

C. J. R. F.

Um passeio ao caminho Grande.

— Havia ja muito tempo, que eu tencionava fazer um passeio ao caminho Grande, não só para me distrair, como para respirar no campo o ar fresco e sereno, de uma atmosphera tão pura, e perfumada pelas flores silvestres; e estender as vistas por essas regiões tão amenas, e tão risonhas; tão cheias de attractivos, e de encantos. . . Este dia, para mim tão desejado, chegou em fim.

Erão 4 horas da madrugada do dia 18 de Julho, quando, despertando de um somno tão agradável, lembrei-me, que na vespera havia tencionado fazer o meu passeio, desde tanto tempo projectado.

Foi então que ligeiro, como um gamo, saltei da cama, e tratel de me vestir com toda a pressa. Acabava apenas de envergar o meu palitô; lancei mão da bengalla, e saí para a rua, onde principiei a gozar do ar fresco, e sereno da madrugada, que nos é tão saudavel.

Sem mais demoras, seguí pela rua Grande acima. A Cidade repousava então nos braços de Morpheo, e o maior socego, e tranquillidade, reinava em suas ruas. O silencio da noite era apenas interrompido, pelo resonar profundo, e compassado, que se deixava ouvir do interior das cazas, e pelos meus passos, que fazião echo nas paredes.

Absorto em contemplar o silencio, que reinava na nossa bella Cidade, e em contemplar um sem numero de estrellas, que brilhavam no espaço, caminhava ja havia, quaze meia hora, e achava-me defronte do largo do Quartel. Abi parei, para respirar por algum

tempo, aquelle ar, que se tornava cada vez mais puro, mais embalsamado, e mais embriagante.

Acabava então de soar o bronze da municipalidade, por cinco vezes consecutivas: erão cinco horas. Negras e espessas nuvens se levantavão no horizonte, e a candida aurora principiava a dispartar. Depois d'este pequeno descanso, continuei o meu passeio, encontrando d'esse logar em diante, uma multidão compacta de pessoas de todas idades, e sexos —; uns que vinhão, e outros que ião; uns a pé, e outros a cavallo; uns carregados de legumes, que vinhão vender á Cidade, e outros que ja voltavão providos do que necessitavão. As negras, por sua parte, agarradas aos seus taboleiros, e querendo tudo atracar com gananca, não deixavão de concotter bem para aquelle barulho, que allí se ouvia.

Não prestando porem muita attenção a isto, continuei o meu passeio.

Ao dobrar de uma pequena curva, que faz o caminho, lancei os olhos por uma grande planicie, coberta de um tapete verde-escuro, que se estendia até as proximidades de um edificio muito acaxapado, de forma muito irregular, e por demais feio. Este edificio, é o quartel dos educandos, onde os filhos da provincia recebem uma educação tao boa, e tao regular; onde bebem aquelles conhecimentos para ao depois virem ser homens honrados na sociedade, e cidadãos uteis ao paiz. Este edificio, porem estava em silencio; e velava apenas uma sentinella á porta.

Não tardou porem muito que toda aquella corporação não estivesse em movimento. Ao rufo dos tambores, principiavão os educandos a desfilar, uns por um lado, e outros por outro.

Tinha perdido de vista este pequeno quartel, e achava-me defronte da quinta do Brigadiero Magalhães: abi encontrei a carroça do Frias, que tirada por duas mulas, e cambaleando de um para o outro lado, rodava para a cidade, carregada de capim; apoz esta rodava outra; e apoz estas mais outras, todas carregadas de capim e de verdaras. Segue pois por entre duas quintas, e achava-me já no fim d'ellas, quando lançando os olhos por entre os troncos tortuosos de copadas arvores, divulguei ao longe uns muros, cravados de vidros na extremidade superior, e tendo no centro um grande portão de ferro. . . pouco a pouco me fui aproximando, até que reconheci n'aquelles muros o cemiterio dos Passos. . . Ao reconhecê-lo um suor frio me inundou todo o corpo, e meus membros parecião contrahir-se.

O meu coração se cobrio então de tristeza, e os meus passos se tornavão mais vagos, e incertos.

Eis-me chegado a pequena vereda, que conduz ao portão do dito Cemiterio. Assentei-me pois a raiz de uma grossa arvore; e alli deixando de pensar nos vivos, procurei conversar com os mortos em seus tumulos...

Lembrei-me então de Deus, e lancei um volver d'olhos sobre a nossa triste humanidade!

Que de ideias tão tristes... que de pensamentos tão aterradores me não assaltarão a alma, ao encerrar aquella manhã?!...

Ergui os olhos ao Ceo, e soltei um profundo gemido!... Oh! meu Deus, disse eu, que lugar tão triste!... que silencio tão profundo reina n'esta habitação, que nada é capaz de perturbar!...

Alli: sim, alli, é o campo da eternidade... balbuciei eu com voz suffocada... Alli! Oh! meu Deus, dorme o somno eterno, a mãe, extremosa que já não vê, que já não allaga, que já não aperta entre seus braços, seu terço e querido filhinho... alli dorme a esposa fiel, que não vê as lagrimas que derrama, os suspiros que arranca do fundo do peito, um marido constante e adorado... alli dorme eternamente o filho obediente, que já não ouve os profundos gemidos de uma mãe carinhosa e desvelada... alli dorme enfim o amigo sincero, o pai extremo, a filha obediente, o esposo fiel, o escravo, e o senhor, o rico, e o pobre!...

Oh! meu Deus, como são tristes, como são terriveis estas recordações!... Eis-ahi a casa da morte... eil-os todos entregues ao silencio dos tumulos...

Pobre humanidade, exclamei eu!... ainda hontem cheia de vida, e de alegria, antolhando um futuro risonho, e esperançozo... e hoje?... o que és?... corpo inanimado, e gelado pela morte, que se funde, e que se confunde com o pó... E qual é a lembrança da tua curta estada na terra? As tuas virtudes, ou os teus crimes, — o Anjo jaz sobre a campa fria... —

Ao fazer estas tristes recordações, o meu coração era ainda traspassado de uma viva dor. Alli dorme tambem o somno eterno, e entregue aos vermes, um corpo, cuja lembrança me é tão cara, por quem ainda os meus olhos vertem lagrimas de dor, e de saudades, e por quem abafa ainda em meo peito profundo, suspiros!...

Aqui n'este ponto principiei a reflexionar sobre a minha propria vida e disse: oh! morte quando chegará tambem o dia, em que pousando tua gelada mão sobre minha pobre existencia, me arrcbata ás para sempre?...

Estão cheio de pezar, e de confusão, levantei-me, e disse um adeus de dôr, e saudades áquellas mudas e sombrias regiões...

Principiei depois a subir por uma pe-

quena levada, e dentro em pouco estava eu no alto da Carneira; parei; e lancei as vistas sobre a Cidade; ella principiava a despertar; vião se os telhados confundidos com as arvores, que elevavão seus ramos, até grande altura; voltei me para outro lado; um botrendo precipicio se deixava ver, desde meus pés até a uma campina matizada de fresco e viçozo capim; e mais ao longe, e por entre verdes mangaes, divisei o rio Atil, que espregulçando se sobre um leito de perolas, levava com impetuosidade suas christallinas agoas ao oceano.

Tinha já andado alguns passos, quando parei de novo para observar do lado direito o quadro mais bello, o panorama mais lindo que a natureza pode offrecer a nossa vista: era uma extensa ladeira irriçada de arbustos de toda a especie; e no fim d'ella soberba coqueiros açoitando levemente os ares com as suas palmas; copadas mangueiras, e o esentro jameiro, que balouçavão nos ares suas folhas verdejantes, sacudidas pelo vento. Mas ao longe divulgoei o rio Bacanga, que lambendo as praias com suas crespas, e prateadas ondas corria pressuroso a pagar o tributo devido ao rei dos mares.

A manhã continnava serena, e fresco orvalho me humedecia as faces. Andei pois mais alguns passos, e assentei me ao pé de um pequeno cajaeiro, afim de observar o ralar do sol no campo, que é tao bello.

Tinha me demorado havia apenas cinco minutos, quando o sol despontando no horizonte, lançava seus raios, ainda fracos e avermelhados sobre o cume dos outeiros.

Aquellas mudas regiões, cobertas de arvovores de toda a especie, e que até alli parecião adormecidas principiarão a despertar, agitadas por uma viração mais forte, e mais regular.

O lindo rouxinol, e mil outros passarinhos, então ebrios de prazer, cantavão agora melodiosamente, como querendo saudar a apparição do astro brilhante.

Contemplei pois por espaço de meia hora todas estas bellezas naturaes: o sol porem elevava-se no horizonte; e foi então que resolvi dar aqui por findo o meu passeio, e voltar para a Cidade; o que fiz, não sem grande pezar de abandonar um lugar, onde todo respirava innocencia, e candura; e onde a natureza parecia revestir-se de novos encantos e de novos attractivos.

C. J. R. F.

Publicação a pedido.

Aos annos de um anjinho de olhos azues.
1.º de Agosto de 1833.

Gabem muito a sempreviva,
Oh! lindo anjinho engraçado;

Mas que val que muito viva
 Se não tem teu doce agrado?
 • Ah! (ao ver-te disse a flor)
 • A longa vida eu daria,
 • Se de teus olhos, Maria,
 • Tivesse um momento a côr.

Não te iguala a rubra rosa,
 Oh! anjo de formosura;
 Se como tu é formosa,
 Não tem a tua candura;
 A rosa ostenta na côr
 Um orgulho, uma vaidade
 Que não ha na tua idade
 D'innocente e puro amor.

A borboleta parece
 Querer d'haste despegar-se...
 Inconstancia nisso offrece
 Não, oh! anjo, eila a queixar-se:
 • Se eu pudesse libertar-me
 • Desta prisão, logo iria
 • Brincar comtigo, Maria,
 • Té que quizesse deixar-me.

Não te iguala a violeta,
 Oh! anjo de formosura;
 Que importa que um céu prometta
 Na fragrancia doce e pura?
 A violeta na côr
 Pinta occulta infelicidade
 Que não ha na tua idade
 D'innocente e puro amor.

O jasmim niveo, mimoso
 (Até o mago jasmim!)
 Ouví franco e mavioso
 Confessar-se escravo assim:
 • Deixei, Maria, exaltar
 • Té hoje a minha candura,
 • Mas ao ver-te a côr mais pura
 • Nem devo tua frente ornar...

Não ha florinha mimosa,
 Modesta, candida, e pura,
 Podica, altiva, orgulhosa,
 Que te iguale, oh! creadora!
 Fade-te o céu um porvir
 De tanta fel cidade
 Qual promette a tenra idade
 Em que te vejo sorrir!...

A SEMANA

— Caro leitor! A Semana foi abundante de novidades porem o espaço do nosso Jornal nos obriga a resumil-as.

Domingo houve *Tivoly*, a concorrência não foi de admirar, o bello sexo parece desprezar o unico recreio que temos. Os batanços e cavallinhos trabalharão constantemente

ao passo que os mais forão esquecidos pelos diletantes.

Depois das 7 horas encaminhamo-nos ao *cosmorama*, causando nos grande admiração o exigirem-nos um Bilhete para termos ingresso, quando domingo passado nada haviamos pago... A vista de Lisboa e Ponte da boa vista em Pernambuco forão as mais concurridas.

O naufragio do vapor *Killarney* pareceo-nos obra do pincel do Sr. Gregorio pois só á sua imaginação é que poderia apresentar-nos um tal naufragio, ou então lhe foi fornecida por algum dos 13 naufragos que se salvarão.

Segunda feira 13 do corrente teve lugar na cathedral o officio solemne pelo repouso eterno das almas dos que tem succumbido á epidemia das bexigas.

Segunda feira 20 do corrente tem de se fazer á eleição de 4 negociantes que devem servir no Tribunal do Commercio, julgamos habilitados para desempenhar um honroso cargo os seguintes Srs.

João Gualberto da Costa,
 Antonio Xavier da Silva Leite,
 Joaquim José Alves,
 José Pedro dos Santos.

E' pois está a nossa eleição e esperamos que seja acolhida pelos negociantes desta praça.

No dia 12 do corrente sabdo á luz um novo jornal sobo titulo — *O Suspiro* — dedicado ao recreio do bello sexo maranhense. Temos diante dos olhos o primeiro numero d'este pequeno, porem interessante jornal, e julgando-o inteiramente digno da estima, e apreciação publica, o recommendamos aos nossos leitores.

Muito folgamos com a sua apparição, e rogamos aos seus redactores, que não esmoreçam e trepidem no desempenho de tão ardua e honroza tarefa, ficando certos de que as Maranhenses não só prestarão a este jornal a attenção, que merece, como tambem, que não hesitarão um momento em prestar-lhe o seu valioso e importante appolo.

Quinta feira teve lugar á transladação dos restos mortaes do Brigadeiro Feliciano Antonio Falcão, da Igreja de N. S. do Carmo para a de S. João Baptista; o concurso foi numeroso.

Até a presente hora ainda não entrou do Sul o Vapor que a dias ja se espera; a sua demora tem se tornado sensivel e não sabemos até quando estaremos sujeitos a estas alterações em que o commercio sempre sofre.

Leitor! conseguimos resumir o mais que podemos. Adeus.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

4.^a Serie. Maranhão 25 de Agosto de 1855. N.º 33.

REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO BRASIL.

(Continuado do n. 31.)

O leitor, que até aqui nos tem acompanhado com tanta benignidade, certamente não deixará de acompanhar-nos com a mesma até o fim.

Por um momento nos desviamos de reflexionar sobre o estado do nosso paiz em geral para nos occuparmos de alguns districtos d'esta provincia.

A seguirmos porem d'aqui em diante o mesmo systema de devastação das nossas mais bellas matas, que até hoje temos seguido, por certo dentro de mui pouco tempo ver-nos-emos obrigados a abandonar os nossos domicilios e as nossas bemfeitorias, para irmos em procura de matas virgens, que por sua feracidade compensem melhor o nosso trabalho, e o nosso sacrificio; ou o mesmo, que já estão praticando os lavradores das ribeiras do Itapucurú, que tendo reduzido as suas melhores terras a pequenas capoeiras, abandonão agora as suas fazendas, e vão estabelecer-se nas margens do alto Mearim, onde podem dispor de matas ainda virgens, e de terrenos muito férteis.

Compre aqui fazer uma observação, e vem a ser; que estes lavradores ainda que tenham muito bons desejos de preparar para si uma habitação comoda e decente, e ainda que queirão cultivar um bom pomar, que servindo de recreio, sirva ao mesmo tempo de proveito, nunca o podem fazer, pois que estão convencidos de que em breve tempo tem de abandonar aquelle lugar; e por isso limitando-se unicamente ao indispensavel, deixão de parte a conciliação do util com o agradável.

Voltemos porem de novo ao assumpto que haviamos interrompido.

Se attendermos bem a dificuldade, que alli encontra o lavrador para transportar os seus productos, e o tempo que decorre até que estes cheguem ao mercado, veremos que a differença para mais nos lucros não é tão grande; pois que ainda mesmo colhendo elles alli mais, as despesas do transporte tambem são maiores, e succede muitas veses, que alguns d'aquelles productos, pelas grandes delongas chegão ao mercado já deteriorados; e outros então, bem como o arroz e o milho, umas vezes por falta de boas estradas, e outras pela grande distancia em que mora o lavrador, e pela falta de animaes para transportal-os, ou ficão encerrados nos paios, onde se deteriorão por espaço de algum tempo, ou então servem de alimento aos animaes.

Entretanto estas matas povoadas de tão excellentes madeiras, se vão reduzindo a cinzas, em prejuizo de tantas industrias que por isso deixão de enriquecer o paiz. . . .

Somos pois de opiniao, que val mais produzir menos, porem ter certeza de meios fáceis e comodos de transporte, do que produzir muito e não ser possível transportar por quasquer inconvenientes.

Não vemos pois aqui quaes as vantagens que tirão esses lavradores estabelecidos, posto que em boas terras, porem tão distantes das margens dos rios; e onde taes são difficuldades, e muita principalmente não havendo ainda uma navegação regular e certa, como se vê no

Os lavradores de Gulu, ainda tem o recurso de se transportarem em excellentes terras u. . . . a fazer os de Gulu rio, cujas

terras hoje por muito consumidas se achão reduzidas a pequenas capoeiras e extensas charnecas? Estes porém necessariamente e muito breve hão-de entrar nas vias do verdadeiro progresso, adoptando o arado e outros implementos na cultura de suas terras, pois que é o unico meio que lhes resta.

Estes districtos de que acabamos de fallar, já possuirão tão bem em outro tempo matas, que ostentavão uma vegetação soberba e luxuriante, hoje porém essas matas tem desaparecido diante do machado destruidor do lavrador; e esses terrenos outr'ora tão férteis apresentam agora o aspecto mais triste, e mais desanimador; isto é uma vegetação fraca e enfezada.

A SEMANA

—Leitor! E' chegada a hora de desempenhar perante vós a tarefa de que nos encarregamos.

Os acontecimentos d'esta semana não são de grande monta; todavia passamos a referir os mais importantes.

O dia de S. Joaquim foi festejado com o maior brilhantismo pela sociedade—*Recreio Commercial*—no sitio Savianna, para cuja reunião fomos convidados: apesar de não sermos dotados d'aquellas maneiras e attractivos que concorrem a agradar, sabemos apreciar o bello, e o sublime: a semana pois não devia deixar passar em silencio uma reunião, que encheo das mais vivas saudades a tantos corações. As *Jovens*, que em grande numero concorrerão por suas maneiras delicadas e attentosas, encantarão toda a sociedade. Nunca mais poderemos esquecer d'aquelles lindos semblantes, que tanto captivarão a nossa alma, e aos quaes votamos eterna saudade.

Por occasião do jantar, e depois de um brinde às bellas maranhenses, ouvimos cantar ao som do violão, as seguintes quadrinhas, de que ainda nos recordamos:

A saude dessas bellas
Que nos prendem os corações.

Se amur baixasse aqui
Entrando vestes sabões
Veriria os corações
A saude dessas bellas

Lançando depois mão d'ellas
Nos daria por brazões
Todas aquellas ingratas
Que nos prendem os corações.

Côro.

Viva este dia
De muita alegria,
Viva o prazer,
E toca a beber,

As *contradanças*,—*Walsas*,—*Schutz*; e—*Mazurka*, durarão toda a noite de Sabbado e todo o Domingo; não tendo havido o menor motivo de desgosto: todos se portarão com aquelle cavalheirismo, que era de esperar de tão illustros socios.

O Director da Sociedade—*Recreio Commercial*—o Ilm. Sr. Joaquim Tiberio Pereira é digno dos nossos sinceros encomios, tanto pelas suas maneiras delicadas e affaveis, como pela sua boa direcção &.

A Barca *Luzitania*, que parte amanhã para Lisboa, leva a seu bordo, o ex-empresario do Theatro S. Luiz Germano Francisco de Oliveira; este Sr Germano é um homem completamente mysterioso; foi ao Ceara, regressou a esta provincia, e ultimamente retirou se para Lisboa, sem que possamos comprehender a cauza de tantos mysterios....

Segunda-feira 20 do corrente, fundou em nosso porto, vindo do Sul o encantado e preguiçoso—*S. Salvador*. A demora d'este vapor, alem de causar grande transtorno ao commercio, deu lugar a mil conjecturas, que felizmente, se não realizerão. Na provincia da Bahia, o *cholera*, esse terrivel flagello, que tem destruido cidades inteiras na Europa e na Azia, principiava a fazer estragos, tendo já arrebatado oito victimas. Deus se queira compadecer de nós, e preservar nos de semelhante mal.

—Lê-se no *Globo*:

Lisboa 9 de Julho de 1855.

—Tem feito muita sensação em Portugal o procedimento do capitão da Defensora, no Pará, a imprensa e alguns deputados tem tomado o negocio no seu verdadeiro ponto de vista; mas ficará como o do Arrogante, cujo capitão foi absolvido!

Mais pensar que o governo toma medidas? Uma portaria para o Porto e Ilhas, e para quem? para auctoridades debaixo de cujo auspicio se tem feito todos os embarques. Sei isto de parte segura, crimião os commandantes dos navios, mais sei que elles não são os primeiros culpados, o mercado sim, e as auctoridades que com elles transigem....

A vista destas horas quanto não deve-

mos louvar o proprietario e capitão da Linda ?
não se arrependão estes do seu bom proceder.

.....
C. T.

As novenas de S. Filomena, tem estado muito concorridas: a banda de muzica dos Educandos, todas as noites, tem entretido os concurrentes com bellas escolhidas peças no pavilhão do largo.

O Theatro Particular=Fidelidade—deu Quinta feira 23 do corrente o seu 6.º espectáculo; fô a scena o Drama em 2 actos, o—*Sabonete Imperial*, a farça *A Parteira Anatomica* e a *Lanterna magica*. Os curiosos encarregados das diversas partes, derão-lhe o desempenho que entenderão.

As noites de luar tem estado bellas e mais possível: passavamos a dias pela rua de... onde nos havia levado a curiosidade; a ramos para ouvir uma voz angelica, e colica, que modulava no mais tristonho a seguinte quadrinha, que por algum nos arrebatou o coração.

Alta noite, tudo dorme;
Tudo é silencio na terra !
Nem se quer nos ares erra
Negro mocho gemedor
Oh! que horas tão propicias
Para quem geme de amor.

A Sociedade Recreativa Militar dá hoje o seu 12.º Baile.

Já nos ta passando despercebido o *Tivoly*, a concorrência, como da vez passada, não foi grande.

E' para lastimar, que sendo este, o unico divertimento que temos, não seja bem concorrido pelas maranhenses. Estamos porem inclinados a crer, que Domingo 2 de Setembro a affluencia será maior.

Leitor! Damos aqui por concluida a nossa tarefa, dezejando-vos vigorosa saúde, e felicidades; e se por acaso fores contemplado no jogo da sorte com os 6:000\$000 convidai-nos a tomar parte na vossa fortuna. Adeus até a semana.

POESIAS.

SONHOSA.

Sonhei-a e era mui bella,
Como a estrella
Entre nuvens a brilhar:
Era linda eu senti n'alma,
Doce calma
Ligemente passar.
E sonhei-a sobre um leito,
Mui perfeito

Que lindas franjas ornavão;
De cambra'a muito finas,
As cortinas,

Do docel se despregavão.

Eram d'ebano, mui bellos

Os cabellos

Sobre o collo a ondular

Os vestidos alvejantes

Flutuantes

De linda seda a brilhar.

E os olhos que lindesas

Que pureza

Como estrellas a lusir

E os dentes que alvura

Que doçura

Não terião a sorrir.

Sobre a fronte mui formosa,

Como a rosa,

Um branco véu devisava,

Qual da lua o ambiente

Levemente

A nuvem se desmaiava.

N'um sorriso que alegria,

Que magia

Não bebi dos olhos seus ?...

Vi-lhe os selos — que desejo,

Quiz um beijo,

Expressar dos labios meus.

E sobre o leito mil flores,

Entre dores

Eu docemente sonhava;

E co'as roupas cõr da neve,

Mui de leve

Sobre as flores s'expreguçava

Anciozo então deliro,

E n'um suspiro

De repente eu accordei:

Em ciomes m'arde o peito,

E nem o leito.

Nem a donzella eu achei.

Oh! sonhei-a era formosa,

Como a roza

Mas só d'ella tinha a cõr:

E um sonho è phantazia,

Essa alegria,

Dephinhou-se como a flor.

Maranhão 55.

SAUDADES.

Offerecida a minha prima D. M. G. S.

Ando triste, e sem consolo,
Por me lembrar do passado
Que gozei junto d'um anjo
Momentos afortunados.

Tenho saudades da tarde
Em que b'ia mos passear,
Tenho saudades penosas,
Que fazem desesperar.

Tenho saudades do tempo
Em que com ella brincava,
Tenho saudades do dia
Que junto d'ella m'achava.

Tenho tão grandes saudades
Que me fazem recordar,
Delicias que ja gozei
Que não haode mais voltar.

Saudades sempre terel,
Porque vivo abandonado
E esquecido no mundo
Quando era tão lembrado.

O que me resta na terra
Vivendo tão desprezível?
Sobre mim desfeche a morte
Duro golpe tão penível.

M. * * *

SONETOS.

Dedicado a Illm.º Sr.º D. R. J. G. P. C.

Sentidíssimos als que exhala o peito,
T'invia amavel Mãi, este que jura
Amor eterno, amizade pura.
Consagrar-te sempre com respeito.

Embora da ausencia o duro effeito,
Me prive do prazer e da ventura,
De ver-te, de gozar tanta ternura
Com que o Ceo te doctou em gráo perfeito.

Embora no exilio esta saudade,
Consuma os dias meus em pranto e dor:
Não tenho um momento de ditoso:

Sempre em mim verás a lealdade,
Votos te farei de puro amor,
Um suspiro ouvirás, triste, saudoso. . .

O Trasmontano A.

Offerecido a Illm.º Sr.º D. A. P. S.

Solta coração solta os gemidos
Que a ingrata cruel faz arrancar,
Deixão lagrimas dos olhos borbulhar
Soffro golpe d'amores fementidos.

Chora o tempo em que sem te amar
Tinha-te quieto e socegado,
Com'o amar quando não é agitado,
Pelo Eolo cruel e d'aterrar.

Choro o tempo em que essa ternura
Da infancia ainda persistia
Mas emfim ja baixou a sepultura,

Chora sempre o tempo de amargura
Em que apaguei minha alegria
Vendo os olhos brilhantes da perjara.

Cri.

ACROSTICO.

mulher que eu amo com prazer
te vez me deixou qu'ingratidão
mpeço as cadeias, sem razão
ado da mulher assim fazer;
ou então depois nosso viver
aundou meu coração e delirante
el e perdi-me num instante
te, noute fatal onde o amor
alma sopitou do trovador
recordação d'um instante.

Cri.

Lê-se no Suspiro:

Ao meu amigo F. J. Ferreira, por occasião da sua partida para Portugal.

O momento se aproxima
Do amigo me apartar,
Já da Linda a prôa ufana
Eu vejo as ondas cortar.

Quanto custa, ó caro amigo,
Um adeus de despedida!
Quanto soffre o coração,
Que só por ti nutre vida.

A nossa patria, demandas,
Tão gentil e tão fagueira!
E deixas, talvez, p'ra sempre
Esta terra brasileira. . .

Parte, pois, e sê ditoso,
Nessa terra tão gentil;
Mas lembra sempre o amigo
Que deixas cá no Brasil.

C. F.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.ª Serie. Maranhão 1 de Setembro de 1855. N.º 34.

REFLEXÕES SOBRE O ESTADO DO BRASIL.

(Continuado dos n.ºs 28, 29, 30, 31, e 33.)

Sentimos profundamente que o nosso paiz se conserve ainda indifferente ao influxo do progresso, que parece heje dominar todos os espiritos da Europa.

Quando tantos outros paizes, alias menos favorecidos que nós, se occupão e trabalham assidua e diligentemente para melhorar as suas vias de communicacão, para fazer prosperar a sua agricultura, e dar o necessario desenvolvimento á suas diversas industrias, parece que não devemos conservar-nos por mais tempo alheios a esse movimento de progresso, que melhorando a sorte dos povos, enriquece o paiz que tem a felicidade de o poder acompanhar.

Temos ainda muitos recursos, que aproveitados por homens habéis e industriosos, poderiam concorrer e contribuir muito para o augmento das rendas do estado; mas infelizmente todos esses recursos deixão de ser aproveitados, ou por falta de braços, ou, é o que é mais provavel, por falta de industria.

Não é nossa intencão condemnar inteiramente a marcha, que até hoje temos seguido; porque bem conhecemos, que algumas industrias entre nós, tem tido um tal, ou qual desenvolvimento; porem forçoço á confessar, que a principal d'ellas, aquella que devia merecer mais ser attentão, tanto da parte dos poderes do estado, como tambem dos particulares, se acha ainda na barbaria, e sentimoz dizel o, condemnada talvez a seguil-a por espaço de muitos annos.

Se todos os animos convergissem para o

melhoramento da agricultura, e se todos tomassem um verdadeiro interesse pela sua prosperidade, estamos convencidos, que este estado de apathia e de aniquilamento havia de desaparecer em breve tempo.

Não julgamos impossivel a reforma, que se pretende operar, para que seja por mais tempo adiada; promovendo esta reforma, não vamos trilhar um caminho desconhecido, mas sim um caminho já trilhado desde os povos antigos até os modernos; não á pois ali nada de impossivel.

Se o arado não está ainda adoptado entre nós, a razão é obvia; é porque os lavradores receião ser mal succedidos em qualquer experiencia, que tentem fazer; e por isso contentão-se em seguir o systema antigo, cuja pratica e resultados ja lhe são bem conhecidos.

Taes receios nos parecem infundados, e para destrui-los apresentamos aqui as experiencias feitas pelo Coronel Torquato, e que foram coroadas do mais feliz resultado.

Para conhecer a superioridade de um systema sobre outro, este prestante cidadão, o anno passado, fez cultivar duas porções de terreno, uma por meio do arado e da applicação do estriume, e outra pelo antigo processo; dentro de poucos meses, as culturas cultivadas pelo arado apresentarão uma vegetação forte e soberba, e preparão-se melhor, e em menos tempo; ao passo que as outras apresentarão uma vegetação fraca e enfiada, e gastarão muito mais tempo para ter algum desenvolvimento.

Assim animado com este resultado, que foi alem de suas esperanças, e que não deixou em duvida a superioridade do arado sobre o machado, e a enxada, o Coronel Torquato extendeo este anno as suas experiencias a uma

porção de terreno muito maior; e estamos convencidos, que só um genio comprehendedor, como é o do Sr. Torquato, seria capaz de realizar aquillo, que tantos outros lavradores, tem julgado ate agora ineluctavel.

Em fonte limpa bebemos estas informações.

Na provincia da Bahia este systema tem sido ensaiado com muito proveito e resultado por alguns lavradores abastados, entre os quaes figura um homem bem distincto e muito conhecido no paiz—o Conselheiro Gonçalvel Martins.

Na de S. Paulo tambem se vai generalizando em grande escala, e com grande assombro dos rotineiros.

Seguado os esforços, que vemos fazer algumas provincias para melhorar a sua viação, a sua agricultura, e as demais industrias, estamos inclinados a crer, que não está longe a epocha em que o Brazil deve apresentar-se a par d'aquelles paizes já respeitadas pela sua força aperfeiçoamento e civilização.

A paz de que goza o paiz, a segurança individual e de propriedade garantida ao estrangeiro; a amenidade do seu clima, e a fertilidade de seu solo, são circumstancias que devem aproveitar os poderes do estado para attrahir a emigração estrangeira, e para fomentar entre nós a industria, que até hoje tem estado, pode-se dizer, morta.

Dezejavamos continuar ainda com as nossas reflexões, porem temos rezolvido terminal-as por agora aqui, promettendo continal as logo que se nos offereça alguma oportunidade.

A SEMANA

Leitor! Principiaremos o nosso trabalho semanal pela festa de Santa Filomena—

Alguns momentos depois, que concluímos a nossa usual tarefa da semana passada, dirigimo-nos ao largo do Carmo a observar aquella festividade, que em abono da verdade, confessamos ser feita com uma pompa e brilhantismo não inferior aos demais annos. A concorrência foi extraordinaria. A musica dos Educandos com suas bem escolhidas peças entreteve os concurrentes até mais das 10 horas. A musica da Igreja nada deixou a desejar.

Não houve balão, como é costume, e nem fogo artificial, porem supprimo esta falta numerosos foguetes de diversas qualidades, que de momento a momento subião aos ares.

Depois de termos observado por algum tempo aquellas óndas de povo de todas as classes, que percorrião o largo em diversos sentidos; o ancião que passeiava ao lado de sua cara metade; o namorado que tendia finezas á sua jovem amante, e que gozava d'aquelles momentos tão apreciaveis ao clarão de um tão bello luar; apartamo-nos d'aquelle pafel tão bello e interessante, e acompanhados de alguns amigos nos dirigimos ao baile—*Recreativa Militar*: apenas penetramos n'aquelle espaçoso sa-

lão, lançámos os olhos por todos os lados, e tivemos a grata satisfação de vel-o inteiramente occupado pelas encantadoras maranhenses, como se podia esperar.

Não podemos adviolar como e de que maneira appareceu alli a Sentinella: os criticos fazem-lhe a competente analyse, e mal sabião elles que nós estavamos com os ouvidos—attentos—Desta vez porem, e apezar de sermos pouco praticos na senda do jornalismo, fomos algum tanto felizes.

Danças pois a primeira contradança com uma linda e encantadora Jovem, que com seu vestido azul, parecia-nos finalmente, a rainha d'esse baile, e nós seus humildes vassallos.

No dia 27 do corrente falleceu o Sr. Emygdio Gomes Vieira, empregado publico á alguns annos, e ultimamente 1.º escriptorio da Alfandega. Como homem publico e particular, era o Sr. Emygdio digno e merecedor de grande estima e respeito.

O estado sanitario de nossa Capital, não tem sido muito lisongeiro.

A bexiga que havia desaparecido, segundo se presumia, recrudescio á alguns dias, e continua ta sua marcha de estragos, como nos mezes de sua maior força. A vista disto resolveo o governo abrir de novo o hospital de S. Ritta.

A ratoneiria, de que não havia exemplo á muito tempo, parece, que se vae agora introduzindo n'esta cidade. Na noite de 3.º para 4.º feira pretendião os taes ratoneiros arrombar as portas das lojas de Antonio Luiz de Oliveira, e Montenegro, porem foram frustrados os seus vis intentos, por acudirem muito a tempo os donos d'essas lojas.

Chamamos pois a attenção da policia para esses freguezes de unhas compridas, que querem enriquecer depressa e viver a custa do suor alheio.

Installou-se á pouco tempo n'esta cidade uma nova associação denominada—*Industria Maranhense*—que tem por fim o fabrico do sabão, e de velas stearinhas, e cujo fundo sobe a 30:000\$000: fazemos votos para que tão patriótica empreza realize as esperanças, que precederão á sua installação.

Domíngio 26 do corrente largou ferro em nosso porto, o veloz *Tocantins*. A noticia, que em outro numero demos de ter apparecido na Bahia o cholera, é infelizmente confirmada por este vapor. Um panico terrivel se apoderou dos habitantes de algumas cidades e villas, porem este já pouco a pouco diminuido logo que os medicos declararão que o cholera era benigno.

Pelo *Lindo Paquete* entrado do Pará no dia 30 recebemos o *Diario do Grã-Pará* até 21 de Agosto p. p. o estado sanitario daquelle provincia era o mais lisongeiro possível.

O artista Duarte Coimbra, esse grande genio, que outr'ora era acollido e victoriado no nosso palco, não tem sido menos entre os paraenses; para prova do que dizemos eis o que se lê no *Diario* de 13 de Agosto p. p. por occasião do seu beneficio:

“O insigne artista dramatico o sr. Antonio José Duarte Coimbra fez o seu beneficio quinta-feira 9 do andante mez; a bella escolha do espectáculo junto ás sympathias, que o sr. Duarte Coimbra tem sabido adquerir no pouco tempo, que tem existido entre nós, não só por seu elevado talento, como pelas excellentes qualidades que o ornam como homem particular, attrahiu nessa noite uma concorrência prodigiosa ao theatro; todas tinham como um dever applaudir e glorificar o grande actor na noite do seu beneficio!

“O sr. Duarte Coimbra levou á scena um espectáculo todo novo; o interessantissimo e apacissimo drama em 3 actos—*Gabriola ou a cursa d'acal de*

Parma — A volta do marinheiro (duetto) e a comedia em 1 acto — O Estudante e o Gazeteiro.

“ O espectáculo correu bem, e o beneficiado na parte de *Conrado* arrebatou os espectadores, que traduziam a sua admiração em repetidos applausos; seria bem difficil dizer quem mais se empenhava neste agradável debate se o sr. Coimbra esgotando todos os recursos de seu talento para agradar ao publico ou se o publico em victorias! — por todos os modos que se pode imaginar! no 3.º acto do drama uma coroa de mimosa lavor vai cair aos pés do beneficiado entre vivens de flores, como para lhe significar o enthusiasmo de que o publico está possuido, e que vai subindo progressivamente; quando desce o panno é elle chamado á scena, e 2 lindos nojos elegantemente vestidos sobem ao scenario e lhe offertam uma nova coroa de mais rico lavor, esta surpresa impressiona o beneficiado, que pedindo attenção agradece ao publico n'um bello discurso tantas provas de estima e de consideração!

“ Foi um dia de verdadeira gloria, e de triumpho para o Sr. Duarte Coimbra, e para seus amigos, que exultavam de vê-lo assim querido e honrado!

“ As outras partes do drama e da comedia foram mais ou menos bem desempenhadas excedendo a todas a de *Gabrina* habilmente desempenhada pela Sra. D. Joanna Januarina.

“ Sabendo-se que o duetto foi cantado pela Sra. D. Josephina Miró, e pelo ratião do Ribeiro, é escusado dizer se mais nada porque estes dous nomes significam tudo o que ha de bom.

“ No lugar competente depois publicidade ao agradecimento do Sr. Duarte Coimbra, sem como a algumas poesias das muitas que lhe foram dedicadas por occasião de seu triumpho.

ria

lira

lico

nação

D

Julho, 18

“ Os
fensora, B
reclamam
verno. N
ça para
nunciam
se tolere
gradar d
“ A
pese, l
das as par
dicções d
modo dos
continua
vergonhos
pela fome
de S. M. F.
portos de P

“ O go
sudacla cri
carrgado
humanid
mais colou
em long
em em
sua vida
tas a sua
são exco
vital importa

extrema relaxação das authoridades administrativas.
“ Os factos repetem-se: os clamores crescem; e quaes os documentos de attenção ou de importancia que o governo lhes tem prestado?

“ A negligencia de quasi todos os nossos consules no Brazil, não perseguido como lhes cumpria os capitães que alli aportam em manifesta infracção das leis policiaes, e até dos deveres de humanidade, explica-se, e, quasi diríamos, que se justifica, em presença do desleixo maior, e mais escandaloso ainda, com que em Portugal as authoridades toleram, ou quotidianamente dissimulam similhantes attentados. Nem nos digam que é impossivel evitar o embarque clandestino dos colonos, porque nunca julgaremos impossivel entre nós o que é facil em todas as outras nações; nem podemos acreditar que os que conseguem impedir o embarque clandestino de mercadorias fossem frustrados nos seus esforços para obstar ao embarque prohibido de centenaes de homens.

“ A má vontade do governo neste ponto, ou pelo menos o seu imperdoavel descuido revela-se claramente no seu procedimento a respeito do negocio do consul de Pernambuco. Recordemo-nos dos factos de que este consul é accusado, recordemo-nos dos clamores levantados contra elle no Brazil e em Portugal; recordemo-nos das sollemnes promessas do ministro tantas vezes repetidas, e digam-nos depois qual é a explicação plausivel que pode ter esse eterno protraír de um processo tão grave, tão interessante, que não termina jámais!

“ Para nós ha factos que não tem explicação, queremos antes deixal-os sepultados nos abyssos de um mysterio, do que dar-lhes a interpretação vulgar, que não podemos assegurar que não seja calumnias.”

Houve esta semana expectaculo no theatro — Fidelidade —, *affronta por affronta*, em 4 actos; bella composição Dramatica.

Apezar de ser já fastidioso tão repetidos *bailes de máscaras*, não deixaremos d'esta vez de desfructuar as bellas caricaturas, que se preparão por toda a parte.

Leitor! Temos ido mais longe do que pensavamos, e não querendo caasar a vossa paciencia por mais tempo, dando aqui por concluida esta, dezejando-vos todas as sortes de venturas. Adeus até outra vez.

POESIA.

A ONDA.

Com meu amigo Joaquim Coelho Fragoso.

Bella onda que divagas,
A face argentea do mar;
Quisera saber teus fados,
Os teus arcanos sondar:
Quando esse dorso sacodes,
Altas nuvens affrontar! . . .

Mas como és bella e formosa,
Pelas brizas compellida . . .
Fallaras . . . terás amores?
Será longa a tua vida! . . .

E amo ouvir-te os gemidos,
Da noite na solidão;
Quisera seguir teus passos,
Guiado por tua mão.

Sim, quisera solitario,
Em um bem fragil barquinho;
Sobre o teu manto azulado,
Precurar o patrio ninho.

Mas, diz-me tu, quem procuras,
Sempre . . . sempre . . . a murmurar,
Quem n'esse mar é teu guia,
És virgem sabes amar? . . .
Os teus mysterios divinos,
Ha quem possa decifrar? . . .

Oh! quem és? porque brillas assim?
Lindas formas tomando a correr;
Vais á patria dizer que me viste,
N'estas praias sosinho a gomer? . . .

Oh! não vás qu' esta vida qu' eu passo,
Negro fel de continuo a tragar;
É destino fatal, que só dóres,
Em meu peito se vem derramar!

Sobre a tarde, teus vagidos tristes,
Junto árêja a fallar-me d'amor,
Vem trazer-me lembranças da terra,
Que me viu da existencia na flôr!

E aqui como tu solitaria,
Que mysterios mil sabes guardar! . . .
Só me apraz ao silencio das noites,
Teus suspiros na praia escutar . . .

E quisera contigo abraçado,
Só contigo p'los mares correr;
Oh! quisera contigo ir a patria,
Acabar este vil padecer . . .

Mas quem és? quem teus passos dirige,
És acaso um phantasma divino . . .
Que a juba d'espumas sacodes? . . .
—E correndo qual é teu destino! . . .

Amo a tua formosura,
O teu cristallino manto,
Aos raios do sôl nascente,
A scintillar com encauto:
Se vens mansa e descobrada,
De alva espuma ~~teusada~~
P'los ventos emballada,
Desprender na praia um canto . . .

E junto á humida areia,
Ver-te louca a doudejar;
Mas de contares os teus crimes,
Faz-te o peso alli queitar,
Outra vem tambem contal-os,
Rugindo, fazendo estallos,
Tu luctas e nos aballos,
Queres a outra emfim calcar! . . .

Eu te amo, ó linda onda,
P'or esse mar infinito,
A rollar continuamente,
A correr como um prescito;
Sempre das mares fugindo,
Novas praias descobrindo,
Pareces vir repetindo—
"Quero esconder meu delicto".

E só tu cállas segredos,
De mil e mil tradições;
Só no teu seio hospedaste,
Esses Cantos de Camões! . . .
Só tu viste presenteiras,
As nossas lindas baniteiras,
As nossas gentes guerreiras;
Nos soberbos galeões . . .

Es rainha do Oceano,
Soprada p'lo vendaval,
Es a sombra inconqueravel,
D'um Albuquerque ou Cabral . . .

Oh! n'esse correr sério,
É divino o teu mysterio,
Podes sorver um imperio—
Tens diadema real! . . .

Mas quando o rubro horizonte,
Occutão mil ouvens baças;
A correres então alloita,
Altiva náu ameaças . . .
E em hórridos cahões,
Abres no seio bulhões,
E no dôrso em convulsões,
A fragil náu despedaças! . . .

Eu te adôro, ó bella imagem,
Da liberdade sem véus;
Quando ruges pavorosa,
Emerguilos escarcens . . .
Es o phantasma do Gama,
Que do tum'lo a patria chama,
E se o vendaval t'inflama,
Te elevas até aos ceús! . . .

Mas que digo? . . . és onda, não posso
Teus mysterios divinos sondar;
Não és virgem qu' eu possa da terra,
Com raiões d'amor adorar! . . .

Não és sombra, ou imagem gigante,
D'Albuquerque temido, ou Cabral;
Nem phantasma do Gama tão nobre
Nas historias do meu Portugal . . .

Não és nobre, gentil marinheiro,
Qu' a patria me possas levar;
Teus amentamentos os meus não entendem,
Podes has de meus fados mudar! . . .

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANARIO.

A **Sentinella** publica-se todos os Sabbados, e subscryve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.^a Serie. Maranhão 8 de Setembro de 1855. N.^o 35.

A SEMANA.

—Caro Leitor! He hoje dia da Natividade de N. Senhora; dia santificado em que vós sem duvida tereis ido aos templos cumprir com os deveres, que nos impõe a nossa religião. Apesar de ser dia de preceito não podemos furtar-nos a ~~indagações que continhamos para convosco~~; e porisso tratáremos já de dar cumprimento a ellas.

O Theatro—Fidelidade—festejou hontem o anniversario da independencia do Imperio: foi á scena a excellente producção do insigne Dramaturgo—o Sr. Mendes Leal—*D. Maria de Alencastro*; houve grande concorrência, e o espectáculo couveo satisfatoriamente, sobresahindo principalmente os curiozos encarregados das partes—*Antonio Conti—D. Antonio de Portugal—Laura,—e Affonso Annes.*

Teve hontem lugar o baile da Sociedade—*Recreativa Militar*—tambem em commemoração da independencia. O salão estava ricamente ornado, e as bellas Maranhenses, que em grande numero concorrerão, não deixarão de contribuir bastante para abrilhantar aquelle divertimento, digno a todos os respeito dos nossos mais sinceros elogios.

Falleceo no dia 3 do corrente pelas 7 horas da noite, o Sr. João Gualberto da Costa Junior, filho do Sr. Comendador João Gualberto da Costa: uma serie de padecimentos phisicos o levarão á sepultura, ainda na primavera dos seus dias!

As chagas abertas no coração d'este nobre pai, por occasião da morte de uma sua filha, ainda continuavão a vexer sangue, quando a morte descarregou novo golpe na pessoa d'aquelle filho, a quem tanto amava!

Noite de 3 do corrente o Sr. José Rodrigues Ferreira matou assassinar sua mãe a Sra. D. Carolina J. Lima Ferreira, ferindo-a gravemente; e se não fora, tão promptamente soccorrida por uma sua irmã, esta infeliz Senhora teria sem duvida alguma sido victima da alienação de seu filho.

Terça-feira 4 do corrente tomou posse da Chefactura da policia, o Sr. Dr. Viriato Bandeira Duarte que era exercida interinamente pelo Sr. Dr. Antonio Marcellino Nunes Gonsalves.

Espalhou-se á dias n'esta cidade o boato de ter o *cholera* invadido o districto de Alcantara; e segundo uma carta que lemos no *Globo*, n'uma Fazenda, e em um só dia tinha sido atacadas 17 pessoas, apresentando alguns symptomas do *cholera*.

Taes boatos nos parecem só fillos do terror de que se achão possuidos os habitantes d'esta provincia, mas entretanto consta-nos que o governo acaba de enviar um facultativo áquelle ponto, afim de proceder ás necessarias indagações—e do resultado faremos sciente os nossos leitores.

Alem das tentativas de roubo, de que demos noticia em o numero passado, uma outra se fez contra a loja do Sur. Seiffert na rua grande, porem acudindo promptamente ao barulho os vizinhos, os ladrões se retirarão, levando um d'elles um barril ás costas.

Ha dias, no canto pequeno, e proximo á botica dos Srs. Serqueira & Neves, um preto do Sur. Francisco de Paula Henriques Cavaco, deu algumas facadas em um parido livre, official de carapina; o criminoso logrou evadir-se naquella occasião porem consta-nos que foi ao depois capturado; e o ferido foi immediatamente curado na botica do Sur. Villela, na rua da Estrella, e achase em perigo de vida. Convem que a policia tome estes factos em devida consideração, afim de que semelhantes scenas de barbaridade, senão reproduzão mais entre nós.

O governo acordou finalmente do seu somno de indolencia e lethargia; nas ruas da capital já se veem patrulhas. A policia que temos não é sufficiente para as rondas da cidade; pois segundo nos consta estão em serviço todas as noites unicamente tres patrulhas.

Somos de oppinião que o governo deve augmentar a força policial que se torna de dia em dia mais necessaria, a vista dos crimes e attentados, que se vão tornando cada vez mais frequentes.

O dia 16 do corrente é o anniversario natalicio do Jovem Monarcha portuguez—D. PEDRO 5.^o—e dia em

que necessariamente deve subir ao throno este Principe, em que se fundem todas as esperanças da nação portugueza.

Sentiremos profundamente, se não houver da parte dos portuguezes, aqui residentes, alguma prova, e demonstração de rigozijo por esta acclamação, que promette a futura grandeza e prosperidade do reino de Portugal.

Em lugar competente verão os nossos leitores as poezias offerecidas ao eximio artista Duarte Coimbra, por occasião do seu beneficio: não lhe demos publicidade no numero passado por falta de espaço.

O Sr. Coimbra estava à finalizar o seu contracto, e consta-nos por pessoa fidedigna que aquelle actor regressará à Pernambuco, a fazer parte da companhia do Theatre—S. Isabel.

Sentimos vivamente, que o Rei do Palco Maranhense, se ausente de nós, que soubemos sempre apreciar devidamente o seu merito. O Sr. Coimbra regressará a Pernambuco coberto de louros, applausos, e deixando apoz si um circulo de numerosos amigos, devotados, e sinceros; e inteiramente contristados com a sua ausencia.

No dia 2 do corrente voltou do Pará o Vapor S. Salvador; as noticias, que nos trouxe do estado sanitario d'aquella provincia, são cada vez mais satisfactorias. A epidemia estava extincta na capital, e alguns circulos do interior em que ella havia feito maiores estragos, achavão-se quasi livres, e mais desassombrados. Os Facultativos porem debatião-se fortemente no jornalismo, e ao que parece não conhecerão a fundo a epidemia, que tantas vidas ceifou na sua provincia.

O Baile de mascarar em beneficio do Sr. Salvador, esteve pouco concorrido. Os mascarar mais salientes, forão—o do peixe—e um outro, de calças e rodague branco, que apezar de sua simplicidade, tornou-se bastante curioso.

Como promettemos na nossa chronica passada, não faltamos ao Tivoly, que teve, devemos confessal-o, uma enchente muita boa; tendo trabalhado constantemente, tanto os novos jogos, como os antigos, sendo sobretudo mais frequentado o dos cavallinhos.

O nosso Tivoly não está ainda n'aquelle estado, que desejamos vel-o chegar; porem tem melhorado muito este anno, e já está algum tanto digno da nossa adiantada civilização.

Em todos os divertimentos apparece sempre um ou outro individuo, que procura lançar o ridiculo sobre os mais circumstantes: assim aconteceu no Tivoly. Um quidam, que não tinha bilhete para a dança, principiou a mofar do baile por ter sido concorrido, quasi, que exclusivamente por caixeiros. Um dos directores, compadecido d'este quidam, vendeu-lhe um bilhete, porem oh! fatalidade... por mais que este jovem fizesse diligencias, nunca foi possivel obter um par!!

A Sociedade—Confiança Maranhense—já deo principio a edificação da praça de mercado, e os trabalhos proseguem com grande rapidez.

Tem-se ultimamente sentido grande falta de carnes verdes, nesta capital; ignoramos se será isso devido ao espirito de especulação, ou mesmo a muita exportação de gado para a provincia.

Em alguns sitios, segundo nos consta já se tem vendido a libra de carne a 120 rs.!!

Os padeiros tambem de sua parte fazem o que podem; o pão torna-se cada dia mais pequeno; a continuarem assim, teremos breve de comer pão pelo systema homeopathico—isto é reduzido ao mais pequeno tamanho.

Leitor! A nossa tarefa está concluida; esperamos que não nos obsequieis com a vossa judicioza critica, porque aßsim nos tercis sempre ao vosso serviço. Amanhã sem duvida nos encontraremos no Tivoly. Adeus até a semana.

UMA LAGRIMA

Sobre o tumulo do meu Primo e amigo
Manoel Joaquim Pinto Lisboa.

—A Barca S. Salvador, foi portadora da infausta noticia de haver succumbido em Pernambuco o estudante Maranhense Manoel Joaquim Pinto Lisboa!

Esta noticia tão inesperada veio trazer ao selo de sua illustre Familia a dor a consternação e o luto! Todos os seus amigos, e as mais pessoas, que durante muitos annos, d'esta provincia, cultivarão relações de amizade com o illustre finado, se achão hoje possuidas de um verdadeiro e profundo sentimento por tão grande perda.

Seus Pais o tinham destinado ao estudo das lettras, attendendo à sua inclinação, e os dezejos que mostrara este Jovem, desde os seus primeiros annos, de applicar-se a ellas.

Frequentou pois nesta provincia todos os estudos requizitados para a matricula na Academia de direito, sempre com muito proveito, e manifestando sempre um talento pouco vulgar.

Concluidos que forão estes estudos, retirou-se para Pernambuco, e dentro de pouco tempo se havia matriculado na Academia.

O seu rapido progresso, a sua grande applicação e gosto pelas lettras, bem depressa se fez conhecer dos seus collegas, que por isso lhe votarão uma estima e amizade assás digna do seu comportamento ilibado, e das suas virtudes.

Mas oh! desgraça... este Jovem de tantas esperanças, e cujos serviços se tornarião um dia uteis a seus Pais, á seus parentes, á seus amigos, e á Patria, desapareceu para sempre da face da terra, qual brillante estrella, que depois de ter percorrido o espaço se occulta no horizonte!...

No momento de partir para Pernambuco e de despedir se de sua terna Mãe, suas faces se tornão lividas, e seus olhos despedem duas torrentes de lagrimas.

Quem diria pois que aquella despedida, havia de ser a ultima, e que aquelle adeus, cheio de tantas saudades, seria um adeus eterno?....

Ninguem por certo o advinhara....

Mas enfim... as leis da Providencia são immutaveis; elle obedeceo ao chamado do Senhor, e sua alma goza agora entre os justos, o premio dos seus soffrimentos e de suas virtudes cá na terra!

Sua vida foi sempre um composto de decepções, enganões e desgostos; e tudo, tudo soffreu com animo forte e resignado; com constancia e com passibilidade; sem soltar um só gemido, uma só lamentação, uma só queixa contra pessoa alguma; enfim soube perfeitamente seguir o exemplo que nos legou da cruz o nosso Salvador.

Dotado de uma alma pura e de um coração ingenuo, terço, brando, e affavel, nunca causou o menor desgosto, e nunca lançou o odiozo sobre qualquer de seus collegas.

Sempre triste, sempre melancolico, sempre concentrado, este jovem parecia revelar uma paixão que o deliahava, e que o impellia para o tumulo; um presentimento de uma morte prematura e certa.

E não se enganava...

Manoel Joaquim Pinto Lisboa, modelo dos filhos, o transumpto fiel de todas as virtudes, e depois de um longo soffrimento, depositou finalmente no dia 4 de Agosto, sua alma aos pés do Senhor, ainda no verdor de seus annos, e quando contava receber os louros da sciencia, depois de tantos incommodos trabalhos e sacrificios!

Estorcendo-se em seu leito de dôres e de agonia jamais se esquece de sua Mãe.

Sua alma, pura como a de um anjo rompeo véo da humanidade; no mesmo momento em que seus labios procurão, mas debalde... pronunciar o nome d'aquella, que lhe dá o ser, e que lhe prodigalizára sempre tantos desvelos, tantos carinhos, tantos cuidados, e affectos!

E o que pois resta à esta infeliz Mãe depois de tão grande perda? Nada... nada, que não seja o soffrer... um soffrer continuo... um soffrer enfim que só terminará entre as frias paredes de um sepulcro!...

Recebão pois os Pais do illustre finado, estas poucas linhas, como a expressão mais viva do nosso sentimento; e como um tributo ao merito e a virtude.

R. F.

—Lê-se no *Diario do Gram-Pará*.

POESIAS.

Ao distincto actor Duarte Coimbra na noite de seu beneficio no Theatro Providencia, em 9 de Agosto de 1855.

A tua orgulhosa de vate soberbo
Que cante as façanhas de heroe deshumano,
A lyra vendida d'algun menestrel
Que louvas deficits d'um mão soberano:

Aos pés da belleza rendidos poetas
Entoem canções de terço amor,
Comparem-lhe as graças, os labios, as tranças
Ao ceu, ás estrellas no brilho e na cor:

Taes vozes, taes versos não tenho na lyra!
A minha é ingenua, porem verdadeira,
E filha das artes, só louva o artista,
Que segue da gloria honrosa carreira:

Só louva os artistas que fallam, que pintam
Ao vivo os quadros de vivo sentir,
Que fulgem no templo da deosa Thalia,
Que fulgem quaes astros de vivo luzir.

São esses os nunes que adoro no palco,
A esses meu canto humilde darei,
E c'roas, e rosas, e myrtos e louros
Em fronteas tam bellas contente porei.

Tu segues do Talma os vôos altivos,
Traduzes n'um gesto prazer e paixão,
Tocaste a grandeza da sublimidade,
Quando nas *Memorias* disseste—SIM, NÃO

Ganhaste, Coimbra, os louros as palmas,
Que o genio sem custo costuma ganhar,
E firmas um throno de mil corações,
Onde has de p'ra sempre viver e reinar!

M. Branco.

A deusa mimosa, que ás artes preside
Fadou-te artista, marcou o teu nome,
Tens fé no futuro, demandas tranquillo
Teu bello horisonte zombando da sorte!

E um povo illustre amigo das artes
Exulta de ver-te, e dá-te ovações,
Tributo devido aos dotes sublimes,
Que deu-te natura vencendo isenções!

Es astro fulgente, que cegas, que illudes
Se pintas em scena accções que enamoram;
Se mostras virtudes, se fallas de amor,
Es nune querido que todos adoram.

E sobes, e sobes ao alcaçar da gloria
Nas azas do genio, que o ceo te concede;
Es livre no vôo, remonta qual aguia
Ao templo augusto, que nada te impede.

Os fados beninos te cingem a fronte
De rei triumphante, rival de Thalia;
E os côros celestes repetem—COIMBRA—
Em magos accents de sacra harmonia!

Pará 9 de Agosto de 1855.

M. Cavalleiro.

Astro ingente luminoso!
Aceita tributo honroso,
O testemunho mimoso,
Acolhe d'amiga fama:
São frases do coração,
E uma justa ovação,
É a voz da gratidão,
Que o merito teu proclama.

Co' o filho dilecto d'Arte,
A muza seus dons reparte:
Quiz o destino fadar-te
Inestimavel condão,
Es grande por gentileza,
Distincto por natureza,
Triumphos te dão nobreza,
Tens no teu genio um brasão.

Quem melhor, que tu exprimo
O horror qu'inspira o crime?
Ou a magoa que comprime
O peito do desgraçado?
Quem melhor da pena dura
Mostrará toda amargura?
Aonde com mais doçura
Meigo accento namorado?

Se no palco, afortunado,
Ostentas alegre estado:
Se pungido amargurado,
Simulas agros tormentos:
Se vetusto encanecido,
Te finges todo opprimido
Sempre, em grãos muito subido
Delatão-se os teus talentos!

Oh! quanto é doce escutar
Teu suave modular!
E como é bello gosar
As tuas sublimidades!
Ao ouvir-te estasiados,
Sob effectos variados,
Nos sentimentos transportados
As tuas idealidades!

Ao ver-te na scena, altivo,
Terno, eloquente, expressivo;
Quem não ficará captivo
Em doce emoção gostosa!
Deleitas como o ridente
Occaso do sol fulgente:
Como o zanir da torrente;
Como o perfume da roza.

Mordazes e vis censores,
Curvados aos teus primores,
Não pôdem murchar as flores
Da tua mimosa palma!
Actor Distincto saudado;
Em glorias mil repousado;
Das musas sempre afagado;
Teu nome revela um Talma!

Não teme a sorte inconstante,
Das scenas o rei brilhante,
O genio discorre ovante
Dos fallos sobre a dureza,
Assim de frente altaneira
Artista, segue a carreira,
Segue a senda lisongeira,
Que te aponta a natureza.

B. Bitancourt.

Fadou-te, artista do Talma
A nobre vida o Senhor,
Inscreeu-te dentro d'alma
As artes sentir amor,
Deu-te vida maravilhosa,
Mas vives, qual vive a rosa
D'um jardim entre as flores,
Quando assomas no proscenio
Nos extasia o teu genio
Pintando prazer, ou dores!

De luz brilhante derramas,
De luz que a todos fascina,
Meigos raios, lindas chamas,
Vibrando tua voz divina,
Tornas aqui sensitivos
Os corações, que mutivos
Nunca puderam mover-se,
Respiram-se aqui venturas
Nessas scenas de ternuras,
Nos teus arcos tão bellas!

E minha lyra mui pobre
Para louvores tece-te,
Tenho sim, um peito nobre,
E quanto posso offerecer-te!
A cantor d'alto renome
D'eternisar o teu nome
Pertence a famosa gloria,
Pertence a tua valia
Gravar em doce poesia
Lá no templo da Memoria!

Fadou-te, artista, do Talma
A nobre vida o Senhor,
Inscreeu-te dentro d'alma
As artes sentir amor,
Deu-te vida maravilhosa,
Mas vives, qual vive a rosa
D'um jardim entre as flores,
Quando assomas no proscenio
Nos extasia o teu genio
Pintando prazer, ou dores!

F. C. Rossard.

— Lê-se no *Diario do Commercio* —

POESIA

Offerecida de Maranhão ao eximio Actor o Sr
Antônio José Duarte Coimbra, por um seu
amigo pela occasião de seu beneficio no
Theatro Providencia do Pará.

Artista sublime teu nome saudoso,
Trouxerão-m'o as brisas á face do mar!...
Vierão-mo em scena pintar-te afanoso,
Da lyra dormente um hymno arrancar!...

Lá vejo entre glorias teu genio ridente,
Nessa arte tão bella quem pode offuscar?...
Não sabes que o aleazar d'um Talma fulgente
Foi palco brilhante de glorias sem par!...

Que hymnos saudosos!... são glorias d'artista,
Mimosos affectos d'eterna ovação:
E longa a distancia não posso c'o a vista,
Tão puros leval-os ao teu coração!...

Prosegue e não temas que o zollo inconstante
Te zuzza mesquinho, que é grande o valor,
Que a alma t'inspira, que di-corre ovante,
Do genio portento, do palco o primor!...

Agora recebe, artista mimoso
A offerta mesquinha do meu coração,
É fragil a lyra que vibra saudoso...
São echos sonóros que humilides la vão...

Maranhão 30 de Julho de 1855.

C. D. P.

ACROSTICO.

U ventura te fadou
U entre todas á mais bella;
U, como tal procura
Uminosa tua estrella:
Uá emfim ella raio
Uda bem que pude vê-la
Ugo meu peito conservá-la
U vida qu'erer p'ra gozá-la.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

Sentinella publica-se todos os Sabbados, e subscree-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.^a Serie. Maranhão 16 de Setembro de 1855. N.º 36.

ADVERTENCIA.

—As pessoas que se dignarem honrar-nos subscreevendo para o nosso Jornal, poderão dar os seus nomes e moradas ao distribuidor para lhe ser immediatamente entregue.

A L U A .

.. Vai-se o sol escondendo á flor das aguas,
.. Some se todo—vem a noite escura,
.. Piaz, as aves pelos ares pairando,
.. De leve a brisa sobre o mar murmura.

(T. Queiroz.)

O sol acabava de nos enviar o ultimo adeus, das derradeiras serras do Occidente mergulhando-se abrigado nas ondas refulgentes do Oceano. Quando a Lua a formosa rainha da noite começava a abrir as prateadas cortinas do Oriente, caminhando ao depois sobre as orlas de um azulado bellissimo.

Como é triste o viver—só pensativo,
D'um mundo mais firme eu vi o encanto,
Que nem pode explical-o, o sentimento,
Nem cantal-o o fervor d'um debil canto.

Agora na abobada de que ella nos parece a lamina eterna, se vai começando a crivar de pontos luminosos, dos quaes uns parecem perfeitamente fixos, e outros se agglomerão em partes com uma sentillação variavel; e é a tudo isto que podemos chamar o ethero cortejo da Lua.

Astros mil se rolavão no horisonte,
Encantos mil, eu via com surpresa,
O mar qual branco veu se deslisava,
Que magnifico ha mais que a natureza ? ..

Quanto é bello e sublime contemplar a natureza ! .. que veaha o Atheu aqui duvidar a existencia do Creator ! .. que se lhe não cõe na alma a verdadeira fé. —

Como é bello ! .. que luz pallida derrama sobre a terra ! ..

—E os raios dos teus brilhantes dominios, para te mirarem a flor das aguas, prateares com teus raios,

tudo o que, de mais bello se offerece aos nossos olhos. . .

Es tu, um astro verdadeiramente romantico, e poetico, tens sido o éstro de magnificas inspirações companheira saudosa do infeliz ! .. Não ha quem te observe que se não sinta tocado pela verdade poesia. Protectora dos philosophos, contigo tocou o profundo Volnei nas espantozas ruinas Palmyra—estendendo, como estendes teus raios poder de sua vasta e erudita imaginação.

—E é quando vagueias n'esse espaço immenso^m fronto, que esquecendo muitas vezes o inhar das turbas, os praseres da cidade me meditar profundamente; é n'estas occasiões concentra n'alma, as recordações da infancia de mais caro e doce na vida ! ..

Hoje porem, ao contemplar-te, corre-pensamento, uma illusão vaga e imcan pre como essas nuvens que por caso te occulramente a fronte—E é essa vaga illusão, e

Aqui, apraz me recordar as historia digna livro de ouro, o passado; unido-as com por serem ellas as duas partes mais impu vida, banhando-as depois com dolorozas

As vezes essas illusões esperançosa lar-me ao coração com feliz presungio, por de uma luta ideal—eis-me despido de tod'essa reira da vida como o cedro isolado no mei resta. . .

E tado é na vida uns sonhos tão vagos,
Que a mente entristecem por meigas solidô
Chimeras humanas, d'ideas fingidas,
Que tudo abrangem, são tudo illusões ! ..

Nos tempos passados quando era infante,
Qu'ideas não tinha d'esperanças doiradas !
Mas hoje, ó meu Deus ! .. co'a lucta dos tempo
M'estão taes lembranças no tronco murchadas

Mas trago inda a sorvos amargos desgostos,
São negros os dias de um fraco mortal;
Fortunas pensando, parsendo venturas,
Ca morre proscripto da terra natal.

São véus anhelantes que a mente escurecem,
No livro do Eterno lá sômos marcados,
Por ágnos caminhos d'abrilhos tam cãcios,
A vida la temos, lá temos os fados.

Voltamos de novo a Lua.

As vezes tornaste rapidamente triste, quando te tobião a face, alvacentas nuvens; mas logo depois nos appareces a entornar sobre a terra, as torturas de tua melancolica luz. . .

As flores abrem as côrrolas com o lacrimoso orvalho do teu pallido manto, e se expreguição sobre os seus mimosos troncos, parecenda assim contemplar os teus magestosos encantos. Os ventos calmão-se e apenas o ciclar das brizas pelas folhagens dos arvoredos, pelo matto rente que matiza os campos, se faz ouvir monotonamente.

Oh! tu exalas no espirito do poeta mimozos captos. . . e só elles é que te sabem ter, que te podem analysar, tu os elevas alguns momentos, acima de tudo quanto ha mesquinho na terra, fazendo os vibrar sonorozamente na lyra sagrada do coração.

Tens sorrisos qual a esperança,
Pelas nuvens emballada;
És bella como a lembrança,
De linda—Moira—encantada! . .
Os teus raios sem ardôr,
São puros, qual puro amôr,
Do peito qu'ardente o euecra:
Mes pr'mim não és tão bella,
Nem formozza como aquella.
Lá dos céus da minha terra! . .

Emfim parecez imprimir no espirito um não sei que de vago e inexplicavel.

Ao depois de tanto meditar, e de contemplar tuas bellezas que vem tocar magneticamente o coração; cerra o homem as palpebras, entregando os gosos do sonno até que venha o Rei da Nozta, marcar nas orlas do horisonte a aurora do seguinte.

A SENTINELLA

Abbadado as 6 horas da tarde.

Teu . . . E chegada o momento de darmos nossa tarefa; não a levaremos porém muito. Nas que apesar de ser muito limitado o espaço que hoje podemos dispor, tornar-se-hia o gesto fastidioso aos nossos amaveis leitores; Dos focutaremos resumir o mais possivel os Assistentecientes d'esta semana.

Arri . . . cipisremos pois pelo *Tivaly*: Segundo 9 de corrente lá nos achamos. A conclusão desta vez excedeo a quantas tem havido, o parece, sendo para notar, que o madal, que em nossa opinião, pouco sympathiza. Esta qualidade de divertimentos, provou nada, que sabia já aprecial-o devidamente. D numero dos concurrentes calcula-se ter mais de 1:200 pessoas.

Todos os jogos trabalharão (como não aconte sempre) constantemente, até depois do fogo. Para os cavallinhos novos havia sempre grande numero de pretendentes, tanto homens, como Senhores, e por muitas vezes, que nos aproximamos para calvalgarmos, fomos repellidos; porque os cavallos estavam sempre occupados.

Verdade é que pela bondade do Sr. Theotónio algumas vezes, lográmos obter alguma cadeirinha, ou mesmo algum cavallinho.

O jogo do castello foi tambem bem frequentado, levando as lampas a tolar, o Sr. Alceida Sobrinho. Nunca vimos uma mão tão certa, como a

d'este Sr. Raras vezes deiva a de dár no alvo; parece ter muito jeito para artilheiro.

O Baile campestre esteve bastante interessante. O salão esteve bem illuminado, e occupado quasi que inteiramente pela flor da nossa mocidade; como parecendo nelle um numero extraordinario de bellas e encantadoras *JOVENS*. As meninas, que fizeram as horas do baile passado, d'esta vez ficarão lo-gradas, bem a seu pesar, por haver bastantes Sras. que em todo o caso tem a preferencia.

Durante o baile reinou sempre no salão muita boa ordem e grande harmonia.

Depois alguma couza das 10 horas principia a arder o fogo artificial, que devemos confessar foi um dos melhores, que temos visto.

—Passavamos Domingo pela rua de. . . . quando do lançando os olhos para uma janella observamos uma linda Jovem de olhos pretos

ERA UM ANJO.

Eu vi os seus olhos,
Mostravão langor;
Se os labios abrindo
Eu vi reflectindo
As perolas de amor.

Tam bella que á ella
Oihou-me e sorrio:
Tam rubra que a rosa,
Ficou tam mimosa
Depois que me viu.

Fallei-lhe, fallei-lhe,
Que ella escutou:
Um riso modesto
Com graça, mui presto,
Nos labios poisonou.

Tornou para mim
Seus olhos fitar,
Cobrem de paixão
Crescia meu desejo
Com sede de amar.

Eu vi a pureza,
Celeste ternura
Nas faces da bella;
Mais linda que Ella
Não ha formosura.

Para que o publico, possa aquilatar o procedimento de certos homens, que valendo-se de alguns ainda fracos meios na sociedade, procurão espezinhar os menos favorecidos da fortuna, apresentamos aqui o seguinte facto entre o Sr. Salvador Gabriel Romero e o Sr. Francisco Marques de Souza recentemente chegado da provincia do Ceará. Este rapaz logo que desembarcou, vendo-se sem protecção alguma, sem amigos e conhecidos, e não tendo meios para poder viver, destinou-se a apprender o officio de marceneiro, contando que assim poderia obter o pão para a sua subsistencia, e tambem vir honradamente na sociedade. Para este fim pois dirigio-se ao Sr. Salvador, que promptamente o admittio ao officio, concedendo-lhe oito dias, findos os quaes tratarião de fazer o necessario papel de trato, si o rapaz concordasse em ficar em sua casa. Ainda porem não tinham decorridos os dias convençionados entre ambos, alguns discipulos d'aquelle Sr. principião a maltratar o pobre rapaz com palavras injuriosas, e até mesmo ameaçando-o com pancadas. A vista disto, e por prudencia, resolveo este retirar-se para uma outra loja, e assim o fez por não estar ainda sujeito por condicção alguma. O Sr. Salvador irritado ao ultimo ponto, por con-

procedimento, dirigio-se immediatamente a palacio, e pediu ao Presidente, que mandasse prender o rapaz, o que promptamente foi executado. Conservava-se ainda Salvador em palacio quando entrou Francisco Marques de Souza escoltado por dous soldados. Foi então, que teve lugar a scena mais triste possivel. O Sr. Salvador abriu a bocca, e vomitou sobre o pobre rapaz toda a sorte de calumnias, sarcasmos, affrontas e injurias, respondendo este pouco a tanto odio, e desejos de vingança com um simples sorriso de extrema innocencia e concentrada amargura. Findo porem este monologo, em que o seu actor só respirava vingança, o infeliz Cearense foi recolhido ao quartel pelas 11 horas do dia, e pelas 4 da tarde assentou praça no corpo de policia, sem ao menos concederem os 3 dias, que marca a lei, para o recrutado apresentar alguma cousa em sua defesa. Levadas de perfidas insinuações, as autoridades julgarão convenientemente proceder n'este negocio com aquella precipitação.

No novo cemiterio — *Gavião* — já principiou a ter lugar os enterramentos, apesar dos continuados protestos do Sr. Lirio; o Sr. Antonio dos Santos Villella foi o 4.º allí sepultado.

Falleceu hontem e foi sepultado no cemiterio dos Passos o Sr. Manoel Pereira Ramos, proprietario da Typographia da Temperança e Editor do Jornal o *Constitucional*; contava 55 annos de idade.

A terra lhe seja leve.

Ao que parece vai haver hoje no Theatro S. Luiz, baile de mascaras, sendo no sallão de cima sem mascara, julgamos em tudo este preferivel aquelle; para o qual ja temos um bello par.

Até esta hora em que escrevemos ainda não entrou o vapor, que se espera do Sul; esta demora é sem duvida motivada por estar a fechar-se a Assembleia Geral, e ter o vapor de conduzir os Deputados.

Leitor! A nossa tarefa está concluida, e por isso vos desejamos saude e felicidades, e esperamos que nos offereçais algum refresco no *Tivoly*, por conta dos premios que tiraste na Loteria de segunda-feira — Adeus até a semana.

POESIAS.

A REPULSA.

Em vão, Marilia, pretendes
Tornar ditoso o meu fado,
Pois quem foi atraído,
Feliz já mais pode ser;
Oh! Marilia, assim vivendo,
Melhor me fôra morrer.

Pôde ser q'inda possas
Teus protestos renovar;
Mas em ti acreditar
Nunca isto hade se ver;
Oh! Marilia assim vivendo
Melhor me fôra morrer.

Muitas vezes, oh! Marilia,
Me destes o nome de amante;
Mas uma vez inconstante
Mil vezes o podes ser;
Oh! Marilia, assim vivendo,
Melhor me fôra morrer.

Muitas vezes junto a ti,
Te jurei eterno amor;
Tu pagastes com vigor,
Eu ja toais te posso erer
Oh! Marilia, assim vivendo,
Melhor me fôra morrer.

Eu bem sei que teu amor
Meu peito pode guardar;
Porem o podes furtar
Sem que o possa perceber
Oh! Maria, assim vivendo
Melhor me fôra morrer.

Por tanto, Marilha ingrata
Engeito protestos teus:
Jurei-o perante Deos
Jamais o devo querer
Adeos, Marilia que morro
Adeus não posso viver.

QUERES.

Queres, Armia, que meos labios abra
Para fallar de amor;
Meos labios ressecados pelo halito
Do cruel dissabor?

Queres qu' eu te converse co' a linguagem
Cum que fallei-te outr'ora
Estando afflicto, á maldizer do fado
Á suspirar agora?

Queres que eu te reviva os passatempos
Que na infancia gosamos,
Quando para a terceira idade já
Tão depressa marchamos?

Queres que eu te confesse, que te diga
Si te voto affeição,
Si sou sincero, — si te adoro firme
Si é teu meo coração?

Queres que eu te assegure si a promessa
Que de ha muito te dei
Debaixo de um protesto quasi santo
No porvir cumprirei?

Não posso responder-te ás exigencias
Hoje, perdôa Armia,
Não te enfades, meo Aujo, não, te peço,
Guarda-as p'ra outro dia.

V. S.

ACROSTICO.

ojo querido e adorado
os fadou o teu porvir,
e um astro mui brilhante
a no orisonte á sorrir;
ngenua joven mui bella
a terra não tem igual
delha! é o nome della.

S. Lu

—Lê-se no *Suspiro*:

A ROSINHA.

Offerecido ao meu Amigo J. C. F.

N'um jardim delicioso
Em tarde amena, eu entrei,
E d'entre as flores mimosas
Da ROSINHA me encantei.

Um singelo botãosinho
Pareceu-me *ella* beijar,
Do botão tive ciúmes
A ROSA quiz desprezar.

Cheguei-me, então, á roseica
Para a ROSINHA apanhar,
O botão, com seu espinho,
Não consentio lhe tocar.

Retirei-me pressuroso
Com saudade da ROSINHA:
Que fazer se d'outrem era
O coração da lindinha? . . .

Jurei, d'ahi em diante,
Á outra não mais amar;
Protestei a sós comigo
Meus desejos sepultar.

Agosto—17.

C.

VARIÉDADES.

Questões enigmáticas.

P. Que é o que a gente põe na mesa e parte ao meio, sem todavia o comer?

R. Um baralho de cartas.

P. Que é o que nos apparece uma vez n'um minuto, duas vezes n'um momento, e que jámais se mostra n'um seculo?

R. A letra M.

P. Quando é que todas as mulheres são igualmente formosas?

R. Quando estão as escuras.

P. Quem é que se assenta sem cerimonia, e como chapéu na cabeça diante d'um príncipe, d'um rei, d'um imperador, ou d'um presidente da republica?

R. Um boleeiro.

P. Que é o que os homens, mulheres e crianças fazem todos ao mesmo tempo?

R. Vão envelhecendo.

P. Que é o que se deixa queimar para guardar um segredo?

R. O Lacre.

P. Que differença ha entre Salomão e M. de Rothschild?

R. Salomão era o rei dos judeus e M. de Rothschild é judeu dos reis.

P. Em que mez é que as mulheres follam mais nos?

R. É no mez de fevereiro, por ser mais curta que os outros.

Mulheres.

—Passar por discreto em amor, é já carecer de discipção. O homem discreto é o que acreditamos insensível.

—A mulher, que ao seu amante não sabe dar virtudes, dar-lhe-ha seus vícios, ou aprenderá osdelle.

—É difficil fallarmos das mulheres, excluindo o amor.

Fallar do amor, em relação ás mulheres, é ruminar sobre o mesmo objecto.

—Quando o amor não tem alguma coisa que o assemelhe á virtude, é inconsciencia chamal-o amor: melhor é dar-lhe outro nome.

—Para os homens, a logica é uma sciencia: para as mulheres, a persuasão um dom da natureza.

Anecdota.

—Dizia um faceto escriptor portuguez, que ao seo maior inimigo desejava quatro cousas:

—Pedir—ainda que alcançasse.

—Jogar—ainda que ganhasse.

—Demandar—ainda que vencesse.

—Casar—ainda que fosse com boa mulher.

Maximas e pensamentos.

—É em geral uma regra muito pouco segura, a de julgar os homens e as cousas pelos acontecimentos.

—Em todos os tempos, e entre todos os homens, a força da opinão tem decidido dos maiores acontecimentos.

—Os homens formam os projectos, e Deos dispõe dos acontecimentos.

—A felicidade está menos nos acontecimentos, do que no partido que sabemos tirar delles.

—Espera o exito dos acontecimentos, antes de vos alegrardes ou de vos queixardes.

—É impossivel que duas pessoas vivam entre si de acôrdo, sem esler uma á outra muitas vezes!

—Em lugar de pôrem de acôrdo suas inclinações com a religião, a maior parte dos homens procuram pôr de acôrdo a religião com as suas inclinações.

—Todos estão de acôrdo sobre a necessidade da felicidade; mas quasi todos discordam acerca dos meios de conseguil-a.

O homem que, raras vezes, se conluzido á verdade por puras abstracções, deixa-se logo conluzir pelo seo interesse.

—Os inconvenientes da abstracção são terriveis, quando ellas são investidas da força publica.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.^a Serie. Maranhão 22 de Setembro de 1855. N.^o 37.

ADVERTENCIA.

—As pessoas que se dignarem honrar-nos subscrevendo para o nosso *Jornal*, poderão dar os seus nomes e moradas ao distribuidor para lhes ser immediatamente entregue.

A SEMANA

—Leitor! A hora para nós mais desejada, e que mais satisfação nos cauza, é sem duvida aquella, em que nos apresentamos a conversar com os nossos amáveis leitores.

Algumas vezes, acontece, que parecemos trepidar na carreira, que diligentemente temos procurado seguir até aqui, attendendo antes de tudo as nossas poucas luzes; outras porém, certos da nimia bondade dos leitores, em desculpar as nossas faltas, começamos a nossa tarefa com grande ardôr, e com a mesma perfeita confiança.

Deixando porém de preambulos, que se tornão as mais das vezes fastidiosos, principiaremos a narração dos acontecimentos mais importantes d'esta semana.

No dia 16 do corrente anniversario natalicio do Jovem Monarcha Portuguez D. PEDRO 5.^o; e dia destinado para a sua coroação, todos os navios mercantes surtos n'este porto, conservarão-se em bandeirados todo o dia, mostrando assim a veneração e o respeito que ligão á pessoa d'aquelle illustrado principe, que promette a regeneração da nação portugueza, a sua força, grandeza e civilização futura. As fortalezas e Vasos de guerra nacionaes, aqui estacionados salvarão a uma hora da tarde.

Em 15 do corrente recebeu-se em casamento Sr. Candido Cezar da Silva Roza com a Illm.^a Sr.^a D. Jozefa Roza Tompson—A escolha do Sr. Roza não podia recahir em pessoa mais ilonca, e por isso lhe desejamos um futuro rizonho, e toda a sorte de felicidades.

Como havíamos promettido no nosso numero passado, não faltamos ao baile de mascaras, que

teve lugar no dia 16, e para o qual, como dissemos, tinhamos um bello par, com quem dançamos a 1.^a contradança.

A concorrência d'esta vez foi muito maior, que a passada. Concorrerão para mais de 100 mascaras pouco mais, ou menos, porém entre elles, nenhum nos prendeu a attenção; estavam todos muito pouco chistosos.

Convem observar aqui algumas faltas que de leve notamos; taes forão a falta absoluta de policia no recinto do salão, o que deo lugar a algumas desintelligencias, e mais a alguns ditos pouco decentes dirigidos aos camarotes. A falta de agua tornou-se tambem bastante sensivel.—Deixamos de mencionar aqui mais algumas outras faltas, para que se não diga, que procuramos semear a discordia entre os concurrentes, e que procuramos cavar a ruina do quasi unico divertimento, que possuímos.

O Illm. Sr. Joaquim Tiberio Pereira, a quem o beneficiado pediu, que se encarregasse do lugar de mestre salla, no sallão de cima desempenhou-o satisfatoriamente, já pelas suas maneiras atenciozas e delicadas, já pela sua urbanidade e aptidão, deixando bastante pephorados, tanto os cavalheiros, que concorrerão em grande numero, como tambem todas as Senhoras.

Tambem não faltamos ao *Tivoly*: a concorrência foi, bem a nosso pezar, bastante pequena; quando muito se acharão alli reunidas 400 pessoas. Sem embargo disso teve lugar o baile no salão de Flora. Dous rapazes ainda quando a affluencia dos dilettantis era pouca forão as vias do facto, e a não ter-se uettido N. S. da paz de permelo, o caso se teria tornado mais serio; visto o encarnicamento de ambos os contendores—: as autoridades presentes intervirão immediatamente.

A Sociedade *Recreativa Militar*, que já contava não poucos dias de vida parece que vai finalmente deixar de existir; e isto por desintelligencias havidas entre alguns dos socios, seguida somos informados. Falla-se, porém vagamente, da instalação de outro, intitulado—*Club Maranhense*—debaixo de auspícios que assegurem melhora sua duração; fazemos votos para que esta se realize, e seja mais bem succedida, que a primeira. Parece um fado, que nunca empresas d'esta ordem prosperem entre nós. Mas tudo isto acontece por infun-

dadas desintelligencias, que logo germinão entre a maior parte dos associados.

Todas as tardas temos observado, que um bofiteiro enforquilhado em um magro sendeiro, corte desabridamente pela s ruas d'esta cidade, estragando as calçadas, e pondo em risco de serem atropeladas aquellas pessoas, que pacificamente transitão. Já u temos visto passar por uma mesma rua três e quatro vezes, e isto torna-se de alguma maneira, ridiculo aos olhos de um povo sensato.

Julgamos que o tal bofiteiro se perdeu de seu amo, e por isso chamamos a attenção da policia, afim de averiguar o caso, e proceder, como em rigor lhe compete.

No dia 17 do corrente, celebrou-se na Igreja de N. S. do Carmo, com a maior pompa possível, um officio solemne pelo eterno repouso do negociante José Ferreira da Silva Santos: a concurrencia foi bastante grande.

A noticia, que lemos em outro numero de haver o cholera invalido o districto de Alcantara firmados em algumas informações é inteiramente destituida de fundamento. Logo que correrão taes boatos o governo enviou um facultativo áquella cidade, e este observou, que o seu estado sanitario éra até o mais lizongeiro possível, tendo apenas havido alguns casos de febres intermitentes, sem gravidade alguma. Attribuem-se taes boatos espalhados por *alguem* que pretendia especular sobre o terror da população.

O estado sanitario d'esta cidade tem melhorado bastantemente. O tempo tem estado muito secco e ventoso—A bexiga vas declinando sensivelmente, dando-se já bem poucos casos de morte. Em virtude de ter sido a colheita de arroz este anno muito diminuta, e a vista da grande falta que se tem sentido, actualmte de carnes verdes, resolveo o governo prohibir a exportação para fora da provincia, de gado e arroz: julgamos muito acertada uma tal medida.

A Relação acaba de sustentar o embargo feito pelo Sr. Lirio ao cemiterio Gaviao. O Sr. Lirio acha-se ferido em seus mais vitaes interesses, e porisso não tem poupado sacrificio algum afim de defendel-os.

Até agora, e a pezar da justiça, que assiste ao Sr. Francisco Marques de Souza, de que fallamos em u numero passado, ainda se conserva com preça assente, e sujeito as terriveis provas, porque passa um pobre soldado.

Por casualidade veio-nos as mãos o *Publicador Maranhense* de 20 do corrente, e ahí deparamos com uma correspondencia, defendendo o Sr. Salvador Gabriel Romero das arguições, que lhe farão feitas no nosso ultimo numero.

Não éra por certo nossa intenção responder áquelle composto de toscos e mal alichavadas expressões: mas enfim o faremos, para provar que o arguido tem culpa no cartorio.

O tal rebiscador alugado, procura debaixo da capa de discipulo do Sr. Salvador, rebaixar-nos no ultimo ponto, dizendo: que todas as pessoas sensatas, teião algumas vezes lido o aranzel, que a tal *esmagna costuma a trazer*; por tanto as calumnias, que seção contra o Sr. Salvador, em nada o poderão offender.

Ora Sr. Domas, Sr. Eugenio Sue, Sr. Camões porque é que Vm. nos maltrata tanto; só porque defendemos a Souza do fraco contra o poderoso! S. S. não tem razão alguma por certo . . .

O proprio Sr. Salvador confessa os passus que deu contra o Sr. Francisco Marques de Souza. Se

aquelle Sr. estivesse innocente n'este negocio, certamente bem caro nos teria custado as poucas linhas, que contra elle escrevemos.

Mas assim não aconteceo . . .

O infeliz soldado queixa-se amargamente, e por toda a parte do procedimento pouco legal, que para com elle tiverão.

Parece que um cidadão brasileiro deve gozar de inteira liberdade em seu paiz; porem a Marques de Souza tudo foi o contrario: desembarcando em uma provincia, onde não tinha protecção alguma, julgou conveniente encostar-se a um homem generoso e bom, que o ajudasse, e que o arrancasse da miseria em que vivia. O homem pois que aos olhos do Cearense parecia teroir aquellas qualidades, foi sem duvida alguma o Sr. Salvador; recolheu-se pois a sua casana melhor boa fé; e o que resultou d'ahi? Resultou o que todos sabemos; fazerem-lhe mimo de covado e meio de panno azul, como muito bem se expressou o *sabio e alugado rebiscador d'aquella correspondencia*.

Conhecémos perfeitamente que o autor d'aquellas garatujes, é uma *capacidade litteraria*, que vive entre nós; e por isso não admira, que esse *grande genio* diga que os redactores da Sentinella não são para se medir com S. S.

E verdade isto: o *nobre* escrevinhador da correspondencia a favor do Sr. Salvador, é um *jovem de grandes esperanças*: já o temos visto por muitas vezes brilhar . . .

Aquelle rapazito com os seus *bem elaborados* escriptos é capaz de eclipsar a quantos sabios boverão na antiguidade.

Ter talento e sabedoria é só assim! . . .

Continue sempre d'essa maneira q' breve occupará um lugar *bem distincto* entre os sabios modernos porisso S. S. quiz por *bem merecer*, que em *digno rival* dos grandes poetas da epocha; e fingou o seu aranzel com uns versinhos (isto cá para nós) tão bellos que mais não podião ser! . . .

Chega cá agora marceneiro.

Quanto te custou aquellas linhas da tua correspondencia? Para que largas o teu banco, onde ganhas, o teu vintem, e abandonas a esza de teu mestre, que não bem te trata, para andares agora a escrever correspondencias, roubando assim as horas de meditação aos *sabios d'esta terra*?

Para que tudo isto?

Olha, escuta o nosso conselho: amolla a tua enxada, e o teu formão e deixa-te de escrever para jornaes, que nada te rende.

Deixa isso lá para os *grandes sabios e poetas*. O passo que deste foi errado, por isso dá cá a mão e leva uma duzia de palmatoadas, por conta de maior quantia. Por esta vez, ficas só com estas, porem não continues, senão . . . senão . . . levaras *balas* a valer.

Nunca mettas o teu bedelho onde não és chamado.

Publicou-se hontem o 1.º numero do *Diario do Maranhão*, em substituição ao *Globo*.

A travz de tantas difficuldades e tropeços logrou o Sr. Dr. Antonio Rego conseguir o que tanto desejava.

Chegou finalmente do Sul o vapor *Imperador*. Por falta de espaço deixámos de mencionar as noticias por elle trazidas, o que faremos no numero seguinte. O cholera continuava a fazer terriveis estragos na provincia da Bahia.

Leitor! O que á de mais importante nesty semana ahí está registrado, e exposto á vossa consideração, resta-nos pois agradecer a benignidade com que até agora nos tendes escutado.

Se ainda persistes em conhecer-nos, procuraí-nos amanhã no pavilhão de flora no Tivoly, onde nos vereis ao lado da nossa bella!

Adeus até scabbado.

O SACERDÓCIO.

— Eis aqui o maior onus, á que póde o homem sujeitar-se, aliás revestido dos mais agradaveis encantos, quando é elle bem desempenhado, o que na verdade é o mais difficil de se conseguir, por isso que a mór parte d'aquelles, que aspirão á tão ardua tarefa, não se lembrão, ou antes não meditam na sua sublimidade. As meditações d'estes só se conduzem ao interesse, á um modo de vida, como se fóra emprego publico. Desgraçados d'elles! Seus cálculos são indubitavelmente frustrados. E desgraçados para sempre! Committem um sacrilegio, que precipita-os nos eternos abyssos!

Infelizes também d'aquelles Pais, que constroem os seus filhos á tomarem esse melindrosa estado, quando as forças e capacidades d'estes são diminutas para seu desempenho! Seu crime é duplicado: elles tornão-se instrumento letal para de sapiedadamente sacrificar duas vidas, a propria e a do filho!

Com effeito um Pae, que assim obra, não deseja a felicidade de seu filho! Um Pae deve educar a seu filho, conforme prescreve a Religião Christã, porem de modo algum obrigal-o, á que siga este, ou aquelle estado, nem mesmo ainda o que é de sua profissão. Deixem-se os filhos procurar livremente, na idade precisa, o estado, á que tiverem maior inclinação, porem depois de bem educados pelos seus Pais; e se por ventura tiverem elles vocação, se forem dotados de pureza d'alma, e santidade nos costumes, em uma palavra d'aquellas virtudes, que mais resplandecem nos Ministros do Senhor: se não só por dever de Christãos, mas também levados por encantos, frequentarem a Casa de Deus, então é bom e útil, que depois de ser-lhes feita pelos seus Pais uma expliação dos deveres, que vão contrahir para sempre, mesmo os aconselhem, ou os ajudem com todos os socorros possiveis á submeterem-se á esses deveres, arrestando-se quanto possível fór, a idéa de constrangimento, iléa essa nefanda, e tres vezes nefanda!

Não basta, que diga um filho, que conheço a vontade de seu Pai—quero ser Padre—não, isto não é o que se chama vocação; deve sim declarar os motivos, porque o quer, os quaes, se forem de accordo, com o que já ponderámos, poder-se-hão chamar vocação, se bem que nós mesmos não julgamos ainda satisfatorio esse modo de dizer d'ella, o que de certo é devido á nossa idade, e diminuto talento.

Até aqui temos, ainda que mal, tratado em particular do constrangimento (porta da immoralidade) que a ninguém se deve fazer para tomar o estado Sacerdotal, passemos agora á emitir algumas idéas acanhadas á respeito da sua importancia, o que attendido servirá mais de base ao que acima deixámos exposto.

He o Sacerdócio uma instituição Divina: foi na occasião da Cea, quando J. Christo, transubstanciado o pão e vinho no seu sacrosanto Corpo, disse aos Apostolos, que fizessem o mesmo em sua memoria, e depois de sua Ressurreição estendeu mais os poderes, que havia conferido aos mesmos Apóstolos, dizendo: *Accipite Spiritum Sanctum: quorum remisistis super terra, remittuntur eis, et quorum retinueritis super terra, retenta sunt.* (S. Joan.)

Basta só esse principio para provar sem argu-

mento a importancia do Sacerdócio: não é preciso, que leveemos os nossos pensamentos além mas sim reflectirmos n'elle, para o que muito ajudarão algumas palavras, que aqui transcreveremos de um escriptor, dirigindo-se aos inimigos da religião Christã: "Sabeis vós o que é um Sacerdote, vós, á quem só este nome irrita, ou faz ric de desprezo? Um Sacerdote, é por dever o amigo, a providencia, viva de todos os infelizes, o consolador dos afflictos, o defensor de quem quer que é indefenso, o apoio da viuva, o pai do orfão, o reparador de todas as desordens e de todos os males, que as vossas paixões, e as vossas funestas doutrinas produzem. A sua vida inteira é um longo e heroico sacrificio á felicidade de seus semelhantes. Quem d'entre vós trocaria as alegrias domesticas, todos os gozos, todos os bens, que os homens procurão tão avidamente como faz o Sacerdote, por trabalhos obscuros; deveres peniveis, por funcções cujo exercicio parte o coração, e desgosta os sentidos, não recolhendo muitas vezes outro fructo de tantos sacrificios, mais do que o desdem, a ingratição, e o insulto! Vós ainda estais mergulhados em profundo somno, e já o homem da caridade, prevenindo a aurora; recomegou o curso das suas beneficinas obras, alliviou o pobre, visitou o enfermo, enxugou as lagrimas do infortunio, ou fez correr as do arrependimento; instruiu ao ignorante, fortaleceu o fraco, firmou na virtude as almas perturbadas pelas tempestades das paixões. Depois de um dia, tão cheio de iguaes beneficios, chega a noite, mas não repouso. Na hora, em que o prazer vos chama aos espectaculos, ás festas, corre-se toda a pressa a casa do Ministro Sagrado; um Christão toca os seus intimos instantes, vai morrer, e talvez de uma molestia contagiosa; não importa o bom Pastor não deixará expirar sua ovelha sem adocena-lhe as aguas da vida; cal-a das consolaciones da esperança e da fé, sem orar a seu Pai ao Deus, que morreu por ella, e que me dá neste momento um penhor certo de immortalidade no Sacramento de amor. Eis-aqui o Padre, eil-o aqui, não tal qual se compraz a vossa aversão em figural-o, julgando sobre algumas excepções escandalozas, mas tal, qual elle existe no meio de nós."

Daqui se deprehendem quaes as funcções Sacerdoticas, e por tanto quam tremendas não são as penas, que devem soffrer aquelles, que despresal-as; é pois preciso, que os Sacerdotes tenham muito animo, acompanhado de constancia de, sorte que não discrepem um só ponto das qualidades, que os caracterisão; do contrario tornão-se iguaes aos Anjos Celestes só em quanto a sublimidade do character indeleavel, que lhes está impresso, e troquam as suas acções á uma furia infernal!

Quando perante o Tribunal Divino comparecer um Sacerdote, réo da Carne e Sangue de J. Christo que, nem se quer, foi continente; quando a um tal Sacerdote o justo, o magestoso Juiz fizer esta proposição interrogatoria—Eu vos dei um meio salutar, para que suavisasseis as vossas paixões, porque o desprestasteis e preferisteis me servir com impureza d'alma na qualidade de meu Ministro!—que resposta dará esse réo? Ah! nem huma occorre; ah! pasma se elle, ah! é, que elle conhece o seu erro porem muito tarde! Sua sentença já escripta, ou é agora littaada—He, malito, para o fogo está vós, que tão scandalosamente quizestes zopelar do meu poder, e abastastes do minha clemencia—eis f'ito escrava do principe das trevas apelle, que outr'ora fôis indignamente Ministro d'Deus! eis comparada a uma furia infernal aquelle, que outr'ora era indignamente igualado a um Anjo! eis desmas-

carado o lobo, que se inculcára de pastor de ovelhas! eis patente o pensamento d'aquelle hypocrisia, que pretendéra enganar ao seu Creator! ei-lo emfim infeliz aquelle, que podendo ser feliz, deixou-se por vontade vencer da infelicidade eterna!!!

Oxalá podessem essas palavras, mal pronunciadas, despertar os corações d'aquelles, que dormem o somno do esquecimento das obrigações, e cuidado que devem ter, quando quizerem tomar sobre seus hombros a Cruz do Sacerdocio! que não reparassem elle sua nossa pessima eloquencia, mas sim no importantissimo assumpto, de que tratamos! que conhecessem distinctamente qual o fim, á que nos propoemos, que cifra-se todo na moralidade e bem do Clero!

Permittão pois os Céos, que vejamos consumados os nossos desejos! Assim o esperamos.

RECORDAÇÃO.

Salve! dia de Sam Joaquim,
Quando assim,
De almo praser festival!
Com tão innocentes folgaes
E cantares;
Inda não tive outr' igual.

Salve! aprasivel lugar,
D'encantar;
No Sa Vianna eternal,
Por ú elevarei um brado
Memorado,
Para sempre immortal.

Salve! momentos amargos
Saudosos,
Que tão lindos ali passei;
Junto de moças amaveis,
Estimaveis,
Bellos instantes gozei.

Nas pessoas então reunidas
Escolhidas,
Candida harmonia reinou;
Devida aos meigos encantos
Qu'erão tantos
Nas Senhoras—que enlevou.

E a'par de tanta alegria
Eu queria,
O meu passado esquecer,
Dezejava na terna Lyra
Que suspira,
Um canto d'amor tecer.

Mas triste é minha vida!
Que descrida,
Mais não pode que gemer;
Pois em minh'alma já é morta,
Qu'importa!
Da ventura a sp'rança e crer.

Salve dia de Sam Joaquim,
Para mim,
De grata recordação;
Para todos de f'licidade,
E saudade
Das lembranças de então.

Salve! aprasivel lugar,
D'encantar;
No Sa Vianna eternal!

No peito fica gravado
Sublimado,
O que me d'estes de real.

Salve delicias passadas,
Suspiradas;
Que vem n'alma rever;
Impressões tão lindas
Infundas;
Como jámais hei de ter.

Entre tão meigas Donzellas
Uma dellas
Fez palpar meu coração;
E no meu 'spirito ingente
Ardente
Nasceu fagueira illuzão.

Nos seus labios rizonhos
Não bisouhos,
Vi de seu coração—o sorrir;
E de seus olhos—na luz
Que seduz,
Vi das estrellas o fulgir.

No seu rosto angelical
Sem igual,
Vi o anjo que sonhei;
Em seu todo tão perfeito
De conceito
Meu ideal assim julguei.

Mas eu sou tão desgraçado
Lastimado,
Qu'inspirar não posso—amor!
D'assim viver é minha sina
Que me dói
Dia—a dia—pungente dor.

Salve! dia de S. Joaquim
Para mim,
De grata recordação;
Para as bellas de victoria,
E gloria,
Affectos, magia e condão.

Salve! aprasivel lugar
D'encantar
No Sa Vianna eternal!
Gratidão a ti gente generosa
Carinhosa,
Que nos hospedou divinal.

Salve! dia de S. Joaquim
Quando assim
De almo praser festival!
Com tão innocentes folgaes
E cantares
Quem dera outro igual.

26 d'Agosto 1855.

ACROSTICO.

Covent bella é encantadora,
Simples, é mui engraçada,
A natureza á dotou
Ella já mais encontrada,
Das jovens a mais bella
Fé-se a margem o nome della.

Maranhão.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANARIO.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.^a Serie. Maranhão 29 de Setembro de 1855. N.º 38.

A SEMANA

*Minha muza prosegue alterosa
Nesses teos formidaveis intentos;
Pois que é livre a ideia do homem,
E' bem livre os seus pensamentos.*

X. Z. N.

—Leitor! Occupar-nos-hemos hoje, e em primeiro lugar, em dar-vos algumas noticias do sul, de que foi portador o vapor *Imperador*, entrado n'este porto em 20 do corrente.

O dia 7 de Setembro, celebre nos annaes da historia brasileira, por ser o trigésimo quarto anniversario da independencia do Imperio, foi d'esta vez bastante festejado em Pernambuco, e abriu uma nova era de gloria, e de prosperidade aos filhos da grande America do Sul.

Neste dia, folgamos em dizel-o, lançarão-se n'aquella provincia os fundamentos de dous grandes melhoramentos, já reclamados pelo progressivo augmento de sua população, já pelo grande desenvolvimento de seu commercio e de sua industria. Estes melhoramentos forão, a inauguração do *Gymnasio Pernambucano*, e a da estrada de ferro, que deve ligar o interior d'aquella provincia á cidade do Recife. Os Pernambucanos exultão do mais vivo prazer, e nós tambem não deixamos de tomar parte bem activa n'esse prazer, aliás tão justo, e que enbraga a tão generozos, quão patrioticos corações.

Em virtude dos estragos, que diariamente fazia o *chulera* na provincia da Bahia; e para que os passageiros dos diversos vapores não soffressem rigorosa quarentena no porto do Rio, resolveo, e mandou o governo para alli o vapor de guerra *Beberibe* a fim de receber fora da barra as malhas, evitando assim todo o contacto com a terra.

A Barca Portugueza — *Aurora* — foi ante hemtem aduvida á livre pratica, depois de alguns dias de observação; desembarcando no mesmo dia todos os seus passageiros; ao passo que os do *Imperador* se conservão ainda retidos no lazareto da ponta d'areia.

Sentimos bastante, sempre que temos de referir factos, que hem nos desagrão; e que vão ferir

alguem, mas emfim somos obrigados a isso, e o fazemos guiados da mais perfeita imparcialidade.

Os passageiros da *Aurora*, e sua tripulação estiverão sempre em contacto immediato, com os passageiros retidos no Lazareto; entretanto, os primeiros forão desimpedidos, e estes conservão-se ainda allí encerrados ! ! . .

Em nossa opinião uns e outros deverião ter soffrido igual quarentena; visto procederem de portos infectados.

Ha poucos dias foi encontrado enforcado um mulato do Sr. Carlos Henrique da Rocha; ignoemos os motivos que levarão este infeliz a praticar um acto tão desesperado e —horrendo.—

Ha annos a esta parte temos observado, que o suicidio se tem tornado n'esta Cidade uma especie de mania.

Taes actos nos parecem só filhos da inteira e absoluta ignorancia religioza, em que vivem as classes menos favorecidas da fortuna.

Si estes entes tivessem verdadeiro conhecimento do quanto estes actos de de-esperação se tornão reprovados nos olhos de Deus, certamente nunca se deixarião cegar pela paixão, pelos desgostos, e pelos seus soffrimentos; affrontarião com animo forte, e resignado toda a sorte de provações, porque houvessem de passar;—quanto mais, que o homem não tem poder algum de destruir aquillo, que só Deus está reservado destruir.

O tal discipulo do Sr. Salvador, ou o seu *espirito Santo de orelha*, envergonhado e corrido das sandices, com que sujou o *Publicador Maranhense* de 20 do corrente, não ousou apparecer mais em campo.

Cóitado! Temos pena d'esse infeliz garatujador; mais emfim o que querião, se o pobre rapaz julgou ver no Sr. S. . . . o rosto encantador de alguma Duleicea!

Este foi talvez, sendo o verdadeiro motivo, que o obrigou a sticar com o formão para um canto; o garatujar a seu bel prazer; que o obrigou a fazer do *Publicador* um verdadeiro pasquim.

Cóitado! temos pena desse bucco de azame, que se move a vontade dos outros; e por isso castigal-o-hemos d'hoje em diante com o nosso desprezo.

Soffra embora o filho da America do Sul; mas não se levante um só brado em seu favor. . . mas

não se solte um só grão de indignação contra os oppressores! . . .

Faleceu no dia 26 da corrente o Sr. Cirurgião-mór José Maria Barreto, chefe de distincta família, na idade de 72 annos. Oito dias de padecimentos o arripstarão á sepultura.

As boas qualidades do illustre finado são de todos geralmente sabidas, para que façamos aqui d'ellas especial menção.

Antem de manhã regressou do Pará o vapor S. Salvador foi desimpedido pela Junta de hygiene por trazer carta limpa; ainda desta vez o commercio soffreu, as cartas só se derão no correio depois do meio dia! .

Os portuguezes residentes no Pará festejarão com enthusiasmo o anniversario do joven monarcha portuguez D. PEDRO 5.º; em lugar competente publicamos dois Sonetos offerecidos ao mesmo monarcha por occasião de um esplendido jantar.

Temos hoje baile da Sociedade Recreativa Commercial; vamos já tratar de escovar as botas, para não faltarmos a tão brilhante reunião.

Entrou do Sul esta manhã o vapor Paraná, ficou de quarantena.

Leitor! Estamos algum tanto incommodados, e por isso não podemos ir mais longe: e esperamos, que desculpeis d'esta vez o nosso laconismo.

Adeus até sabbado.

O SACERDOCIO.

—No numero 37 da Sentinella deixámos estampados alguns pensamentos sobre o Sacerdocio, cuja importancia, se bem que desenvolvida á poucas luzes que nos assistem, todavia não carece mais de demonstração nosca, uma vez que é elle de tão muito conhecida; não tornemos pois a repizar cousas, que por ninguem são ignoradas, porque em lugar de trazer novidade, tornão-se fastidiosas: longe de nós tal intento, voltemos sim á uma só, á que agora nos parece ainda necessaria uma pequena reflexão, ainda que fosse essa um dos pontos, em que mais nos estendemos, isto é —o constrangimento, que á ninguem se deve fazer para tomar o estado sacerdotal. —

Se fossemos só á medir a estensão das culpas cuja causa é o constrangimento, muita materia se apresentaria ao nosso artigo: porrem não, digamos somente, ou respondamos, se nos fór possível a esta questão, que nos foi suscitada por um nosso amigo, depois de já termos escripto o que se vê no referido numero 37 da Sentinella: que importa á um pae, que se precipite o filho na desgraça, quando aquelle não a teme, porque já se considera possuido d'ella? Como se dissesse, que importa á um pae ser seu filho desgraçado, quando o mesmo pae já o é? que importa á um pae as penas do inferno por um novo crime, se pelos passados já as merece?

A isto respondemos emittindo uma outra proposição interrogativa: que importa á um pae ser seu filho Sacerdote? Será por ventura por destino a felicidade? Se formos respondidos pela affirmativa, repetiremos com

o nosso Interrogante: que importa á um pae ser seu filho desgraçado, quando o mesmo pae já o é? Eis ahí uma completa contradicção.

Ou o nosso interrogante hade concordar conosco, ou então possuido dos mesmos sentimentos que os de um semelhante pae, cahira necessariamente em repetidos absurdos, como o em que acaba de ser contradito.

Admittamos, que um pae nunca commettera outro crime, outro peccado, senão o de constrangimento feito ao filho para tomar o estado sacerdotal, perguntemos agora: acaso esse pae não tolherá a liberdade do filho? Sem duvida tolhe. Será por ventura louvado aquelle, que practica uma acção boa (admitta se a hypothese) pelo amor do premio? Será isso virtude? Se é, pelo menos a moral o reprova.

Definamos como Jobo que é virtude, geralmente fallando: *Virtus est habitus actiones suas secundum leges conformandi; habitus, inquam, seu facilitas, et prontitudo legibus obediendi, quin opus sit penis compelli, aut premiis trahi.* Á vista d'esta proposição responde-se: tem o constrangimento se quer a menor apparencia de virtude? Nenhuma! Como pois confundir o que é vicio, o que é máo, com o que é virtude, com o que é bom?! Terá por ventura o vicio alguma relação d'harmonia com a virtude?! Nenhuma! Eis ahí já provado o outro absurdo.

Deos dando a liberdade ao homem, deo-lhe á escolher o bem e o mal, prometendo-lhe o premio, se na escolha preferir o primeiro, e o castigo no caso inverso. Ora se Deos, que creou o homem para gosar da felicidade eterna, não se lhe oppõe na escolha, como é que passará por acção boa entre os mesmos homens obrigar-se a qualquer seguir este ou aquelle estado, esta ou aquella condição, se em todo o estado e em toda a condição há tempo de sobra para se bem dizer a Deos, para ser virtuoso a fim de se conseguir o premio prometido?! . . .

Finalmente temos cumprido com a nossa promessa: resta-nos pedir ao benigno leitor perdão pelos erros, que commettemos, em attenção á nossa pouca idade, e mesquinho engenho, de que somos dotado.

Conselhos de um Pai a uma noiva.

—Minha cara filha. — Claudicava no exercicio do amor que sempre achaste em mim, e no desempenho dos deveres paternaes, que creio ter sempre cumprido com maxima sollicitude, se na solemne e importante occasião de te achares em vespéra de abraçar o estado conjugal te não offercesse conselhos paternaes, que sendo filhos de uma longa experiencia e da mais ardente affecção, podem in-

por em sobido grau na tua felicidade futura.

Antes porém de passar a isso, me apraz o declarar-te que o objecto da tua escolha tem a minha inteira aprovação, e posto que em conformidade com uma determinação tomada de ha muito de nunca negar o meu consentimento á decisão final das minhas filhas a esse respeito, por muito que me houvesse forçado para dissuadi-las de formar qualquer alliança desta natureza que não lhe parecesse proporcionada; para as fazer felizes, não pôde deixar de ser portanto para mim má lisonjeiro estar sciente que a tua vontade está em perfeita harmonia com o meu desejo sem que houvesse da minha parte a menor tentativa para a determinar.

Persuado me que o homem com quem estás em vespéras de unir a tua sorte reúne o que uma mulher razoavel pode dezejar: um coração excellente, bons princípios, costumes e maneiras de cavalheiro, experiencia do mundo, e enfim todas as qualidades proprias para vir a ser um marido terno e fiel á mulher que por sua conducta se mostra digna da sua preferencia e amor. Que elle presente mente te ama com a mais ardente affeição, te respeita profundamente, e altamente avalia as tuas boas qualidades, não admite, eu creio, a menor duvida; deve por tanto ser o teu constante estudo e cuidado perpetuar estes sentimentos para contigo, e é para auxiliar-te neste proposito que vou dirigir-te as seguintes observações.

O estado conjugal é um enlace que exige tanta circumspecção na sua formação, é uma relação em que tantas circumstancias importantes e delicadas devem reunir se para tornar inteiramente feliz, que seria um tanto arriscado pronunciar uma opinião decisiva, e assegurar que quaesquer duas pessoas são em todo o sentido e a todos os respeitos feitas uma para outra, seria na verdade conceder-lhes um grão de perfeição que não é partilha humana; mas até onde pôde chegar, creio que vós o sois, e que por esforços mutuos heis de gozar:

Domestica felicidade, unica ventura
Do paraíso que sobreviveu á sorte dura,

Lembra-te, minha querida filha, que o homem da tua escolha te pediu em casamento por preferir-te a todas as outras mulheres, e a razão das tuas boas maneiras, do teu genio, e da boa educação que recebeste; não fello das tuas qualidades pessoais, pois estas são comparativamente passageiras, em quanto as do espirito são duradouras; deves portanto esforçar-te para perpetuar esta preferencia, pela mais escrupulosa attenção a um asseio e arranjo exemplar na tua pessoa, a todo o tem-

po e em todas as circumstancias, para que o exterior que lhe agradau não soffra diminuição por falta de cuidado a respeito; e que os encantos que captivaram o seu coração possam alear d'elle o amor e conservá-lo por uma attenção continua no arranjo, asseio e pontualidade na tua casa, sobretudo pelas tuas rigorosa observancia, tanto em particular como em publico, de tudo o que diz respeito á elegancia feminina, e ao passo que tratares o teu marido com a mais terna affeição, lhe tributes o mais cordial amor, e lhe concederes com a maior boa vontade tudo o que elle dezesjar, evita como um veneno para a tua felicidade, tudo que se approxime ao menor indecoro, ou por uma familiaridade indiscreta, dê occasião para diminuir, talvez perder, aquelle respeito mutuo e aquella polidez reciproca que precederam vossa união.

O meu amigo, teu marido, é um homem generoso e liberal, mas prudente, por tanto em uma posição ainda abastada, se bem que nunca haja de negar te o que fôr de razão; sempre, e com razão, se ha de oppôr a toda especie de desperdicio e extravagancia; esforça te portanto (não te será difficiloso) para economisar e poupar nos teus arranjos domesticos; dá a cada hora sua propria occupação; tem para cada cousa o seu lugar apropriado e sempre no seu lugar, e conserva a tua casa naquelle estado de asseio, nitidez e bom gosto que elle tanto deseja ver.

Trata os parentes e amigos de teu marido sempre com a maior attenção e polidez, lembrada que pelo teu casamento elles se tem tornado teus; nunca deixes nem brincando, escapar uma só expressão em irrisão ou menospreço do paiz de teu marido, e mesmo quando a occasião se apresente, o que em todô o paiz estrangeiro infalivelmente acontece, não desapproves, nem estranhes alguns dos seus costumes; nunca o dês a perceber, posto que não os adoptes.

Continua.

ANEDOCTA.

—Um estudante de Philosophia, que nunca tinha visto as letras do Compendio, sendo perguntado pelo Professor, o que era alma, depois de muita reflexão e estendendo a mão ao peito respondeu: alma alma alma é uma cousa, é uma cousa, que está aqui dentro. Dentro de que? tornou o Professor. Aqui dentro (respondeu aquelle zangado.) Necessariamente a alma é os intestinos, disse o Professor. Não sei, respondeo o estudante, o que sei é que não me posso exprimir.

POESIAS.

PORTUGAL.

Houve um reino, que ao mundo absorto,
Deu outra costumes e leis.
Esse reino, coitado, está morto,
Mas com vida talvez não vereis.
Era grande — pod'roso — gigante;
Hoje pobre mendiga a pedir.
Dai-lhe a esmola de um braço possante,
Talvez possa da camp'a surgir!

Esse reino que as ondas domava,
Que entre todos se erguia senhor;
Esse reino que altivo encaráva,
Das procellas do mar o fragor:
Jaz por terra, gigante abatido;
De seus filhos a sorte o carpir.
Dai-lhe a esmola de um peito sentido,
Talvez possa da camp'a surgir!

Este reino, que em praias distantes,
O estandarte da Cruz arvorou;
Que depois, nessas luctas gigantes,
Nunca o rosto nas luctas voltou;
Ei-lo pobre; e tu, pobre, que o mundo,
Nem se lembra do seu existir.
Dai-lhe a esmola de um brado profundo,
Talvez possa da camp'a surgir!

Este reino, que teve sabidos,
Tão lustrosos eternos padrões,
Qu'inda falla nos cantos sentidos,
Do seu vate — do grande Camões.
Hoje fraco, sem vida, sem brilho,
Nem se lembra sequer do porvir.
Dai-lhe a esmola que deve um bom filho;
Talvez possa da camp'a surgir!

Aqui foi Capitolio das artes;
Das conquistas a séde tambem;
Este reino dos mil estandartes,
Hoje pobre, não lembra a ninguém.
Nem um braço dos seus já lhe vale,
E' profundo o seu largo dormir;
Dai-lhe a esmola que ao povo só cabe;
Talvez possa da camp'a surgir!

Minha patria quem sabe se ainda
A ser grande outra vez voltaras?
A memoria de um povo não linda,
Os teus filhos ainda acharas.
Alva estrella que ao longe desponta,
Que em terras da patria luzir.
Dai-lhe a esmola que a lave da affronta;
Talvez possa da camp'a surgir!

Talvez possa da lousa quebrada,
Despertando o radar — aqui estou!
Ao convite por vovos chamada,
Oh! mal-haja a lousa que saltou!

Hasteada tremula a bandeira,
Que ha de os povos da terra reunir;
Dai-lhe a esmola de entrar na fileira,
Talvez possa da camp'a surgir!

Emprasados os povos da terra,
Ao convite nenhum faltará;
Voltaremos c'rosados da guerra,
Que bem perto de nós soará.
Oh! desperta Nação abatida!
Vem o brado dos povos ouvir.
Dai-lhe a esmola de um sopro de vida,
Talvez possa da camp'a surgir!

L. A Palmeirim.
(Da Epoca.)

Á maioria do Sr. D. Pedro V. rei de Portugal, em 16 de Setembro de 1855.

SONETOS.

As nuvens de reccios carregadas,
Que sobre Portugal tristes pairavam
Quando irmãos a irmãos se desvalavam,
Por um sopro do céu vão afastadas:

As dissensões politicas damnadas,
Que as prosperas venturas nos vedavam,
E que de sangue os campos inundavam
Serão, me de Deos, serão fundadas!

Se cada qual pensou em seu direito
Ter juz a um bom monarcha, como sinto,
Pode já descansar seu nobre peito:

Ha de o odio d'irmãos ficar extincto,
E o povo portuguez ver satisfeito
Seu illustrado rei DOM PEDRO QUINTO!

Medeiros Branco.

No céu da Luzitania hoje fulgura
Novo astro de luz, um rei perfeito,
A quem ha de render eterno preito
A idade presente e a futura.

Do povo portuguez será ventura,
Ha de amal-o do fundo de seu peito,
E sempre liberal e satisfeito
A patria salvará da sepultura.

Ao seu brado os heroes de mil batalhas,
Se Espanha a Portugal julgar extincto,
Resurgirão tortando-se em muralhas.

E seu vulto ingente, audaz, distincto,
Bradará, sacudindo as mortalhas,
Viva o rei portuguez D. PEDRO QUINTO!
(Do Diario do Gram-Pará.)

ACROSTICO.

Alivia! para que escondes
Tudo riso e meigo olhar,
Innocente eu sei que es
Virgem bella de encantar,
Ingenuamente eu adoro
Aquella que cido gozar.

S. Luiz 25 de Setembro 1855.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitam-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.^a Serie. Maranhão 6 de Outubro de 1855. N.º 39.

Conselhos de um Pai a uma noiva.

(Continuado do n. 38.)

Na sociedade sê affável, mas com moderada reserva, que é um distinctivo das pessoas de uma educação fina e de uma senhora, cuja pureza e maneiras são indícios da innocencia do coração, de uma virtude a mais elevada e a toda prova: isto habilitará o teu marido a responder com ufania, quando perguntado acerca da fortuna que lhe trouxeras nas palavras da donzella grega.

• Ella trouxe o que tem maior do que o mais rico thesouro de dinheiro, a perola de preço incalculavel, um coração sem mancha, um espirito bem provido, e maneiras taes que obrigam o vicio a recuar coberto de medo e de vergonha, para dar lugar aos amigos da virtude. •

Tem-se dito

• Que, agradar é da mulher o mais doce imperio.

Mas é agradar ao seu marido, e aqui permite-me acantelar-te contra as tentativas insidiosas de casquilhos e peraltas (e de outros que, ainda que taes, se disfarçam com um decoro exterior) para se insinuarem na amizade daquellas mulheres cuja reputação estão promptos a sacrificarem, logo que com isso possam achar meios de alimentar a sua vaidade: isso é hoje em dia mais do que nunca antes, o motivo que leva uma grande parte dos homens aos sarãos, e a outras reuniões da mesma natureza; e posto que me persuado conhecer-te bastante para receiar a menos indiscreção da tua parte a este respeito, contudo, a experiencia e a conecção da pureza das tuas intencões poder-te hia levar a faltar-te esta cautela, a uma condescendencia amavel,

que seria logo, posto que pura em intenção, interpretada como uma disposição de favorecer as suas pretensões: para livrar-te de semelhantes instruções e audacia, não será felizmente necessario praticar qualquer incivildade; um olhar serio, uma resposta fria e medida bastará sempre, se fôr logo, pois mister é que se não dê tempo para uma repetição; devo advertir-te que o que em alguns países seria considerado como um aperto de mão de simples amizade • *a friendly shake-hand*, • é tido aqui como indício da autorizada familiaridade, e quando a occasião exigir que se dê a mão, deve sempre ser dada e retirada aberta; factos são estes, que talvez julgues, minha querida filha, de todo desnecessario mencionar; crê-me, não é assim; são sementes de que muitas vezes germinam grandes males e desgostos; bem disse Julio Cesar:

• *Que não bastava que a mulher de Cesar fosse virtuosa, era preciso tambem que todos a julgassem virtuosa.* •

Deixa que teu marido ache sempre innocencia e simplicidade em todas as tuas maneiras, em todas as tuas palavras e acções: o teu coração para com elle deve sempre mostrar tudo o que ha de ternura, bondade e benevolencia; a tua conducta uma serie de actos de benignidade e complacencia; e considera todas as condescendencias e submissões da parte do teu marido, não como um direito que podes reclamar, mas sim como outros tantos motivos novos para excitar a tua gratidão e confirmar o teu amor. Faze que elle te considere como dotada de bom senso e bom genio, com direito de attribuir-te todos os attractivos e encantos feminis e então elle dirá:

Um genio tem ella, cujos raios patentes
Dão amanha a ledice que hoje tivera;

Réplicas não tem nescias ou impertinentes. E doce me fóra, se governar quisesa.

Se occasiões se offerecem—e mais cedo ou mais tarde hão de offerecer-se—em que vossas opiniões não concordem a respeito dos arranjos domesticos, ou outra cousa qualquer dá as tuas razões com doçura, expõe-as com humildade, e nunca, por quanto avalia a tua felicidade, te permittas fallar-lhe em voz dictatoria; dize simplesmente que pensas seria melhor assim; mas se elle não concordar, que tu de boa vontade te sujeitarás ao seu modo de pensar, e se por fim elle assim determinar, faze que os teus actos justifiquem a sinceridade das tuas palavras.

(Continua.)

O MARINHEIRO.

—A vida do marinheiro é toda cheia de continuados trabalhos e esperanças. Navegando mares procellosos vê á cada momento a medonha e cruel parca com a foice açada, querendo ceifar-lhe a pobre existencia; n'este mesmo instante encára elle também com a Esperança sorrindo-lhe com affagos de consolação. Esse seu viver, de mais adubado com tantas fadigas, torna-se por isso vacillante: nunca pôde elle contar como certa sua existencia, porque esta labuta continuamente com dous extremos: vida ou morte!

Assim vai elle passando os tristes momentos de vida, vendo cortar as ondas o navio a cuja tripulação pertence. As noutes estão destinadas quasi todas para suas continuas vigias. Ao menor rumor acode a toda pressa pelo temor do perigo.

Não ha e não pode haver vida mais dura do que a que supporta o marinheiro, que lutando com a morte, e tendo por sua protectora a Esperança, pede-lhe soccorros para resistir aos laços, que aquella lhe arma para precipital-o no abismo, que diante de si se apresenta.

O antigo é o unico soccorro, que a Esperança lhe offerece: este só é bastante, e pode se julgar bem feliz aquelle que em semelhantes circumstancias d'elle se achar possuido. O temor é sufficiente para sujeitar o homem ao golpe da morte, é por isso necessario despresal-o corroborando-se, ou alimentando se com o doce fructo, que produz a Esperança.

Se quisermos melhor saber o que é vida de Marinheiro, perguntemos a um ancião d'essa classe, que já encara os precipicios com a maior tranquillidade: elle dirá as fadigas por que tem passado, as vigias que fez, o frio, que tantas vezes fez gelar o sangue, quando junto a si encontrava a morte açada

a afiada foice, e querendo fugir-lhe a Esperança, sua unica protectora. Ah! elle ainda tremerá de nos contar tudo, porem o pouco, que elle disser, bastará para compenetrarmos do que é vida de Marinheiro. A elle é que devemos certos gozos, que tanto apreciamos, bem como o commercio, a instrucção, &c. Sim os fructos de seus trabalhos são mais saboreados por nós outros do que mesmo por elle. He portanto mister, quando o encostamos como acontece, só pela posição, que occupa, mas sim como até um nosso benefeitor, se bem que seus beneficios, feitos á custa de mil fadigas, os sejão indirectamente á nós. Um pequeno salario é a recompensa de tantos trabalhos! E quando não possa este ser augmentado ao menos seja louvado e respeitado o nome de—Marinheiro.—

Queixas de um amante.

Oh! quão duro que é, suportar-se as dores da ingratição! quão duro que é, mulher, relembrar aquelles protestos, aquelles affectos que me prodigalizavas! e de tudo já te esqueceste, perfida, dize?

Sim, de tudo isso já te não lembras, por que no vil coração de uma mulher como tu, não se encontra senão furiosa traição e mentira!

Meu Deos! porque não castigaes a essa ingrata, a essa assassina de meus dias, á essa mulher que não é senão á vergonha daquellas que pertencem á esse sexo de delicias?

Dize, ingrata por ventura encontraste mudança alguma no meu tão puro quanto innocente amor? para deste modo arrancares á flor da minha existencia, que revestida das mais lindas gallas ostentava se erguida pelos teus juramentos de constancia?... dize! falla!... ah! tam cego, que eu era por haver seguido seu primeiro meditar, na terrivel estrada que me apontaste, mas hoje... beje que conheço a tua perfidia, que recordo os juramentos, que por mais de uma vez, cusarão sabir de teus labios, beje, que leio em teu coração á vilania de tua alma, não posso deixar de preclamar-te com dor que és uma perjura.

Porem, para que me confiei em palavras de uma mulher?... por ventura ignoraria, que quasi sempre é essa a paga que costumão dar?! Ah! que siato fugir-me á luz da razão por trazer tam presente á memoria as impressões que me fizera aquella ingrata: eu que daria a propria vida em troca do seu amor: eu que se mil coroas tivesse e mil thesouros tudo depositaria a seus pés á fim de receber de

seus labios um sorriso encantador, ser assim
sem acrimonia vilipendiado!

Mas para que taes reflexões?... não,
perfida, não mais quereis os teus affectos,
não mais quereis ouvir de tua bocca essa pa-
lavra, que ouzaste profana-la essa palavra de
—amor!—

Continua, cruel, a exercer o teu genio
feroz, até que um dia encontres em paga dos
teus nefandos crimes—o tumulto, em vez de
altar!! E se nessa hora terrível para ti, ou-
sares proferir a santa palavra—complacencia
—e esta venha repercutir em meos ouvidos,
ouvires em tão bradarte,—é pouco, e morre!

A SEMANA

—Leitor! Por falta de espaço deixamos de dar no nu-
mero passado algumas noticias do Sul, trazidas pelo va-
por Paraná o que agora fazemos, procurando resumir o
mais possível, pois que tambem o que hoje nos resta
não é grande.

No dia 7 de Setembro, em que o Brazil se enche de
rigozijo, por ser o anniversario de sua emancipação politica,
honrarão SS. MM. H. com sua visita a bella e heroica
cidade de Nitherohy, capital da provincia do Rio de Ja-
neiro.

A recepção dos Augustos visitantes foi a mais pom-
pоза e brilhante possível; e em todos os semblantes se
lia o mais vivo prazer, e a mais perfeita alegria.

SS. MM. dignarão-se de aceitar um esplendido baile,
que lhes offereceu a sociedade *Nitherohyense*, e que foi
concorrido por mais de 1:200 pessoas: findo este retirarão-se
SS. MM. deixando todos os corações embriagados
de alegria, de amor, de sympathia, de gratidão, e de res-
peito.

Visitarão tambem a fabrica de refinar assucar, des-
tillação de aguardente, e fabrico de carvão animal,—pro-
priedade do Sr. Pedro Pereira de Andrade,—e tiverão a
bondade de aceitar um copo de agua, profusamente
preparado, das mãos d'este prestante cidadão.

Depois d'esta visita dirigirão-se ao lugar destinado
para o azido de *Santa Leopoldina*, e ali prezençarão o
lançamento da primeira pedra para o edificio, que deve
receber as meninas desvalidas, e proporcionar-lhes uma
educação boa e regular.

A final regressarão SS. MM. a capital do Imperio,
tendo recebido do povo Nitherohyense repetidos e es-
trondozos vivas, e as demonstrações do mais profundo
respeito, e das mais vivas saudades.

No Rio de Janeiro o *cholera* se havia manifestado em
diversos pontos, se bem que, por ora, sem fazer grandes
estragos, todavia sempre se deve esperar pelo peor.

O mal na provincia da Bahia ia diminuindo sensi-
velmente, tanto na capital, como em alguns pontos
do interior; a cidade porem de Santo Amaro gemia ainda
sob o peso do contagio: os estragos alli causados são
extraordinarios.

No Diario do Gram-Pará lê-se o seguinte.

« Entrou o *Triumpho* de Lisboa. Parabens aos Por-

tuguezes residentes no Pará. Fernando José da Silva
está demittido de consul portuguez nesta provincia;
acba-se nomeado para este cargo o Illm. Sr. D. Fer-
nando de Torres Bellas, irmão do Illm. Sr. marquez de
Torres Bellas.

« Os gritos das victimas immoladas a bordo da galera
Defensora tocaram o coração do governo portuguez, e a
escandalosa protecção ao delinquento foi tam patente
que era impossivel conservar por mais tempo esse em-
pregado no exercicio de taes funcções.

« Adens até sabbado—tinhamos ainda muito a dizer,
mas fizemos algumas saudes á demissão do consul por-
tuguez e ficamos... bem comprehendidos... »

—Havia sido prezo, e encerrado no Limoeiro de Lixa-
boa, onde necessariamente terá de expiar os seus hor-
rendos crimes—**RAFAEL ANTONIO PEREIRA CAL-
DAS**,—ou o abutre hediondo e devorador de 47 vic-
timas abordo da Galera *Defensora*!!!...

O sangue de tantas victimas innocentes clamava ving-
ança... eil-a em parte satisfeita!

—Domingo 30 do corrente teve lugar na caza da Cama-
ra a elleição dos quatro negociantes, que tem de servir na
Junta do commercio, e obtiverão maioria de votos os se-
guintes Senhores.

João Gualberto da Costa.

José Antonio da Silva Guimarães.

Manoel Gonçalves Ferreira Nina.

Manoel Antonio dos Santos.

Para supplentes.

Manoel Pereira Guimarães Caldas.

Joaquim José Alves.

—Foi nomeado *Presidente do Rio Negro* o Sr. Dr. João
Pedro Dias Vieira.—Este Sr. reúne em si todas as qua-
lidades, que constituem um bom administrador, isto é,
prudencia, illustração, e grande pratica dos negocios pu-
blicos, e por isso não duvidamos da sua boa administra-
ção n'aquella provincia.

Receba pois o Sr. Dr. João Pedro os nossos sinceros
emhoras.

—Ainda d'esta vez, e como acontece sempre, a curi-
ozidade conduzio-nos ao Tivoly. O concurso, tanto de
Cavalheiros, como de Senhoras, não foi de espantar.

O baile campestre foi pouco frequentado. Muitas pes-
soas não quizerão dançar, dizendo, que não erão profes-
sores, para ensinar meninas a dançar, únicas, que a isso
se prestarão: nós tambem partilhámos a mesma opinião;
porque dançar 3 quadrilhas por 960, e isto com uma me-
nina de 3 ou 4 annos é a couza mais dezengraçada do
mundo.

Lembramos a directoria, que incorpore uma associa-
ção para o salão de *Flora*, e offerecemo-lhe os seguintes
artigos:

1.º Só os Socios e suas Familias terã ingressão no
salão, e direito a dança.

2.º Deverá pelo menos dançar-se de 4 a 5 quadrilhas
por 1\$000

3.º As quadrilhas deverão começar as 7 horas e meia.

4.º O Socio terá direito de transferir o seo cartão com
permissão da directoria.

5.º Haverá um mestre sala para á boa ordem, e re-
gularidade do baile.

6.º Os socios entregarão um cartão de entrada a porta
do salão, ao empregado para esse fim encarregado.

—O baile *Recreio Commercial* esteve brilhante e foi bastante concorrido: dançaram-se muitas quadrilhas, walsas, e mazurka.

Foi victoriada, como a Rainha do baile, uma linda jovem de vestido de gaze, azul, côr de ceo.

Ao dar de 4 horas dissolveo-se esta tão aprazível, quão brilhante reunião.

—Os passageiros do vapor *Imperador* completarão hontem os 15 dias de quarentena, e se achão já entre nós.

—O Sr. David Gonçalves de Azevedo acaba de dar publicidade a uma excellente obra—intitulada—*Epitome da Historia de Portugal*; eis o que a respeito se lê no *Estadardor*.

Publicação litteraria.

«Acaba de ser publicado pelo Sr. David Gonsalves de Azevedo, presidente da associação do gabinete portuguez de leitura desta cidade—o Epitome historico de Portugal desde a fundação da monarchia até hoje.—

Forma um volume em oitavo de quinhentas e setenta paginas, edição nitida, feita na typographia do Sr. Cunha Torres.

Felicitamos o escriptor portuguez pelo desempenho da sua obra que é digna de todo o apreço, porque o Sr. David Gonsalves de Azevedo soube comprehender o seu trabalho tratando com todo o cuidado e esmero de, em hum pequeno resumo, dar exacto conhecimento da vida e feitos gloriosos dos monarchas portuguezes, referindo com precisão as accões heroicas dos homens distinctos de sua nação. O trabalho, que o illustre escriptor teve para colligir as diversas epochas, e assignaladas, foi grande, e a litteratura portugueza acaba de ser enriquecida com a publicação recente desta obra.

A par de merecimento real o auctor distingue-se por huma linguagem perfeita, por uma critica severa, e imparcial quando emitta a sua opinião, todas as vezes que se occupa particularmente dos factos mais singulares.

Recomendamos aos amigos das letras o Epitome historico de Portugal.»

—Houve esta semana muita falta de carnes verdes, e os diversos talhos venderão o arratel de 120 a 160 rs. Este preço tão alto a que chegou a carne produziu grande ceceima entre o povo.

Não ha falta de gado na provincia para que o povo se veja agora obrigado a comprar a carne tão cara; e a prova é que se tem continuamente exportado gado para fora: ja uma vez tratamos d'este objecto, que julgamos da mais alta transcendencia, porem as nossas vozes, fracas não chegarão aos ouvidos do governo: e por isso de novo o fazemos reclamando a mais seria attenção de sua parte, a este respeito, e esperamos que d'esta vez o povo se veja aliviado de tão grande pezo, que o opprime.

Leitor! A nossa tarefa ainda que imperfeita, e ao correr da penna, acha-se todavia concluida, aceitai pois o nosso sincero adeus. Até sabbado.

POESIAS.

Tu és do Jardim a flor.

OFFERECIDA A ILLMA. SRA. D. MARIA G. DA S.

E's emblema de candura,
E's Maria meu amor,

E's copia da natureza,
Tu és do Jardim a flor.

E's o esmalte do prado,
E's um anjo do Senhor,
E's a filha de Titão,
Tu és do Jardim a flor.

E's nota de Paganine
E' deosa do Trovador,
E's manhã resplandecente,
Tu és do Jardim a flor.

E's formosa entre as formozas,
E's filha do Salvador,
E's anjo a terra mandado,
Tu és do Jardim a flor.

E's filhinha obediente,
E's donzella meu amor,
E's manhã de dia ameno
Tu és do Jardim a flor.

14 de Setembro de 55.



ACROSTICO.

OFFERECIDO A ILLMA. SRA. D. A. B. P.

E delina! como encanta o teu sorrir,
E delirante te amo mas não queres
E's bella, a mais bella das mulheres
E a do ceo foi marcado o teu porvir
E innocente Jovem que amo fervoroso,
E a terra já mais hei encontrado
E angelico semblante e mul formoso.

S. Luiz, 1 de Outubro.

G.

VARIÉDADE.

Officio do Inspector de quartelrão da Parnahiba dirigido ao Subdelegado do seu districto.

—Arremeto-lhe dois arrecaluta e quasi qua val trei, mais a vela da minha mão caturrou comigo e ahio com go eu pan sortei e o Vêlo Mingue ou pua farta de subornação ou porque me vio piqueno desobedeceu eu xegaei pan prendi por farta com o respeito a gina ostilidade como eu que la com uma tropa em coeçoio de diligencia.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANARIO.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 4,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

5.^a Serie. Maranhão 13 de Outubro de 1855. N.º 40.

A SEMANA

—*Caro Leitor!* A semana d'esta vez passou-se sem grandes occurrencias; com tudo passamos a narrar aquellas, que merecem mais alguma attenção.

No dia 8 do corrente entrou do Pará o vapor S. Salvador; poucas foram as noticias, que nos trouxe. Havia chegado áquelle porto, e procedente do Rio Negro, o vapor Tapajóz da companhia do Amazonas trazendo a mui agradável noticia de estar quasi extincta, a epidemia, que tantos estragos havia causado, e que tanto terror incutira no animo das povoações ribeirinhas.

Na Corveta *Amazonas* sahida para o Sul, levou a seu bordo o nosso particular amigo o Sur. Candido José Pereira, nomeado pelo governo central 2.^o escripturariô da Thesouraria da Parahiba. Sentimos toda a vez que vemos ausentar-se de nosso seio pessoas illustradas e de conhecimentos vastos como o nosso amigo o Sur. Candido José Pereira. Desejamos-lhes uma viagem propicia e um futuro brilhante.

No *Constitucional* lê-se o seguinte sobre a sua ausencia:

“Entre muitas pessoas de merecimento, que tem sahido d'esta Provincia em breve vai contar-se o Sr. Candido José Pereira, filho do Escrivão Mathias José Pereira, muito conhecido n'esta Provincia.

“O Sr. Candido com a pouca idade de 22 annos pode ver com orgulho o seu passado.

“Quando presidia os destinos d'esta Provincia o Sr. Dr. Eduardo Olimpio Machado os merecimentos do Sr. Candido não ficarão esquecidos, e foi nomeado Promotor Publico da comarca da Chapada, lugar que desempenhou de tal sorte, que muito o honra.

“Havendo já antes entrado em concurso para um dos lugares de Praticantes da Thesouraria, o governo geral a vista das provas de talento e applicação, e das excellentes informações que colheu dos seus examinadores, foi escolhido, pelo que deixou o cargo, que occupava no foro.

“Neste anno de novo se apresentou no campo do concurso em aspiração a um lugar superior,

que conseguiu infelizmente para nós porque o vamos ver longe desta Provincia, e felizmente para a Parahiba do Norte, que vai possuir um empregado tão intelligente como no cumprimento dos seus deveres.

“Sejão estas palavras que aqui deixamos escriptas, devidamente interpretadas, como se fosse um brado d'animação, que na pessoa deste empregado publico, damos e daremos a todos aquelles, que por seu talento, applicação, zello, e illustração se tornarem dignos de nossos elogios.”

Continua ainda a crestia de carnes verdes—De 100 reis porque se vendeo sempre n'esta cidade o arratel, subio ultimamente, e como ja tivemos occasião de dizer no numero passado, a 120 e até a 160 reis. O que foi julgado pelo governo uma medida salutar, trouxe em consequencia uma contribuição forçada para o publico; porque os fornecedores de gado, vendo, que lhes prohibião a exportação, entenderão em sua alta consciencia levantar o preço da carne, porque até agora se costumava a vender—O clamor publico tem subido ao mais alto grão, porem os marchantes tem cerrado os ouvidos a isso, pois que infelizmente, vão collhendo os fructos de sua especulação.

Consta-nos, que no dia 9 foi apprehendida, e lançada ao mar uma não pequena porção de carne verde, exposta a venda em um dos talhoes d'esta cidade, por ja estar em estado de completa putrefacção.

É certamente para lastimar, que estando o publico debaixo de tão gravoza contribuição, se veja ainda obrigado a alimentar-se de carnes insalubres e corruptas!

Somos informados, que no dia 11 foi multado pelo fiscal competente um talhador de carne da rua da Cruz, por inexactidão de pezo.

Os fiscaes, (honra lhes seja feita,) tem empregado, e continuão a empregar toda a vigilancia de sua parte, afim de prevenir abusos d'esta natureza.

No dia 7 do corrente o Dr. Chefe de Policia, acompanhado de um membro da commissão de hygiene publica visitou a casa de correicção d'esta cidade e consta-nos que achou-a nas melhores condições para receber os sentenciados: e parece que o governo está rezolvido a mandar concluir a obra, que falta, para depois remover para alli uma parte dos presos, apinhados na unica e imunda cadeia d'esta cidade.

Domingo passado não se abriu o Tivoly, em consequencia do ter ido a banda de musica dos Educandos tocar na festa de N. S. do Rozario em S. Bento. Os amantes d'este divertimento, em cujo numero entramos, soffrerão por isso mais esta decepção.

Teve hontem lugar a primeira novena de N. S. dos Remedios; como bons devotos, que somos não faltamos áquelles actos religiosos. A concurrencia foi pequena, sem duvida por ser a primeira, porem estamos firmes em crêr, que as seguintes hão de ter grande influencia; pois que por toda a parte vemos, os logistas, alfaiates, e modistas em completo desassocego; não fallando, porem agora nos pobres sapateiros, que só procurão repouso depois da meia noite.

Encontra-se alli no largo toda a sorte de estabelecimentos volantes, bem como hotéis, cosmomoras, e barracas, onde se preparão bons petiscos, bem entendido para a rapaziada endieheirada. . . . enfim todo aquelle, que para lá levar dinheiro, encontrará muita couza boa em que empregar-o.

O Tivoly abrir-se-ha amanhã as 4 horas da tarde, e continuará aberto todas as noites de novena, até Domingo seguinte—Apezar das nossas occupações, não faltaremos a elle; visto já termos para o Sallão de Flora um excellente par, e até mesmo porque queremos ver se dá desta vez a mesma repugnancia para a dança que se deu da passada.

Quinta feira II do corrente, presenciamos no Theatro Fidelidade o desempenho do Drama—*Josanna de Flandres*, e podemos affirmar ao publico, que o espectáculo correo maravilhosamente, e nada deixou a dezejar.

Depois do Drama, o ponto, que alias se fez merecedor dos mais sinceros elogios, principiou a cantar a *Aria do Paizão*, e ingenuamente confessamos, que ficamos arrebatados ao mais alto grau . . . e não podendo conter a nossa emoção exclamamos cheios de entusiasmo e de admiração *que sóz. . . que canto. . . que doce e suave melodia!* . . .

Se o gaio Ribeiro aqui estivesse certamente ficaria tocado do mais vivo pasmo, ao ver assim attingir os seus nobres rivaes.

Leitor! Amanhã sem duvida nos encontrareis no largo dos Remedios, ou no Tivoly; lá pois vos direi o nosso sincero adeos—até sabbado.

Preces.

—Nos dias 5, 6, e 7, do corrente fizerão-se Preces na Cathedral (e em algumas outras Igrejas) d'esta Cidade, para que a infinita Clemencia soccorra aos nossos irmãos, que na Bahia e Rio de Janeiro, lutão com o cholera morbus.

No ultimo dia fez um discurso ao assumpto o Rd. Padre Capuchinho Frei Lourenço, por cuja sublimidade, se bem que não fosse acompanhada de uma boa exposição, todavia deixa-se vêr bem quam grande é a capacidade do illustre orador.

Não pequeno foi o concurso, que com devoção ali se reuniu.

Deos queira ouvir nossas supplicas, e mereçamos assim ver-nos a nós e aos nossos ir-

mãos salvos de tão terrivel flagello, que os assola, e nos ameaça.

O Cholera morbus, que o sabio Metro-politano com razão chama cholera Divina, pelo character horroroso, bem mostra, que é o castigo, a recompensa, dos crimes; e o melhor remedio, que para sua cura se tem descoberto, encontra-se na Casa de Deos, onde purificados das manchas, que nos nodooa conseguiremos saúde pelo perdão de nossos peccados, o que se consegue pela confissão, que, unida à supplica, muito nos fortalece na esperança.

Conselhos de um Pai a uma noiva.

(Continuado do n. 39.)

— Não deves achar o teu marido, como elle tão pouco ha de esperar achar-te a ti, perfeito ninguem o é; e portanto, um dos principaes elementos da paz domestica é paciencia e indulgencia mutua. Tão pouco estamos nós, e especialmente os homens, sempre do mesmo humor; em nossas communicações com o mundo, em nossas transacções com homens de negocio, circumstancias as vezes se apresentam, e provão nosso genio; ou podemos soffrer prejuizos em nossos negocios, que necessariamente hão de pesar sobre os nossos espiritos; é nestas occasiões que a terna sollicitude e amavel consolação de uma mulher extremosa com especialidade nos agrada; faz então que o teu marido perceba que estás sempre mais prompta a alliviar as suas afflicções do que mesmo a partilhar os seus deleites; por muito adverso que o mundo seja para elle faz pelo menos que a sua casa seja—morada da felicidade—e que, quando elle se recolha de fóra com desgostos, possa esperar e achar consolação no seio de uma mulher terna e fiel; é possível mas apenas possível, que, mesmo fazendo tu tudo isso, ainda não sejas feliz; mas totalmente impossível é que o sejas sem isso, e aquelles que te quizerem persuadir do contrario são, ainda que não o tencionem, os teus maiores inimigos; e por sem duvida serão daquelles que partilham o erro vulgar, que o estado casado não pôde deixar de ter as suas zangas e rixas; mas nunca é assim quando esta união, tendo a sua origem no amor, se firmar na virtude e na religião, unicas bases solidas das humanas relações.

Sobre o importantissimo ponto dos teos deveres religiosos, não julgo necessario dizer muito, por ter empregado annos em inspirar-te uma convicção a respeito; e persuadido estou que, com a mercê de Deos, os meos humilides, mas constantes esforços tem tido feliz resultado; e a não ser assim, não poderia eu esperar que algumas palavras agora pudes-

sem effectuar aquillo em que tantas e tão fortes exhortações tinham falhado; resta-me por tanto só chamar a tua attenção, por mais uma vez, para as verdades principaes e os pontos mais salientes do Santo-Evangelho; a saber:

1.º A existencia de um Deos Omnipotente, omnipresente, portanto omnisciente, cheio de misericordia, compaixão, benevolencia, bondade e justiça.

2.º Do Redemptor Jesus Christo Seu Filho, por cujo sacrificio, expiação e mediação, fomos resgatados do peccado original, e em vigtude do que existe a nossa e-perança de salvação

3.º Do Esprito Santo, cuja inspiração e auxilio é indispensavel, para que possamos provar por nossas obras a sinceridade da nossa fé.

Em resumo: Que assim resgatados e salvados por Jesus-Christo, havemos de deixar este estado corruptivel, por outro incorruptivel, e que vivendo n'elle, havemos de morrer n'Elle e resurgir n'elle a uma immortalidade gloriosa e feliz.

Vivendo em conformidade completa com isso, minha cara filha, e não entibiando em supplicas quotidianas ao Todo Poderoso, nem na observacala dos actos religiosos que a Santa Igreja prescreve, não deixarás de ser boa christã, e se fôres boa christã, serás o que sempre e incessantemente roguei, e ainda todos os dias rogo a Deos, que tu sejas — feliz!

E agora minha amada filha, direi em conclusão — Deos te abençõe! — como a exclamação a mais terna e ao mesmo tempo a mais poderosa, de que se póde servir —

J. H. F.

Hippolito e Camilla.

II

Fiai, fiai, terno amor,
De Camilla, o cavalleiro,
Se o fiado fôr perfeito
Amor será verdadeiro.

— A pequena distancia da herdade, quando Hippolito já entrava em um valle escuro e tenebroso, por ser entre duplicado monte, diversos affectos assaltaram seu coração. Eram, ao mesmo tempo, os do amor, da saudade, e do ciúme.

— Onde vou eu, infeliz?! suspirava elle: não é a minha resolução a mais temeraria e imprudente! Tenho uma esposa extremosa e bella, firme em seu amor, e assim ousa abandoná-la! Deixá-la só em um ermo, entregue a todos os desastres do mais cruel destino!!

A estas reflexões suspende a marcha, enche a face com o lenço o suor do rosto, as lagrimas dos seus olhos, e no horrivel conflicto,

dos seus affectos, tres vezes obriga seu amor a retroceder, outras tantas sua honra, ou antes sua ambição, a seguir viagem.

Deste modo, irresoluto, e delirante, apêa-se; nem muito lhe importa a enormidade do sitio, nem repara em que só as estrelas já occupam o lugar do sol; a pé, se adianta a seus criados, aos quaes entrega o seu cavallo recommendando-lhes que esperem por elle; sôbe bronca penedia, pouco distante, e, em quasi completa escuridão, divisa uma freixa luz. Admira-se, e não treme; aproxima-se, atreve-se a entrar em uma caverna, e encontra um velho, cujas barbas brancas lhe tocaram a cintura, formando circulos, semircirculos, e figuras magicas sobre um rochedo.

Se Hippolito não temeu de aproximar-se a elle, menos ainda o velho mostrou o menor assombro; olhando antes com desdem para Hippolito, e fixando os olhos no seu trabalho, lhe disse:

— Senfate nessa pedra, gentil mancebo, e dize o que pretendes! . . .

Hippolito reconheceu logo no velho um dos grandes magicos ou formosos nigromanticos, em tanta voga naquella idade; e pensando encontrar em seus conjuros algum balsamo saudavel, ou proveitoso antidoto que ao menos o curasse do seu ciúme, lhe contou sua historia; rogando-lhe remedio efficaz para seu tão acerbo mal, com a certeza de que sua querida consorte se havia de conservar fiel até que elle voltasse.

O homem infernal então se levanta, larga os toscos instrumentos com que gravava os symbolos mysteriosos, e com feio aspecto e voz terrivel attentando fixamente em Hippolito, lhe diz:

— Que exiges de mim, mantecapto?! acaso deliras?! Não sabes que a tanto não chega o meu poder, nem mesmo o dos infernos?! Vencer as industrias de uma mulher, conseguir a sua constancia, domar seu coração, sempre volovel, são obras que excedem muito minhas forças e que só dependem do acaso.

Suspendeu-se um pouco, como reflectido na gravidade do empenho; e esfregando tres vezes a testa com a mão esquerda, batendo com o pé no chão, resmungando algumas palavrgs inintelligiveis, se dirigio a um canto da caverna, donde trouxe uma imagem de cêra candida e pura, e continuou, dizendo:

— Porém como fallas com tanta ingenuidade, e me pedes um conselho, eu te digo que vás, sigas teu caminho, e dirijas tees planos começados, porque nada lucrarás em retroceder; se a tua Camilla intentar ser te traidora a par de ti mesmo o será. Nesta imagem que te apresento, isenta de toda a mancha, podes vôr, em toda a occasião que desejares, qual

seja a conducta de tua esposa; em quanto achares pura esta imagem, farás um juizo seguro da pureza e lealdade de tua esposa; mas se pelo contrario a vires algum dia afelada por manchas, estas, maiores ou menores, te mostrarão o maior ou menor grão da tua infelicidade. Não posso dizer-te mais,ahi a tens, guarda-a com cuidado, examina-a com susto; parte, e deixa-me.

Hippolito recebeu a mysteriosa prenda com prazer e agradecimento, dando ao magico generosa recompensa. Introduziu a com a maior cautela e cuidado em sua elegante carteira, e, apertando-a em seu coração, sabiu da caverna para reunir-se aos seus criados.

O astro principal da noite já brilhava no horizonte, e o reflexo dos seus raios, dando sobre as rochas, reverberavam sobre o valle. Sem temor segue sua jornada, anda toda a noite, e logo de manhã o seu primeiro cuidado é o de examinar a imagem, que encontra pura e candida sem defeito algum.

Continua a digressão, e, em toda esta, repetidos exames, sendo o resultado sempre conforme, sempre o mesmo: até que chega aos campos espaçosos do Rousilhão. Carlos Magno, seus illustres pares, e distinctos barões, á frente de cem mil combatentes, fazião então a guerra contra os serracenos.

Em boa hora chega Hippolito, que é logo conhecido e applaudido por todos. Roldão o abraça, Reinaldo o festeja, todos o rodeiam, victoriando-o, porque o seu merecimento é conhecido. O proprio imperador, a quem se apresenta, se regosija, e o abraça, dizendolhe:

— Estimo que venhas nesta occasião porque temos mais um valente.

Ao terceiro dia já Hippolito é o commandante de um forte destacamento, que marcha contra o inimigo, que não podendo suster o valor do destemido campeão, depois de fastidiosa perda, se retirou a seus entrincheiramentos, que foram em breves instantes forçados com derrota completa ganhando Hippolito, dentro em cinco dias, quatro famosos castellos bem abastecidos.

Não só destes quatro ricos castellos, mais de tudo o mais que o feliz Hippolito conquistou nesses cinco dias, o generoso imperador, por suas cartas patentes, lhe fez mercê, em recompensa de tao distincto valor; e eis-ahi já Hippolito riquissimo, ao mesmo tempo avultando em honra e gloria.

E a imagem de cera, perguntarão nossos leitores, esqueceu? Por certo que não esqueceu, nem esquece — sempre vista, sempre pura, sempre a mesma.

Maximas e pensamentos.

— Não ha nas amizades uma peste maior, do que a adulação.

— Mais fere a lingua do adulator, do que a espada do perseguidor.

— O lisonjeiro pôde estar em erro, ou sem um fim perverso ser exaggerado em seus louvores: o adular é sempre de má fé; procede sempre com perfidia e com vileza.

— Entregar-se ás perfidas insinuações dos adultores, é beber veneno por taça de ouro.

CHACARADAS.

(Ao meu amado collega N. J. M.)

Para as jovens son adorno
Que respiro, engraçado,
Cheiro, qu'encanto e mata
Um coração delicado. 2

S'assim não fora meu todo
Tãobem não existiria
Uma bella creatura,
Que fizesse sympathia. 2

Sou nome composto
De Bella formosa,
De Bella mais linda
Que a mesma rosa. * *

Toda a gente me tem. 2
Sou opposto d'além. 1

Conceito.

Sou um nome d'alguem. * *

ANNUNCIO.

Theatro de S. Luiz.

SABADO 27 DE OUTUBRO DE 1855.

Extraordinario e novo espectáculo Phisico de grande entretenimento.

— Tendo Julio dos Santos Pereira, obtido do Ilmo. Exm. Sr. Vice-Presidente da Provincia, o Theatro desta cidade a fim de dar uma recita com o seu Gabinete de Phisica, cujo producto será a seu Beneficio, pela segunda vez no mencionado dia tem a honra de apresentar-se ante o Publico desta Capital, no exercicio de tão difficilosostrabalhos cujo divertimento será dividido pela maneira descrita nos programas que vão ser brevemente distribuidos.

O Beneficiado, confiado na Filantropia do generoso publico desta cidade, a quem tantas vezes tem recorrido, desde já espera toda a protecção na coadjuvação de seus trabalhos para poderem ser satisfeitos os seus desejos.

Os camarotes — Frizes — Terrinhas — Cadeiras e Geraes — achão-se desde já a disposição do Publico, em casa do Beneficiado, na rua do Alcaide.

Typographia Maranhense — de A. J. da Cruz — 1855

Handwritten signature

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sablados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Accedão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta fechada.

6.^a Serie. Maranhão 23 de Outubro de 1855. N.^o 41.

A SENTINELLA

S. LUIZ, 22 DE OUTUBRO DE 1855.

A SAUDADE.

—Tivemos á satisfação de ler um novo jornal recreativo intitulado—A SAUDADE,—dedicado ao bello sexo maranhense, e cujo primeiro numero sahio a luz no dia 11 do corrente; é seu redactor o Sr. Augusto Castro.

É mais uma flor que dezabrocha, carregada de suave perfume, no grande jardim da illustração.

É mais uma estrella, que desponta refulgente, e repleta de lizongueiras esperanças, no horizonte do mundo civilizado.

O Sr. Augusto Castro, que apenas agora conta pouco mais de 19 annos, já bastante se tem distinguido na carreira litteraria, e por vezes tivemos o praser de ler alguns de seus artigos, publicados no *Botão de Ouro*, tanto em prosa como em verso, os quaes apresentando facilidade e elegancia de expressão, delicadesa, amenidade e nitidez de estilo, revelavão, e revelão ainda no seu auctor um genio sublime, e um talento bastante superior.

Ultimamente o Sr. Castro temara sobre seus hombros, a redacção do *Botão de Ouro*, e ainda que fosse sempre muito applaudido, e merecesse a geral sympathia, dezejava contudo possuir um periodico propriamente seu, e para isso não poupou esforços, até que conseguiu apresentar ao publico—A SAUDADE—jornal, que a todos os respeitoos merece a mais alta consideração, e o generoso e mais efficaz apoio de todos os maranhenses.

O nome do Sr. Augusto Castro, por si só é uma garantia que augura o feiz resultado desta tam delicatosa, quão importante empreza; e por isso recommendando-a ao publico illustrado, fazemos votos não só para que ella tenha uma existencia duradoura, como que encontre sempre os meios de poder vencer aquelles tropeços, que de ordinario se oppõem ao progresso de emprezas desta natureza, e ainda em seu começo.

O. B. R.

A SENTINELLA

—Leitor! Terminou hontem com profundo sentimento da população maranhense, a grande e memoravel festa de N. S. dos Remedios; a primeira entre nos, não só pela pompa e brilhanismo com que sempre é celebrada, como por offerecer sempre aos concurrentes mil meios de distração e rigosijo.

Segundo permittem nossas poucas forças, e nosso aranhado engenho, procuraremos fazer uma curta reseña, do mais notavel d'aquella festividade, deixando a outras pennas mais habéis, que a nossa, o cuidado de traçal-a com suas verdadeiras cores.

Principiaremos pois pelos botequins.

Logo que chegamos defronte do Tivoly lançamos os olhos sobre o seguinte letreiro—*Refrescos e Petiscos*. Duas grandes portas abertas de par em par deixavão ver um soberbo botequim, ricamente provido de licores de todas as qualidades, convidando porisso os freguezes, a descarregarem alli suas pezadas bolças.

No principio do largo havia um outro, pouco menos inferior, que o primeiro, onde continuamente se reunia a rapaziada de bom gosto, a fazer suaves libações.

Mais adiante o seguinte letreiro, escripto em gordos caracteres—*Nada de Pomada*—nos prendeo inteiramente a attenção; entramos pois, e deparamos com um armazem completo de quinquilharias: um jovem fazia a sua fortuna, rifando diversos objectos, tues como, espelhos, bonecos, caixas de colcheteis, piazis, boçetas, e muitas outras couzas pelo diminuto preço de 320 rs. por cada peça; e depois de termos cahido com os nossos, sempre lembrados 1920, tiramos entre outras ninharias uma pequena espada. Mesmo assim a peça não foi tão má; pois que, com aquella espada, que quando muito valeria 40 rs. poderíamos oppor resistencia temivel a qualquer inimigo, que por ventura outrasse alli atacar-nos.

Logo que saímos d'ahi, um outro letreiro—*Galleria Optica*—chamou-nos de novo a attenção, e depois de termos largado pas mãos do porteiro os indispensaveis

80 rs. penetrámos em uma salinha, onde podemos, a nosso commodo, observar excellentes vistas das principaes cidades da Europa; assim como o funeral do Grande Napoleão, na ilha de S. Helena; o que nos causou bastante impressão.

Alem d'estas cazas, destinadas todas a satisfazer o appetite dos freguezes, e proporcionar-lhes meios de distracção, e a atrahir ao mesmo tempo os cobres de suas algebeiras, seis grandes barracas, outras tantas casas de barbeiro, forradas de velhos pannos de Igreja, e decoradas com alguns quadros santos, e outros profanos; com alguns relógios de tempo immemorial, e espelhos já uzados, se estendão por detraz do alpendre, que fica fronteiro a Igreja.—

As *frangalhas* do bomtom, povoavam constantemente estas casas, e segundo ouvimos dizer a alguns amigos do venire, preparavão-se ali bem bons quartos de carneiro, tortas, pasteis, peixes fritos, caffès, e o mais que se encerra no grande artigo *papandorio*; tudo muito bem feito, e muito mais barato, do que em qualquer outra parte.

Os negros tambem este anno tiverão o seu *tivoly* provisório.

O Sr. T. que por dinheiro é como macaco por bananas, estabeleceu no correr das barracas, dous balauços, onde aquelles pelo diminuto preço de 40 reis se divertião até mais não poder; esquecendo assim n'aquellas poucas horas de innocente divertimento, as fadigas e os trabalhos de um anno inteiro.

Alem dos balauços, e a seu lado, uma maquina, contendo 4 cavallinhos de pão completava o divertimento, destinado á ultima classe da sociedade.

Voltando costas a isto, via-se ao lado dos edificios pertencentes á Igreja, uma grande barraca, completamente illuminada por balões chinezes, e em cujo topo tremulava uma grande bandeira nacional: dir-se-hia ser alli a habitação retirada de algum Chin, porem nao; era uma outra caza de rifa; uma outra especulação do Sur. T., vazada pelo mesmo molde d'aquella de que acima fizemos menção.

Apezar de todas as commodidades de que acabamos de fallar, e dos diversos divertimentos em que tanto se tornou celebre esta festa, as primeiras novenas forão muito poucos frequentadas.

As vespersas porem não acontenceo outro tanto: a Igreja forrada toda de damasco, ricamente adornada, e bastante illuminada, recebeu n'esse dia um povo immenso; e a par de tanto esplendor, e tanta magnificencia uma excellente muzica se deixava ouvir do alto do côro, que produzia nos corações dos fieis um effeito maravilhoso, um effeito bastante sensível, e que os arrebatava até aos pés do Senhor.

Ao dar de 7 horas o largo estava já todo tomado, não só por um numero infinito de familias, como por pessoas de todos os sexos, e de todas as condições. A lua então ostentando todo o seu brilho, derramava por sobre aquelles milliares de cabeças humanas uma luz pallida e serena, que inspirava nos corações ternos uma melancholia doce e suave.

Essa impressão, alias bastante profunda, que produzia em todos os animos, a claridade de um luar tão bello e tão puro, era ainda mais aggravado pela muzica terna e harmoniosa do 5.º batalhão de infantaria, que este anno

fez as honras de uma festa tão apreciada, e que tão vivas saudades deixou impressas em nossos corações.

O concurso desta noite calcula-se ter subido a mais de 5 mil pessoas.

As 10 horas pouco mais ou menos, principiou a arder o fogo artificial, que estava disposto em tres ordens, e para sermos verdadeiros, vemo-nos obrigados a confessar, que foi este um dos peiores que até hoje temos visto queimar-se nesta cidade.

Domingo de manhã a concorrência ás solemnidades da Igreja, foi extraordinaria, porem mesmo assim não tanto como de tarde, quando vimos desenvolvido o maior luxo possivel, tanto do lado das familias, como mesmo das classes inferiores; de sorte que por toda a parte só se ouvia o ciciar de lindas, custozas, e variadas sedas.

As 7 horas soltou-se um grande balão, e ás 8 um outro; que incendiou-se á pequena altura.

O *Tivoly* abriu-se segunda-feira, e apesar de *gratis* para as Senhoras, teve muito pouca influencia, em virtude do que permaneceu fechado até quinta-feira, quando se abriu de novo, tendo uma enchente, que subiu a mais de 1:700 pessoas; houve então um grande baile no salão de *Flora*, no qual vimos muitas senhoras tomar parte; todes os jogos trabalhariao constantemente até mais de meia noite, quando principiou a arder um bello fogo de artificio.

Abriu-se loutem outra vez, e teve uma enchente talvez igual a primeira, houve novamente baile no salão de *Flora*, e foi bastante concorrido; não dançamos por que se havia retirado a nossa *bella*...

As 11 horas pouco mais ou menos, teve lugar um outro fogo de artificio, que é a melhor couza, que temos visto, até agora, n'esse genero.

Leitor! Cansados, como estamos, de tanto lidar, não podemos ser mais extenso, e por isso rogando que nos desculpeis, vos dirigimos o nosso sincero adeus. Até a primeira.

CALUMNIA.

— He a calumnia um agravo, que mais magoa o coração do homem innocente. Seus effeitos são ainda peiores, que a recompensa do mesmo crime.

O Calumniadôr, vestido com o habito da hypocrisia, d'essa inimiga da verdade, desconhece os proprios defeitos, só tem em vista os alheios, e seu principal fim é mentir em desabono da innocencia!

O calumniado, se bem que seja patenteada sua innocencia, jamais vê seu espirito tranquillo, sem que seu caluniadôr soffra os rigores da vergonha pela contradicção da calumnia.

Esta é sufficiente para reduzir uma familia inteira á miseria, á indigencia, á deshonra!

A fragilidade humana difficulta-nos o meio de a conhecermos, e é por isso (o que muitas vezes succede), que sendo accusado um innocente perante o tribunal, deixa-se o juiz ofuscar pelas razões frivolas, mas enfeitadas com as flores da eloqueucia, de um

orador, que, tendo só por fim ver sentenciado aquelle réo innocente, de accordo com o calumniador, tenta machucar, ou antes sujeitar a reputação.

A innocencia reclama vingança, reclama o castigo á calumnia; mas este (peza-nos de dizer) é algumas vezes esquecido! Quando o juiz não se lembra senão do interesse pecuniario, ambição mal entendida, causa de miserias! O ambicioso, que só tem por Deus o dinheiro, parece não ter coração, ou se o tem, não é de homem, mas de um tigre, que ardeado em fôlego, não respeita a victima que qualquer dia de si primeiro se offerere! Sim é um o homem do coração de fera, que uma tal acção pratica! Mas os remorsos substituirão ás penas, que deve soffrer o calumniador, que por negligencia e má fé de um tal juiz, foi absolvido. Elles são a consequencia, fatal do crime, que passou impune.

Deus não dorme: é este um axioma mui conhecido; por isso tem Elle os olhos abertos para a justiça, e deste modo ira recompensando pouco a pouco o bem e o mal, até que tenha por sufficiente o tempo para o seu julgamento; e ahí não só responderão os criminosos de facto, como os complices, e máos juizes, cuja sentença outra não sera senão penas eternas, castigo este, que bem recompensa a calumnia, a maldade, o furor e ambição de um coração de fera!

Tudo isto é devido não a mesma calumnia, mas á inveja, essa inimiga irreconciliavel da boa razão e justa consciencia!

Com effeito a inveja é um vicio muito prejudicial á humanidade porque é d'ella, que se deriva a maior parte dos crimes.

O espirito invejoso está continuamente em agitação, e em quanto não vê seus intentos realizados, não repousa, e o primeiro meio á que recorre para levá-los á practica é a calumnia.

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

I.

— DEAS VISITAS. —

— Se quizeres encontrar comigo domingo vai nesse dia á tarde visitar ao Sr. Manoel, que lá estou passando o dia com sua irmã D. Bella — Assim dizia D. Rosa em uma quinta-feira de Fevereiro de 1855, ao seu apaixonado Carlos, á quem tão curto prazo de espera parecia correr mui vagarosamente; porem chegou o dia apressado. Quatro horas soavão, e já Carlos em companhia de sua amante! D. Rosa

estava assentada ao lado de Carlos, e defronte d'este uma menina de 17 annos mui travessa, era D. Bella, cujo porte correspondia exactamente com o nome. É desucessario aqui descrevermos por miúdo a sua belleza; basta dizermos, que os olhos de Carlos insensivelmente d'ella se fitavão, como se fossem feitos para admirar a no que era correspondido.

Mis belleçodes, que lhe desce D. Rosa, elle não sentia.

Chegou a noite, erão horas de Carlos ir para casa, despedio-se de todos e percebeo, que uma das mãos, que elle tocava, apertava a sua como um signal de amor; era a mão da menina travessa. D. Rosa fez-se esquecido, não quiz dar a sua, julgava-se rival de D. Bella, e entendea, que entre esta e seu apaixonado havia coisa, . . .

É esta?! a tal menina! . . . a irmã do Sr. Manoel! . . . não pensei que assim fosse tão engraçada! nunca se me mostrou assim..

Esta meditação occupou a Carlos em todo o caminho, e em quasi uma noite inteira.

No dia seguinte, segundo feira, Carlos foi para a aula sem saber da lição uma pitada lembrou se elle de dizer ao Leite, que havia estado incommodado, e que por isso não tinha podido ver a lição, e que seus incommodos ainda duravão: á visto do que o Leite permitto-lhe, que se retirasse.

Bravo! vou ver a D. Bella — disse Carlos, eucaminhando se para casa d'ella, —

Mas que?! as janellas ainda estão fechadas!! São 8 horas ainda dormem!

Entretanto deu elle uma volta, e sempre fechadas as janellas!

Acaso a visita de D. Rosa se estenderia até muito tarde?! Não admira ella é muito massante,

Carlos voltou zangado,

A tarde porem teve elle a felicidade de ver D. Bella na janella. O ar risouho, e terno com que o olheva, dizia um não sei, que *faz o corar*, e esfriar-lhe as mãos. A cauza d'isto era o amor.

D. Bella — Entre, Sr. Carlos.

Carlos — Minha Senhora. . .

D. Bella — Entre, o Sr. não quer conversar com o mano? elle está ahí, entre —

Carlos — Como a Sr.ª quer . . . entrarei.

A D. Bella enganou-se, o Sr. Manoel não estava em casa, mas sim sua mãe, a Sr.ª D. Michaela; não sabemos se esse engano foi fingimento, mas o certo é que ella disse:

— Enganei-me, Sr. Carlos, pensei que o mano estivesse em casa, o Sr. não reparará isso, mas aqui está minha mãe, que supprirá a falta do mano, e eu que . . .

— Carlos — Não, minha Senhora, essa não é a duvida.

Ca em segredo, elle estava contente por não ter achado o machacoz, cuja presença não é das melhores nessas occasiões. Tive muito de conversar com sua nova amante, e mais praser teria o bomsinho do Carlos, se a hão menina estivesse a rós; sim que se enganasse, julgando sua mãe em casa. Não havia cousa melhor.

D. Bella — Ora, Sr. Carlos fui convidada por minha amiga D. Rosa para jogar o entru-do domingo; ella não o convidou?

Carlos — Não, minha Senhora.

D. Bella — Quem sabe? Esquecer-se ella do Sr.!

D. Michaela — Não repare, Sr. Carlos, esta menina gosta muito de brincar. Cala-te, Bellinha, deixa de ser tóla.

Carlos — Deixe a moça... eu gosto muito de ouvir suas graças.

D. Bella — Fallemos serios: se D. Rosa não o convidar eu a lembrarei.

Carlos — Se a Sr.^a quizer... e fizer-me o favor...

Carlos pega o chapéo, e levanta-se.

D. Michaela — Então, já?!

Carlos — Sim, V. Ex.^a da licença, já são 8 horas da noite, e V. Ex.^a bem sabe, que...

D. Bella — Que, o que? Sr. Carlos; vá, faz bem, faz muito bem. Minha mãe não se importe, elle não tem licença de Dona... .

D. Michaela — Esta menina já começa...

Carlos — Deixe a moça. No entanto fico ainda para mostrar lhe, Sr.^a D. Bella, que nenhuma moça ainda me governa...

D. Bella rio-se á mais, e sabia muito bem que o mestre fugia querer ir-se.

D. Michaela — O Sr. não irá sem tomar chá com nosco.

Carlos — Sim minha Sr.^a, quer fazer-me esta honra...

Erão 9 horas da noite quando se servia o chá, e o Sr. Manoel ainda não havia chegado.

O bregreiro do Carlos era quem fazia o chá para offerecer.

(Continua.)

COMMUNICADO.

— Consta-nos, que o Sr. A. J. Fernandes Guimarães tomara propositio de continuar com a elevação do preço da carne à 120 reis, não só até o resto do presente, como ainda até o fim do proximo futuro anno de 1856!!! Ora se isto por nosse desgraça é real, permittirá o Sr. Guimarães, que humildemente lhe imploramos nós pobres a graça de se dignar por compaixão, por piedade, por charidade d'ar-

redar de si esse propositio, tão fônesto à pobreza quanto é elle exigativo. Não somos culpados Sr. Guimarães do que por ahí dizem. Bem sabemos que S. S. está em seu direito, e não nos esquecemos da lei justa — Cada um dispõe com o quer do que é seu — Temos confiança, de que seremos attendido. Deixe estar, Sr. Guimarães, que Deus não se esquece de recompensar os bons. S. S. é um homem muito bom, probo, honrado, é tudo bondade; ha de ser recompensado.

Um pobre supplicante.

NOTTE.

Eu ainda vivo no mundo
Só p'ra ella o meu amor.

GLOSA:

Joven cheio de esperança,
Hei provado sorte cruel,
No peito que era honança,
Libei calix d'agro fél;
Vasando n'alma a descreença
Do que a ventura pertença;
Mas s'através da dor no fundo,
Uma *estrella* eu vi alem,
Disse — por ti, ó lindo bem,
Eu inda vivo no mundo.

Pois esta *estrella* é o Anjo
Que m'appareceu de salvação,
E de Deus é o Archânjo
Que no abismo me deu a mão;
Porque se outra vez creio
Tendo por vezes algum devancio,
É' por esta *Virgem* do Senhor,
Por a qual peço a Deus;
Realise os sonhos meus
Só p'ra ella o meu amor.

Setembro 29 de 1855.

M. V.

MAXIMAS.

— Os adulares fazem sempre seu negocio com os grandes, como os medicos com os enfermos imaginarios. Estes pagam por males que não tem; aquelles por virtudes que deveriam ter.

— Aquelle, que gosta de ser adulado, é cúmplice do adulator.

— A adulação é um mel envenenado, que adaga os aedumes dos eminentes empregos.

— Os povos tem, como os Reis, seus parasitas e seus adulares!

— Todas as agitações do homem tendem, como as oedes, para o repouso.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão 4 de Novembro de 1855. N.º 42.

AS CONVERSAS DAS MOÇAS.

— Quem estiver bem de perto assumptando com paxorra, vera como são destituidas de solidez as conversas das moças. Sempre com o juizo em actividade similhoute gente, e sempre encontrado quem lhes assista, em que versam suas conversações? Esta chega á janella, ou ao quintal, chama a vizinha e se põe a dissertar sobre modas, sobre vestidos, por exemplo de dous corpos, de mangas de rufo, sobre-golas de renda, & & discute sobre os melhores cosmeticos, e pomadas as mais approvadas; como devem ser penteiados os cabellos, ora de pasta lustrosa, ora de camello, ou caramuje, ora á Maria Stewart; qual assenta melhor para os bailes, qual para o Theatro e funcções de Igreja. Aquella mostra a camarada Janinha os seus bilhetes amorosos, as cartiobas emblematicas que tem, um presente que o seo joven adorador lhe enviou e que guarda como penhor da terna amizade; conta-lhe as aventuras por que tem passado, os ciúmes, que tem feito e as artimanhas astuciosas de que se tem servido para trazel-o preso e acorrentado, como seo humilde vasallo. Est'outra entretém o tempo com a Priminha com a conversação de uma noite passada em um baile, das quadrilhas, que dansou do par que teve, dos seus vís-á-vís, — do encontro feliz de uma amiga sua da infancia, que ha muito não via, do modo de trajar das outras companheiras da danza, — do toilette, que lá bouve, e do modo porque foi servido o chá, & &. Aquell'outra que prepara um passeio para d'aqui a dous mezes, já trata de convidar a camarada de longe para lhe acompanhar as folgas, dizendo-lhe que lhe sera de muito praser sua companhia, com a qual conta, que não lhe falte para poder mais sa-

borear as commodidades do local, onde vai passar, e si a dita camarada é das de genio misantropo, lhe faz ver que a distracção lhe será muito aproveitavel e de beneficio á sua saude, pois a viver muito reconcentrada em breve acabará seos dias.

Emfim são deste e d'outro jaez as conversas das moçobas. Eu lhes dou muita razão, porque cada um usa do que gosta, e si ellas tivessem mais ou menos fundo de cabedal scientifico, de certo deixariam estas oblidades ridiculas e trateriam da litteratura, da musica, de pintura, e & &. porém sendo privadas dos conhecimentos, porque infelizmente entre nós o bello sexo não recebe a educação, que lhe é devida, e apenas uma ou outra moça, (a não ser a aprendizagem do piano,) sabe um pouquito de Francez, como nas reuniões não apparecerão discussões, como as que acima havemos dito? Assim não são ellas criminosas, sim, aquelles que por um mal entendido principio não lhes dão a verdadeira educação, com que no futuro poderão ser optimas matronas, e respeitaveis mães de familia.

A SEMANA.

Sabbado ás 6 horas da tarde.

— *Leitor!* Depois da grande festa dos Remedios, que todos os animos trazia preoccupados, e que tanto arruido causou, cahio esta nossa bella cidade em tal monotonia, de sorte que bem pouco tem occorrido, que mereça a penna registrar-se: todavia como temos sobre nossos humbrós a tarefa semanal principiaremos por descrever os factos mais importantes.

No *Diario* de 17 da corrente lemos com a maior satisfação um communicado do nosso amigo

S. relativo ao Gabinete Portuguez de Leitura, e julgando de summa importancia a materia que n'elle trata, não podemos deixar de acompanhar tão bons desejos, e de dizer a respeito algumas palavras.— Segundo afirma o mesmo Sr. o Gabinete fizera ultimamente uma bella aquisição de accionistas, cujo numero sobe acima de 20; e entre os quaes figura um nome muito distincto, e muito conhecido o do Sr. Dr. Constantino de Mello Pereira: é em verdade muito satisfactoria esta noticia, e todos os accionistas se devem rigozizar por ver em seo seio, um homem que por suas luzes, talento e muito estudo, pode concorrer bastante para a gloria, e prosperidade de um estabelecimento ainda nascente sim; porem ja tão bem regularizado, e que promete uma existencia duradoura, e um futuro preche de esperanças lisongeiras, e fructos os mais deliciosos.

Diz mais o nosso amigo S., que se tratava de dirigir algumas ontras circulares aquelles dos portuguezes, que se achassem em estado de poder ser accionista, assim como de ver se se attrahia para o gremio da nossa Sociedade o Sr. Dr. Carvalho Sobrinho: uma tal aquisição, que enche de prazer a todos os accionistas, e lhes dá uma verdadeira honra, é certamente para se ambicionar; e por isso fazemos votos para que o Sr. Dr. Carvalho se não escuze ao pedido, que tão ardentemente lhe fazem os seus compatriotas.

Com a entrada do Sr. Dr. Carvalho para o Gabinete, muito lucrará este estabelecimento, protegido pela sua sabedoria; assim pois rogamos a direcção de envidar os seus esforços para que as nossas esperanças em breve sejam realizadas.

A ideia para a creação de um periodico litterario é tambem de grande alcance; lembramos porem que em vez de mensal, seja a sua publicação semanal, em 4 paginas: não será difficil levar a effeito essa publicação sobretudo se o Sr. Dr. Carvalho quizer encaregar-se de sua redacção; assim como alguns accionistas que pelos seus talentos e estudos se achão no caso de poder coadjuval-a.

Como accionista, que somos, não podemos deixar de tomar parte bem activa no prazer, que sentem os nossos companheiros, pelo estado de prosperidade em que se acha o Gabinete; e por isso fazemos votos de reconhecimento a todos aquelles que até hoje tem trabalhado para a gloria, progresso, e estabilidade d'aquelle—associação.

—Uma grande catastrophe teve lugar Domingo 28 do passado no *Tivoly*, trabalhava velozmente o sarilho, quando de repente de uma das cadeiras cahio ao chão um filho do Sr. Severiano Nunes, moço de 16 annos pouco mais ou menos; a cabeça ficou horivelmente fracturada, e um jorro de sangue inundou immediatamente o lugar da queda.

Foi immediatamente conduzido para a casa, e segundo nos consta acha-se melhor, e para isso tem-se empregado todos os meios, afim de o poder salvar.—A queda foi produzida pela tontice, que acometio a cabeça do joven logo ás primeiras voltas do sarilho.

A concorrência foi bastante pequena; e não houve baile no memoravel salão de *Flora*.

Falla-se na execução de um grande baile, logo que se receba participacão official da coroação do Joven Monarcha Portuguez D. PEDRO 5.º Os accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura concorrerão para esse fim com avultada quantia; é de esperar que a coisa seja brilhante, e digna do tão excelso Monarcha.

—Quarta-feira teve lugar o beneficio do Sr. Julio das Santos Pereira. Na execução das 12 sortes

annunciadas; este Sr. trabalhou divinamente, apresentando tal presteza e agelidade, que produziu no animo dos expectadores a mais completa illusão, que os arrebatou a uma especie de delirio. A ultima sorte—a *princeza encantada*—causou geral enthusiasmo, sobre tudo por apparecerem n'essa occasião os dous pavilhões, nacional, e portuguez, ao som de um hymno optimamente executado pela orchestra. O Sr. Julio é um simples curioso, que nunca sahio d'aqui, e tudo quanto sabe aprendeu no seio dos seus comprovincianos, por isso é que não foi admirado, como merecia; e como seria, se fosse um celebre Ramonda, que aqui esperamos á mais de 10 mezes! O publico, que concorreu ao espectáculo mostrou ficar satisfeito do trabalho phisico do Sr. Julio, e por toda parte lhe tecem merecidos louvores. Esperamos pois que não desanine; e se pretende dar outro espectáculo, desde já lhe prophetizamos uma grande enchente.

—Chegou no dia 27 do passado o vapor do Sul, trazendo-nos a triste noticia de estar acampado na Corte o maldito *cholera*.

—A Bahia estava já mais dezaesombreada; a epidemia ia desaparecendo sensivelmente. Todas as ontras provincias gozavão de paz.

—Na noite de Quinta para Sexta-feira sahia para á Parnaíba o Brigue Escuna *Arcelega* por descuido do Capitão e tripulação, foi este navio em cima de uma Polaca Hespanhola que se preparava para seguir ao Pará na mesma noite; este navio sofreu grande estrago que o proprietario daquelle se prontificou a pagar. Ao mesmo tempo que isto se passou, dois praticos da barra levados pelos effeitos da embriaguez divertiam-se espancando um ao outro, o que rezultou ferirem-se gravemente; forão logo recolhidos á prisão, porque á noticia do *policeia*.

Leitor! Por hoje já basta de massada; aceitai o nosso cordial adeus e até sabbado.

—Lê-se no *Mercantil* de Porto-Alegre de 18 de Setembro p. p. o seguinte:

“O consul portuguez e os negociantes da sua nação estabelecidos em Porto Alegre festejarão no dia 16 a maioridade de seu monarcha.

“Na igreja cathedral, ricamente adornada foi pelo venerando bispo diocesano e clero da capital entoado um solemne *Tc-Deum*. Assistirão a elle o Sr. vice-presidente da provincia, o presidente nomeado para ella, a municipalidade, o Sr. general das armas com seu estado maior, todas as corporações civis e militares, e extraordinario concurso de cidadãos, e de estrangeiros, sendo a grande maioria de subditos portuguezes.

“O reverendo Manoel Rodrigues Coelho das Neves, vigario de S. Jeronymo, pronunciou uma brilhante oração, em que, esboçando a larga traça a historia da monarchia portugueza exaltou as qualidades do joven monarcha lusitano, e as esperanças que nelle fundam seus subditos, e a Europa civilisada.

“Depois do *Tc-Deum*, achando-se presentes as 7 expostas da santa casa, procedeu-se ao sorteamento para a entrega do dote com que os subditos portuguezes quizerão obsequiar a uma dellas, e a sorte favoreceu a joven D. Maria do Carmo de Sant'Anna, pondo immediatamente o Sr. consul de Portugal á disposição do Sr. mordomo dos expostos a quantia de 6000\$ de que consta o dote.

“Uma guarda de honra do batalhão 13 fez continências do estylo.

„ Ao findar-se o *Te-Deum*; os *Srs.* cirurgiões militares offereceram ao *Sr.* consul de Portugal para curar gratuitamente todos os subditos pobres que carecessem de seus cuidados.

„ A noite o *Sr.* general das armas mandou uma banda de musica militar tocar á porta do consulado portuguez.

„ Uma recita em grande gala teve lugar no theatro, cantando a companhia dramatica e lyrica diante do retrato de *D. Pedro V* o hymno portuguez, sendo as letras compostas expressamente para esse dia.

„ Fiada o hymno o *Sr.* vice-presidente da provincia deu vivas á nação portugueza e ao *Sr.* *D. Pedro V*, respondendo o *Sr.* consul de Portugal com os vivas á nação brasileira, ao *Sr.* *D. Pedro II*, e á brava provincia do Rio Grande.

„ Em todas estas demonstrações os subditos portuguezes não pouparão meios de patentear a sua alta estimação, amizade e reconhecimento ao paiz onde residem, e da mesma forma os Brasileiros sympathisaram com a maneira nobre e digna com que aquelles saudaram a subida ao throno de seu esperançoso monarcha, sobrihu e amigo do imperador do Brasil.”

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

II.

— O *Sr.* MANOEL. —

(Continuado do n. 41.)

— No momento, em que Carlos offerecia uma chavana de chá á *D. Bella*, baterão a porta; Carlos assustou-se, e cahio-lhe da mão a chicara. A *Sr.* *D. Bella* ria-se demasiadamente, no que era acompanhada por sua mãe a *Sr.* *D. Michaela*. Foi se ver quem era. O *Sr.* Manoel entrava: as risadas continuavão.

O *Sr.* Manoel: que é isto ? !

D. Bella. — O *Sr.* Carlos assustou-se quando bateste a porta, e deixou cahir a chicara da mão. — O susto não era para menos; estamos certo de que a presença do *Sr.* Manoel não era nada agradável ao *cunhado*.

O *Sr.* Manoel — Por aqui *Sr.* Carlos ? é novidade !

Sem daviada ella era alguma, porque visitando Carlos ao *Sr.* Manoel nunca se demorara tanto.

Carlos. — Nenhuma, meu amigo, sua mãe quiz, que eu lhe fizesse companhia hoje no chá, e como é cousa, que nada custa, é antes um favor que me querem fazer, deixei-me ficar.

D. Bella rio-se baixinho.

D. Michaela — A visita é tua, Maninho, e isto mesmo porque Bellinha o fez entrar.

O *Sr.* Manoel — Sim o *Sr.* Carlos só gosta de visitar a quem faz-lhe conta. Estou convencido de que se eu fora *D. Roza*, muitas visitas teria iguaes á esta.

D. Bella consigo: O Mano ainda está innocente

Carlos — Até o *Sr.*, Senhor Manoel ?

D. Bella — Não lhe toquem no fraco.

D. Michaela — Deixem o moço.

O *Sr.* Manoel assentou-se ao lado de Carlos, e jamais deixava-o prestar attenção á menina; começava a conversar-lhe em factos, que nada interessão. Carlos queixava-se de calor porem o amigo não o attendia; convidou-o para o quarto. Este favor não fez bom cabelleo ao sujeitinho, que antes queria estar em um forno, tendo em presença a bôa menina, do que com muita liberdade, muito fresco em ausencia della, por isso agradeceu-lhe o favor.

Erão 10 horas, e Carlos ja não se lembrava que era filho familias, e nem tão pouco *D. Bella* e sua Mãe o advertiam; e tão entretido estava elle na conversa, que ainda perguntou: — Ja são 9 horas ?

D. Bella — Ainda não,

O *Sr.* Manoel — E o *Sr.* Carlos é captivo das horas ?

Carlos — Sou filho familias, por conseguinte não devo demorar-me mais, que até as 9 horas.

O *Sr.* Manoel — Peza-me diser-lhe que são 10 horas.

Carlos — Dez horas ! ! !

Carlos despedio-se e ao dar a mão á *D. Bella*, sentio apertar-lhe ainda mais, que d'outra vez.

Elle hio para casa meditando em *D. Bella*: é um anjo. . . meu Deus ! que formosura ! que fallar engraçado ! é um anjo ! . . .

Carlos tendo chegado a casa quiz estudar a lição de terça-feira, mas cada letra do livro, lhe dizia: é um anjo ! que formosura ! que fallar engraçado ! é um anjo !

(Continua.)

COMMUNICADO.

Um casamento.

— No dia 27 á noite celebrou-se nesta Cidade o casamento do *Sr.* Capitão José Valente Cordeiro, actual commandante da Fortaleza de S. Luiz, com a *Exm.* *Sr.* *D. Francisca Benigna Sodré*, ambos naturaes de Gram Pará.

Louvamos sobre maneira ao illustre novo pela resolução, que tomára, merecendo por isso approvação de todos aquelles, que o aprecião. Deus os conserve por muitos annos, acompanhados da sancta harmonia, que torna-se indispensavel em tão importante e honroso estado, qual o do Matrimonio.

VERDADES PURAS.

E' tal a ordem ou desordem deste mundo, que geralmente as cousas mais estimadas são as menos estimaveis; o mais val menos, o menos val mais. Despresamos o que deveramos amar, amamos o que convinha desprezarmos.

—Se quizeres ter muitos amigos, aprende bem a jogar e dançar, e serás acceito nas melhores companhias.

—A vida é como os amantes bandoleiros, promete o que nunca dá.

—Se não fosse um sonho, a felicidade fora a mais bella realidade d'este mundo.

—Uma das mais notaveis singularidades do mundo moral, é que a felicidade d'esta vida ordinariamente está na razão inversa do discernimento, da experiencia, e do saber dos individuos. O menino é mais feliz, que o rapaz, este que o mancebo, o mancebo que o homem na idade viril, este mais feliz que o ancão experimentado. Somma feita: o mais tolo, é geralmente o mais feliz dos homens.

—O homem até aos quarenta annos conta mais com os que pode viver, do que com os que tem vivido; dos quarenta em diante conta mais estes do que aquelles. Até então encara o futuro com esperanza, depois desaparece cada vez mais illusão do futuro, nasce e cresce na mesma proporção a saúde do passado.

—Quem quizer gosar de algum bem ser n'este mundo, deve desejar o menos possível, e saber soffrer todas e quaesquer penas.

—Se não quizeres ver trocado em dor o prazer, não o procures com demasiada anciedade; não revolvas-lhe a taça, toca-lhe apenas de leve com os labios, não lhe queiras ver o fundo; por que ahí se escondem a dor, a displicencia, e o prazer.

E' tão fortuita a sorte do homem n'este mundo, que as cousas mais accidentaes, e aparentemente insignificantes, decidem muitas vezes de seu bem-ser e de seu infortunio. O casamento, a amizade, o amor, a profissão, eo genero de vida, tudo é mais obra do acaso que de nosas proprias combinações.

—Nem por isso o homem deixa de ter uma parte tao pequena em sua sorte; do seu juizo, circumspecção, discernimento, prudencia, depende muito a modificação, e mesmo o rumo das circumstancias, em que o acaso o pode collocar.

As almas mesquinhas e invejosas disforam-se em depreciar, deprimir, e ridicularisar aquillo que ellas não são capazes de igualar.

—O ridiculo e a injuria são duas armas terriveis, aquella para o aggreddido, est'outra para o mesmo aggressor. O ridiculo é uma

arma, que tanto tem de contundente, forte, e venenosa, quando de incisiva e cortante: é a massa de Hercules e ao mesmo tempo a lança de Ulysses. A injuria é uma pistola que sempre mente fogo, e deixa o aggressor desarmado e com cara de jumento.

—O ridiculo é o argumento derradeiro da razão, e o primeiro e unico da sem-razão. A injuria é o primeiro e ultimo da sem-razão, e traz o cunho da fraqueza de quem o emprega. O ridiculo é irrefutavel. A injuria como é patada de animal couceiro, não carece de reputação; e como não faz senão mostrar a manha d'um animal, a sua maior resposta é o silencio ou o desdém.

POESIA.

MINHA MÃE.

Ainda na infancia corrião meus annos
Minh'alma innocente não tinha querer,
Meus ais, meus suspiros, apenas nascidos
No peito materno se vão esconder.

Meus jogos, meus brincos, então meus amigos
Enchião minha alma de vero prazer:
O tempo se passa, e novos prazeres
Dos jogos d'outr'ora me fazem esquecer.
Se as vezes no prado, quando era sor pisto,
Correndo na relva colhia uma flôr
Voltava contente, o achado mimoso
Na fronte materna alegre ia por.

Se alguém me offendia corria choroso
Ia em seu seio meu pranto enchugar,
E ella benina com ternos abraços
Fazia-me a offensa depressa olvidar.

Os annos passarão, as quadras são outras,
Meus brincos de outr'ora de todo esqueci,
Minh'alma se enche de novas paixões,
Paixões de tal sorte qual nunca senti.

Em meus devaneios por casta donzella
Meu peito se abraza de amor nobre e santo;
Porem minha Mãe que outr'ora eu amava
Ainda eu adoro, não mais, porem tanto.

O homem envelhece, os annos lá voão,
E ordem do mundo o tempo passar;
Porem, minha Mãe, amor, que te voto
Por lei da natura não pode mudar.

F.

Corte—Abril de 1855.

—Por falta de espaço não respondemos á correspondencia publicada hontem no *Diario*; o que faremos no seguinte n.

Typographia Maranhense—de A. J. da Cruz—1854

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão 10 de Novembro de 1855. N.^o 43.

A SEMANA.

—Leitor! Fiel a nossa promessa vamos procurar desempenhar o trabalho d'esta semana; supposto que as novidades, que tem chegado ao nosso conhecimento são de bem pouca importancia.

Em o numero passado promette-nos responder á correspondencia inserta no *Diario* de 3 do corrente, e assignada por um *colono doente no turo*; e agora passamos a accentos segundo nos dicta a consciencia.

Diz o mesmo *colono*, que em lugar do baile, que pretendem dar os portuguezes em signal de rigozijo pela aclamação do Sr. D. PEDRO V, se instalasse uma sociedade de beneficencia debaixo dos auspicios do mesmo Augusto Monarcha; nós porem não podemos concordar de maneira alguma com tal lembrança; pois não é admissivel n'este caso, e de mais é costume muito antigo entre todos os povos os bailes, e as illuminações para attestar o rigozijo popular por algum feliz successo, tal como a aclamação de um principe em que toda uma nação funda as suas mais gratas esperanças. A França e a Inglaterra nos dão disso o mais bello exemplo. Porem não era preciso irmos buscar tão longe esses exemplos, e bastava volvermos os olhos para as diversas provincias do Imperio, para abivermos que os nossos compatriotas tem festejado a coroação do seu Monarcha, com bailes e illuminações; nós pois tambem devemos imital-os, para que não carreguemos com a tacha da indifferença, pouco patriotismo e pouca dedicacão, e assim somos de opiniao, que o baile, desde tanto tempo projectado, deve ter lugar logo que se receba participacão official da aclamação, pois que d'essa forma mostraremos aos nossos irmãos, que habitão outras provincias, que procuramos rivalisar com elles em todas as demonstrações de rigozijo e de prazer por um tão feliz successo, qual o da aclamação do Sr. D. PEDRO V.

A lembrança do Sr. *Colono* não é inteiramente destituida de fundamento, devemos confessar; porem só poderia ter lugar a installação da tal sociedade depois de dado o baile, e no caso de pudermos os portuguezes aqui residentes carregar com as despesas d'essa sociedade.

Tambem tem lugar essas sociedades por occa-

zião do fallecimento de algum principe, ou monarcha, &c. &c.

—Acaba de ser publicada no *Observador* de 1 do corrente, a biographia do Dr. Eduardo Olympio machado, pelo Sr. Francisco Sotero do Reis.

Os corações maranhenses ainda se conservam cobertos de luto e cheios das mais saudades, quando esta publicação, vem fazer avivar n'elles o profundo sentimento, a que dá lugar a morte do illustre Administrador.

Com aquella repartidura e tranquilidade, que lhe é tão natural, e com aquella elegancia e dellicadeza, que tanto caracterizão os seus escritos, o Sr. Sotero dos Reis soube esboçar em largos traços a vida e feitos gloriosos do Dr. Olympio Machado.

O trabalho de que se encarregou o illustre escritor, e que tão felizmente desempenhou, é de summa importancia, por si mesmo recommendavel, e digno sem duvida alguma da pessoa, cuja memoria elle pretendeo, e conseguiu perpetuar.

As sympathias de que gosava o illustre finado, as virtudes, que servião de ornamento ao seu coração, a sua sabedoria, e muita illustração, devião ser transmittidas a posteridade em monumentos duradóres; estes porem surgem de todos os lados e o homem que tão grandes benefícios fizera a esta provincia, e que por algum tempo servira de estrella para guiar os seus filhos ao campo da gloria e da prosperidade, da civilisação e da grandeza, vivirá d'agora para sempre em todos os corações maranhenses.

—Infelizmente para nós, o governo do Dr. Olympio Machado foi de curta duracão, pois que a morte veio colhel-o no momento em que a provincia mais precisava de seus serviços, e quando elle prometia realizar algumas reformas de grande utilidade, e introduzir alguns melhoramentos, que haviam de concortar em muito, não só para a nossa felicidade, como para o augmento das rendas do estado.

Como administrador tem o Sr. Dr. Olympio Machado inquestionavel direito ao primeir lugar na lista dos muitos, que tem presidido applicativos d'esta provincia; e como homem participar merece os mais sinceros elogios, pois que sempre se tornou digno da confiança, que n'elle depositavão, e da estima que lhe votavão os homens probos e honestos: resta agora saber se um homem com tão bons des-

jos, e com tão nobres sentimentos será perfeitamente substituído; nós entendemos que não será isso cousa fácil de acontecer, todavia aguardemos o futuro, pois só elle é que poderá resolver cabalmente esta duvida.

No dia 4 do corrente falleceu a Illm.^a Snr.^a D. Militina Alzira Jansen Müller, e foi sepultada no Cemiterio dos Passos; depois de duas missas de corpo presente, o Snr. Dr. José Joaquim Ferreira Valle recitou um pequeno discurso analogo.

Com a chegada do vapor *Guanabara* do Pará, tivemos noticias, de que a epidemia tinha reaparecido, e que continuava a causar grandes estragos.

Algumas horas antes do vapor largar d'este porto para o sul, adoecerão a bordo 4 pessoas; esta informação foi-nos dada por pessoa fidedigna.

Leitor! Não pretenderamos levar tão longe a nossa revista, e cansar porisso a vossa paciencia; assim temos resolvido terminar aqui, rogando-vos que aceiteis um apertado abraço e muitas saudades nossas. Adeus até a primira.

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

III.

—AS DUAS AMIGAS.—

(Continuado do n. 42.)

—Erão cinco horas da tarde da quinta-feira de Janeiro de Fevereiro de 185... quando as duas amigas se encontrarão em um passeio no largo dos Remedios d'esta Cidade.

D. Roza ardendo em ciúmes pelo seu apaixonado Carlos, tinha-o por objecto de sua conversa com a sua amiga (sua rival) D. Bella; porem de que maneira fallava aquella ciumenta á respeito de tão interessante rapaz? talvez pensem alguns, tecendo-lhe sem duvida mil elogios; más não, desfazendo sim d'elle, e chamando o até tólo, palavra esta, que proferida por uma d'essas deidades equivale á um anathema, mas aqui não teve este sentido; foi apenas um meio, de que ella quiz se servir para encobrir ainda que inutilmente o ciúme que a devorava por amor d'aquelle menino turbulento. Entretanto D. Bella, que alem de velhaca era mui jubilada, depois de já a ter ouvido bastante, interrompeo-a, dizendo, como conselho de uma boa e verdadeira amiga, as seguintes palavras, acompanhadas de uma certa graça, que encantava a quem por curiosidade a escutasse:

—Minha amiga o, que me parece, é que V. já ardendo em ciúmes por Carlos; quem sabe se elle não tem nova amante? ou que não sendo, V. suppõe o contrario? minha amiga deve ter ouvido o rifão antigo—*primeiro ver depois crer.*

D. Rosa.—Eu....

D. Bella continúa—Sim eu estou bem certa de que V. o ama com ardor, e por

tanto não admira, que esse mesmo ardor obrigue a V. fazer tão máo juizo d'sse moço: o ciúme é uma exuberante prova de amor, V. ama, por isso parece-lhe á cada hora, á cada minuto, á cada instante acabar-se trahida. Creia mais em palavra de amiga, que se eu me occupo em sua defeza, nem um outro interesse me obriga á fazel-o á não ser o desejo, que tenho de vê-la em boa harmonia com elle. Carlos ama excessivamente a V., por tanto, não convem, não é justo, que seja assim recompensado.

—Elle lh'o disse? (perguntou D. Rosa). E com sigo só—Será verdade?!?!...

—Ouça mais: elle não m'o disse, porem o modo, com que falla elle á seu respeito, bem revela a sympathia, a inclinação e ainda sobre tudo o amor, que ardentemente lhe consagra. Minha amiga queixa se sem a menor razão, deixe-se pois disso, faça a paz com o moço.

D. Roza, cujo coração só respirava ternura, deixou-se levar pelas palavras de sua amiga, e assim não podia perceber a ironia, com que ella lhe fallava.

O que D. Bella queria, bem sabemos, era se feita paz entre os dous, punha Carlos o pé em casa de D. Roza para o taljogo de entrudo.

D. Bella ainda continúa—Quer V. um meio melhor para fazer a paz com elle? Convide-o para jogar o entrudo domingo com V.

—Vexa-me convidal-o, receio, que não aceite meu convite, se V. quizer encarregar-se disso...

—Se é de seu gosto....

—Convide-o.

—Convidarel.

O Campanario da Igreja dos Remedios soava Ave Maria, e um vulto se aproximava para perto das duas amigas; ellas pararão com a conversa, em que estavam entretidas; conservarão se mudas: o largo estava um deserto. Seria alguma alma d'outro mundo, que viesse cumprir com alguma penitencia, e que ao som do campanario ali apparecesse?! O vulto aproximava-se, ellas querião fugir. D. Bella, que era mais animosa não poude conter-se; perguntou:

—Quem sois?

Carlos soltou uma gargalhada, e disse—Acazo me temião?! D. Roza, tornou-se mais tremula, do que estava, e com profundos suspiros disse comsigo.

—Carlos! Carlos!

A presença de Carlos despertou em ambas ardente ciúme: elle não ignorava, todavia D. Bella occultava-o, e affectando interesse pela sua amiga, disse.

—A proposito, Sr. Carlos, aproveitamos a

ocasião de convidal o para o entrudo, que temos de jogar domingo, em casa de minha sogra.

Carlos — Tanta honra, minha Senhora !.. pois não, lá me acharei

Erão sete horas da noite quando todos se retirarão para casa de D. Bella. Carlos não qui entrar, despedio-se á porta. D. Rosa, que havia entrado não demorou-se, retirou-se para sua casa acompanhada do Sr. Manoel, e uma sua escrava, de nome Constantina, á quem ella confiava seus segredos.

Não sabemos do que mais se passou nesse dia.

Não deixamos de notar, que havia cinco dias, que Carlos não via livro; e tinha razão, porque D. Bella queria, que elle fosse a sua casa todos os dias, e D. Rosa mandava-o espiar; a sua imaginação, o seu pensamento estava todo entregue na contemplação da *travessa*, e deste modo vivia constantemente atropelado, não podendo por isso estudar.

(Continua.)

◊ MUNDO ◊

(AO ILLM. E RVM. SR. CONEGO COMMENDADOR J. G. S.)

—Este mundo, que se nos figura tão li-songeiro, ue todo uma méra inconstancia: n'elle nada ha estavel: é uma completa vaidade: é mais ainda, e uma illusão.

Desde que o homem, começa á conhecê-lo, essa mesma illusão offusca-o com apparencias agradaveis, chamando-o ao apego ás suas vaidosas pompas.

Tal he a fragilidade do homem que o conduz á propria infelicidade, offerecendo lhe aquillo, que até o damnifica !

O bem se mostra ao homem sob caracteres feios, horrendos, e difficéis de comprehendê-lo, pelo contrario o mal se lhe pinta com côres, que encantão de um modo bello, agradável ! Aquelle, que tiver meios de comprehender o primeiro, pode sem duvida, sem risco algum gloriar-se em ter vencido um não pequeno obstaculo, que soe apparacer d'encontro a virtude, e do mesmo modo pode se julgar bem feliz, mui ditoso aquelle, que souber desprezar o ultimo.

O mundo tem duas faces; uma d'ellas é horrivel, e outra encantadora: n'aquelle está occulta a felicidade, e nesta a desgraça, a miseria !

Sabemos nós, qual é o nosso maior inimigo ? não é preciso, que o procuremos muito longe, bem perto está elle. Queremos vel-o ? Aquillo, que se nos mostrar mui bello, é esse o nosso maior inimigo: é elle o mundo !

Sabemos tambem qual é o maior amigo

do mundo? Tambem não é preciso pensar muito para dizel-o. Fitemos os olhos no homem: é esse o maior amigo do mundo.

Miseria ! miseria ! amar o homem aquillo que mais o odeia !!!

Queremos ver a effigie do demonio ? Já não é difficil de vermol-a : basta olharmos para o mundo; shi está retratado com a maior perfeição o principe das trevas.

É pois ao mundo, á que devemos nossas misérias, á esse mundo ingrato, que fortalece a crença do atheo: é elle mesmo, que diz ousadamente — *Não existe Deos* — Contradição !

Se não fóra o apego, que se tem ao mundo, felizes seriamos nós: a morte seria encarada com desprezo: e quiçá fosse ella considerada como uma felicidade.

A vista de tudo isto já sabemos nós qual o meio para conseguirmos a bemaventurança, que é considerar o mundo pela face, que se nos mostra horrenda.

O homem foi creado para Deos só, por isso é mister, que para Elle só viva, e não, como as vezes acontece, para o mundo, porque para este forão creados os irracionais: e desgraçado daquelle que só vive para o mundo, porque seu fim será ainda peor, que o do mesmo bruto.

Lemos.

em que não creio.

— Não creio em moça que todas as tardes está á janella.

— Não creio em moça que escreve cartas ao namorado.

— Não creio em moça que dança pulado no Tivoly.

— Não creio no acabamento do caes da sagração.

— Não creio em homem calvo que uza chinó.

— Não creio em moça que bate com a janella quando algum amantetico lhe dirige alguma graça.

— Não creio em frade que passeia de noite, fora do convento.

— Não creio em padre que frequenta amiudadas vezes a casa de alguma familia.

— Não creio em caxeiro que ao dia de semana vai jogar o bilhar em casa do Figueredo.

— Não creio em moça que no Theatro se affirma muito para a platea.

— Não creio em empregado publico senão em principio de mez.

— Não creio em moça que quando vai a baile leva um boqué para o seu par da Schotyz.

— Não creio na vinda da companhia lyrica, nem do Ramenda.

— Não creio em moça que está á janella em horas certas e determinadas.

— Não creio em moça que falla a noute ao namorado.

— Não creio em poeta que faz versos á todo e qual-quer individuo.

— Não creio em logista que annuncia muito as suas fazendas.

— Não creio em moça que quando vai a bailes já tem par para todas as quadrilhas.

— Não creio em homem cazado que sabe a passeia todas as noites.

— Não creio em mulher casada que dança no Tivoly com moço solteiro.

— Não creio em moça que leva todo o dia a cantar ao piano.

— Não creio nas medidas sanitarias do Lazareto da Ponta d'areia.

(Continua.)
O Desterrado.

POESIA.

A VIVANDEIRA.

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor,
Quem não canta na força da guerra,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem á vida quizer verdadeira,
E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida, esta vida que eu passo,
Com tão lindo gentil moctão,
S'eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'r'o meu coração.

Que ternura cantando ao tambor,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem á metralha,
Derrubando fleiras sem fim:
E depois, só depois da batalha,
Vê-o sair cantando-me assim:

Em t'as marchas fazendo estandeira,
Mas t'eu amo, gentil vivandeira.
Não me assustam trabalhos da vida,
Nem as ballas me fazem chorar.
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada á cantar;

Qu'eu lá sinto no campo o tambor,
A fallar-me meiguices de amor.

Só na guerra se matão saudades,
Só na guerra se sente o viver;
Só na guerra se acabão vaidades
Só na guerra não custa o morrer.

Ai que vida! que vida! que vida!
Ai que sorte também escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos
Estes cantos do meu coração;
Mas prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão,

Ao taplão, rataplão, do tambor
Vai cadente fallando de amor.

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveu;
Quem sosinha passando na terra,
Nem o pae, nem a mãe conheceu!

Quem á vida quizer verdadeira,
E' fazer-se uma vez vivandeira.

(Ext. das Poesias de L. A. Palmeirim.)

O DIA 28 DE OUTUBRO.

(A' EXMA. SRA. D. MARIA * * *)

Oxá, oh Céos! saber cantar!
De Maria o Natalício
Cantar quizerá em miúda lyra
Com grão prazer, e summo brio.

Desafinada, e mesquinha lyra
Só possuo á meu pezar.

Más já qu'a sorte o quer,
Que fazer, meu Deus? Cantar!

Cantar como, s'eu não posso,
Se voz tenho enrouquecida,
Se a muza zombar quiz
Da minha triste, e pobre vida?

Ah! justos Céos por compaixão!
Cantor inspiral sublimado,
Que de Maria o Natalício
De prazer cant'extasiado,

S. Luiz. 1855.

PENSAMENTOS.

— A prudencia parece não ter sido feita para o amor, nem o amor para ella. Á medida que o amor cresce, a prudencia diminue.

O tempo fortifica a amizade e enfraquece o amor.

Não ha disfarces que possam por muito tempo occultar o amor onde elle existe, ou fingir-o onde o não ha.

Os amantes como os salteadores, tomam em principio precauções superfluas, vão nas gradualmente diminuindo, até que omittem as necessarias.

A escravidão dos amantes é a ambição de dominar.

Não se ama muito tempo quem se não estima.

Quantas pessoas dizem que se amam a perder a cabeça, estando bem seguras de a conservar?

O amor parece com a lua; quando não cresce é forçoso que diminua.

Quem diz que quer fazer a felicidade de quem ama, as mais das vezes não cura seu de fazer aquillo que julga sua felicidade.

Não ha nada tão commum como o fallar do amor; e não ha nada tão raro como o fallar hem delle.

A agitação da alma não é meos contraria á felicidade, que a fermentação dos humores á saude.

Nossos maiores votos são pelo repouso; nossa vida é pela agitação.

A agitação convem aos amigos da liberdade; o somno é o paralyzo dos escravos.

Muitas vezes o turbilhão do mundo, depois de haver longamente agitado aquelles a quem eleva, os deixa cahir e revolver na poeira de que sahiram.

A CROSTICID.

Aquella que vi hoje tão bella tão linda
Atou o socoço no meu coração;
E neste peito em que sua voz vibra ainda,
Fancái de amor—uma chama volcão;
Muda em tremo de seu terno olhar,
Arde mesmo que mata a fallar.

Outubro 7 de 1855.

M. F.

Typographia Maranhense — de A. J. da Cruz — 1855.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANARIO.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão 18 de Novembro de 1855. N.º 44.

SOCIEDADE PHILANTHROPICA.

—Acaba de chegar ao nosso conhecimento uma noticia assas importante, e apressamos em apresental-a aos olhos do publico judicioso. Segundo alguns jornaes, formou-se à pouco tempo na cidade de Porto Alegre uma sociedade, verdadeiramente philanthropica, na qual tomão parte muitas pessoas distinctas e cujo unico fim, é accumular capitães, para resgatar, todos os annos, do poder da escravidão, tantos escravos, quantos forem compatíveis com os recursos da mesma sociedade concorrendo, para esse tão santo e justo fim, cada um dos socios, com o modico donativo de 500 reis mensalmente.

O fim a que se propõe essa sociedade não pode ser mais importante, e nem mostrar um sentimento mais ligado com o Christianismo; e porisso nos congratulamos sinceramente com os nossos irmãos do Rio Grande, por terem tomado a iniciativa em um objecto, que não só occupara, em breve, os corações mais generosos; como tambem que se propagara com rapidez por todo o paiz, e que trará ao seio de muitas familias hoje reduzidas a escravidão, o socego, a tranquillidade, e todos os mais gozos, que lhe são inherentes.

Em verdade, nada pode ser mais triste, nada mais terrivel, do que a palavra—escravo; e todavia nós olhamos com a mais completa indifferença para esse numero infinito de seres desgraçados, que nos rodeião!.

Nada pode ser mais triste, nada mais terrivel, do que ver um homem perpetuar se a escravidão no seio de sua familia, sem que tenha forças para oppor-lhe uma barreira formidavel!.

Aiada que de cor diferente, e por isso

collocados no ultimo degrão da nossa sociedade, estes homens tão bem, como nós, possuem um largo peito, onde pulsa as mais das vezes um coração nobre e generoso; cheio de virtude e de bondade.

Nascidos e creados no meio dos escravos, acostumados a mandar, e sermos promptamente obedecidos, nós ignoramos a verdadeira significação da palavra escravidão, e suas consequencias; e por isso nos conservamos surdos a voz da humanidade, e indifferentes aos gritos de uma familia inteira, sobrecarregada de trabalhos, retalhada pelos açoitantes, e sellada com o selto indelevel de todas as miserias.

N'uma epoca, como esta em que vivemos, em que as trevas da ignorancia tem sido dissipadas pela luz do Christianismo, e quando a arvore do Evangelho tem estendido os seus ramos de um a outro polo, e vegetado nos países os mais remotos, é sem daviada para lastimar, que conservemos ainda entre nós esse padrão de inaudita barbaridade e selvageria, que uos legarão os nossos antepassados.

Conhecemos perfeitamente, que existe n'esta provincia muitos homens, que só aspirão encontrar occasião opportuna para serem uteis aos seus semelhantes; e por isso não duvidamos affirmar, que, estabelecendo se aqui uma Sociedade, como a de que acabamos de fallar acima, e para o mesmo fim, certamente ella hade encontrar da parte de todos os cidadãos, o mais energico, e efficaç apoio.

E demais, quem se não encherá do mais vivo prazer, por ter praticado uma acção tão nobre, e por ver assim o seu nome inscripto no rol dos benefactores da humanidade?

É quem se não rigozizará, por prestar

assim ao seu semelhante, reduzido pela cega cobiça do homem ao mais duro captivo, a um jugo verdadeiramente de ferro, um tão relevante serviço?

Ninguém por certo, a não ser um homem inteiramente destituído de nobres sentimentos, será capaz de pensar differentemente.

Se conseguirmos que esta idéa, que allás já foi abraçada com geral applauso no Rio Grande do Sul, seja posta em pratica entre nós; então teremos o grato prazer de ver essa grande familia espalhada pelo Brazil inteiro, marcada com o selo da desgraça, da infamia, da dor, da vergonha, da miseria, e de toda a sorte de soffrimentos, e votada ao desprezo de seus proprios irmãos; regenerar-se, e crescer em força, riquezas e illustração; e de ver essa grande arvore crestada, durante quasi tres seculos pelo sol abrazador da escravidão e desfolhada pelo sopro mortifero de tantas perseguições, e crueldades, e recar-se de renovos viçosos e robustos, reverdecer, e cobrir-se de sazonados e deliciosos fructos.

Contamos desde já ser ferido pelas mais acrimoniosas criticas, perem tambem prometemos não lhes prestar a menor attenção, pois o fim a que nos propomos é unicamente beneficiar os nossos semelhantes que gemem sob o pezo da mais dura escravidão.

A SEMANA.

Sabbado ás 6 horas da tarde.

—Caro Leitor! É chegado o momento de apresentarmos á vossa consideração os pouco importantes acontecimentos da presente semana.

Na noite de 12 do corrente deo S. Exc. o Snr. Vice-Presidente da Provincia um grande baile em obsequio ao Exm. Presidente do Piahy; e apesar dos muitos convites que se fizeram, o concurso foi bastante limitado, segundo nos consta.

Depois de tanta anciedade e desasossegado, em que andavão aqui os portuguezes, chegou finalmente a participação official de ter subido ao throno de seus illustres avós, o muito amado, e muito esperangoso Monarcha D. PEDRO V. Esta nova foi recebida com a maior satisfação por todos os portuguezes, aqui residentes, em cujos peitos, nem o tempo, nem a longa separação, pode ainda apagar o santo amor da patria, e a dedicação que costumão consagrar a seus soberanos.

O Baile pois que elles tinham projectado dar, para attestar a satisfação e o jubilo de que se achão possuídos, terá infallivelmente lugar no dia 24 do corrente nos salões do palacio do governo, para cujo fim S. Exc. generosamente o prestou.

Para tratar dos arranjos do referido baile, forão nomeadas tres commissões, como abaixo se vê.

Commissão de convites.

Dr. Constantino de Mello Pereira.

José Joaquim de Azevedo Almeida.

Thomaz da Silva Fontes.

Commissão para o ornamento interno do Palacio.

David Gonçalves de Azevedo.

João Pedro Ziegler.

Francisco Rodrigues Pereira Brandão.

Commissão para tractar de todos os mais objectos.

Manoel Antonio de Pinho.

Antonio Joaquim de Lima.

João Canciô Pereira Prazeres.

Thesourero.

José Manoel Vinhaes.

—No dia 12 do corrente teve lugar a extracção da 2.ª loteria a beneficio da edificação e reparos das Matrizes.

Apezar de estarmos soffivelmente habilitados, a Deosa caprichosa não nos quiz favorecer com a sorte grande, e foi dal-a ao Thesouro, que menos preciza. Nas sortes menores forão contempladas algumas pessoas, que em nosso ver, bem precisavão d'esse poderoso auxilio.

Depois que correu a roda, grande e quasi inexplicavel foi a impaciencia publica, pois que as listas só se distribuirão na Quinta-feira, quando quasi todos os animos estavam caçados de tanto esperar. O *Diario do Maranhão*, que da outra vez satisfez tão promptamente o desejo dos habilitados; d'esta pregou-lhes um logro menos mão; pois que só apresentou a lista sabbado de manhã: esta demora deve sem duvida alguma ser motivada, não pela pouca vontade de seu redactor, mas sim pelos artigos, que diariamente affluem a typographia do jornal, e aos que se dá prompta publicação, alim de bem satisfazer o pedido dos assignantes.

—Em 13 do corrente fundeou em nosso porto, a Galea *Castro 2.º*, procedente do Porto, com 25 dias de viagem.

Traz a seu bordo 150 colonos para a Colonia Petropolis, que vaee fundar em suas terras o Sr. Francisco Marques Rodrigues.

Os recém-chegados vão dedicar-se á cultura do café, do algodão, e de toda a sorte de cereaes, e as terras, que lhes estão reservadas, alem de muito fertéis, segundo consta, são muito saudaveis; e o serviço que elles tem a desempenhar é em terreno secco; avista disto julgamos que os novos colonos hão-de ser mais felizes, do que os do furo, que trabalhão constantemente com os pés metidos em agua fria, e soffrendo na cabeça um sol abrazador, o que tem dado lugar a muitas molestias de que orão se queixão esses pobres homens.

Em 11 chegou do Sul o vapor *Imperador*; eis aqui em resumo as noticias de que foi portador.

O estado sanitario da capital do imperio continuava a ser o peor possível. A epidemia não mostrava declinar; e calcula-se que vaee fazendo rapidos progressos; de sorte que o boletim da molestia reinante, apresenta já um numero de victimas, bastante consideravel.

* A caridade publica porem se tem desenvolvido de uma maneira inacreditavel; pois que de todos os lados partem donativos avultados, para que sejam soccorridos em tempo conveniente os pobres e os indigentes, atacados da molestia reinante; isto faz que a mortandade no Rio não seja tão grande como se presumia.

—As noticias da Bahia são já bastante satisfatorias. Suppunha-se o cholera na provincia de Sergipe, e posto que os jornaes d'alli nada digão a respeito, contudo, algumas cartas da Bahia dão a essa supposição apparencias de realidade.

—Pernambuco e as mais provincias gosavão de soco-
go, e até aquella dacta, graças a Deos, ainda não tinhão
sido visitadas pelo terrível flagello.

No Domingo abriu-se o *Ticoty* a curiosidade do res-
peitavel publico, e apesar das duas sortes, que offerceou
a sociedade, nem por isso foi grande a concorrência.

Tomamos assento no salão de *Flora*, e alli podemos
gosar por algum tempo dos terços e harmoniosos sons
do *clarinete* do Sr. Sergio Marinho, que bastante nos
deleitou. Entre outras muitas peças, alias bem executa-
das, penetrou-nos mais a alma a Walsa—*O Cossaco*—
Fro-Diavolo—e *Pedro 5.º*, ultimamente instrumentada.

Leitor! Desde segunda-feira, que estamos atacados
de *spleen* fulminante, por termos gasto os *cabres*, e por
não nos ter saído a sorte grande, como tanto desejava-
mos; é esse o motivo, porque não somos hoje mais ex-
tenso; desculpai-nos pois se vos aprouver, e accital des-
de já o nosso cordial adeus—até Sexta-feira 22 do
corrente.

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

IV.

O CARNAVAL.

(Continuado do n. 43.)

—Erão quatro horas da tarde do domingo
da quinquagesima, que o vulgo tem appelli-
dado (porque não sabemos) o *domingo gordo*
e que os *franceses* chamão *carnaval*, refe-
rindo-se a etymologia *dominica de carne*—van-
assim appellido pelos fiéis nos primeiros
tempos da Igreja; sim erão quatro horas da
tarde d'esse dia (de doudices) quando em
casa de D. Rosa dava se principio à tal brin-
cadeira, já ha muito fallada, a de entrudo.

Risadas, gritos, grande susurro de cre-
anças ouvia quem estivesse alguns 50 passos
distante: era uma casa de doudos para quem
ignorasse, que nesta terra se observa o car-
naval.

Muito não tardou, que Carlos la não
entresse.

Com a entrada d'este pararão todas com
o jogo, e vierão receber o à sala: todas esta-
vão mui molhadas, à excepção de D. Bella,
que següdo nos consta havia mudado de
roupa, talvez para agradar melhor à vista de
seu novo amante.

Carlos depois de ter lhes feito seus mui
respeitosos e humildes cumprimentos, fez ver
à D. Rosa que lhe queria merecer um favor,
que vinha a ser: não o molhasse. Igual pedido
fez elle ás mais *Senhõras*, e para que tivesse
bom exito tam *importante* rõgo, allegou, di-
zendo em voz de quem sorria:

—Se não fõra o dever de cumprir a minha
palavra, aqui nao viria, porque, tendo apa-
nhado hontem uma grande constipação, foi-
me mister tomar à noite um escalda-pés: mas

estou mui certo de que Vv. Exs. me atten-
derão.

Estas palavras commoverão a todas, e
com particularidade a D. Rosa, cujo coração
parecia bastante cheio de ternura.

—Pois não! disserão todas ao mesmo tem-
po, não é de nossa vontade sacrificar a saude
de ninguém. Deos nos livre disso, ainda disse
D. Rosa.

D. Bella, com quem havia estado Carlos
de visita a noute de sabbado, não obstante
ter-se fingido mui commovida, bem conhecia
a mentira; e era ella que tinha mais cuidado,
de que se não o molhasse!

—Tenho já cumprido com minha palavra,
disse Carlos, por isso Vv. Ex.ª me darão li-
cença de retirar-me.

—Não, isso não! exclamarão todas, o Sr.
pode estar aqui assistindo o entrudo sem ser
molhado: demore se um pouco mais.

Desconfiado D. Bella, que se apaixo-
nado queria surprehende las em retirando se,
quando menos ellas o esperassem, não queria
que elle d'ahi se retirasse, sem que lhe desse
ella uma prova de seu amor: julgou ella que
o melhor meio para isso fazer seria quebran-
do-lhe no peito algumas *cabacinhas*, dirigio-
se pois à elle em occasião, em que as mais
estavão *entrevidas* no jogo, e lhe disse com
ironia debaixo de segredo—

—Sr. Carlos, julgo, que as *cabacinhas*, que
eu lhe quebrasse, não lhe farião mal, porem
sem sua licença não o farei.

Julgo que não, respondêo Carlos com um
riso de apante, mas a Sr.ª me ha de dar li-
cença, que faça o mesmo.

—Pois não, este peito é seu, tornou D.
Bella irreflectidamente, e querendo emendar
o que havia dicto, atrapalhou se, e disse este
peito é nosso,

Oh! era bello ve-los assim juntos!

—Peço-lhe, (continua D. Bella) que de-
more se mais, ninguém o molhará à não ser
eu—

—Sim—respondeo Carlos.

Ella foi escolher as *cabacinhas* mais
cheirosas, que ponde, e para tornar a sua
victoria mais gloriosa, entendeo, que a me-
lhor occasião de por em pratica aquelle seu
intento seria quando todas estivessem reu-
nidas na sala. Carlos também já havia escon-
dido algumas no bolso de seu casaco.

O doce, e triste momento se aproximava,
já haviam dado termo ao entrudo: e conversa-
vão todos na sala, quando D. Bella dirigio-se
à Carlos apertando-lhe no peito as *cabaci-
nhas*, uma a uma, depois do que foi servida
com igual dose.

D. Rosa estremeceo-se toda de raiva,
córrou, e desfarçando-se levava o lenço ao ros-

to mil vezes; o que lhe fazia dar mais cavaco era elle constipado deixar-se molhar (por sua rival) com tanta satisfação !

— Ora vejam, disserão todas, só D. Bella é quem teve o privilegio de molhar ao Sr. Carlos ! quem sabe se entre elles não ha couza !. Estas exclamações nada agradarão a D. Roza.

Ella retirou-se para o seu quarto, derramando lagrimas de raiva (o que é amor ?!) e para não dar á conhecer o furor ciumento, que a devorava, queixava-se de uma dor de cabeça.

D. Bella com sigo — Triumphei !

Carlos tão bem — Estou mais captivo !

— Torna-se o prazer em tristeza ! exclamarão todas.

D. Bella e Carlos não mais se demorarão deixarão a D. Rosa acompanhada das outas companheiras, cujos nomes não temos ainda declarado, porque não são da essencia da historia, que contámos, mas cõ-los: D. Angelica, D. Joanna, D. Francisca.

(Continua.)

Couzas em que não creio.

(Continuado do n. 43.)

— Não creio em moça ~~solteira~~ que aceita homenagens de homem casado.

— Não creio em moça solteira que passeia no Tivoly com homem casado.

— Não creio em cavalheiro palaciano que frequenta balles familiares.

— Não creio em certo individuo que passeia á cavallo ao meio dia pelas ruas desta cidade.

— Não creio em moça solteira que diz á suas amigas que não quer casar.

— Não creio em moça que não gosta de ler a *Sentinella*.

— Não creio em moça que só come aza de galinha e não bebe vinho.

— Não creio em capitão de navio que quando salta em terra traz luvas e óculos.

— Não creio em medico que alardea de ter muitos doentes, e leva todo o dia á conversar nas boticas.

— Não creio em moça bella e faceira que aos 18 annos diz não ter namorado.

(Continua.)

PERGUNTAS.

Qual é a cousa que se estima depois de perdida ? — A saude.

Até onde pode chegar a tollice nos homens ? — A se deixarem governar por suas mulheres.

Quaes sao as cousas que não podem estar muito tempo encobertas ? — Regalo, amor e riqueza.

Quem não é capaz de attender ao bem publico ?

— Quem só trata do proprio.

Aonde cresce mais a cobiça ? — Nos ricos.
Quem perdõa mais facilmente ? — O velho que tem amores.

Qual é a melhor mostarda ? — A fome.

Qual é a melhor espada ? — A prudencia.

LOGOGRIPO.

Cinco letras só compõe
O nome de minha amada,
Uma letra ainda resta
Que deve ser advinhada.

Dois — i — o meu nome tem
Um — l — não faltará,
Resta agora saber
O nome que elle terá.

A letra — v — é a quarta
Ja podeis advinhar,
Um bello premio darei
Aquelle que decifrar.

Nas cinco letras que digo,
Um — o — tambem lhe poreis;
E depois o resultado,
Que um lindo nome fareis.

E' uma bella encantadora
Que amo desde á infancia;
Ella tem correspondido
Com firme amor e constancia.

Eis meo caro leitor
Um logogrifo apressado
Prestai-lhe alguma attenção
E tereis advinhado.

CHARADAS.

Sou de muzica uma nota. 1
Adverbio sou de lugar. 1
Sou tambem preposição, 1
E na muzica m'ade acabar. 1

Conceito.

Sou de verbo um particípio
Que me acharás no passado;
Sou verbo que para o ser
Couzas se devem dizer.

De tudo se deve ter
Até do proprio Jumento 1
Devide o Barco ao comprido 1
Eu sou a parte do vento 1
Eu sou mulher e formosa; 2
Eu sou flor e cheiroza; 2

Conceito.

Eu sou nome e não amavel
Por caozar dor lamentavel.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Accetão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão, 23 de Novembro de 1855. N.º 45.

A SENTINELLA.

8. LUIZ 22 DE NOVEMBRO DE 1855.

I.

—Pelo vapor *Imperador* recentemente chegado do Pará recebemos uma correspondencia que trata exclusivamente da prisão dos Srs. José Joaquim Mendes Cavalleiro, Domingos José Dias, e Manoel José Pereira Junior.

As colunas da *SENTINELLA* prestão-se sempre a taes publicações, sobre tudo quando se trata de esclarecer o juiz publico, assim como de deffender aquelles, que gemem entre as negras paredes de uma masmorra.

II.

A correspondencia porem a que alludimos não podemos dar publicidade por agora, visto ignorarmos o seu autor, e por não vir legalmente responsabilizada; todavia passamos e expendere as nossas ideias sobre o facto extraordinario, que acaba de ter lugar na provincia do Pará.

III.

O acto que acaba de praticar Fernando José da Silva na qualidade de consul portuguez no Pará, não só é de todos reprovado, como tambem é inteiramente indigno do homem, cujos sentimentos, outros não deverião ser, senão o amor da patria, e de seus compatriotas. Porem longe de attender aos homens probos e honestos, que exigião um exemplar castigo contra o homem que sacrificou 47 victimas a bordo da *Defensora*, pede este funcionario publico ao ministro brazileiro a deportação d'aquelle homem, sobre os quaes nunca cahira a menor mancha, e cujo unico crime foi pugnar pela cauza de tantos infelizes.

IV.

Que este Sr. pedisse sem detença a expulsão d'aquelles homens honrados não causa tanta admiracão, como haver quem se prestasse a fornecer documentos e servir de testemunha em favor do heroe da *Defensora*!

Talvez em horas de repouso, e quando busque conciliar o somno, esse funcionario sinta o fogo do remorso abraçar-lhe a consciencia e depois nascer-lhe no coração o arrependimento, que será o seu melhor castigo.

V.

Os Srs. José Joaquim Mendes Cavalleiro, Domingos José Dias e Manoel José Pereira Junior, tirão a Lisboa, como exige o governo do Brasil, porem lá esclarecerão melhor o governo Portuguez, e estamos certos que serão plenamente absolvidos, e que triumpharão d'esse sanhudo — *Rafael Antonio Pereira Caldas* — e de seus cruéis sectarios; e ainda mais que estas poucas palavras, que nos arranca do fundo do peito a dor de vermes perseguidos os homens que pugnarão pelo sangue daquellas victimas encontrarão eco em todos os corações portuguezes.

A SEMANA.

—Leitor! O facto mais importante d'esta semana; isto é, por caozar maior alvoroço, e sensação no espirito publico, foi o terrivel incendio que teve lugar terça-feira a uma hora da noite no trapiche denominado da *Boquidala*, que reduzio a um montão de cinzas este importante estabelecimento, e juntamente alguns milhares de sacas, que nelle estavam depositadas: Os aqui pois ao correr da penna o acontecido segundo nol-o contarão pessoas bem informadas, e que presenciarão essa grande scena de desolacão e de estragos.

O primeiro incendio manifestou-se as 10 horas da noite, porem como velava ainda o administrador do referido trapiche, foi este para logo apagado.

As 11 horas reapareceu o fogo nas mesmas, ou em outras sacas de algodão accumuladas debaixo do telheiro, que fica frouteiro ao armazem; e desta vez poude ainda ser apagado.

Como suppozessem os encarregados d'aquelle estabelecimento, que nada havia mais a recear, procurarão repouso; porem enganacão sei a uma hora da noite poude mais ou menos, o incendio ateou-se de novo rapidamente sobre vinte sacas de sorte que as chamas impellidas por fortes rajadas de

vento, assaltarão no mesmo instante o armazém fronteiro, e foi então quando a *Corveta Paraense*, fundada de frente da ponte de pau, começou a dar o sinal de fogo. Os tambores da guarda de palácio secundaram o aviso, e pouco tempo depois todos os sinos da Capital convidavam ao povo a acudir o edificio, que n'aquelle momento era preza das chamas.

Em um minuto, podemos assim dizer, estavam no lugar mencionado para cima de 70 pessoas, sendo os officiaes da *Corveta Paraense*, e sua guarnição, os primeiros que alli se apresentaram, e pouco tempo depois os commandantes do *Brigue Portuguez Pensamento*, e do *Brigue Escena Brasileiro Voador*.

A officialidade do *Paraense* prestou relevantes serviços, e excedeo-se até mesmo em esforços, afim de conseguir a extincção do fogo, e mereceu por isso os mais sinceros elogios, e a gratidão dos maranhenses, que prezão a fortuna de seus comprouvimentos.

Consignamos tambem aqui o nome do Sr. James Mc Kie capitão do *Voador* que pelos serviços que prestou, e pela energia e actividade que desenvolveo muito concorreu para salvar das chamas uma não pequena quantidade de sacas.

Alem d'estes Senhores, cujos nomes aqui ficão honrozamente registrados, outros houverão que bastante se distinguirão, que fizeram iguaes serviços, e que se tornarão por isso credores da mais alta estima, e dos mais sinceros e cordiaes elogios, taes são os Srs. Alexandre José de Almeida na qualidade de delegado de Policia, Manoel Gonçalves Ferreira Nogueira, José Joaquim de Azevedo Almeida, um spheres de fazendeiros, e o sargento Francisco de Santa-Anna.

Entre as pessoas que tão promptamente se apresentaram para arrancar da destruição as fortunas de tantas familias, notava-se um grande numero de Caixeiros; que desprezando, se pode assim dizer, propria vida, trepavão nos telhados para descobrirem, arremessavão se ao meio das chamas, e rolavão as sacas com tal presteza para longe do lugar do incendio, como se fora pequenos volumes de palha.

Houza pois e louvor a essa briosa mocidade, que soube desprezar o perigo, e encarar a morte com grande denodo, intrepidez e sangue frio, e que prestou assim a provincia o mais importante e valioso serviço.

O Sr. Smith pôs á disposição da policia um grandissimo numero de baldes, que fornecião constantemente agua á bomba do *Paraense*, unica que n'essa occasião se apresentou, e que por ser muito pequena e demasiado fraca quasi que nada fazia a um tão grande incendio.

Apezar dos sobrenaturaes esforços que se fizeram, poude-se apenas conseguir livrar do fogo, uma quasi quinta parte das sacas depositadas no mencionado trapiche; as outras porém que se calcula exceder de 4:000, forão todas preza das chamas, e juntamente uma grande quantidade de oleo de copaiba. O interior do edificio foi completamente destruido, ficando só em pé as quatro paredes lateraes, que ameação ruina a cada momento. O incendio durou 36 horas, e os estragos por elle causados vão muito acima de 200 contos, segundo é opinião geral.

Os Srs. Moon & Comp., Simões & Primo, Antonio Feliciano, e Viuva de João da Rocha Santos forão os que mais soffrerão. Alem destes muitos outros tambem partilharão do prejuizo das referidas sacas.

A vista d'esta scena tão assustadora muitas

pessoas, sem attendereis, umas a suas ^{comuns} torças, e outras a sua posição esforçavão-se corajosamente por salvar tudo quanto podião, com tal interesse, e com tal animosidade, como se aquellas desgraças lhes tocasssem de bem perto.

E' este um caso novo entre nós, mas nem por isso a lição deve ser desprezada, e convem tomar se algumas medidas, para que em identicas circumstancias não faltem os necessarios recursos para evitar uma outra conflagração, como a que infelizmente acabamos de presenciar.

Ja que temos occupado uma grande parte da nossa revista como o incendio do dia 21, devemos tambem levar ao vosso conhecimento um outro occasionado em uma canoa, que descia o rio Itapucuru.

Este teve lugar tambem de noite, e todo o carregamento, que só constava de sacas de algodão, e juntamente a canoa forão devoradas pelo fogo, salvando-se apenas a tripulação.

Estas duas perdas, quasi simultaneas, deve necessariamente causar algum embaraço ao commercio.

No seguinte numero que publicaremos Terça feira 27 do corrente, daremos um artigo especial sobre o Baile da aclamação do Sr. D. PEDRO V, que tem lugar amahã no Palacio do Governo. Expendereis com imparcialidade tudo o que de mais importante occorrer; e publicaremos todas as produções, que chegarem ao nosso conhecimento.

Leitor! Nada mais á a referir-vos por esta vez, e assim acceitai o nosso verdadeiro adeus—Até a primeira.

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

V.

D. ROSA.

(Continuado do n. 44.)

—Os soffrimentos de D. Rosa continuado de tal sorte, que quem a fosse visitar ficaria por certo admirado em contemplar tão tristes consequencias do entrudo. Aos nossos olhos ella estava com effeito muito doente, sen semblante pallido, olhos fundos, em uma palavra parecia um esqueleto, e á pezar de tudo isto dizia ella, que pouco soffria.

Attribuia seus incommodos á uma grande constipação.

As noites passava ella quasi todas em claro: ouvia-se de momento á momento ella dar profundos suspiros, acompanhados d'estas expressões: aquella... perfido... aquella ingrata.

Não era em vão que se queixava D. Rosa, e tinha razão para assim dizel-o: com effeito na terra não ha castigo, que bem recompense a ingratição e a perfidia.

D. Bella jamais a visitou, e até já lhe parecia que entre si nunca houvera amizade. Era porque essa amizade, que antes parecia ter, não era verdadeira: esta só se descobre em occasiões incertas.

Carlos estava criminoso, porque, com quanto ao a amasse, todavia não era justo enganar-a.

O amor de Carlos para com D. Rosa, era o mesmo, que da cobra (da fábula) que é ingrata aos benefícios d'aquelle, que a havia recebido em seu seio, mordeo-o depois de aquecida. Carlos quiz gozar das graças de D. Rosa, dando-lhe por paga a perfidia, a falsidade de mil juramentos, que lhe havia feito em principio para grangear-lhe o coração.

Tres mezes soffreu D. Rosa os rigores da paixão, depois do que foi inteiramente esquecida por sua boa amiga D. Bella, e seu amante Carlos.

Consta-nos, que depois de ter-se ella desenganado com Carlos, fora pedida á casaamento por um moço, cujo nome ignoramos; o que não sabemos com certeza é se esse casamento realisou-se, pois que ella mudou se da capital para uma villa da mesma provincia,

(Continúa)

— Pedem nos a publicação do seguinte:

Uma lagrima de dor e saudade á sentida morte de Agostinho da Costa Moreira Lima, offerecida á sua inconsolavel familia, parentes e amigos.

De jardim flor mimosa
Deixando as outras florinhas
De saudades delirantes!

— No dia 29 de Setembro ultimo, subiu para a mansão celeste a alma candida de Agostinho Moreira Lima, natural desta cidade, depois de um curto porem doloroso soffrimento.

Seus restos foram sepultados no dia seguinte pelas 5 horas da tarde na Igreja de N. S. dos Remedios, condados por um numeroso concurso de pessoas gradas, e depois das exequias instituidas pela Santa Igreja com toda a pompa fúnebre.

Curto foi o espaço que Agostinho medeou do berço ao tumulo, e desde a sua mais juvenil idade, se dedicou ao commercio de que vivia, e sustentava uma familia não pouco crescida, e aonde soube com virtudes, grangear na sociedade, as sympathias de todos indistinctamente.

Ah! já não existe esse filho tão charo a seus pais e a sua patria, esse irmão carinhoso esse amigo sincero — delle nos resta apenas eterna saudade! Nossos corações se vêem hoje partilhados de dores pungentes e acerbadas pela perda irreparavel que tivemos; nossos olhos vertem copiosas lagrimas, quando delle nos recordamos!

Aceitem sua lastimosa familia e mais parentes, nossas expressões, como um signal

eficiente do mais vivo sentimento, que nos leu o passamento que deploramos de nosso distincto e sempre chorado amigo — Agostinho da Costa Moreira Lima.

A terra lhe seja leve.

Caxias, 2 de Outubro de 1855.

J. F. R.
(Do Pharol)

PUBLICAÇÕES Á PEDIDO.

UM ADEOS.

A Ilma. Sra. D. * * * *

Suspende meu coração, teu praanto,
Deixa que solte um adeos,
Aquelle que de ti se aparta,
Sendo tua vida o teu Deos.

Eu já sinto oppresso meu peito
Da saudade, sentindo a dor
Vais partir . . . ó partir sem mim . . .
Adeos Virgem, meu lind'amor.

Adeos! . . . leio em teus olhos,
Que partilha minha emoção;
Me será menos dar'auzencia,
Não terei saudades em vão.

Se por mim, oh Donzella, sentires,
Um suspiro no seio arfar;
Olhal' p'ro Céu vereis da lua,
O meu beijo para ti baixar.

Eu não posso, oh anjo do Ceo,
Ora em diante sem ti viver;
Tem compaixão de mim querida
Não faças longo meu soffrer.

S. V.

A UNS ANOS.

No dia 6 de Novembro de 1855.

Vou Donzella, aos teus annos
Um hymno tanger festival.

Inspira ó Virgem meu estro,
Meu canto será immortal;
N'este dia tão bello formoso,
Por ser teu dia natal.

Salve! oh Diana mimosa
Das bellas linda vestal;
Ostentas com graça e candura,
Um ar magestos Real;
N'este dia tão bello formoso,
Por ser teu dia natal.

Nasceste filha de amor,
O modelo d'amor flial;
Serás por amor tão feliz,
Quant' je és linda dival;
N'este dia tão bello formoso
Por ser teu dia natal.

Qual Rainha flor, has vivido
Como Roz'alem no rosal,
Como elle és tu nesla Casa,
A flor que oje mais val
N'este dia tão bello formoso
Por ser teu dia natal.

Tres lustros por ti ja passarão,
D'ameno viver perenal,
Seja tua vida d'ora em diante
Com praser ao d'oje igual:
N'este dia tão bello e formoso,
Por ser teu dia natal.

F'licidade que agora te cerca
Não tem no mundo rival:
Olhai para as pessoas presentes.
Vereis que alegria feudal:
N'este dia tão bello, formoso
Por ser teu dia natal.

Presta-me Virgem tua fronte,
Teu meigo e lindo original;
Porei sobre tuas madeixas
A c'roa mais pur'ideal;
N'este dia tão bello, formoso,
Por ser teu dia natal.

E' composto de flores que achei,
D'Ann'aveloso no val,
Baixarão da etherea maceda,
P'ra ti, coração angelical;
N'este dia tão bello, formoso,
Por ser teu dia natal.

Guarda pois Virgem sta c'roa,
Simb'lo de pureza virginal
Possas na sua origem celeste,
Antevéz ventura eternal
N'este dia tão bello formoso
Por ser teu dia natal.

M. V.

LOGOGRIPHO.

Eis ahí um logogrifho
De tres sillabas formado,
Facil, e muito facil
Para bem ser decifrado.

Por primeira me terás
Mui averso á bondade:
Uma letra se juntando,
Tenho grande utilidade.

Por segunda só terás
Quando demonstras prazer;
Da tristeza longe tenho
O meu ditoso viver.

A segunda com primeira
Aqui mesmo o verás;
Inda que mal combinado
No fim d'esta encontrarás.

A segunda com terceira
Assim fazia o amante,
Quando de si perto via
A su'amada constante.

A quarta é muito facil,
Lembra-te do que fizeste:
Na eschola quand'entraste,
Que letra primeiro leste?

A quarta co'a terceira,
Uma letra se tirando,
Sempre dizer bem se ouve,
Muito, muito suspirando.

A quarta co'a terceira
Assim o faz quem quer bem;
Quer torto, e quer direito
Nenhuma mudança tem.

Conceito.

Nome lindo, muito lindo
Aqui está occultado:
Um homem eu conheci
Com elle appellido

Uma mulher assim houve
Com esse nome chamada,
Era linda, muito linda,
Inda hoje adorada.

* * L.

CHARADAS.

Todo o vivente no mundo
Fazer assim deverá 2
Tire só uma vogal
Animal Amphibio será: 1

Conceito.

Tenho medo bastante
Medo de mim todos tem
Sou medroso, e causo medo
E não sou vivente tão bem.

— — —

Assim digo, assim chamo,
Assim sou, assim chamado,
Assim é quem o chamo,
Assim sou aparentado. 2

Sou sobrinha de meu tio.

Que bella expressão exprimo!
Na verdade me acharás,
No latim femenino,
Tao bem neutro encontrareis. 2
A' mentira sou contrario.

* * L.

Conceito.

Como es bella e detelosa!
Nossa alma de gosto enciosa,
Acha em ti gostos bastantes
E em qualquer de teus instantes
Um prazer, um bem, se goza.

J. da S. M. L. Junior.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreeve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão 27 de Novembro de 1855. N.º 46.

A SENTINELLA.

Descripção do Baile dado pelos portuguezes em festejo á acclamação de S. M. Fidelissima o Sr. D. Pedro 5.^o Rei de Portugal.

—Sabbado 24 do corrente, segundo fora annuciado, teve com effeito lugar nos salões do Palacio do Governo o baile dado em homenagem ao Sr. D. PEDRO 5.^o com o signal de rigozijo pela feliz acclamação do Sr. D. PEDRO 5.^o

Sem medo de errar, ou de sermos tachado de exaggerados, podemos affirmar que foi este um dos festejos mais esplendido e mais concorrido que até hoje tem havido entre nós, e para que o publico faça d'elle uma ideia, ainda que imperfeita, pois que assim o permitem nossas poucas luzes, passamos a narral-o succintamente.

Conforme o programma forão nomeadas duas commissões: a primeira que tinha de receber e fazer introduzir na sala os Exm. Srs. Vice Presidente da Provincia, Bispo Diocesano e o Sr. Consul de Portugal, era composta dos seguintes Srs:

Dr. Constantino de Mello Pereira.
Thomaz da Silva Fontes.
José Joaquim de Azevedo Almeida.
Commendador Rocha Miranda.
Manoel Antonio dos Santos.
João Manoel Vinhaes,

E a segunda, que tinha de receber as Senhoras.

Antonio Joaquim de Lima.
João Cancio Pereira Prazeres.
Francisco Rodrigues Pereira Brandão.
João Pedro Ziegler.
Domingos da Silva Balthazar.
David Gonalves de Azevedo.

As 7 horas da noite pouco mais ou menos as portas do Palacio estavam abertas aos convidados, e os vastos salões ornados com todo o gosto, esplendor, e magnificencia brillarão pela profusão de luzes dos mais ricos e debreados lustres que temos visto.

Este aspecto pois de tanta grandeza era não só inteiramente digno do nobre concurso que em breve alli devia apresentar-se, como de solemnizar um acto em que tomarão parte as principaes autoridades da provincia, e tambem de imprimir em todos os corações portuguezes os signaes indeleveis da gloria, do entusiasmo, e do jubilo pela feliz nova da acclamação do mais illustre e do mais esperançozo de seus MONARCHAS.

As 8 horas em ponto duas grandolas de foguetes subirão aos ares, e annunciarão a chegada do Consul de S. M. Fidelissima. A banda de muzica postada a porta de Palacio tocou enthusiasicamente o Hymno Portuguez e a commissão descendo ao encontro de S. S. acompanhou-o até as salas interiores. Ao passar pela primeira sala uma outra banda de muzica executou um excellente Hymno composto pelo Sr. José de Carvalho Estrella, e por este dedicado ao Sr. D. PEDRO 5.^o

Com permissão de seu autor, temos o prazer de publicar aqui este hymno; que tão grande sensação causou em todos os animos.

HYMNO

á exaltação de S. M. Fidelissima o Senhor

D. PEDRO QUINTO.

AO THRONO PORTUGEZ.

Sobre as azas da ventura
Ao throno Pedro subio,
E o diadema glorioso
Na regia fronte assumio!

Coro.

Cantemos todos, ó Lusos,
Com liberdade e prazer!
E nosso Rei Pedro Quinto,
Ja no throno a florescer!

Vai ser grande entre as nações
De Lusitania o porvir,
E os brillos do Luso Sceptro
Se vão de novo espargir!

Cantemos todos, ó Lusos, &c.
Parabens, ó Luso reino,
Heroico reino gentil,

Escuta os alegres vivas
Que se gritão no Brazil!

Cantemos todos, ó Lusos, &c.

Lá no solo Bragantino
Pedro qual astro, raio,
Raio, qual formosa estrella,
Que outr'ora os Magos guiou!

Cantemos todos, ó Lusos, &c.

Deus te salve, fulgurando,
N'esse throno egregio teu,
O Monarcha Lusitano,
Que o Omnipotente elegeu!

Cantemos todos, ó Lusos, &c.

Que sejas, ó REI, no throno,
Grande sempre e mui feliz,
Eis os votos, que te sagrão
Os Lusos de São Luiz!

Cantemos todos, ó Lusos, &c.

Não muito depois das 8 horas novas girândolas de foguetes subirão os ares: era a approximação de S. Exc. o Sr. Vice-Presidente, que foi recebido com o mesmo ceremonial, que o Sr. Consul Portuguez, executando então com a maior galbardia, uma e outra banda de muzica o *Hymno* Brasileiro.

Desde este momento principiarão pois a concorrer as Senhoras, juntamente as mais autoridades, o corpo Consular estrangeiro, os officiaes do exercito, e da Guarda Nacional, os Accionistas do Gabinete Portuguez de leitura, e um grande numero de subditos de diversas nações.

Por toda a parte o maior luxo e a maior pompa se deixava ver.

O bello sexo, essa flor que embelleza, e que dá vida as altas sociedades, apresentou-se adornado das mais ricas gallas, ostentou-se brilhante, e tão cheio de graças e de encantos, de sorte que attrahio sobre si os olhares, e excitou a curiosidade d'aquelles nobres cavalheiros que tanto procurarão rivalizar com elle em luxo, accio, e elegancia.

Uma circumstancia alli occorreo notavel, e que julgamos a propozito não dever passar em olvido, e foi que as illustres Maranhenses, quasi em sua totalidade, parece que procurarão de preferencia para seus trajes e adornos as duas cores, *symbolo da coroa portugueza*.

As 9 horas ja os vastos salões de Palacio continhão uma luzida reunião, que se calcula exceder de 1:200 a 1:400 pessoas.

As 10 horas servio-se o cha, que se tornou bastante notorio, pela profusão de doces de todas as qualidades, e feitos com a maior delicadeza e esmero possivel. Varios cavalheiros encarregarão-se desse serviço, e o desempenharão satisfatoriamente.

Terminado o chá teve lugar a primeira quadrilha composta pelo Sr. José de Carvalho Estrella, de quem já acima fallamos, e dedicada aos Accionistas do Gabinete Portuguez de leitura, que bastante agradou a todos os circumstantes.

Tomarão parte n'esta e nas mais quadrilhas que se lhe seguirão 160 pares constantemente, divididos pelos quatro principaes salões.

A orchestra dirigida pelo Sr. Francisco Xavier Bokman, exímio musico e compositor, e composta dos prin-

cipaes artistas d'esta Cidade, executou com todo o primor d'arte diversas e bem escolhidas quadrilhas.

Grande, interessante, e sublime era sem duvida alguma o quadro que se desenvolvia a nossos olhos: completo, perfeito, e divino o prazer que experimentavão todos aquelles corações, que lobrigavão n'aquelle magestoso e solemne festejo o augurio de um grande e esperançoso reinado.

Mais estreitas, e mais firmes parecião as relações de amizade mutua entre os Portuguezes e os Brasileiros, e extincta para nunca mais voltar a inimidade, que por algum tempo conservou estes dous povos irmãos com as armas empunhadas em frente um do outro.—A aurora pois de um bello dia, de felicidade, de paz, de conciliação, e de concordia raiou felizmente no horizonte brasileiro, e os dous povos não fazendo hoje mais do que um só corpo, uma só nação, uma só familia, ligada entre si pelos laços indissoluveis da fraternidade — partilhavão ali os mesmos prazeres, a mesma alegria, a mesma sensação, e os mesmos deleites.

As 2 horas da madrugada o concurso dirigiu-se para a grande sala construida no terraço do Palacio, onde se achava preparada uma sumptuosa e profusa cea: no topo da mesa tremulava uma grande bandeira portugueza, defronte a bandeira brasileira, e no tecto da sala com a maior regularidade as bandeiras de todas as nações aliadas.

S. Exc. o Sr. Vice-Presidente tomou assento no lugar que lhe estava reservado, e logo depois convidou a todos os circumstantes a praticarem tambem o mesmo.

Algum tempo depois, e quando todos tomavão parte nas bellas viandas e nos bellos petiscos, e saboreavão os mais exquisitos e deliciosos licores, o Sr. Vice-Presidente levantou-se, pediu attenção, e depois de ter pronunciado um pequeno porem interessante discurso em que exaltava as virtudes do actual Rei de Portugal, fez um brinde ao Sr. D. PEDRO 5.º, que foi correspondido com estrondosos e entusiasticos vivas, ao som do *Hymno nacional* portuguez executado pela banda de musica.

O Sr. Leonardo Pinheiro da Cunha Carneiro, Consul Portuguez, recitou um bello e eloquente discurso, em que enumerou as virtudes do Sr. D. PEDRO 2.º, e concluindo um brinde ao mesmo Augusto Sr., a Familia Imperial, e a heroica Nação Brasileira: a banda de musica tocou então o *Hymno* Brasileiro, e prolongados e estrepitosos vivas retumbarão em todos os angulos d'aquelle vasto recinto.

Ao Sr. Carneiro seguio-se o Sr. Commendador Rocha Miranda, que tambem pronunciou um claro e ^{esmo} eloquente discurso, não menos eloquente que os dous primeiros, no qual elle mostrou com imparcialidade e ^{em} toda a sua inteireza a boa hospitalidade dos brasileiros, sua lealdade, o bom acolhimento que costumão dar aos estrangeiros, e terminou fazendo-lhes um brinde.

O Sr. Alexandre Almeida fez um outro brinde ao Consul portuguez, e tambem ao commercio.

S. Exc. fez um outro brinde a briosa nação portugueza e seus subditos.

O Sr. Cunha Carneiro agradeceu e fez um outro brinde aos Accionistas do Gabinete portuguez.

Alem d'estes muitos outros houverão analogos ao dia, mas que deixamos de mencionar, porque o espaço de que dispomos é bastante limitado.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A Sentinella publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Aceitão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão 8 de Dezembro de 1855. N.º 47.

A SEMANA.

—Caro Leitor! Domingo 2 do corrente fomos despertados pelo rebombo do canhão, que annunciava o anniversario natalicio do Sr. D. Pedro Segundo. Nesse dia, que tão gratas recordações nos traz ao seio d'alma, todos os habitantes d'esta bella provincia se sentem tomados de um prazer real, de uma satisfação sem limites, e bem dizem a Providencia por nos ter deparado um Monarcha tão virtuoso, tão intelligente, e cujos votos e exforços só se ligão á grandeza e prosperidade de seus subditos.

Depois de tantas commoções por que tem passado o paiz, o Sr. D. Pedro 2.^o por uma sabia politica tem conseguido chamar a conciliação, e a ordem todos aquelles espiritos que outrora esquecendo-se do que devião ao seo Soberano e a patria, e ainda mais que da paz, da concordia, e da conquista das artes é que depende a grandeza e prosperidade de uma nação, só sonhavam com politica, essa que só tinha por fim retalhar a opinião do paiz, e arrastal-o forçosamente para as bordas do abysmo.

Felizmente esses tempos de terrivel recordação passarão-se como por encanto, e os espiritos ainda os mais aferrados a essa politica ruinosa, e que só produzia fructos amargos e envenenados, hoje conhecendo os erros do passado, procurão reparal-os por meio de uma politica moderada e conciliadora; e conhecendo melhor as couzas, que podem concorrer para elevar o seu paiz ao grão de riqueza, poderio, e civilisação, a que tem direito, entregão-se inteiramente á conquista das artes e das sciencias, unica ducadõra e que pode de um momento para outro fazer a felicidade de um povo que não sabe promover.

Nosso Soberano sabio e virtuoso, em tudo digno rival de Leopoldo, rege felizmente os destinos d'este vasto imperio; vela sobre os interesses de seus habitantes, e occupa-se incessantemente dos melhoramentos moraes e materiaes do paiz; seus exforços serão coroados de feliz resultado e o Brazil em breve se collocará na lista das primeiras e mais poderosas nações do Mundo.

Um brado unisono e cheio de gratidão se levantou n'esta bella provincia no grande dia 2 de

Dezembro e foi sonorosamente retumbar nos degrãos do throno do Sr. D. Pedro 2.^o

Para solemnizar pois este grande dia, houve parada e Te Deum pelas 5 horas da tarde.

No dia mencionado reunirão-se pois no largo de palacio os 2 batalhões da Guarda Nacional da Capital, o 3.^o da Villa do Paço e o 5.^o de Fuzileiros.

Depois do Te-Deum, que foi muito concorrido teve lugar a parada dos 4 corpos acima, todos em grande uniforme.

O batalhão da Villa do Paço, ao contrario do que se esperava, executou perfeitamente todas as manobras, como se fora já um corpo encanecido na arte militar.

As novenas de N. S. da Conceição estiverão brilhantes e forão sempre muito concorridas pelos devotos, em cujo numero temos a felicidade de nos contar.—A muzica esteve excellente.

Pelo vapor Paraná procedente do Pará no dia 2 recebemos a grata noticia de estar já quasi extincta a epidemia. Varios indios habitantes das margens do Amazonas sendo atacados do cholera, e não tendo outros recursos de que lançar mão para combater um tão grande mal, tiveram a feliz lembrança de espremer alguns limões e de dar o sumo em colheradas aos atacados do flagello. As suas primeiras experiencias forão finalmente coroadas de bom resultado, e com grande pasmo virão restabelecer-se em poucos dias os seus primeiros dentes.

Em breve porem espalhou-se a noticia da descoberta deste poderoso especifico contra o cholera, e todos quantos erão atacados fazião uso do novo medicamento e prompto se restabelecião; e dahi em diante pequena e bem pequena foi a mortandade que este fazia. Chegando a noticia ao Pará o Dr. Castro encarregou-se de fazer novas experiencias, e todas ellas apresentarão um resultado mais que satisfatorio. Muito folgamos com tal descoberta, pois que só parece um soccorro inspirado pelo Céo para allivio d'aquelles, a quem faltão os necessarios meios para um tratamento bom e regular em uma tão grave molestia como é o cholera.

Ha tres Domingos seguramente, que não temos tido divertimento de qualidade alguma. O Tirolly se tem conservado fechado, e pela mesma for-

ma o Theatro, que desde muito espera ansiosamente pela vinda do jovem Emprezaario Italiano.

A lista dos celebres artistas já ca temos publicada a muito tempo, o que falta é vermos se os taes artistas são tão bons como os pinta o illustre empresario.

Os artistas Francisco Libanio Collas e João Jacintho Ribeiro obtiverão permissão de S. Exc. o Sr. Vice-Presidente da provincia para dar duas Recitas no Theatro de S. Luiz: a primeira tem lugar hoje e vae a scena o seguinte Drama em 1 acto—*Quem vem lá?* Aria—*Torquato Tasso* pela actriz Carmella—Dueto da *Columella* pelo gracioso, Ribeiro e Carmella, e a Comedia em um acto—*Onde não ha pão todos ralhão ninguem tem razão.* * *

O espectáculo é assás digno de attenção, e por isso julgamos que ha de ter grande concurrencia.

O actor Ribeiro, attendendo ao pedido dos seus amigos cantará mais a aria do *Bolheiro*: pela nossa parte agradecemos desde já ao Sur. Ribeiro a boa vontade com que satisfaz ao publico de quem tem recebido as mais vivas provas de sympathia.

Não se verificou infelizmente, e como tanto se esperava por este ultimo vapor, a vinda dos actores Duarte Coimbra e Silvestre Meira, por continuarem na empreza do Theatro do Pará, como se vê do *Diario* de 19 de Novembro.

Somos informados de que os actores Duarte Coimbra, e Silvestre Meira continuam na companhia: folgamos com esta noticia, e felicitamos aos Srs. Coimbra, e Meira; porque temos ainda de desfructar bellas noites de innocentes distrações e elles de ornar, entre nós a sua corôa de artista com essas lindas flores e viçosos louros devidos ao seu talento. . .

A Camara Municipal d'esta cidade acaba ultimamente de fazer collocar em uma das torres da Igreja de S. João Baptista um excellente pára-raios.

E' já o terceiro que se colloca n'esta Cidade. Os medrosos do trovão e do raio, e que só procuravam em outro tempo desviar-o por meio da Magnifica, devem hoje provavelmente estar possuidos de mais algum animo e mais descansados.

Leitor! O nosso canhenho está todo revolvido de principio a fim, e nada mais encontrando com que vos possa entreter, terminamos dirigindo-vos as nussas sinceras saudações.—*Au revoir.*

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

VI.

A PERFIDIA.

(Continuado do n. 45.)

— Imagine o leitor os trabalhos, que soffre um amante apaixonado, que fará uma idéa justa do que se passou durante seis meses depois do carnavaal á respeito de Carlos para com sua adorada á ponto d'elle perder o anno de estudo.

Imaginem se tãobem os ciumes, que atrozmente ferem o coração de uma amante desvelada, que se fará um julzo verdadeiro do que se passou n'esse mesmo tempo a respeito de D. Bella para com o seu *Adonis*. Imaginem se mais ainda as má diabruras, os

mil brinquedinhos, que costumão haver no namoro, que escusado nos sera contarmos minuciosamente, o que entre elles se passou nesse tempo de delicias: basta disermos o essencial.

Carlos, como já se sabe, era um estudante de preparatorios, pobre, e nada esperava herdar de seus parentes: o que havia herdado de seus paes era muito pouco para a sua subsistencia: havia um homem, que cuidava por caridade não só de sua alimentação, como tãobem de sua educação; a este chamava elle pai.

D. Bella ainda tinha os seus, porem pouco abastados, e por isso julgava se no numero dos pobres. Seus paes erão muito amigos do interesse: achavão se com animo de vender a sua filha, isto é, de entregal-a a qualquer em casamento com tanto que *fallasse francez optimamente*. Carlos não se achava nessa circumstancia, ainda que promettesse um bello futuro. D. Bella ignorava isso, porque como moça embebida nas vaidades julgava tudo apparentemente.

Um dia houve, em que depois de ter sahido da sala da casa de D. Bella uma visita, foi ella perguntada por seu pai, se levava á gosto em casar-se com Felis d'Aguiar, homem muito rico, negociante muito acreditado; á isto respondeo ella que não.

— Menina (disse o pai encrespando a testa) ve o que fazes: queira Deus não estejas inclinada á Carlos?! Esse moço é pobre, tu tãobem o es.

— Eu não sabia! disse consigo D. Bella.

— Todavia (continuo o velho) eu não quero contrafazer a tua vontade— E com uma voz cheia de ternura disse ainda: *minha filha, minha querida filha, só tu tu só poderas ser a nossa felicidade: casa-te com Felis d'Aguiar.*

— Oh! (exclamou D. Bella) oh! porque não, meu pai? já e já mande-lhe dizer que faço muito gosto em casar-me com elle.

Ignacio de Lyra (chamava-se elle) foi logo ter-se com sua mulher, dizendo, que sua filha estava rezolvida a casar-se com Felis d'Aguiar.

— Que felicidade! (exclamou risosha a velha) em breve estamos ricos!

Felis d'Aguiar alem de rico não tinha sido esquecido pela natureza na consecução de todos aquelles dons, que encantão á uma incauta donzella.

As cousas tão todas em seu favor, e em breve ia Carlos soffrer o castigo ao seu crime de perfido!

A' este tudo parecia um sonho!

D. Bella impellida pela amor do diabeiro ia esquecel-o, ia precipital-o no abismo do desespero!

Talvez porem que o crime de Carlos fosse perdoado pelo juiz competente: quem sabe? como? quem é esse juiz competente? ali é que está a difficuldade!

Aos quinze de Agosto de 1855... (erão 10 horas do dia) foi D. Bella pedida á casa-meito, no mesmo dia á tarde. Felis recebeu o sim, aos dez e seis uma escrava da noiva, chamada Filomena, não parava em buscar as amostras nas lojas para o enxoval!

Duros momentos soffreo o pobre Carlos! Elle sabia tudo, e no instante que soube fez proposito de não apparecer á casa de D. Bella mais nunca.

Tres annos só lhe faltavão para receber sua carta de emancipação: era esse juntamente o prazo de tempo, que elle tinha offerecido para esperar á D. Bella, que de boa vontade havia annuido. D'isto já não se lembrava ella, nem tão pouco dos mil juramentos, que muitas vezes havia prestado para confirmar-lhe o amor, de que se julgava ardentemente possuído.

Para melhor provarmos isto, escrevemos aqui a copia de uma carta, que Carlos lhe enviou logo que soube, que havia ella sido pedida á casamento, e do mesmo modo a resposta decisiva, com que ella deu-lhe um baque para cahir naquella abismo, de que fallamos, o do desespero.

Eis a carta:— Meu amor— Uma grande dor acaba de trespassar o meu coração: essa dôr attribuo á noticia que ha pouco tive de que fôras pedida á casamento por Felis d'Aguiar, á quem comprometteste tua palavra.

Lembrei-me que para allivio d'essa dôr seria um remedio lançar eu mão da penna para fazer te recordar dos juramentos, que me prestaste, das lagrimas, que derramavas, quando te eu dizia, que o que de ti esperava era a perfidia— Acredita ainda, eu t'o peço, que a minha vida está entregue ás tuas mãos: tu poderás dispor d'ella como quizeres: a tua será ou não minha.

— De quem te ama pelo coração— Carlos.

Eis a resposta:— Sr. Carlos—

Não tenho satisfações a dar-lhe— Bella.

Esta resposta foi lida e relida muitas vezes por Carlos, cujo coração achava-se bastante magoado.

Agora recordava-se elle das mil e repetidas saudades, em que havia cabido: passava só e melancolico: n'uma palavra teve momentos de quasi enlouquecer. Em suas cogitações uma lhe faltava, que esta era a recompensa do crime (de perdo) que havia praticado contra D. Rosa.

Mas bem pouco estava elle de considerar-se castigado. Com effeito uma noite houve, que sonhando com D. Rosa, que lhe pe-

dia vingança, chegou elle então ao conhecimento de ser este o castigo: e com quanto D. Bella não se houvesse ainda casado, o que muito não tardaria, todavia não era mais preciso que ella levasse á fim esse seu intento para que se desse elle por castigado.

Sim soube elle que como tinha sido perdoado para com D. Rosa, do mesmo modo devia lhe ser D. Bella.

(Continua.)

POESIAS.

EU A VI.

Offerecida a um Anjo.

Aos 8 de Abril de 1855.

Conheces quem de ser por ti amado
inda a esperança não perdeu?
Que te julga o seu Deus, seu bem, seu fado,
Anjo, encanto, mulher, sou eu! sou eu!
C. A. DE SA.

Eu a vi! oh fortuna eu a vi!
Mui ligeira n'um baile valsando,
Eu a vi quid mimosa furtiva,
Pela astra pendida cubalando.

Eu a vi! e trajava de azul,
Um azul de celeste primor,
Esse azul erão tintas do céu,
Esse céu erão cantos d'amor.

Eu a vi! era um anjo do céu,
Tão mimosa, tão bella e gentil;
E seus labios então a sorrir,
Só formavão um todo infantil.

Tãobem vi sua cintura mimosa,
Seus cabellos formando uma trança,
Os seus olhos gentis engraçados,
O seu todo de grata lembrança.

Eu a vi oh! fortuna! n'um templo,
Mui contricta fazendo oração,
Eu a vi de joelhos pedindo,
Ao Senhor, sua protecção.

Eu a vi em um vale sombrio,
Mui formosa e risouha a brincar,
Eu a vi! e perdido de amorca,
Nesse instante principiei a ficar.

.. E ella era o anjo mais anjo.
.. E ella era a flor mais modesta.
.. E a mais gentil trigueirinha
.. Das trigueirinhas da festa.

A Ilm.^a Sr.^a D. J. E. B.

Que mimozou-me com um presente de charutos

Fumrei os bellos charutos,
Mimo teu idolatrado,
E fumando eu só sentia
Um prazer demaziado,
Pois teu mimo de affeição
Tocou-me no coração.

Se é doce na festa tarde,
Um bom charuto fumar,
É mais doce se o charuto,
Foi mimo de se adorar

E por isso a gratidão
Faz te dar meu coração.
E jamais me esquecerei
Do teu presente estimado,
Pois fumando taes charutos
Me senti tão elevado,
E p'ra dartes a gratidão,
Só tenho grato coração.

M.

Offerecida a Illm. Sr. D. Anna Maria
Guilhão.

A virgem que eu amava
Com tanta veneração,
Trahi o seu juramento
Infel... lançou ao chão,
Desprezou terno carinho
De um fiel coração.
O rizo de mim fugio,
Morreu-me no peito amor,
Hoje sou pobre vivente
Entregue somente a dor,
Sem ter junto de meu lado
Um anjinho do Senhor.
Tenho sofrido bastante,
Amargo pranto vertido
Por essa ingrata e deshumana
A quem hoje estou rendido,
Sem saber avaliar,
O quanto tenho sofrido.
Não importa eu sempre firme
Comprizei a minha jura,
O meu coração fiel
Será prova de ternura,
Te amarei oh lindo anjo!
Mesmo alem da sepultura.
Foi-me ingrata e infiel
Deixou-me, vivo hoje só,
Neste mundo tão malevolo;
Sem de mim ninguém ter dó.

ACROSTICO.

Reições como te deu a Natureza
Paras vezes concede ambiciosa;
Amavel perfeição, tanta belleza
São tem certo Venus tão famoza:
Corpo airoso, e o teu porte delicado,
Bogaçado sorrir, alma ternura,
Fundo Semblante, e tanta candura
Mllaqueia-me, e traz apaixonado
Sejas pois compassiva quão formosa
Amavel Francelisa, e és ditosa.

(Por uma Senhora.)

Logogripho em Enigma.

Offerecido ao meu amigo Joaquim Coelho Fragoso.

São seis as que me formão
Para meu todo compor;
Dividido em quatro partes,
Decifra qualquer que for.
Combina, mas não é simples;
E simples sem combinar;
Nesse nome formoso e bello,
Bello nome se ha de achar.
A primeira, é tão vulgar
E entre nós tão conhecida
Que o homem consigo a traz,
E no Globo é repetida.

Mas a quarta, com certeza
Na terra se mostrará;
Não é em Deus pronunciada
Mas nos Anjos, o será.

O Ceo te mostra patente
Aonde a primeira existe;
Mas na terra não s'encontra
O seu ser em que consiste.

Quem nos disser a terceira
Muito pode affiançar;
Que marcia no seu jardim
Contente mostrava estar.

Podes dizer a segunda
Quando chegares ao fim;
Pois quem ler o Logogripho
Com certeza diz a-sim.

Em um exterior te mostro
A minha primeira só
Mas no outro bêm se vê
Que ambas são de tua avó.

Conceito.

O nome da Bella é formoso
Lindo qual outro não tem;
Imperando nella a virtude
Ve-se carinhos tambem.
Impera nella a firmeza
A outra amar não convem.

J. S. P.

ENIGMA PICTURESCO.



ANNUNCIOS.

—Sendo um facto d'alta transcendencia e de grandiosa memoria nos fastos da historia de uma nação a inauguração ao Throno de um Príncipe seu, foi essa a causa pela qual os Portuguezes residentes nesta capital tratarão de dar um publico testemunho de seu regozijo pela aclamação do SR. D. PEDRO 5.º, Rei de Portugal; e porque, relações meo proximas de sangue unão esse Monarcha Ao que felizmente hapera neste solo Brazil; e compoñão os Subditos d'Aquella uma Nação nossa alliada, amiga e irmã pelos laços tambem de sangue, da religião, da linguagem e dos costumes, indifferente não pode esse successo ser á Directoria da particular Sociedade do Theatrinho—Fidelidade—e por isso, e para manifestar seu jubilo e respeito por tão feliz occorrença, tençiona dar um Espectaculo escolhido; e porque mister seja o annuimento da Sociedade, convida a todos os Socios para Sessão geral no Domingo 9 do corrente mez de Dezembro na caixa do mesmo Theatrinho, pela 9 horas da manhã, a fim de a esse respeito se deliberar.

THEATRO NACIONAL DE S. LUIZ.

—O Espectaculo annuenciado para quinta-feira 6 de Dezembro, fica transferido para sabbado 8 do corrente, acresceto ao que já foi annuenciado, a Aria do Bolleiro, cantada pelo Sr. Ribeiro, a pedido. Principiará o espectaculo ás 8 horas.

Typographia Maranhense—de A. J. da Cruz—1866.

A SENTINELLA.

JORNAL SEMANAL.

A *Sentinella* publica-se todos os Sabbados, e subscreve-se nesta Typ. a 6,000 rs. por anno, ou 1,000 rs. por Serie de 8 numeros. Accetão-se quaes quer artigos que versem sobre o assumpto e não envolvão responsabilidade, sendo dirigidos a Redacção em carta feixada.

6.^a Serie. Maranhão 15 de Dezembro de 1855. N.^o 48.

A SENTINELLA.

S. LUIZ 15 DE DEZEMBRO.

—Com este numero termina a SENTINELLA o primeiro anno de sua publicação.

Apezar dos embaraços e das difficuldades com que por algum tempo lutamos, folgamos de dizer, que temos, mercê de Deus, cumprido fielmente a nossa promessa.

A protecção que encontramos no publico sensato e generoso, e a sincera coadjuvação que sempre nos prestarão os nossos caros leitores, fizeram com que proseguissemos com fé e animação na empreza difficultosa, que tomamos sobre nossos fracos hombros.

Como até aqui temos feito, procuraremos d'ora em diante, por todos os meios ao nosso alcance, levar ao cabo esta nossa empreza, e não desmerecer da confiança que nos tem depositado os nossos assignantes.

Não somos dotado de grandes talentos, e nem tão pouco temos os necessarios estudos para fazer realçar os nossos escritos, todavia emprehendemos a publicação do referido periodico como um meio de nos exercitar na arte de escrever, e de cultivar o nosso espirito; e como o fim a que nos propomos, não pode ser mais honesto, nem mostrar uma ambição mais justa, contamos ainda com a benignidade dos nossos assignantes.

No decurso d'este anno forão-nos remettidos varios artigos, e agradecemos sobre modo a seus autores a escolha que fizeram da SENTINELLA para as suas produções.

A SENTINELLA tem sido até hoje quazi que um periodico recreativo, e nem uma só vez se inclinou á parcialidade alguma politica; é pois firme n'estes principios que ella se breve estreará o segundo anno de sua publicação; e esperamos das pessoas que nos tem honrado com as suas assignaturas, aquella protecção que sempre costumão dar a emprezas d'esta natureza.

De Janeiro em diante sabirá a SENTINELLA em typo novo, e não damente inopressa.

—O Sr. Candido Evaristo de Lemos, no decurso deste

anno, honrou por vezes as columnas da SENTINELLA com diversos artigos seus.

É forçoso confessar que o Sr Lemos ainda não apresenta em seus escritos aquella graça e elegancia que se tornão necessarias para agradar e sensibilizar o leitor; mas nem por isso esses escritos deixão de revelar nelle algum talento, que, sendo cultivado devidamente pelo estudo, pode para o futuro aprezoar produções, que lhe grangeiem uma coroa de gloria, e reunão aquellas condições que caracterizão os bons escritos.

É um joven, e está ainda pouco desenvolvido; porem se continuar a dedicar-se com perseverança ao estudo das letras, certamente pode ainda vir a representar um importante papel na carreira da litteratura.

Em breves dias vai este joven auzentar-se de nós, pois que se retira para a provincia de Pernambuco, onde pretende continuar a cultivar o seu espirito. Nós lhe desejamos uma viagem propicia, felicidade na carreira difficultosa que vai seguir, e esperamos que volte coberto de louros ao seio daquelles amigos, que bastante contristados ficão pela sua auzencia.

A SEMANA.

—*Caro Leitor!* É esta a ultima vez que vamos comparecer em vossa presença n'este terrivel anno de 55.

O nosso coração se confrange, todas as vezes que procuramos abrir e fazer uma breve leitura no livro do passado: acontecimentos os mais tristes; lutas as mais encarnçadas; flagellos por toda a parte descarregados sobre os nros descendentes de Adam; a fome que tantos povos tem arrastado ao desespero, e que tem levado a morte ao seio de tantas familias; uma secca cruel que tem assolado o mundo inteiro, destruido as mais ricas messes, e obrigado a tantos ricos e poderosos Srs. a roer o pão da miséria; e finalmente a Cholera que, com justa razão, se pode chamar a Cholera Divina, são os verdadeiros fructos que produziu o mal anno de 55.

Este flagello que sempre poupou o Novo Mundo, tanspõe as barreiras do Atlantico, aporta a America, e por toda a parte espalha a morte a desolação e o terror. Fazil pois, o bello paiz das flores, onde se respira um ar tão puro e tão vivificante; onde a Natureza com mão profunda derramou seus dons, e quiz formar o jardim edisente, em outras epochas sempre respeitado pelos flagellos que periodicamente açoufão o Velho mundo, não podia

agora escapar ao castigo que por toda a parte envia o Ceo aos homens em recompensa de seus crimes.

O Cholera pois pela primeira vez o visita n'este terrivel anno.

O Pará a mais bella provincia do imperio, a india brasileira, é pois o lugar que o terrivel aziatico escolhe para theatro de seus horrores.

Uma população cheia de ardor é ceifada horrivelmente; a morte voa de porta em porta, e espalha o terror por toda a parte; muitas familias são extintas, e outras deplorão ainda algumas perdas irreparaveis.

Taes tem sido as desgraças que tem pesado gravemente sobre nossos semelhantes; taes são os principais acontecimentos d'este anno tão fértil em misérias de toda a sorte, e que accrescenta á historia do Mundo mais algumas paginas de sangue.

Passaremos agora a relatar os factos occorridos n'esta semana.

No sabbado 8 do corrente teve lugar no Theatro de S. Luiz o espectáculo que fora annunciado—A pezar de haver poucos actores correu este divinemento, e os expectadores applaudirão com enthusiasmo o bom desempenho de todas as partes.

O Sr. Francisco Libanio Collas executou na flauta algumas variações da opera—Sonambula—que bastante agradarão. O artista agradeceu com toda a benevolencia os repetidos e freneticos applausos que lhe derigia uma multidão reconhecida e satisfeita.

O Sr. João Jacintho Ribeiro na aria do *Boliceiro* mostrou mais uma vez que é dotado de um genio sublimado: o publico que sempre se mostra exigente nestas occasiões, chamou-o novamente á scena, e obrigou-o no meio de estrondosas palmas a repetir a dita aria.

Quinta-feira houve segundo espectáculo e a concurrencia d'este rivalizou, se não excedeu a do primeiro.

Abriu-se Domingo o *Tivoly* e teve grande enchente.

O Sallão de *Flora* foi muito concorrido, porem apesar disso apenas começaram-se trez quadrilhas e uma *walsa*. As jovens Maranhenses parecem estar enfadadas de tanto dançar. A nós porem acontece o contrario; gostamos d'isso muito.

O cosmorama foi muito visitado, as diversas vistas forão bastante interessantes.

As 11 horas principiou a arder o fogo de artificio, obra prima do Sr. Loires.

Domingo 9 do corrente entrou do Sul o vapor *Torantins*, trazendo a seu bordo o Exm. Sr. Cruz Machado presidente nomeado para esta provincia. S. Exe. não se quiz sugar a quarentena; desembarcou n'esse mesmo dia, e na segunda-feira pela manha tomou conta da administração da provincia, depois de ter prestado o respectivo juramento.

Alguns jornaes estranharão este passo de S. Exe. O recrutamento tem andado bastante forte em virtude da aproximação das festas do Natal.

O Cururuca e outros, que todos os annos costumão arranjar o seu precepito, tem sido incançaveis na aquisição de boas caricaturas, para guarnecer os aredores da gruta do Redemptor do mundo.

O numero dos recrutados já sobe a muito, e entre elles figura um sugueitinho, muito conhecido dos nossos leitores.

Com os trajes com que costuma a passear diariamente pelas ruas d'esta cidade; isto é chapeo desabado, como la dizem, cazacao a maneira de habito de frade, e um grande bastão na mão, representará o melhor possível o papel d'aquelles velhos pastores, descidos das montanhas para adorar o Menino Deus no berço.

Felizmente pelas cantellas que temos sabido guardar, ainda não fomos citados pelo tal Sr. Cururuca, e esperamos em Deus, que assim não aconteça, pois que desejamos ainda entreter os nossos leitores como até aqui temos feito.

Caro Leitor! Muito estimaremos se escapardes o recrutamento, que por toda a parte propoem os precepistas, porque muito desejamos acompanhá-los á missa do Gallo, e a todas as bodas e follias que se lhe seguirem, e se não nos vermos mais por este anno aceitai desde já as nossas despedidas, e centai com o nosso limito prestimo no proximo anno de 56, que Deus traga de melhor catadua, e com menos soffrimentos para a pobre humanidade já tão sobrecarregada de incommodos e desgostos. Até Janeiro.

ROMANCE.

A Perfidia paga com a perfidia.

VII.

O CASAMENTO E SUA CONSEQUENCIA.

(Conclusão.)

—Uma lembrança porem mui feliz, como que inspirada, veio depois tranquillisar um pouco o espirito do pobre Carlos, e essa era obter o perdão de D. Rosa, porque conseguido este talvez Deos, por quem muitas vezes tinha elle jurado falsamente quando queria confirmar o seu amor para com sua adorada, se esquecesse do crime de perjuro.

Esta lembrança que chamamos feliz teve Carlos, quando via quasi realisado seu desespero, quando ja se considerava punido pela perfidia, que commettera contra D. Rosa.

A' esta lembrança succedeo uma outra, que, conquanto não o satisfizesse inteiramente, todavia fortalecia o resultado, que por ventura podesse haver da primeira.

A esta segunda chamamos felicissima, cuja consequencia vinha á ser quasi como uma vingança, e era: que como soffria elle o castigo de perfido por ter enganado a D. Rosa, assim também haveria D. Bella de soffrer por haver-o trahido.

Todas essas reflexões erão o retributo as pungentes dores, que magoavão o coração d'aquelle pobre.

Entretanto os preparativos para o casamento da perda estavam em ligeiro andamento: em D. Michaela se devisava um semblante como de quem possuido d'alegria e um quer que seja d'orgulho, quizesse dizer: *sou muito feliz, sou muito rica*: Ignacio de Lyra parecia nessa occasião um rapaz de dez e oito annos, amigo de gracejos, de brinquedinhos, e de mais outros entretimentos, á que costuma entregar-se a mocidade: o Sr. Manoel estava ancioso por ver sua irmãahir *pela porta fora de casa*, e de sua parte já tinha não pequeno numero de convidadas: D. Bella, a noiva, a *juiza da festa*, só cuidava dos seus adornos, suas rendas, suas sedas, && as mais pessoas de casa parecião ter perdido o siso, estavam constantemente rindo-se, pulando, e sua conversação só tendia ao casamento: enfim a maior alegria reinava em casa de Ignacio de Lyra.

Tudo approntou-se com a maior rapidez possível, só faltava chegar o dia aprazado, o memoravel dia 2 de Setembro.

Carlos, ainda persistia no proposito, que havia tomado de não apparecer mais nunca em casa da perda, e um tão pouco uma só letra lhe escreveu depois da decisiva resposta, que d'ella havia recebido: julgava que

ança, que pretendia elle tomar, teria bom estado, sem que d'ante mão a prevenisse, lançando-lhe em rosto a offensa, que regia.

D. Bella, como já se sabe mui *ropiza*, mas desta vez *pilhada*) havia se recomendado a seu bom irmão o Sr. Manoel de Lyra, que não fizesse menção de Carlos no numero de seus convidados, no que foi muito bem obedecida. He preciso notar, que então a palavra de D. Bella era um decreto, que se observava, ou se cumpria, quando impunha qualquer dever: n'uma palavra era uma Rainha, cujo governo se extendia tão somente dentro de sua casa. Era bonito verem-se os pais a render linezas, acompanhadas de muita humildade a sua querida filha, e Sra.

Era chegado o grande dia, o calendario marcava 2 de setembro, assim como tão bem já havia soado a hora feliz o relógio da casa cujos ponteiros alem da machina eram ajudados no seu giro pelos mimosos dedos da noiva, a quem os minutos já lhe pareciam, não horas, nem dias, porem annos: sim eram horas de se levar á effeito (que alegria !) a celebração do casamento: nada restava !

Carlos se bem que não fosse convidado, com tudo esqueceu-se de seu proposito, e assim a empurrões pôde-se introduzir á essas horas em casa de D. Bella, onde ia-se fazer o casamento, e foi se arranjando de tal maneira, que bem poucos o perceberam.

A sala estava bem illuminada, e adornada com um excellente mobilia, defronte d'esta havia uma outra toda forrada de damasco com galões, cheia de muitas luzes; o sulho estava coberto com um tapete de muito bom gosto. Em um dos lados, fronteiros á porta elevava-se um altar elegante, cujos castiças formavam tres banquetes, cujo metal era prata dourada, entre estes bonitos jarros cheios de brilhantes palmas; lindas e odoríferas flores achavam se espalhadas por sobre uma toalha bem trabalhada que cobria o altar.

No centro da terceira banqueteta estava um crucifixo muito rico: em fim para oão nos tornarmos fastidioso nessa descrição diremos só mais estas palavras: que a vista do que temos dicto d'esse luxo *asiatico* e do que nos resta, dizer-se-hia, que era o casamento d'alguma pessoa de familia real que se hia celebrar.

Trate-mos por tanto do que mais convem dizer á respeito: deixemos de admirar os adornos que lá havião; vamos ao essencial.

Um sacerdote, revestido conforme o ceremonial, tinha na mão um livro de capa encarnada, ao seu lado direito estava a noiva e ao esquerdo o noivo de maneira, que ambos estes ficavão defronte um do outro; mais pro-

ximo do Sacerdote e ao lado esquerdo estava um Acolyto com um vaso d'agua benta.

A vista disto grossas lagrimas banhavão a rubra face do pobre Carlos. Elle já havia conseguido o perdão de D. Rosa, e no entanto as cousas se encaminhavão d'encontro ao seu ardente dezejo, e esperança, que ainda sombrea na sua alma !

Quando o Sacerdote começou a allocução do estylo, Carlos prestou a maior attenção até que chegado o momento, em que a noiva devia receber por seu legitimo marido a Feliz d'Aguiar, elle appareceu-lhe de cara a cara. Com este apparecimento torceu-se ella tremula não podendo uma só palavra proferir. Carlos foi logo despedido por dous ou tres *cazoedus*, que servião de testemunhas, porem isso não foi bastante para que a celebração do casamento não fosse interrompida !

Depois d'alguns minutos, em que tinba se conservado muda, D. Bella exclamou em voz bem intelligivel — Estou arrependida: o Sr. Feliz d'Aguiar não é meu espôzo, mas sim Carlos, a quem jurei meu amor até a morte. —

Estas palavras pronunciadas com energia causarão á todos os circumstantes a mais profunda admiração ! Seus semblanes tornavão-se pallidos.

O Sacerdote ~~com~~ de boca aberta — vêz ou quando murmurasse desappareceu — ~~momentaneamente~~, e consta-nos, que nada disséra, a não ser que D. Bella era muito inconstante.

Ja vemos que da segunda lembrança, que teve Carlos, não houve consequencia alguma: foi um juizo de prevenção.

Duas horas depois reinava ali o maior silencio de tal sorte, que parecia a quem tivesse passado por essa casa, que alguma catastrophe succedêra á tanto regozijo !

Depois de sahirem os convidados, cada um das pessoas da familia de Ignacio de Lyra recolheu-se ao seu quarto, onde se conservava em meditação á respeito; porem uma hora apos isto foi D. Bella chamada á presença de seus pais, a quem contou ella minuciosamente o acontecido desde o primeiro instante que travou-se amor entre ella e Carlos, sendo ouvida com bastante attenção.

Não nos consta que seus paes se quer ao menos a reprehendesse, mas que fora d'ahi em diante olhada com alguma indifferença por elle. O Sr. Manoel todas as vezes que a olhava, abanava-lhe a cabeça, como querendo dizer: *que asueira fizeste!* porem ella correspondia-lhe com um aceno de indifferença.

Voltando ao que já fica dicto diremos mais, que Carlos, não obstante ter sido exposto á força de puchavantes, todavia deixou-sei ar da parte de fora da casa desejando sa-

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A *Sentinella* publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'-Anna n.º 52.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II.

S. LUIZ, TERÇA-FEIRA 1 DE JANEIRO DE 1856.

NUMERO 1.

INTRODUÇÃO.

—A *SENTINELLA* estreia hoje o segundo anno de sua publicação.

Quando tantas emprezas, alias protegidas e dispondo d'aquelles meios com que se costuma a vencer todas as difficuldades, teem uma vida ephemera, e morrem quando o publico lhe attribue uma existencia feliz e duradóra, o que porem se não pensaria da *SENTINELLA*, que ainda agora dispõe de tão fracos e limitados meios?

Porem não assim acontece, e temos o prazer de annunciar que a *Sentinella*, apesar de alguns embarços, segue regularmente ao fim a que se propoz, offerecendo aos seus leitores, senão artigos expurgados de todo o erro, como era o nosso mais ardente desejo, ao menos distractivos noticiosos, e livres inteiramente de intrigas que pela maior parte levão o desagrado ao seio do publico judicioso e sensato.

Como já dissemos em outro numero, nossos grandes afazeres e nossas poucas luzes não permitem dár a nossos escritos aquella delicadeza e suavidade que se fazem necessarias, todavia redobramos de esforços não só para não desmerecermos da confiança publica, como tambem para alcançarmos a grande via do aperfeiçoamento.

N'uma epoca como esta, em que todas as paixões são pelo estudo e pela meditação, e em que até os mais acanhados engenhos se esforçam por adquerir a necessaria instrucção, cruzar os braços ante o movimento geral, e ser indifferente a essa tendencia civilisadóra, que ora domina todos os animos, seria um crime, senão julgado pelo tribunal da opinião publica, ao menos pela propria consciencia.

E pois crente n'estes principios que vamos continuar na publicação da *SENTINELLA*, e para levar ao cabo tão improbo, quam importante trabalho, contamos em primeiro lugar com aquella protecção que sempre temos encontrado em todos os espiritos, e em segundo com a nimia indulgencia de nossos leitores.

A *SENTINELLA* publicará em seguida alguns pequenos romances, e no fim de cada publicação distribuir-se-ha *gratis* a cada um dos assignantes um volume em brochura.

Convidamos pois a mocidade estudiosa a comparecer na carreira litteraria, e para isso franqueamos desde já as columnas da *SENTINELLA*.

No fim de cada anno faremos distribuir gratuitamente o frontespicio, o indice dos artigos, lista dos assignantes, e d'aquellas pessoas, que durante o anno tiverem collaborado para o mesmo jornal.

Os artigos devem ser remettidos a esta typographia em carta fechada aos Redactores da *Sentinella*.

Visita das Priminhas.

—Prima Rosinha, á certo muito tempo que nos não vemos; senão me falla a memoria é isto desde o anno de 55, que passou sem deixar em nossos corações a menor sombra de saudade.

Eu pelo menos quando me lembro d'elle sinto uma especie de terror, um verdadeiro sentimento, que me fere o mais intimo de minha alma, e, tanto quanto me é possivel, procuro envolver no véo do esquecimento recordações, que, a não serem tão desagradaveis conservaria sempre presente na memoria.

Que de decepções que não soffri no tal anno!

Que de palavras doces e amorosas me não ferirão os ouvidos! e contudo ellas, ainda que proferidas pelos meus predilectos, boa priminha, não tinhaõ fundo algum de verdade, e erão antes simples galanteios e falsos protestos de amor.

Já tenho, como Vme. não ignora, os meus 24 Janeirois sobre as costas, e como até agora só vejo promessas não realizadas, receio muito cair no rol das Titias; mas enfim se assim for, priminha, não me queixarei de ninguem e sim da minha pouca sorte, e como fazem tantas outras, consolar-me-hei com a vontade de Deos, quanto mais que considero que não hei-de ser das primeiras, nem tão pouco das ultimas que terão de passar por esse dissabor.

Ora, prima Chiquinha, não se consuma com essas cousas; não pense mesmo nisso; o que for nosso as mãos nos ha-de vir, eu cá sou d'essa opinião, e por isso não creia que me mate muito pelos moços, que a maior parte das vezes só procurão lançar o veneno em nossos corações, e depois zombão da gente a seu talante.

É verdade isso, prima Rosinha; nos homens ninguem se deve fiar; promettem muito e pouco obrão; são uns perfeitos vira-caraças: hoje promettem casamento a mim, amanha a Vme. e depois a outra infeliz como nós, e de súbita, sem nada cumprir, vão passando a sua vida mui gostosa e satisfeita, e nós é que ficamos depois sof-

frendo as dores e o ciúme, companheiro inseparável de um amor apaixonado.

O que deveríamos fazer era certamente não fazer caso d'elles, quando paixão pelas ruas com charutinho no queixo, e fazendo grandes barretadas á gente.

O que Vmc. diz, prima Chiquinha, é muito certo, e assim é que deveríamos praticar, porem ás vezes a gente fica como fulminada, magnetizada pela sua presença, e então ainda que queira não pode ser senhora de si, rende-se infallivelmente, entrega-se mesmo em corpo e alma a esses corações insensíveis, e o que é mais para notar, sem attender a mor parte das vezes aos pedidos do papai e aos protestos que de ante-mão havia feito.

Alguns (cazo raro) cumprem fielmente a sua palavra, e dão-se pressa em por por obra aquillo que tratão: outros porem pelo contrario (e estes são os mais frequentes) o que querem e procurão é embriagar-nos o coração até ao ultimo ponto, e quando nos veem n'esse estado de amor febril, retirão-se sem dar o menor cavaco, e rindo-se ainda em cima por nos ver assim atormentadas.

São uns verdadeiros corações de bronze!

Nelles não tem accesso esse amor puro firme e leal, que distingue os nossos corações.

Aos homens o que menos custa é fingir e dizer o contrario do que sentem; a nós porem o que mais custa é faltarmos á verdade,—e por isso tudo quanto dizemos é a pura expressão dos nossos sentimentos.

Mudemos porem de conversa.

Conte-nos agora, prima Chiquinha, onde e como passou as Festas do Natal.

Nas vespas do Nascimento, e depois da missa do gallo fomos para o Paraizo, a convite do Sr. F. Muito la me diverti, meu coração.

Pela manhã do dia 25 assim que acordei tratei de me pentear, e puz-me á janella para ver raiar o sol, e respirar o aroma das flores e o ar fresco da manhã.

Não tardou muito que chegasse o primo Lulú em companhia de alguns amigos que andavão á caça.

Vinha, já se sabe, em trajes de caçador, porem essa mesma simplicidade me agradou mais do que quando o vejo passear pela cidade com sua cazaca de botões amarellos e colete azul furta-cor.

Conversei um pouco com elle á janella, e nessa occasião, com aquella ingenuidade que o caracteriza, offertou-me um lindo ramo de rozas e de jasmims, como uma prova do muito affecto que me consagra.

Ajudadas vezes levava eu esse bello ramo ao nariz, e cada vez parecia encontrar um cheiro mais suave, mais puro, mais penetrante e mais precioso.

Uma acção tal como essa da offerta, minha prima, não podia e nem devia ficar sem retribuição; e por isso tirando do seio um grande cravo branco, que me havia dado a nossa Amiga Constancia, depozitei-o em suas mãos.

Estava dezejoza inteiramente de convidal-o para que entrasse, para assim gozar naquella dia da sua bella companhia, porem o não fazia recei-

oza que o papai levasse a mal o meu procedimento e interiormente pedia a Deus que me deparasse um meio de poder realizar o meu dezejo—As minhas supplicas porem parece que obrarão o milagre; o papai chegou d'ahi a pouco e convidando-os para entrar, praticou assim uma acção da qual nunca me esquecerei; e que merece a mais sincera gratidão.

Os tres moços que ião em companhia do primo Lulú—tocavão diversos instrumentos, e então aproveitando a occasião e a oportunidade—formamos um pequeno *soiré* que durou todo o dia 25 e parte do dia 26.

Divertimo-nos, como lá dizem, a bom divertir.

Danças muitas quadrilhas e walsas, reinando sempre muito boa harmonia e amizade entre todos os convivas.

As danças tinham lugar só de dia, e de noite o jogo de prendas.

Como Vmc. não ignora minha prima, é este um jogo porque muito cavaco dou, mas d'esta vez não me sahi muito bem d'elle;—porque prestando muita attenção as conversas e aos gracejos do primo Lulú, raras vezes respondia ás perguntas do padre-cura, e então era quasi sempre multada.

Uma couza me ia esquecendo dizer-lhe, e é que não sei como o primo foi dar comigo alli, pois que eu nada lhe havia mandado dizer; salvo se elle perguntaria á nossa vizinha.

No dia 27 a noite voltámos para a cidade, e confesso que ainda hoje tenho saudades dos bellos momentos que passei n'aquelle sitio.

Vmc., prima Chiquinha; já contou a sua historia, o seu passeio ao campo, e os divertimentos que teve; agora eu contar-lhe-hei o que se passou comigo, e o muito que tãobem me diverti cá na cidade.

No dia 23 abrio-se o Tivoly e eu lá me apresentei pelas 5 horas da tarde. A concurrencia foi bastante grande tanto de moças como de moços. Como sabe, e fora anunciado, houve baile de mascaras no salão de Flora, que começou as 8 horas ao som da bella muzica dos Educandos—e durou até as duas horas da madrugada.

Alem do tivoly houve Theatro e tambem não faltei a elle,—assim como aos diversos prezepios que ferão sempre concorridos, e nos quaes encontrei muitas couzas que bastante me deleitarão.

Emfim, boa priminha, não sei qual estaria mais interessante se o seu *soiré* no sitio, se o nosso baile de mascaras no salão de Flora.—Eu pela minha parte julgo que este ultimo esteve muito melhor, e poderamos dizer que estavamos no campo pois que por todos os lados viamos arvores e plantas, e o tecto que nos protegia contra o orvalho da noite erão duas soberbas e frondozas mangueiras.

Para outra vez, priminha, quando nos encontrarmos conversaremos melhor, o que agora não posso fazer pois que tenho de ir para casa receber a vizita da nossa amiga Valentina.

Saudades ao meu cravinho, e as mais pessoas que te são caras.—

Adeus, adeus—até outra vez—

Pensamentos de um louco.**I.**

—Dezembro, salve!

O Céu é puro; o sol do meio dia dardeja seus raios brilhantes que illuminam á terra; tudo nella é vida, a alegria espalhada pela natureza se reflecte em todos os semblantes.

Dezembro, salve!

Os passaros cantam alegres, pouzados nos ramos das arvores, o arroio ao longe docemente murmura, como que acompanhando gostoso seus gorgeios e trinados.

Dezembro, salve!

As flores esmaltão o prado, gottas de cristallino orvalho cahem do céo para embellecelas, louçans virgens enfeitam com ellas as louras ou negras madeixas de seus longos cabellos.

Dezembro, mez das alegrias e dos prazeres, salve!

II.

Mundo, mundo—o que és tu? Encantador e horrendo, risonho e lugubre, cheio de prazeres e de dores!

Aqui as orgias de um banquete, os ruidozos sons de uma orquestra, . . . ali os gemidos da orphandade, alem as torturas da dezesperação e da fome.

Mundo, mundo—o que és tu?

A natureza traja as gallas, os prados se cobrem de flores, as arvores de fructos, e porque meu coração de tristeza?

Hontem assistí aos regozijos de um noivado, as felicitações de um nascimento, e ao passamento de uma mãe.

Contraste horrivel!

Abri o livro, e na primeira pagina encontreis á palavra—*prazer*—na segunda—*vida*—e na terceira—*morte*—!

Estudo no mesmo livro!

Alem, vio justo arrastar-se ensanguentado e gemendo sob o pezo da cruz, e em quanto que o malvado, feliz e orgulhozoz arrastava ápoz seu carro vil cafila de aduladores.

Mundo, mundo de contrastes e decepções, maldito sejas.

III.

Dezembro, salve!

Reuni meus amigos, partilhei meus prazeres, estendi-lhes minha mão, apertei-os contra meu peito.

E elles me surriam tambem, estreitando seus corações contra o meu que palpitava de emoção.

Infames! despedaçaram os laços que nos prendião, zombavam do sacerdocio santo da amizade, trahiram-me! . . .

E entretanto o sol brilhava, e surria no céo de Dezembro, esse mez de prazeres.

Minha cabeça gira agitada por tam diversas sensações.

Enlouqueci, disceram-me.

Ah! tudo é contraste na terra; quando mais brilhava o sol, mais agras eram minhas dores, mais despiçados meus sofrimentos!

Oh! o sol e as flores me torturam cruelmente o céo escarnece de meus pezares, o céo puro, o céo azul, o céo de Dezembro!

IV.

A morte, a morte!

E para que?

Pergunta singular!—por ventura o naufrago não almeja o porto, e o escravo a liberdade?

Sim, a morte! ahi tudo é triste e solitario, ahi tudo é lugubre e medonho; ahi tudo é desolação e melancolia.

Mas ao menos ha em tudo uniformidade; ao menos encontro ahi uma harmonia—lugubre—igual á tristeza de meu coração.

No sombrio valle do imperio das sombras tudo está ao menos de acordo com as minhas lagrimas.

Ó tumulo, ó morte! chamar-vos-hei meu paraizo?—e entretanto melhor me fora não haver nascido.

Diccionario do amor.

—Perdoe-nos o bello sexo se as nossas palavras o offender, porem classificamos o amor das mulheres do seguinte modo:

Amor conjugal—É o mais frio.

Amor desinteressado—É o mais raro.

Amor violento—É o menos duradouro.

Amor tranquilo—É o menos falso.

Amor nascente—É o mais digno de fé.

Amor platónico—É impossivel.

Amor poetico—É muito dadivoso.

Amor profirio—É o mais necessario.

Amor do luxo—É o mais irresistivel.

Amor proximo—É muito extraordinario.

Amor de mãe—É o mais firme.

Amor de irmã—É o menos exposto a perigos.

Amor verdadeiro—É o menos incomprehen-sivel.

Critica geral.

Eu conheço no mundo immensos vates,

Que escrevem, só, em versos disparates,

Um pepino comparão com a lua,

A cara de uma virgem, com . . . a tua.

Co'as estrellas, a luz d'uma candeia,

E com virginio véo, de aranha á teia,

A rólla e'o pardal, gato com lebre,

Chegando tal poder até já febre.

Desses parvos, que em meio da loucura,
Até pedir-nos vem a assignatura
P'ra grande colleção de chocha rima,
Que o verdadeiro boçal, somente, estima.
Não porque julgue a poesia meiga
Mas sim, macia para embrulhar manteiga,
E não podião, dize, estes malucos
D'outra vida melhor tirar bons succos ?
Uns no «deve e hade haver» só entendidos
Por detraz do balcão sempre escondidos !
Outros lidando com o metal mais rico,
Fazendo anneis, bufando ao maçarico !
Na roça alguns a terra cultivando,
E ao dezafo p'ra rimar cantando !
Na escola muitos apanhando bolos,
P'ra não serem depois tam grandes tolos !
Porque tentão da imprensa entrar nas lidas ?
Porisso andão hoje as vocações perdidas !
(Continúa.)

ACROSTICO.

Deo-lhe Deos a perfeição,
Os anjos, graça e belleza:
Nesse todo se reúne
V copia da natureza.
V delina !... És um composto
De completa formosura;
E s mimosa, qual suçena
Lá no jardim da ventura;
L imagem que tanto expressa
Nã é da terra, é do céo !
V njo, sim !... não creatura !...
Janeiro 4 de 1856.

O Desprezo.

Suspiro porem de balde Pois nada posso alcançar, E tirana, e vingativa, Não quer juras aceitar; Escarnece o meu amor Só para de mim zombar.	Virá então a saudade Servir-te de companhia, E fugirá de teu rosto Para sempre essa alegria: Soffrerás dores que eu soffro Quando chegar esse dia.
Tu Francina me desprezas, Pois olha, não tens razão, Eu a muito te adoro E tenho por ti paixão: E só por ti neste mundo Que pulsa meu coração.	Despresastes minhajura, Enganaste o Trovador, E lançastes em meu peito O ciume abrasador; Sorverei sem me queixar, Esse calix de amargor.
Tempo virá que conheças Toda a tua ingratidão, Tempo virá que me chames Movida de compaixão: Mas talvez que seja tarde Não esteja em Maranhão,	Mesmo distante que esteja De ti me hei de lembrar, E espero p'ra o futuro Teus carinhos desfrutar: Minha jura é sempre firme, Firmeamente t'heide amar.

J. S. Pereira.

—Offerecemos aos vates maranhenses a seguinte quadra para que se dignem glózar em decimas.

Em grosseiros corações
Não se planta amor perfeito,
Essa flor que é tam mimosa
Não vegeta em todo o peito.

SONETO.

OFFERECIDO A JOVEN AMELIA A. A.

Amelia! Amelia! flôr mimoza,
Todo cheio d'encantos e de belleza
Olhos cheios d'enleio e de viveza
De magia tens tudo oh! primorosa!
Oh! collo alabastrino oh! flôr mimoza,
Oh! meu bem, oh! meu bem que singeleza
Não tem esse teu rosto, e que pureza
Não te orna essa fronte sempre airoza.
Recebe meu amor minha deidade
O peito de um mortal que está ferido
E se entrega ati oh! divindade.
Abroquela, abroquela, estou rendido
Amelia! meu bem, minha beldade
Salva o mortal, o mortal, por ti perdido.

ENIGMA.

A
AA Empreza
AAAA
AAAAA Empreza
VVVVVV
VVVVVVV Empreza
EEEEEEEE
EEEEEEEE

EXPLICAÇÕES.

- N. 47—Enigma pictoresco—O Navio é menos util que o vapor.
N. 48—Logogripho—Olivia.

ANNUNCIO.

TYP. DO PROGRESSO

RUA DE SANT'-ANNA N. 52,

ONDE

COM TYPOS INTEIRAMENTE NOVOS

SE APROMPTÃO

COM NITIDEZ E PRESTEZA

QUAESQUER IMPRESSOS,

COMO

MAPPAS, LIVROS,

FOLHETOS, CARTAS DE CONVITE, CIRCULARES,

CARTAZES, AVULSOS & c.

TYP. DO PROGRESSO—RUA DE SANT'-ANNA N. 52—1856.

Imp. por B. de Mattos.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A *Sentinella* publica-se aos Domingos, na Typographia do Progresso rua de Sant'-Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.
Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II.

S. LUIZ, DOMINGO 13 DE JANEIRO DE 1856.

NUMERO 2.

A visita das Priminhas.

—Depois de nossa ultima visita, prima Rozinha, é hoje a primeira vez que nos encontramos; estimo isso infinito, pois que tenho a contar-lhe couzinhos de bastante interesse, e que lhe hão-de sobremodo agradar.

Mas antes de tudo dezejo saber como passou na nossa ausencia.

Eu, prima Chiquinha, como vê sempre gorda e robusta como uma Abadessa, signal é de que o anno, cujo funeral tivemos a ventura de observar, não foi dos peores, e quanto ao que ainda agora principia não vae indo menos mal, graças a Deos.

Dezejo, prima Rosinha, de coração que assim aconteça até o fim, e que em ~~todo elle~~ se encontrem ~~sollicidades~~ e mais que felicidades.

Não, priminha, deve a gente sempre esperar pelo peor; eu ca sou desse parecer, e ainda que me aconteça algum revez, ou que me sobrevenha algum desgosto estou disposta a tudo arrostar com constancia e com resignação.

Como as nossas conversações sempre versão sobre novidades, eu lhe contarei prima Rozinha uma que bastante a hade admirar, espero pois que preste sua maior attenção.

Estando de visita em casa do Padrinho Joaquim vi sobre a carteira do Sr. Maninho a *Sentinella* em que vinha escrita toda a nossa conversação de outro dia. Fiquei realmente tomada de pasmo por ver assim lançados ao dominio da imprensa os nossos mais caros segredos, e ainda mais porque podião elles chegar, sem difficuldade, aos ouvidos do papai, e d'ahi resultarmos alguns incommodos, ou quando menos algumas ameaças.

Certamente prima Chiquinha o cazo é serio, e é para admirar-se e temer-se ao mesmo tempo, pois que se me não engano fallamos tambem dos nossos namoros, e de outras muitas couzas de que os nossos papais não gostão.

Mas quem seria o tal curiozo que assim praticou?

Vmc. priminha, pergunta bem, mas eu é que lhe não sei responder.

Seguramente, prima Rozinha esta é uma de cabo de esquadra, porem d'aqui em diante devemos estar mais acauteladas, e quando conversarmos devemos fazel-o em voz baixa para que as nossas palavras não sejam ouvidas, e stitografadas por algum pedantinho.

Mas enfim, priminha, passemos agora a outra couza.

O que tem Vmc. ouvido dizer por essa nossa bella cidade?

Eu, priminha, nada posso dizer, porque, como Vmc. não ignora o papai poucas vezes deixa a gente sahir de caza.

Isso não é bastante, prima; ainda que não passeie deve receber muitas vizitas.

Qual!... uma vizita lá de mez em mez, nada adianta.

Pois eu priminha, posto que passeie tambem pouco, sempre terei alguma couza a contar-lhe.

No dia 5 do corrente fui ao baile da Sociedade *Recreativa commercial*—Como sabe dou a vida por divertimentos d'esta ordem, porque enfim quando mais não seja, dança a gente com aquellas pessoas de sua amizade, recebe-se finezas d'essas mesmas pessoas, come-se doce, toma-se chá, chocolate e o mais & c. em uma palavra os olhos observão o bom e o bello, o estomago toma a sua fartadela, e o coração, expandindo-se de alegria em presença de tantos objectos dignos de veneração, recebe novas inspirações, novos amores e sympathias.

Nóstambem, prima Chiquinha, não atalhando o que ia dizendo, recebemos um convinte d'essa sociedade, mas não fomos por via de estar a noite muito escura e ameaçar chuva.

Pois eu, prima Rozinha ainda mesmo que chovesse raio não seria capaz de faltar a elle, porque realmente esteve bello o mais possivel—; a muzica foi optima, a caza esteve bem ornada, bem iluminada, houve profusão de tudo, e a concurrencia talvez excedesse de 200 pessoas.

Danças 9 quadrilhas, 1 mazurka, 2 Walsas, 2 Pokas, tudo com muita alegria, e debaixo da melhor ordem possivel.

A descripção, que Vmc. está fazendo do baile, priminha, está me fazendo suar pelos cabellos, e fica cheia de pezar, por não ter aproveitado o convite, e gozado de tanta couza boa.

Não se desconsolle, priminha; porque me parece, que esta sociedade não ha-de morrer, como morreu uma outra, de cujo nome agora me não recorro, e então ainda pode Vmc. divertir-se muito, e eu da mesma forma, sendo que a Sociedade queira obsequiar as nossas familias com mais alguns convites.

Não fallemos mais em bailes, prima Chiquinha, conversemos agora um pouco em politica.

Mas isso não é da nossa jurisdição?
Não importa—nós também temos direito de conversar n'aquillo que nos aprouber.

Isso é exacto.

Conte-nos, prima Chiquinha o que sabe, a respeito do nosso novo administrador.

O que sei por ouvir dizer a muita gente é que S. Exc. vem possuido das melhores intenções a respeito da provincia, que lhe foi confiada, pois que pretende trazer-a sempre em santa paz, e introduzir aquelles melhoramentos de que ella mais precisa, para sair do estado de abatimento a que tem sido condemnada por seus proprios fillos.

Deos o traga, prima Chiquinha, para nosso bem e lhe conserve sempre tão bons desejos.

Assim o esperamos, pois que nenhuma provincia mais precisa de um braço forte e creador como seja esta nossa.

E com esta, prima Chiquinha, me vou retirando para a caza, que ja estou com bastante dores de cabeça, e necessito bastante de repouzo.

Adeus priminha.

O Baile da Sociedade Recreativa Commercial.

—Principio por dizer, que guapos cavalheiros estavam a porta, os quaes provarão por suas maneiras uma completa educação, bem como a maneira descende do ingresso das Sras. que conduzião ao salão: Cabe já aqui o dár os devidos incomios ao director do mesmo baile; nada com effeito ficou a dezejár. Os socios cada um de persi caprichavão em bem servirem as Sras., na melhor ordem que se pode por em pratica em taes occasiões: lá se achava o nosso amigo Almeida—Dignissimo Mestre sala, que dignamente se mostrou no cumprimento dos deveres que lhe couberão naquella noute.

O salão parecia um céu aberto (segundo se costuma dizer) ou antes um jardim cheio das mais lindas flores... A falar a verdade estava com meu receio de apparecer no salão; porem a curiosidade de ver tantas rozas fez-me perder o medo, tomei o garbo e adman de um Diplomata estive observando tão romantico jardim, e não pude deixar de dizer—*E' uma bella reunião!*... Não foi nada fui eu que fiquei extasiado e semelhante a uma estatua aquella imagem... Imagem do Céu!... É esta a rainha do Baile—disse logo—na verdade eis aqui uma deidade; Gra fica comprehendido que esta é a que se apresentava meus olhos mais bella.

É verdade que todas em geral são bonitas: ol! mas esta... Deixem-me que quero fazer uma descripção, bem que não muito exacta, e se não explicar como intento culpe a minha pouca intelligencia, mas nunca a falta de vontade, porque essa posso eu justificar exuberantemente: Mas é bella;

Devo dizer com franqueza que merece o epíteto de Linda, que é o nome mais sublime que se lhe pode dár. Quero por tanto imitar o retrato de Alice, de qui falla—Eugenio Sue—Preparem-se que vou principiar o retrato,

e parece que hade agradar—Seus braços nús, alvos e torneados, revelavão as formas mais elegantes e delicadas. Sua compleição era esbelta e graciosa, e a mostrava um desses extriores primorosos, que por um singular capricho da creação, encerrão quasi sempre uma alma forte e apaixonada. Seus cabellos caprichosamente preparados a Um côllo lizo e lustroso, seu queixinho cõr de rosa, arredondado e coberto de uma pelle transparente que mostrava uma rede de azuladas veias.

Estando então sentada cruzou os braços, inclinou a cabeça e parecia que estava olhando e admirando seus torneadinhos bracinhos.

Os olhos... ai! os olhos?!... éráo daquelles que matavão!... Os labios éráo purpurinos e fazião sobre-sahir a deslumbrante alvura de seus dentes. Em uma palavra, éra um composto de perfeição.

Puz-me olhando para a minha deidade como qualquer beata quando está rezando a um santo ou santa da sua devoção, olhava eu para a bella e saboreava um prazer desconhecido a essa gente, que por esse mundo alardea, que não fazem cazo das mulheres. Alto meus Srs. desdenhosos, isso é basofia. Que Vmes. não gostem das feias não me custa a crer, porque o mesmo me succede. Mas das bonitas... das bellas... das formosas... das lindas enfim das Chiquinhas!... isso barro a cassuada... Ou Vmes. mentem, ou então são de pedra. Pelo que me pertence não sou assim! Mas o cazo é que me vou desmandando inteiramente: ~~peço perdão~~ nem sempre o homem é senhor de si... E como ha de sé-lo se ella é e é tão interessante?... ai de mim! Se eu fosse um cid campeador, de certo tudo quanto possuísse éra deste anjo, ou juraria sobre os tumulos de meus Paes que lhe havia de obedecer, como se seu escravo fóra... Mas ai de mim que taes primores só me será dado velos... Eu, feio como noite de trovões. Eu feio, como Lucifer depois da sua queda o que é que dezejo?... sou um louco!...—Alto frente—paremos aqui que ja me vou tornando prolixo: Mas fiquei tam atrapalhado que não tive animo de lhe pedir que me desse a felicidade, e honra de dansar commigo mas por Deos, que para o baile que vem quero vér se o meu requerimento tem despacho... Irra? que tenho falado pelos cotuvellos, pois olhem não sou dos que dou lá muito a lingua, mas de passagem direi que á linguas que cortam que nem navalhas de barba, os Diabos todos juntos me carreguem se eu duvido... Mas de que?... falar do baile?... isso é inveja, se todos fizerem como eu, os calumniadores ficarão chafordados na lama aonde vegetão; e confesso a sociedade que em quanto apprezentarem reuniões como esta nada devem recear:—Digo d'uma vez por todas que procedente da corte, mas nas proviteias estive em algumas reuniões, e esta não lhes fica desmerecendo nada é pena que o salão seja tam pequenito....

P. F.

Casamento de pexixa.

Um Janota mui bonito,
Bem tirado das canellas,
Escarnecedor das tias,
Fascinador das donzellas;

Procura em casamento
Uma moça de feições,
Dando por termos de trato
As seguintes condições:

Deve ser moça bonita,
Mui honesta e recatada,
E que além de tudo isto
Seja Donzella provada.

Deve ter bom enxoval
Provido em sedas e rendas,
Ser mestra em todo o serviço,
E rica em todas as prendas.

Que saiba tocar piano
Em todos os tons menores,
Que cante suas modinhas
Ternas modinhas de amores.

Que seja uma dançarina
Ligeira e leve de pé,
Quero-a ligeira na walsa
E mestra no balancê.

O dote será contado
No dia do casamento,
E se for moça que sirva
Com bem pouco me contento.

Cem contos de reis batidos
Em sedulas bem contadas,
E de onças hespanholas
Dez milheiros casacadas.

Sobre o governo da caza
Só quero que em vistas tome,
Gastar o menos que possa
Embora morra de fome.

Quero que todas as noites
Venha por mim esperar,
Acordada até que eu chegue
Do Theatro ou do Bilhar.

E se nas horas de espera
Se achar enfastiada,
Permitto-lhe que receba
Suas vezitas na escada.

Se houver alguma bella
Que tenha disposição,
Aproveite esta peixinha,
Não perca a occasião.

Moro na rua das cazas
O numero que lhe responda;
Tirados os nove fora
Fica uma cifra redonda.

A Ingratidão.

Cada idade, cada estado e sobre tudo cada sexo tem seus defeitos particulares, suas paixões dominantes.

Mas o vicio monstruoso ou antes o crime odioso a toda a natureza—a ingratidão o germen de todos os crimes, tem povoado o mundo de uma miseria infinita, tem arruinado povos, precipitado estados na escravidão, famintas na miseria e na indigencia e com tudo as leis não o punem, e porque? será pela mesma razão que tinham os

Romanos de não punirem o crime de parricidio? talvez—

Essa arvore infectada tem com o seu toxico envenenado a todas as outras que se achavão incolumes, esta maldição degradante que avilta o homem, que fere a grandeza d'alma, o melindre universal é um brado que ecoará em nossos ouvidos nos recordando o crime do nosso primeiro pai—Adão—a obra prima de Deus quebrou o preceito do Senhor, foi ingratidão que commetto, e cuja consequencia foi a expulsão do Eden.

Eis a causa porque hoje ella actua sobre todos os espiritos e nelles impera. Vejamos agora o ingrato.

A baixeza, o opprobrio, a devassidão, e a vitania eis senda que trilha o ingrato, receber beneficios e depois conculcal-os eis a sua vida.

Seneca disse com muito acerto: Terás diffinido toda a maldição pela simples palavra de ingrato—*Omnia dixeris maledicta cum ingratum dixeris* e na verdade, se consultar-mos donde nos vierão tantos crimes tantas maldições descobriremos que são de um manancial ingrato, porque no coração desse homem não se descobre uma chispa de virtude um raio de luz innocente, tudo nivela tudo conspurca até os deveres os mais santos da humanidade! e sempre fatalidade; se conserva frio e insensível nem se quer cora, vendo que o amigo fiel do homem o—cão—reconhece e como que agradece os beneficios prodigalizados.

Só o homem, só o ingrato não sabe reconhecer os beneficios que lhe faz, só elle é mudo espectador de tudo isto!

Heitor Pinto compara o ingrato com o vapor da terra que se levanta por virtude do sol e depois de levantado tolda e encobre o seu esplendor; assim o ingrato a quera destes a mão para se levantar depois de levantado despreza a virtude que o animara; então deixa de ser homem é mais que animal é uma fera!

Vós o vereis ja como o estolido que só vê os objectos pelo prisma de suas paixões já como o sclerado entregando sua patria as garras do inimigo, ja como o avarento que desejando locupletar-se da fortuna de seu bemfeitor, fortuna que o arrancou da misera pucilga, que lhe deu vestidos com que cobrisse os descarnados membros, fortuna que enfim enriqueceu-o, cavando incessantemente uma bysmo debaixo de seus pés, ja como o libertino que degrada e lança o estigma da deshonra no gremio da familia do seu bemfeitor, ja como o filho inhumano, vergonha de sua desolada mãe, que levanta a mão parricida para desrespeitaras brancas caus de seu velho pai, ja como o Judas trahindo o seu lhano amigo com um osculo, symbolo de paz, forem que elle se serve para seus nefandos designios finalmente o vereis lançando fogo a arvore cujos fructos calimentão e fazem suas dilicias horror! nem mesmo o Deo é poupado a sua sedenta colera!

laqui pode-se inferir que de todos os crimes a—ingratidão—é o mais pernicioso, pois fere directamente o amago de toda a boa sociedade alma, o alpha e o omega do amor e da estima.

No obstante ser um crime tão horroroso, os seus passos são agigantados, ella tem penetrado os limiares do coração do rico, do pobre, do aldeão, do nobre, se tem infiltrado em aposentos caçados, como em salas esplendidas.

Tudo isto é grave porque é atrás mas ha ainda cousa mais grave (*) e vem a ser que a ingratião alimta-se e ganhe seiva em corações puros e ternos onde só deve respirar á brandura e o ambiente virginal; vós não ignoraes (se alguma ja possuiu o vosso coração) que é ali que ella se tem incrementado, tem feito progressos de momento a momento, é ali que essa arvore infectada e epidemica com força tem pullulado e reverdecido, ja o nome —ingrata—ouvem sem massa sem inquietação parece que ja lhes é peculiar e comezinho, mas não sabeis porque?

Seus corações a força de tantos e tão reitevados incendios que sempre sóem apparecer no alegre despontar dos annos, estão petrificados e insensíveis, hem como o fuzil sem aço no qual a pedra bate inutilmente sem fazer resaltar se quer uma faísca!

Este é o principio de tantas lagrimas, essas ingratas tem aberto immenso numero de tumulos e tem sepultado outro tanto de vidas, ellas tem acarretado o lucto a muitas familias a desolação a muitas cidades e a destruição a muitas nações; e ainda assim mesmo Deidades praticareis a ingratião? vos conservareis? quíça desaparecem todas estas nodoas que vos tem maculado, assim esperamos a fim de deixarem de haver tantas tristezas.

3 de Janeiro de 56.

CRU.

Critica geral.

(Continuado do numero 4.)

Jornalistas tambem ja tenho visto,
Que bons serão em tudo menos nisto,
Que até serão bons procuradores,
Porque sempre defendem seus senhores!

E, tendo vomitado a consciencia,
Arrotos inda tem d' independencia,
Quando o seu fim só é roer bem osso,
Nas algibeiras ter dinheiro grosso.

Bons empregos pilhar, honrosas fitas,
Seudo, em caza dos ricos, parasitas,
E, na rua fidalgos para os pobres,
A custa de quem, são, ricos e nobres!

Eu vejo no theatro mil janotas,
Que trazem bons chapéos, luzentas botas,
Compridos cazacões, luvinhas brancas,
Charutos podres, no tamanho trancas.

De valor decedindo dos artistas,
Uns com os outros jogando as cristas.

Até no palco vejo alguns actores,
Insipidos, nojentos, maçadores,
Que parecendo allí finos rapazes
De entender os papeis são incapazes.

E se um drama lá pilhão, uma tragedia,
Um vaudevil, farça ou comedia,
Fazem grandes bellezas em farrapos,
E impunemente dão, quatro supapos

Numa reputação, que, já formada,
Teve a sorte de ser-lhes confiada,
E não podião, dizer estes meninos
Irem juntos c'o sapateiro fazer pinos!

Continúa.

(*) Palavras do escriptor portuguez A. Herculano.

AEROSTIED.

Amor a uma menina de 10 annos que mora na rua da Paz.

Feliz me julgarei, pura menina
—Imprimir-te, se consigo, um santo amor!
Fouça qual d'um jardim fresca bonina,
Ofuscaste a razão do teu cantor;
Mas tu ainda és tão pequenina
E não podes entender a minha dor!...
Na luminosa Estancia não s'encerra
Vnjinho, como tu, qu'és ca da terra!

E. R. C.

Motte.

No prado tem uma flor
Chamada marucujá,
O dia do casamento
Tomara que fosse já.

Gleza.

Sinhazinha me acredite
Que lhe tenho muito amor,
Assim acredito que,
No prado tem uma flor.

E tãobem tem na campina
Muitos pés de anajá,
E entre estes ha um
Chamado marucujá.

Ter amor não é desprezo,
E trazer no pensamento,
Esta palavra tão bella
O dia do casamento.

Gosto da bella qu' é bella
Como gosto do cajá,
A nossa bella união
Tomara que fosse já.

CHARADA.

De lá proscripto padeço
Neste lugar em que estou,
Sob o mais ferrenho jugo.
Que a sorte me deparou...

Só regressar poderei
Para minha patria amada,
Estando neste lugar
Uma hora... hora sagrada.

Conceito.

Habito vasta campina
Ora em paz, ora irritada;
Salvo a muitos do perigo,
Tambem a elle arriscada.

EXPLICAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.

Enigma—As vezes em pequenas emprezas fazem-se grandes riscos.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.
Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II. S. LUIZ, SEGUNDA-FEIRA 21 DE JANEIRO DE 1856. NUMERO 3.

A SENTINELLA.

—A Historia moral, **ESPEREMOS SEMPRE** cuja publicação hoje começamos, é digna de attenção, pelos bellos pensamentos apprezentados por uma Joven menina de 12 annos, á Illm.^a Sr.^a D. L. A. R. F..

ESPEREMOS SEMPRE.

—Que seria dos desgraçados sem a doce esperança! o piloto, cujo navio o raio acaba de despedaçar, na immensidade dos mares, se agarra a um fraco resto sobre que se levanta, e se entrega á mercê dos ventos, dizendo—**ESPEREMOS SEMPRE!** O lavrador, cujos campos a saraiva acaba de devastar, semeia-os de novo, repetindo—**ESPEREMOS SEMPRE!**... A terna mãe, ajoelhada junto de seu filho moribundo, exclama, com as mãos postas, e os olhos levantados para o céu—**ESPEREMOS SEMPRE!**... O pobre, morrendo de frio e de fome em sua miseravel choupana; o opulento estendido sobre um rico e molle cochim, dilacerado de dores e apenas respirando; o pai de familia privado de seus filhos: a joven chorando sobre o tumulo de sua mãe, seu unico arrimo; o viajante oprimido de cansaco, estando apenas em meio de sua jornada em uma palavra, tudo o que soffre sobre a terra, não póde ver luzir um raio de sol, sem crer que é Deus que vem em seu soccorro. Não cessaremos pois de esperar em sua justiça em sua bondade; porém para isso vivamos de maneira que nos tornemos dignos della! o primeiro, o maior atívio a nossos males, é poder-mos dizer:—«Não os mereci: Deos quer sem duvida experimentar-me—**ESPEREMOS SEMPRE.**»

Um rico armador de Marsella, deslumbrado pela prosperidade constante de suas vastas empresas, e querendo ainda augmentar fortuna, metteu-se-lhe em cabeça ir estabelecer uma casa de commercio na Ilha de França, onde já por suas relações habituaes tinha reunido capitães consideraveis. Este negociante celebre, chamado Marsol, no vigor da idade se tinha casado, havia muitos annos com a pessoa mais bella da Provença, que reunia as nobres qualidades do coração uma imaginação ardente, e o irresistivel desejo de percorrer as regiões mais notaveis dos dous hemispherios. Ella era mãe de uma menina de cinco annos d'idade, verdadeira obra prima da natureza, Noemia de Marsol, citada em Marsella, tanto por sua figura celeste e graça natural, tanto pela angelica doçura de seu

caracter, se fazia principalmente notavel por uma verdadeira piedade que lhe tinha inspirado sua avó paterna, mulher de um merecimento eminente.

Bem pequena ainda Noemia elevava a sua alma candida a Deos, e lhe attribuia a felicidade de que gosava. Se por ventura experimentava esses males passageiros a que está sujeita a nossa infancia, dizia com uma tocante resignação:—Deos o quiz; mais isto não durará sempre.—Se o soffrimento cessava vião-na levantar sua cabeça encantadora para a abobada celeste, e repetir bem alto: «Eu estava certa de que o céu velava sobre mim, **ESPEREMOS SEMPRE.**»

Ella pois acompanhou seus paes na grande viagem que elles emprehendião, depois de ter recebido a benção de sua avó, que lhe disse chorando:—«Encantadora criança, não te verei mais!» E a menina lhe respondeu, beijando-lhe as mãos:—**ESPEREMOS SEMPRE!**—A viagem da familia de Marsol foi constantemente feliz. O navio em que ião tinha a reputação do melhor veleiro do porto de Marsella; e o capitão, seu parente, maritimo muito afamado, tinha conseguido, que lhe dessem interesse na expedição.

Depois de terem percorrido durante muitos mezes o Oceano Oriental, costeado a ilha de Bourbon, a de Madagascar, chegarão ao seu destino, onde tudo pareceu a principio favorecer sua empreza. Bem depressa o estabelecimento do armador de Marsella na ilha da França tornou-se celebre em toda a extensão das Indias. Porém elle excitou a inveja dos Insulares, e principalmente dos Arabes, cujo caracter inrejoso e espirito mercantil não soffre rivaes em suas paragens. Elles fizeram pois muitas presas importantes na casa de Marsol. Este, que a fortuna não tinha cessado de favorecer, e cuja nobre audacia não soffria nenhum insulto em suas operações, armou muitos navios e concebeu o projecto de deixar a ilha de França, e de entrar no estreito de Babel-Mandel, d'onde ganharia o Mar Vermelho e o Isthmo de Suez. Tinha elle embarcado todas as suas riquezas, para as subtrahir á pilhagem dos Arabes, e d'ahi contava entrar no Mediterraneo, com sua mulher, mais bella que nunca, e sua querida Noemia, que neste revez imprevisto, animando sua mãe, desencantada de suas viagens, não cessava de repetir-lhe—**ESPEREMOS SEMPRE!**

(Continua.)

Historia no ar.

—Quem tiver lido as gazetas francezas recem-chegadas, hade encontrar a seguinte historietta:

Uma das nossas damas elegantes e românticas, muito rica e viúva ainda moça, para o que lhe havia de dar? annunciou a poucos dias aos seus numerosos pretendentes, que se achava resolvida a contrahir segundas nupcias. Esta declaração fez á nossa viúva, no circo de Lepage, lugar onde ella apparece diariamente vestida de homem para o exercicio de atirar ao alvo da pistola: deu-lhe para ali. Como é de presumir, os pretendentes que ouvirão a suspirada resolução de sua dama, logo se apresentarão em torno della para implorar á preferencia; porem covardes, que só aspiravão o ouro esfriarão do seu interesse ardor quando a joven viúva lhes manifestou, que só daria á sua mão de esposa á aquelle que consentisse em ter o relógio pendurado nas pontas dos dedos, á trinta passos de distancia, para lhe servir de alvo, que ella promettia esmigalhar-o ao primeiro tiro que disparasse.

Não erão elles tão tollos que accettassem semelhante proposta. Entre elles porem um havia que não especulava, como está em moda, mas amava verdadeiramente á viúva; era estúpido ou o amor lhe emprestara á coragem, e pois foi o unico que consentio em admitir tam perigosa clausula.

Collocou-se com effeito a trinta passos, apresentou o seu relógio pendurado nos dedos, e esperou o tiro. O relógio foi esmigalhado em mil pedaços ao primeiro tiro, e a viúva comprio á sua palavra, cazando com o intrepido pretendente.

Hoje não é conhecida em Paris esta senhora senão pelo nome de Mme. Guilherme Tell, do qual não há quem não saiba a historia do pomo sobre a cabeça do filho que elle foi obrigado a trespassar com uma ceta.

Introdução da palmeira bombonasse na provincia, e fabricação de chapéos do Chile.

—Logo que o governo do Brazil deo livre accesso nas aguas do Amazonas e seus afluentes á bandeira peruana, começaram os cidadãos d'esta republica a transportar para o nosso territorio diversos objectos de sua nascente industria. Entre esses objectos avultavão mais os chapéos vulgarmente chamados do chile, e a palha da palmeira bombonasse de que elles se fabricão. Tomando então conta da Administração do Amazonas o Sr. Conselheiro Penna foi seu primeiro cuidado tratar da introdução e cultura d'essa preciosa palmeira, a que os peruanos dão o nome de bombonage.

Para dar o necessario desenvolvimento á industria que elle ia crear, fez contractar logo um bom fabricante de chapéos, e como houvesse na Cidade da Barra grande quantidade de palha, importada do territorio vizinho, montou uma boa fabrica por conta da fazenda nacional.

Persuadido o mesmo Sr. Conselheiro que o terreno do Rio-Negro era demaziado proprio para uma tal cultura, mandou vir da provincia de Moyobamba, onde muito abunda, alguns pezinhos d'aquella preciosa palmeira, e proceder á sua cultura nos arredores da cidade.

Este pequeno ensaio de S. Exc. foi coroado do

mais feliz resultado, e excedeo a todas as suas esperanças; pois que tendo as palmeiras crescido e vegetado com incrível rapidez, offerecião já ao trabalhador a palha necessaria para os chapéos.

Entretanto a fabrica continuou a trabalhar regularmente, e pouco antes da partida de S. Exc. para a Corte 55 chapéos, que estavam promptos, forão vendidos em hasta publica, e dous já fabricados das primeiras palmeiras plantadas no Rio-Negro, forão por elle offertados a S. M. o Imperador, logo que alli chegou.

Do Rio-Negro forão transportados para a corte pelo Sr. Conselheiro Penna alguns pezinhos de bombonasse, os quaes sendo offercidos ao Sr. Ministro do Imperio: mandou este logo proceder a sua cultura no Jardim Botânico da Lagoa; e segundo se lê no Jornal do Commercio, não só as novas palmeiras tem vegetado rapidamente, offercendo já a materia prima necessaria para os chapéos, como acha-se actualmente estabelecida no mesmo Jardim uma fabrica que trabalha regularmente, e conclue dizendo que, quanto a finura e perfeição do tecido, são iguaes aos melhores que nos vem do estrangeiro por alto preço.

Estes dous pequenos ensaios são mais que animadores, e provão de sobejo a proficuidade de uma tal cultura e industria entre nós, sobre tudo sendo um trabalho demaziado leve, facil, e compativel com todas as forças e condições.

Existem actualmente n'esta Cidade muitas pessoas, que por falta de emprego util, donde possão haver os meios necessarios para sua subsistencia, se veem na dura necessidade de esmolar de porta em porta o pão da caridade publica, a troco de muitas palavras injuriosas e indecentes; isto porem deixaria de acontecer se já estivesse plantada entre nós essa nova industria, pois que então haveria o emprego, e d'elleos meios necessarios para occorrer ás suas primeiras e mais urgentes necessidades.

A vista pois do que fica dito, e adoptando-se o melhor possivel as nossas terras a uma tal cultura, seria muito para desejar que, S. Exc. o Sr. Presidente da provincia, attendendo ás vantagens que d'ahi nos podem resultar, mandasse vir do Amazonas alguns pezinhos da bombonasse, e começar a sua cultura nos arredores d'esta Cidade, e ao mesmo tempo mandasse contractar um bom fabricante de chapéos para aqui vir estabelecer uma boa fabrica.

Agora que está a seguir para o Rio Negro o Sr. Dr. João Pedro Dias Vieira, facil será a S. Exc. o Sr. Cruz Machado realizar os nossos desejos, pois que aquelle Sr. sendo filho do Maranhão, e como tal mais do que nenhum outro interessado na sua prosperidade, certamente se não recusará de dotar a providencia com mais esse ramo de industria.

POESIA.

O. D. C.

A Illm.^a Exm.^a Sr.^a D. A. P. S.

Se ao menos em mim, Donzella, lançasses
Olhar amoroso, olhar compassivo,
Então... oh! meu Deos! eu era ditoso
Aos Ceos me virias voar logo vivo.

Se um gesto dos vossos, a sorte quizesse,
Em almo momento algum deparar,
Com que tu mostrasses que amor tributaras,
Verias de morto, com vida ficar.

Se um riso agradável, sorriso amoroso,
Dos labios eu visse algum a partir,
Com que adoçasses a vida qu'eu levo,
Do mundo podia alegre então ir.

Se um som mavioso da voz argentina,
Podesse eu a furto algum perceber,
Com que o sol mandas parar o seu curso,
Não sei, ó Donzella, que havia fazer.

Se duas palavras ao menos trocasses,
Commigo Donzella que sei adorar;
Tu logo despias teu grande rigor,
Então eu podia feliz me julgar.

Se tu ó Donzella a offerta aceitasses,
Do meu coração todo maltratado,
E nelle lançasses ao menos tua vista,
Então deixaria de ser desgraçado.

Se uma promessa ao menos ouvisse
De amor cultivares no meu coração;
Afim de adoçares amargos da vida,
No mundo teria cumprido a missão.

Se um beijo, ó meu Deos, um beijo somente,
Nas faces morenas podesse gravar,
Com elle selasse da nossa amizade,
Brilhante futuro—só para te amar.

Se n'ara sagrada em frente de Deos
Donzella jurasses amor para sempre
E qu'eu só contigo no mundo vivesse
O golpe aceitara da morte contente.

Mas, ah! ó Donzella! cruel desengano!!
Jamais provarei, o qu'aspira meu peito,
Eu sou infeliz, o fado persegue-me,
E tu de mim zombas a todo teu geito.

Eu vivo tristonho e tu não metigas,
A dor que conservo no meu coração,
Só queres de mim zombar, infeliz!
Só queres erestar a minha paixão.
Porem, ó ingrata, talvez que algum dia,
Não zombes de mim, porque ha de vir,
Um outro que faça, o que soffro, soffreres,
E assim ensignarte as juras cumprir.

13 de Janeiro de 56.

Cht.

Baldas Uenas.

—O homem somítico e usurario, de ordinario é muito politico (principalmente com os ricos e com as senhoras em sociedade), offerecem com muito gosto—agua para se beber, cadeira para se sentar, e quando muito alguma fructa que não dura para outro dia. Quando o usurario se vê entre homens pobres, ou indiidados, entra a chorar-se e a contar desgraças que tem soffrido, isto por cautela para evitar com tempo algum pedido.

—Toda a moça soberba e presumida de cantar bem, zanga-se e desespera-se quando outra canta antes a musica que ella tinha de cantar; isto, em bom portuguez, se chama fraqueza d'alma.

—Senhor de engenho que quer sustentar grandeza, sustenta um cavallo um anno inteiro para leva-lo muito gordo somente no dia da festa do Padroeiro.

—Rapaz que vai á Europa, ou a outra qualquer terra estranha, todo o seu empenho, quando volta, é trazer uma roupa de fazenda exotica que ainda não fosse vista, e juntamente variedades nas barbas: se demorou-se mais de um anno, traz oculos, para indicar fadigas nos estudos.

—Mulher que presume de bonita, quando vai á Igreja em dia de festa, muda o modo de andar para parecer elegante; porém algumas ha que ficam peiores do que são!

AGROSTICOS.

Reflectes qual bella estrella
Orgulhosa a scintillar;
São encantos que o bom Deos
Te só, quiz outorgar.

S. Luiz—1855.

AMELIA.

auriana teus olhos expressão
Mor firme, leal e constante,
Um sorriso que as vezes me dás,
Para vez se concede ao amante;
Nda mesmo que estejas auzente
Ventura que tenho em amar-te
Na memoria eu trago presente
Mor firme e leal consagrar-te.

N.

PENSAMENTOS.

—A religião é o preservativo sem o qual toda a sciencia humana se corrompe.

BACON.

—Gosa da tua vida, sem comparal-a com á de outrem.

GONDORCET.

—He grande mal não fazer todo o bem possível.

S. F. DE SALL.

—Tão vil na mentira é o sim, como honrado na verdade é o não.

A. VIEIRA.

—A esperança é o ultimo sentimento que expira no coração do homem.

BASTOS.

—A noite sereis contente se tiverdes empregado o dia utilmente.

—A má direcção dos negocios, o excesso de despesas, á irregularidade nos prazeres e nos exercicios das relações sociaes crião continuamente tormentos para os desordenados e para os outros.

DR. BLAIR.

Logogripho.

Leitor, se queres perder o tempo
Em palavras combinar,
Aqui tens um Logogripho
Vê se o podes decifrar.

Se a uma Bella, pedires
Um terno beijo d'amor,
Dando-te ella a primeira
Muito fáz a teu favor.

Quando a quarta, esteja só
Um adverbio mostrará;
Se unirdes ella a primeira,
Uma fructa te dará.

A segunda, com segunda,
Sendo dotado de graça
Passa-se o tempo com elle
Leva-se tudo em xalaca.

La entre os Mouros Malaios
Muito poderia valer
A sexta com a primeira
Para mais t'engrandecer.

A quarta, com a segunda,
Qualquer navio terá,
Muitos outros pelo nome
O leitor conhecerá.

A aya sendo perfeita
Deve ter mui regular
A segunda, com a quarta,
Para completa ficar.

Segunda, terceira, e quarta,
Tem couzas para vender;
Nós compramos bom, ou máo,
E nada podemos dizer.

Segunda, terceira, e primeira,
Sempre de barro é formada
E nella certa bebida
Pr'o Brasil vem exportada.

Nas aves, ou animaes
Com mui poucas excepções
S'encontra sexta e segunda
Sem haver contestações.

Se juntas primeira e quarta
Bella fructa se verá

Posso quasi affiançar
Que o leitor mui gostará.

Quarta, á sexta, reunida
Qualquer vivente me tem;
O amante, a bella o diz
Quando mostra que quer bem.

A qualquer margem do rio
Este nome podes dár;
Pois a quinta e sexta mostra
Que assim se pode chamar.

De seda, panno, ou papel,
Terceira e sexta pode ser,
E quem disso precisar
Pode com pressa fazer.

A sexta, sendo dobrada
Não costuma a aparecer,
Mas o terno nos expressa
O que podemos dizer.

Quando a sexta com a quarta
Recaia n'algum sugeito
Mete dó, e cauza penna
Em perder todo o conceito.

A primeira, quarta, e sexta,
Lá nos vem da poesia
E nella expressar podemos
Um canto d'alta magia.

E' do reino vegetal,
Quando perfeita é potente;
E' producção do Brasil
Conhecida no presente.

J. S. PEREIRA.

CHARADAS.

Silencio! . . . escuta, amigo!
Não ouves? toma conta: oh! que harmonia } 1
Pois não sabes? são hoje as ledas nupcias } 1
Que vão unir Alcêo á bella Alcina. } 1

Conceito.

Casarão? oh! que noite que vão ter!
Aposto que de mim se hão-de esquecer!

De nenhum valor,	2
De valor nenhum,	2
Sendo bem feita	
Refrigera a um.	

Por uma Senhora.

ENIGMA.

Guarda

Sentinella
X
Patrulha
Ronda.

Explicação da charada do n. 2. é—Canoa.

Typographia do Progresso—Imp. por B. de Mattos—1856

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do Progresso rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.
Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II. S. LUIZ, SEGUNDA-FEIRA 28 DE JANEIRO DE 1856. NUMERO 4.

ESPEREMOS SEMPRE.

(Continuado do n. antecedente.)

Porem esse estreito de Babel-Mandel é uma passagem perigosa que os Arabes chamão:—*A porta de luto*. Também a embarcação do celebre armador ali naufragou, perto da ilha do Pinheiro. De repente apparecerão os Insulares, saquearão tudo o que se tinha podido salvar neste terrivel desastre e conduzirão a familia de Marsol ao fundo de um deserto onde o pae, a mãe e a filha, despojados de seus vestidos, e cobertos de velhas pelles de animaes selvagens, forão reduzidos aos trabalhos mais rudes. A coragem e a força physica de Mr. de Marsol se enfraquecião de dia em dia. Seu maior supplicio era ver sua mulher e sua filha confundidas com vis escravos. Mas Noemia não cessava de consolar e agradecer-lhes o sol que dardejava sobre a repellido. —ESPEREMOS SEMPRE!

Os esforços inauditos que fez Mr. de Marsol para arrancar sua esposa e filha da escravidão, enfraquecerão sua saúde; a desesperação se apoderou de sua alma, e inflamou seu sangue; elle expirou nos tormentos os mais terribes, deixando sua familia destituida de todos os soccorros, exposta aos insultos, á crueldade dos Insulares, a cujo poder o mais cruel destino a tinha entregue; e para cumulo de fatalidade a Sr.ª de Marsol achava-se grávida, tendo por unico apoio a sua querida Noemia, então de sete annos de idade, e que, ferida por tantas desgraças, reunidas, não ousava mais repetir senão baixo—ESPEREMOS SEMPRE!

O céo pareceu com effeito satisfazer uma esperança tão pura e tão constante.

A Sra. de Marsol cujo estado de gravidez inspirava uma irresistivel compaixão, e que não podia mais resistir a trabalhos penosos, conseguiu que a conduzissem com sua filha, em um fraco batel para as bordas do Isthmo de Suez onde a providencia lhes deparou em casa de pobres pescadores os soccorros da hospitalidade. Ah! deu á luz uma segunda filha que chamou Sara, e que Noemia cobrindo com lagrimas de alegria, levantou em seus braços, repetindo á sua mãe: « Nós seremos duas para vos amar. »

A Sra. de Marsol, que começava com sua filha a familiarisar-se com a lingua arabica, em quanto amamentava sua pequena Sara, se acostumou a ajudar em seus trabalhos os pescadores, que a tinham acolhido. Dotada de uma destreza notavel, ella conseguiu fazer esteiras de junco e trançar casacas de cipos, de que fazia fôdes, e aju-

dada nestes uteis trabalhos por Noemia, cuja habilidade igualava a de sua mãe, tinha o prazer de duplicar os productos da pesca, e de dar a seus hospedes uma ampla indemnisação, do que recebia delles. Bem depressa as pelles dos animaes selvagens, que lhe servião de cobertura e a sua filha, forão substituidas por vestidos do paiz, grosseiros na verdade, mas que ao menos as punhão ao abrigo da nudez, e as preservavão dos raios penetrantes do sol, Noemia lançava-se então nos braços de sua mãe exclamando: « Eu tinha muita rasão de dizer-vos—ESPEREMOS SEMPRE!... »

—Sim, meu anjo, lhes respondia a Sra. de Marsol—ESPEREMOS SEMPRE!

Passarão assim cinco annos inteiros nas margens do Isthmo de Suez, e habituarão-se ao calor do clima, bem como aos usos grosseiros, aos costumes muitas vezes barbaros das hordas arabes, que ali viuhão estabelecerse. Noemia entrava em seu decimo terceiro anno, e Sara tinha já visto luzir cinco primaveras. Seu arziuh selvagem parecia dar á sua linda figura maior encanto. O que a tornava principalmente mais cara a sua mãe, a sua irmã, era a semelhança com seu pai, de quem era a imagem viva. A encantadora menina, educada entre os Insulares, nenhuma idéa tinha da Europa ou da França: ella imaginava que o Universo inteiro se limitava á porção do Isthmo que habitava. Mas não acontecia o mesmo a Sra. de Marsol e a Noemia? seus pensamentos e seus votos a transportavão a Marselha, onde as esperava uma honrosa existencia, onde encontrarião parentes, amigos, e talvez essa terna e veneravel avó, que tinha dado a benção a sua neta com uma emoção tão viva.

—Nós não tornaremos mais a ver nossa bella patria, querida filha! dizia-lhe a mãe chorando.

—Porque chora mamãe? Recordo-me ainda muito do que meu pai nos dizia, o Isthmo de Suez conduz á embocadura do Nylo, sobre as costas do Mediterraneo; e uma vez neste mar tão desejado, nos alcançariamos talvez a nossa bella Provensa. Tinha apenas cinco annos quando a deixei, porem ella está sempre presente na minha memoria. Não sei o que me diz que a tornaremos a ver, Deos nos tem já dado em nossos desastres bastantes consolões, ella não nos abandonará.

—Como tu, meu anjo, tenho confiança em seu soccorro, em sua bondade; mas como percorrer cincoenta legoas de desertos e de areias ardentes, sos, a pé, com uma criança de cinco annos?

—Eu a levarei.

—Eu, cujas forças se enfraquecem cada vez mais, como poderia supportar uma marcha tão penosa?

—Eu vos sustentarei

—E tu, creatura celeste, como has de resistir a percorrer um longo caminho e descalça?

(Continúa)

A visita das Primiinhas.

—Primiinha Rozinha, venho palestrar um bocado porque estou com saudades suas.

—Não as tem matado, porque não quer, priminha.

—Não é tanto assim; antes ser desejada que aborrecida.

—Ora qual, prima Chiquinha, isso é desculpa que eu não admito.

—Primiinha, deixem-nos de finezas, porque nós mulheres, temos prestimo para muita cousa.

—E, muita gente se apaixona pelo bello sexo, a ponto de se matar, endoidar, &c.

—Sim, sim, prima Rozinha, o tal senhor amor é sujeitinho que de tudo se aproveita.

Eu já vi um moço apaixonar-se tanto por uma moça, e por fim cazar-se com ella, só porque ella por brincadeira espetou-lhe um dedo com alfinete. Veja porque bagatella nasceu amor, dando a coroa do hymeneu. Outro ficou louco por uma moça, por vê-la de sapatos achinelados. Um outro por ver a menina trepar-se n'uma mangueira. E por muitas couzinhos insignificantes nasce o tal senhor amor.

—Você priminha Chiquinha, sempre tem vontade de brincar.

—Pois que havemos de fazer priminha, quer que meditemos? não sabe que o meditar tras com siigo funestas consequencias.

Diz bem, priminha, antes rir, aprovo o seu conselho. Vamos a saber, que novidades me conta?

—A mais fresquinha, é que tem havido muitos casamentos, e falla-se em muitos outros.

—Então priminha Chiquinha em quem se falla.

—São tantos que já nem me lembra, por isso encarreguei o primo Lulu de organizar-me uma lista, que mandaremos publicar na *Sentinella*.

—Apoiado, priminha, concordo nisso.

—O que tem sabido dos nossos vizinhos do Pará?

—Chegou dali o vapor Imperador com parte da companhia Dramatica que d'aqui foi em Junho do anno passado, sendo: o Duarte Coimbra o Silvestre, a Joanna e a Luiza Maria, o primeiro recebeu allouvações dignas de seu grande genio artistico, e para prova vou ler-lhe no *Diario do Gram-Pará* as poesias que lhe forão offerecidas no seu ultimo beneficio em 11 do corrente.

POESIAS.

Ao distincto Actor Duarte Coimbra, na noite do seu beneficio no theatro Providencia.

Tu segues do Talma os vãos altivos,
Traduzes n'um gesto prazer e paixão,
Tocaste a grandeza da sublimidade,
Quando nas *Memorias* disseste—*SIM, NÃO!*

E sobes, e sobes ao alcacer da gloria
Nas azas do genio, que o céu te concede;
E's livre no voo, remontas qual aguia
Ao templo augusto, que nada te impede.

MENDES CAVALLEIRO.

O genio divino e' roado de glorias
Rutila no palco, qual astro brilhante,
A muza se inflama co' as flores do genio,
Na lyra desfaz-se em mago descante;

Gigante soberbo, senhor do proscenio
Se eleva orgulhoso nas azas da fama
Ao tempo da gloria, gravando seu nome
A' par das grandezas, que o genio só ama:

Assim, ó COIMBRA, coberto de brilhos,
Altivo te elevas nas tuas paixões
Ao templo, onde a vida se vive tão nobre,
Cercada e constante d'altivos brasões!

Ao templo da gloria as muzas te elevam,
Arusta *Silvestre* a Talma rival;
Alli indelevel se vê o teu nome
Unido á grandeza—de herocs—immortal.

Tu vives gravado no peito de todos,
De todos saudade no peito se vê;
Talvez para sempre nos deixes as plágas,
Aonde mil flores colheste com fé! . . .

Mas inda assim longe irão as saudades
Beijarem-te o peito, saudades d'amor,
Amor, que desenhás em doces transportes,
Amores, lédices, prazeres e dôr!

Da scena as delicias os passos te seguem,
A scena, COIMBRA, que vale sem ti?
Aqui distrahiás a magoa do triste,
Sentia-se allivio nas penas aqui!

Da fama as cem boccas proclamam teu nome,
Teu nome gigante, coberto de glorias!
Aos astros tu sobes altivo e soberbo,
Em nuvens douradas, vencendo victorias!

FREDERICO RHOSSARD.

SONETO.

O Genio superior que em ti s'ostenta,
Coimbra! te confere honrosa corda!
Teu nome que em applausos só resoa,
Em gloria mil se ampara, se sustenta!

A arte que em ti fulge, e se aviventa,
Propicio hoje, o fado galardoa;
A Deosa que em cem boccas apregoa,
Do palco como Numen te apresenta!

Quando o voço, desprendes, magestoso,
De genio que reluz em teus talentos;
Affectos mil provamos d'alto gozo!

Acceite pois, os gratos sentimentos,
Do povo que te rende pressurozo,
Instantes de prazer, aureos momentos...

Artista mimoso que prendas exprime,
De novo brilhando os peitos encanta,
D'applauzos coberto artista sublime,
Honroso padrão de novo levanta?

D'immensos triumphos, applausos, louvores,
(Illustre cortejo) eis vem precedido.
Em traços eternos de fulgidas côres,
Signala, demonstra, talento subido!

Assoma o talento soberbo, gigante,
Co'o vulto orgulhoso do habil artista:
Eis rompe essa voz sonora, vibrante,
O gesto se ostenta qu'affectos conquista.

Aufere, qual sempre, ditoso, jucundo;
Nos fastos da scena, distincta memoria;
De todos captando respeito profundo,
Ovante caminha nos trilhos da gloria!

Os mimos que os fados com mão liberal,
Bondoso prestarão ao filho da arte,
Destincto COIMBRA, aos fados
Profisso na scena dilunde, reparte.

No pateo que junção mil flores virentes,
Rendidas ao genio capellas honrosas;
Bellézas, primores, por elle patentes,
São flores que o palco illustrão mimosas:

Possante clangor que a fama produz,
Se escuta, fiel os dons repetir,
Daquelle que incanta, comove, seduz,
Que astro, deslumbra de vivo luzir.

A muza que nelle s'inspira e mantem
Inhabil celebra assumpto mimoso
Vanmente se esforça, não acha, não tem
Estrophes, quaes cumprem ao genio amoso.

—Bravo priminha, que bellas poesias; o Duarte Coimbra, é merecedor de tam excellentes produções, como artista, sempre lhe fizerão justiça os maranhenses. e como particular é moço de exemplar comportamento, reunindo a par de tudo isso qualidades apreciaveis, que são raras nos que profissão a arte dramatica.

—Não á regra sem excepção priminha, e eu sou desse parecer.

—O Silvestre priminha tambem é bom moço e bom artista, ainda hem me lembro da sua voz maviosa, que por tantas vezes apreciámos na *Graca de Deus*, e no *Fantasma*, Branco é em muitas outras peças lyricas. O pior é priminha que la seguiu no vapor e quem sabe se cá voltará.

—Deixe estar priminha, pode ser que elle vote. *Esperemos sempre.*

—Basta por hoje de converça prima Chiquinha, recomendo-lhe que se não ria tanto quanto a-

quelles duos jovens lhe perguntarem, se ja leu a *Sentinella*, senão olhe que o seu riso pode-os fazer desconfiar.

—Eu accetto o seu conselho priminha. Adeus.

MEU AMIGO J. C. DE BRITO.

—Devo-te uma divida litteraria, que hoje vou saldar—não como devo, mas como posso.

Já por duas vezes me tens honrado com favores que não mereço, dedicando-me os teus pensamentos em duas mimosas poesias, que ha perto d'um anno correm o mundo. Por mais d'uma vez lhe tenho visto fazer elogios quanto ao seu merecimento poetico:—é uma justiça feita ao genio com que DEOS te fadou.—

Deserrado, como eu, da nossa querida patria morres d'amor por ella. Como eu, tu sentes as desgraças que a opprimem; mas tambem como eu, tu lhe tens dedicado o coração!

Foi, com estas incessantes recordações, sulcando o Amazonas n'uma fragil canôa, e sob a influencia de uma noite de luar, que engendrei o que abaixo vais vêr, e, ao que tive o arrojo de chamar versos.

Sabes perfeitamente a nonhuma instrucção que a carta desta, acceita a boa vontade com que procura corresponder-te, offerecendo-te a seguinte poesia, o teu amigo.

F. M. TEIXEIRA.

A Noite de luar.

Es tu semblante palido y suave
Qual las beldades de la patria mia.
BERMUDEZ DE CASTRO.

Linda noite de luarr
A brilhar
Te ostentas magestosa;
Es um tudo de candura
Tão pura,
Como a flor mais mimosa.

Tuas sombras caprichosas,
Amorosas,
Só inspirão melancholia,
Que derramas no meu peito
Tão afeito
Á tua doce melodia.

Es no mar como na terra
A imagem do Senhor,
E es muda testemunha
De mil juras de amor.

Tu me trazes á memoria
A historia,
Do meu lindo Portugal,
D'essa terra ennobrecida,
Tão querida,
Que não tem outra igual.

Mas me fazes recordar
A chorar,
Afeições que la deixei,
Bellos prados, lindas fontes,
E os montes
Como cá não encontrei.
No teu manto recamado
De brilhantes a luzir,
Bem quizera decifrar
Os mysterios do porvir.
Bem quizera que me desses
Se podesses
Um signal da minha sorte:
—No desterro em que ora vivo
Esquecido
Me parece ver a morte!

Que esta vida tão coitada
Abandonada,
Já lhe vae faltando a fé!
Era outr'ora como a rosa
Tão formosa,
Como hoje já não é!....

Amazonas 10 de Julho de 1853.

F. M. TRINTEIRA.

Pensamentos.

—É muito mais fácil experimentar o amor do que defini-lo.

—O amor é uma gota celeste, que a Providencia verteu no calix da vida, para lhe corrigir o amargor.

—Como a degeneração do optimo é pessima, não ha nada peor, mais fatal, mais terrivel do que o amor, quando não escuta as inspirações da moral, e se não conforma com as vistas e com as disposições da Providencia.

—O amor, que póde ser a acção principal na vida da mulher, não é senão um episodio na vida do homem!

—O amor é a mais credula e a mais incredula de todas as paixões.

—O amor nos corações ternos é uma febre continua: nos corações varios é uma febre intermittente.

—O amor tem todos os encantos de uma se-réa, e todos os transportes de uma fúria.

—O amor é um frenesi que todos vêem, excepto quem d'elle está possuido.

—O amor não é muitas vezes senão um exaltado egoismo, que finda por immolar seu proprio idolo.

—Os bons conselhos de um amigo são as delicias da alma, como os perfumes e a variedade dos cheiros são a alegria do coração.

MOTTE.

As lembranças do passado.

Glosa.

Quizera pintar-te Analia,
O quanto sou desprezado;
Por trazer sempre no peito
As lembranças do passado

Mas como?... expressar não posso
Minha sorte, meu estado,
Por isso tenho na mente
As lembranças do passado.

Sou chamado... oh! martyrio!
O infeliz, o condemnado,
Por ser minha companhia
As lembranças do passado.

Borbulha o pranto em meus olhos,
Ando todo consternado;
Tendo só por lenitivo
As lembranças do passado.

Mas eu esquecer quizera,
Esse tempo idolatrado;
Em que amei... hoje só resta
As lembranças do passado.

Não pode oh Analia bella,
O meu fado ser mudado:
Pois é minha triste sina,
As lembranças do passado.

Por esse anjo q'amei
É que hoje sou desprezado;
Restando-me neste mundo,
As lembranças do passado.

Não emporta é minha sina,
Comprerei amargurado;
Banindo de minha mente
As lembranças do passado.

S. Luiz 10 de Dezembro de 1853.

Epigramma.

És Arylo um portento;
Já ninguem te contesta a erudição:
Manejas bem a penna, e n'um momento
A minutar soubeste e dar lição.

OIL.

CHARADA.

Subtil trabalho, que as mimozas partes }
De Laura cobre, ás vistas cubicozas!... }
Patrona de enchaquecas femininas }
Foi, entre Imagens Fabulozas. }
19

Conceito.

Deus, Creador não creado,
Que um tal Anjinho formou,
Vendo o trabalho acabado
O Deus proprio a namorou!
Firma, Fabia, Felizarda,
Ignacia, Ignez, Innocencia
Laura, Lana, Leonarda,
Otilia, Olegaria, Ortencia;
Marianna, Martha, Medarda,
Ernestina, Eva, Emerencia,
Neéra, Nize, e Nerina,
Amancia, Angelica, Adelina.

E. R. C.

Explicação do n. 3.

Logogripho—Jaboticabeira.
1.ª Charada—SOMNO—2.ª dita—LIMONADA.

Typographia do PROGRESSO—Imp. por B. de Mattos—1856.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'-Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II. S. LUIZ, QUINTA-FEIRA 7 DE FEVEREIRO DE 1856. NUMERO 5.

ESPEREMOS SEMPRE.

Continuado do n. antecedente.

—Tenho-me costumado a isso, desde que habitamos as bordas do golfo Arábico. Demais heide fazer para mim e para minha irmã, calçado de folhas de bananeira e tranças de junco. Vamos, querida mamã, perseverança, coragem, e nós tornaremos a ver Marselha. Vejo-vos estremer a este doce nome. Fiai-vos, ah! fiai-vos na inspiração que recebo do céu! elle nos poz em grandes provas; mas eu tenho como um presentimento, de que nossos males estão em seu termo.

—Pois bem, querida filha, meu unico arrimo, minha doce consolação, cedo a tuas instancias. Sim, vou dispor-me a esta longa viagem, para dar a minhas duas filhas seu estado, sua familia, sua fortuna. Mas nada digamos a Sara. A pobre menina ignora e sua origem, sua patria; e a menor revelação, se acaso a nossa tentativa fosse frustrada, poderia perturbar o seu repouso e atormentar a sua viva imaginação. Ah! respeitemos a sua innocencia!

—Contai querida mamã com toda a minha discrição, como eu ousou contar com a vossa confiança em Deos, que neste momento me parece dizer mais que nunca—ESPEREMOS SEMPRE!

Alguns dias se passarão em quanto a Sra. de Marsol preparou seus hospedes para a sua separação, pretextando uma viagem que queria fazer com seus filhos, a quem tentava dar conhecimento das margens do golfo mais vantajosas para a venda do peixe que poderiam apanhar os bons e generosos pescadores que se dignarem dar-lhe hospitalidade.

Uma manhã, pois, quando os raios da aurora começavam a brilhar no horizonte, a mãe e as duas filhas se poseram a caminho, e andarão um muito grande espaço. A Sra. de Marsol, tostada pelo sol, e emmagrecida pelos soffrimentos, tinha o humilde trage de uma mulher de pescador. Noemia, vestida ainda mais simplesmente, trazia debaixo do braço o sustento necessario para muitos dias, embrulhado em uma pequena esteira de palha de arroz; e Sara coberta apenas de vestidos rasgados, ia ao lado de sua mãe fazendo-lhe mil questões sobre o motivo de sua viagem. Esta foi muito feliz durante algum tempo: ellas encontravam em seu caminho habitações de Arabes, onde seus trages e sua lingua, principalmente a da pequena Sara, faziam obal-las como naturaes do paiz, e lhes attrahião todos os socorros de que tinham precisão. Porem era necessa-

rio fazer deste modo as cincoenta leguas mortaes do Istmo de Suez que fazem mais de oitenta de França. Muito depressa o calçado de folhas de bananeiras que levavam Noemia e Sara, despedaçou-se sobre a areia ardente; foi-lhes preciso andarem descalças.

Felizmente a Sra. de Marsol, tinha arranjado chinellas de bufalo que preservavam seus pés delicados dos golpes das pedrinhas. Suas duas filhas estavam acostumadas, havia seis annos, a andarem descalças, o que lhes tinha endurecido a planta dos pés a ponto de não experimentarem o menor soffrimento.

Entretanto atravessando o longo de uma antiga pyramide, a pobre mãe falseou um pé e ferio-se de maneira que foi obrigada a domorar-se muitos dias á sombra de algumas palmeiras, que se acharão em seu caminho. As provisões acabarão-se logo; e esta interessante familia teria indubitavelmente succumbido a fome e ao cansaço, senão fossem uns conductores de camellos, que tocados de sua miseria, e julgando-as mulheres arabes, lhes derão com que sustentar-se, por muitos dias.

Foi necessario pois apesar da dor que cil-a experimentava ainda, que a terna mãe se poz esse a caminho para salvar suas filhas de uma morte certa. Ella tenta dar alguns passos; depois, cedendo as vivas dores que soffre, torna a cahir sobre o oiteiro que tinha deixado, dizendo: « Eme impossivel ir mais longe. . . . é aqui minhas pobres filhas que terminarei a minha triste existencia. Porem, minhas queridas filhas, o que será feito de vós? »

—Deos nos vê, mamã, e nos não abandonará—ESPEREMOS SEMPRE.

—Vós bem vedes, accrescenta Sara que elle nos deu já sustento, sem o que já não veríamos; minha irmã tem razão—ESPEREMOS SEMPRE.

A pobre mãe se sentia então reanimada pela coragem destas duas encantadoras creaturas, e principalmente pela esperanza que tinham na Providencia.

(Continua.)

AMIGO F. M. TEIXEIRA.

—Quando apadrinhei meus pensamentos com o teu nome, não tive em vista mais do que buscar-lhes um baluarte que m'os preservasse das pedradas com que quasi sempre os *Zoilos*, arrogando-se o direito de *Censores*, cospem blasphemias nas produções ainda as mais puras!—Ja vêz pois; que o coração te illudio, quando te fez conserber, que eu era credor d'uma *divida*

Desculpa ao Leitor.

Neste acrostico não ha, oh! leitor, arte,
A só natureza nelle falla;
Hes tolo se chegas preparar-te
P'ra zoilos; os erros notta, e calla.

Aerostico, bicrosticado, quadricrosticado.

Farias ser trahidor ao Principe Menckó. . . . F
fazendo-o entregar a Malakó. . . . F,
Inflammando-lhe amor, amor que brinca em t
—lluzoria a mente me sugr. . . . I,
Lançaste em meu terno coração, puro, e lea
—embrancha d'um futuro marita. . . L:
Objecto amado, que me aviventa o peit. . . O.
Olhô-te com amor, e com respeit. . . O;
Melhores traços, inda, no céu, não se fizera. . N.
Mais doces, á terra não viéra. . . M—
Es, qual Vesper, no céu resplandecent. . . E,
estrella cambiante, esplendent. . . E,
Na minha ideia, tu vives com extremoso affa
Zamóro-te com ardor, gentil, louça. . N!
Amor, por ti, roubou-me a paz tão estimad
Zamor manda que sejas minh'amad. . A.

E. R. C.

Pensamentos.

- O amor é como um mudo: quanto maior é, menos atura.
- O amor tira o espirito áquelles que o tem, e dá-o aquelles que o não tem.
- O amor, assim como o fogo, não póde subsistir sem um movimento continuo; e cessa de existir, desde que cessa de esperar ou de temer.
- Lua, de Janeiro, e amor, o primeiro—
- Amor é como o menino, começa brincando, e acaba chorando.
- O amor é, na mocidade, o que a mocidade é na vida, o que a vida é na eternidade: um relampago.
- É mais ordinario ver-se um amor extremo, do que uma extrema amizade.
- O amor produz mais heroismo nas mulheres do que ambição nos homens.
- Em contrariedade com as regras da optica, o amor perde de suas proporções, á medida que é visto de mais perto.
- O imperio do amor deve grande parte de sua força á illusão.
- Em amor, não se deve crer nem nas adorações, nem nos protestos: umas e outras não são ordinariamente, senão expressões banaes, á que pouco sentido se liga.
- Aquelle que reflecte sem paixão sobre os homens e sobre as couzas; os vê como de uma altura, d'onde elles lhe parecem bem pequenos!

Enigma por lettras.

Ao AMIGO E. R. C.

O seu todo são quatorze
E muitas dellas iguaes.

O ser verdade o que digo
Tu Leitor, conheceras

Tem dois—RR—tem dois—SS—
Sem se poder dispensar,
Mas tem somente este—C—
Como poderei mostrar

Tem trez—III—como se vê;
Mas é para admirar
Que havendo tantas lettras
Um só—M—possa achar.

É preciso ter trez—OOO—
Para melhor combinar;
E com este—D—e um—E—
Pode o todo completar.

Reunindo as lettras todas meu Leitor,
Sem haver no combinar algum engano;
Deve assim no mundo ser o soberano,
Pois com certeza é nos ceos o Deos Senhor.

J. S. PEREIRA.

CHARADA.**SONETO.**

- De Phebo quando surge alegremente
Espalhando sobre a terra os seus fulgores,
Se avista no prado, em lindas flores,
O qu'elle faz brilhar resplandecente } 1
- Se o Pastor quando sofre tristemente,
Dessa sorte tão cruel duros rigores,
Vai dos humanos implorar favores,
N'alma bemfazeja isto se sente. } 1
- Certa Donzella, por ser de mais vaidosa,
Quiz este nome ter por gentilleza } 2
Q'ainda em tudo a torna mais airosa:
- Uma outra, qu'ostenta alta belleza,
Com este nome a mostra tão formosa,
Esse Deos Criador da Natureza.

J. S. PEREIRA.

Explicações.

- Do n. 3—Enigma—*Despreso*.
» » 4—Charada—*Filomena*.

ADVERTENCIA.

—As pessoas que nos desejarem honrar, com as suas assignaturas, subscrivendo para a SENTINELLA concorrendo assim pela prosperidade do unico periodico de recreio que actualmente possuímos, poderão dar os seus nomes e moradas ao distribuidor ou nesta Typographia, para lhe ser immediatamente entregue.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do Progresso rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II. S. LUIZ, TERÇA-FEIRA 19 DE FEVEREIRO DE 1856. NUMERO 6.

ESPEREMOS SEMPRE.

(Continuado do n. 5.)

—Ella fez no dia seguinte um novo esforço para afastar-se do cerro isolado em que tinham passado a noite. Encosta seu braço sobre o de Noemia, que tinha então quinze annos, e era quasi tão alta como ella, põe o outro braço sobre o hombro de Sara, já com os seus oito annos que apertando em suas duas tenras mãos a de sua mãe, eleva os seus lindos olhos ao céu, cuja protecção ella invoca baixo; Noemia, com o sacco contendo o resto das provisões, assim como com o bastão da pobre ferida, acompanhava em seu rosto todos os effeitos do soffrimento que ella experimenta, repetindo-lhe a cada passo: «Vamos manman, coragem, e nós alcançaremos as bordas do Mediterraneo, e tornaremos a ver Marselha.» A Sra. de Marsol estremecia ainda com estas doces palavras, imaginando que com effeito Deos lhe promettia tornar a ver sua patria e principalmente lhe ordenava que salvasse suas filhas; ella andava vagarosamente, porém com menos dores, ora lançando vistas ternas sobre os dous anjos de que ia acompanhada, ora abaixando a cabeça, com os olhos fitados na terra, e submettendo-se ao seu destino. Tocante painel! mistura encantadora do amor maternal e da piedade filial! scena de um effeito irresistivel e digno de inspirar os pinceis de um grande mestre!

Nossos viajantes passaram quasi dous mezes a fazer a sua jornada. Ora, era a mãe, que se via obrigada a parar para ganhar forças; ora, erão os pobres pézinhos de Sara, que as pedras dos atalhos pouco frequentados que percorria, esfollavão, e as lagrimas que se esforçava de reter, manifestavão a dor que ella sentia. Emfim era a privação de alimento que Noemia, ia procurar longe nas cabanas selvagens que avistava, e que a expunha algumas vezes a repulsas humilhantes que ella sabia domar com a doçura de sua voz e com o encanto tão terno de seu olhar. Era então que se armava de seu compassivo animo, e obtendo de que sustentar sua mãe e sua irmãsinha, entregava-se mais que nunca á protecção do céu.

Emfim depois de innumerados obstaculos, ellas se aproximaram das bocas do Nylo, e chegarão a Tina nas bordas do Mediterraneo. Ao aspecto desse mar, que se estende até o porto de Marselha, a Sra. de Marsol dá um grito agudo, e prostando-se com suas duas filhas, agradece a Deos o te-la protegido e sustentado na penosa e longa viagem que acaba de fazer. Apertando logo em seu peito a cabeça de Noemia, como a de seu anjo da guarda, ella lhe diz: «Essa tua obra, minha filha! era com effeito o céu

que te inspirava, fazendo-te repetir no meio dos nossos tormentos, de nossos perigos—ESPEREMOS SEMPRE.» E as duas meninas, beijando cada uma a mão de sua mãe, se lançarão nos seus braços, exclamando—Sim, sim ESPEREMOS SEMPRE!

Ellas tornarão a tomar em Tina seus trabalhos de redes de pescadores, cuja venda lhe bastou facilmente para as suas necessidades; os trapos, de que estava coberta a joven Sara forão mudados por vestidos egypcios analogos ao sexo e á sua idade. Noemia renovou os seus, gastos pela viagem, por um trage que dava ainda mais esplendor á sua figura celeste, e as duas irmãs não andarão mais descalças; mas com calçado do paiz, que as preservava de se pisarem. A Sra. de Marsol tambem deixou as chinellas de bufalo, as que tinham servido de tanto soccorro; mas quiz conservar seu vestido de mulher de pescador do golfo Arabico, e promettiu guardal-o toda a sua vida como lembrança dos males que tinha soffrido, e da piedosa dedicação da sua chara Noemia.

O trabalho de suas mãos, e a consideração que ellas inspirão a todos os habitantes de Tina, lhes proporcionou uma existencia tão feliz como podião desejar; porém o grito da patria não deixava de se fazer ouvir. Marselha as chamava; Marselha, em que Noemia pensava sempre, que acharia a mãe de seu pai. Debalde tinham decorrido dez annos desde a sua separação, a benção que della tinha recebido não se tinha apagado de sua recordação. A Sra. de Marsol não tinha menos pressa de tornar a ver a antiga e vasta cidade que a tinha visto nascer; e a joven Sara que Noemia educava havia alguns annos, instruida então de que existia uma Europa e que nesta Europa estava uma bella França, onde a esperavão mil prazeres, onde o seu trage egypcio daria lugar aos mais elegantes vestidos e do melhor gosto, não desejava menos que sua mãe e sua irmã conhecer este novo mundo, que lhe pintavão com as mais vivas e brilhantes cores.

Porém como atravessar a immensidade dos mares, que separa as bocas do Nylo das bellas costas da França? Tina ainda que muito povoada, era um porto de pescadores de que se não podião aproximar navios de transportes. Seria preciso para esperar uma passagem ir ter a um porto de marinha mercante; mas por onde? porque meio?...

—Eu vejo, repetia então a pobre mãe, eu bem vejo que devo renunciar a esperança de restituir meus filhos ao seio de sua familia!

—Paciencia e animo! lhe respondia o seu anjo tutelar, o céu não nos permittio chegar, apesar de tantos obsta-

culos ás bordas do Mediterraneo, para nos privar da felicidade de atravessá-lo, qualquer que seja a sua immensa extensão ?
(Continua.)

Visita das Primiñas.

—Bom dia, priminha Chiquinha, á sua saude é objecto de meus cuidados.

—Obrigado, priminha, tanta attenção é só devida á sua reconhecida bondade.

—Ora priminha, deixe-se disso; vamos á conversar no que mais interessa: até que finalmente o nosso Theatro de S. Luiz vai offerecer aos *dilettantes* algumas horas de innocente distração.

—É verdade, priminha, e a quem devemos isso senão ao bom artista Duarte Coimbra, que annuindo aos repetidos pedidos dos seus numerosos amigos animou-se á requerer o theatro á S. Exc. o Sr. Cruz Machado, do qual prontamente obteve: o primeiro espectáculo já annuciado deve ter lugar Quinta-feira; já temos um camarote de 2.^a ordem para o qual desde já a convido.

—Não posso acceitar priminha porque papai já tem um camarote da 1.^a ordem: o que vai no espectáculo annuciado?

—Vai o Drama em 3 actos *Caravaggio*, a nova comedia *O aviso a gazeta*, e a applaudida aria do *Padre Leigo* pelo gracioso Ribeiro. Já que você priminha não nos fás á honra de vir em nossa companhia, espero nos entreactos gozar da sua companhia.

—La isso, sim, priminha, eu saptisfarei os seus desejos. Já leu no Diario um communicado sobre a companhia Dramatica?

Li esse pessimo e ordinario aranzel proprio fraziado do seu *miseravel autor*; porem se uns procurão com honra ganhar meios de sustento para suas familias, *outros*, acobertando-se com a mascara da hypocrisia, da infamia, da vileza, e da traição, querem ostentar-se na sociedade com reputação, quando não são mais do que vis *mercenarios*. Prima, mas teria que lhe diser se podesse prolongar a nossa conversa; mas vamos a outro assumpto; vio a porceissão de passos?

—Fui vel-a de caza de uma de nossas amigas, e achei-a bastante concorrida acompanharão-na os 3 Batalhões da Guarda Nacional e o 5.^o de Fuzileiros; o que tem sabido sobre o *Hotel Maranhense*?

—E' que tem sido visitado com frequencia pela mocidade; consta-me haver ali muito boa ordem e luxo, graças a louvavel administração do seu proprietario José Maria da Silva Porto.

—Em fim, priminha já o Maranhão offerece uma comodidade a aquelles que o visitam.

—Vai sabbado ao Baile da Sociedade *Recreio Commercial*, priminha Chiquinha?

—Isso não é pergunta que se faça, prima Rosinha então eu heide faltar a uma reunião tão brilhante em que levo a pensar constantemente?

—Pergunto por que se assim acontecer temos muito que conversar. Espero que venha por cá.

—Conte que não faltarei, adeus até ao baile.

—Adeus, priminha.

Poesia.

A SAUDADE.

OFFERECIDA POR J. F. M. DE A. PEIXOTO Á SEU FILHO MIGUEL J. M. ABREU PEIXOTO, POR OCASIÃO DO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO A 28 DE JANEIRO 1856.

Porque só sentidas queixas
Porque só tristes endeixas
Neste dia mormurar?!.
Em vez de doce alegria
Por que triste melodia
Em meus labios vem pouzar?!.

Por que sinto no meu peito
Tão cerrado, tão estreito,
Da saudade acerbo nó?!.
Por que sinto aguda crença,
Tam gravada, tam intença,
Pungindo n'alma sem dó?!

Filho meu, cré que este dia
Para mim de tanta alegria
Meu pranto fez derramar;
Era o fendo da amizade
Tributo desta saudade
Que sinto o peito abraçar...

Filho meu, recordei triste
Esse dia em que partiste
Longo da terra natal,
Eu chorei... verti meu pranto
Ao lembrar affecto santo
Desse momento fatal:
«Filho meu, cré no que digo
Quem te falla é teu amigo
Mais que todos... é teu Pae!»

Tu cengido nos meus braços
Estreitavas esses laços
Que me prendiam á ti,
Mas partites era forçoso
Que pranto acerbo e saudoso
Nesse momento verti!...

E depois desde esse dia
Lembro á tua companhia
Cada vez com maior dór,
Soffrerei... segue o teu norte.
Busca os favores da sorte,
Sé feliz... terei valor!

Eu aguardo ainda a bonança,
Pois foi só na esperança
De te ver ainda feliz,
Que eu deixei o charo filho,
Fosse seguir o seu trilho
Tam longe, n'outro paiz.

Minha dór eu persentia
Sem a tua companhia,
Persentia o meu penar;
Mas á sorte te guava,
A fortuna te chamava
As terras de alem mar.

Soffoquei á dór n'est'alma,
Saudade que não se acaba.

E triste vi-te partir,
Perdi-te fiquei sosinho,
Orfão de ti, do carinho
Com que me vinhas sorrir.

Agora triste saudoso,
Espero, anhele ancioso
O vér-te chegar alfin;
Que ventura não seria,
Vér-te em minha companhia,
Que ventura para mim.

Eu confio ainda na sorte
E quando o sopro da morte
Me venha os membros gelar,
Espero!... creio meu filho
Serás á estrella do brilho
Da vida que vai findar.

Agora visto que o eterno,
Não me dá o gozo terno
De em meus braços te cengir,
Recebe a aguda saudade
Que vem n'alma sem piedade
Acerba, e dura pungir!

.

Tua mãe, consorte querida
Soffre triste á triste vida
Longe do filho também,
E no dia de teus annos
Acariciando teus membros
Mostrou bem ser tua mãe.

.

Mas coragem não choremos,
Que em breve talvez o veremos
Posando á terra natal
E da vida entre os abrolhos,
Serei feliz se meus olhos
Cerrar o amor filial.

ANTONIO MANOEL DA CUNHA BELLEM.

Conselhos á filhos.

— Quando quizeres comprar drogas, não procures nas boticas; quando quizeres mezinhas (medicamentos, remedios) não procures em droguitas. Não compres chapéos em lojas de fazendas, nem louça em armazens de molhados, nem ferragens, farinha ou carne nas tabernas; porque todas estas casas retalham os generos com lucros tres-dobrados, ja porque os compram, como se diz, em segundas ou terceiras mãos, ja porque muitas vezes pagam-se das demoras que levam em acabar seus sortimentos. Nas primeiras mãos, ou nas casas proprias de cada genero de commercio, ha mais onde escolher, compra-se da melhor qualidade e mais barato, e ha quasi sempre mais lisura ou boa fé, do que nos retalhadores, os quaes em geral fazem pagar ao comprador um premio pela sua ignorancia dos preços do mercado, ou pela sua simplicidade ou mesmo por seu pejo e simulação.

Se fores perito mestre ou official, professor, medico, advogado, ou boticario não te vás estabelecer, senão por contracto, em lugarejos, aldeias, nem villas pouco populosas ou atrazadas; porque d'ahi vêm dous prejuizos consideraveis. O primeiro é que carecerás, para subsistires, de exercer diversos officios ou mais de uma arte ou profissão; o segundo é que, em lugar de progredires, vais infallivelmente desaprender o que souberes, e adquirir habitos de ociosidade, malediencia, orgulho, vaidade, indiscripção, e mexericos; habitos proprios de pequenos povoados, em que tem-se tanto tempo para tudo, que se não sabe o que d'elle faça. Em taes lugares só o homem do campo, lavrador ou roceiro, é o mais occupado, quando não confia tudo de feitores e escravos.

Não te cases muito rapaz, nem com mulher muito joven, porque dous meninos são dous estonteados, não tem a maduresa, experiencia, o juizo e tino ou discernimento necessarios para conhecer e avaliar a importancia e as consequencias do casamento, nem a paciencia para soffrer as tolices, indiscrições, imprudencias e defeitos do outro; e se ainda necessitam de tutor ou mentor, como poderão governar a familia que vão crear? O homem depois dos trinta, e a mulher dos vinte annos, é que estão aptos para o casamento. Que educação pode dar aos filhos, quem não se criou a sua propria? De mais quem casa, deve saber governar uma casa, deve saber o que é casa, e o homem ja deve ter casa.

Tambem não escolhas a esposa pelos seus bellos olhos, nem mesmo pelas prendas que tiver; nem escolhas o esposo bello bem apessoado do seu todo, mas sim um ao outro pelo bom juizo, pela discrição no fallar, pela modestia com que se apresenta e com que falla de si, pelo respeito e bondade, com que trata a todos, e pelo conceito, de que gozar entre as pessoas mais sizudas, sensatas, e experimentadas no tracto social.

Não queiras amizades, senão com pessoas, que sejam capazes de defender-te fóra de tua presença; que sejam capazes de ser como teos anjos da guarda, e não com aquellas que poderiam aconselhar-te coisas, que te podessem envergonhar; que pratiquem actos que a honestidade, a razão ou o bom senso não approvam.

Faças sempre por valeres mais do que os the-soiros de Cresó, e muito mais sem comparação do que teos vestidos e tuas joias.

Ha pessoas, que chamam sobre si a attenção pelo que trazem sobre si, e não pelo que ellas podem merecer. Essas pessoas valem tanto quanto, e as vezes menos, do que os seus enfeites.

Tenhas-te por humilhado quando te lisongerearem pelos teos ornamentos, ou por qualidades que não dão merecimento a pessoa, e mesmo não te mostres satisfeito por te elogiarem em tua presença; porque os elogios são o meio de aquilatar a fraqueza do espirito, a vaidade, a leveza do pensar e a tolice da pessoa elogiada.

(Continua)

ELLA.

DEDICAD. A ILLM.^a SNR.^a D. * * *

Nunca vi—não sei se existe
Uma deidade tão bella,
Que tenha uns olhos tão brilhantes
Como são os olhos d'ELLA.
F. S. BRAGA.

Ella é linda como a lua
Que cintilla em céu d'anil;
Ella é bella como é bello
Este tão fertil Brasil.

Ella é linda como a agua
Entre sexos a correr,
Ella é linda como o prado
Quando está a florescer.

Ella é linda como o mar
Quando está sereno e brando,
Ella é bella como o Bardo
Quando está triste cantando.

Ella é bella como é bella.
A nossa religião,
Ella é linda como é linda
A nossa bella canção.

Ella é terna como é terna
Uma filha obediente,
Fagueira como os amores
Com puro amor innocente.

ELLA é morena
E mi frouxina
Bella engraçada
E feiticeira.

É um archanjo
Uma bonina,
Uma santinha
Essa menina.

S. Luiz 24 de Janeiro de 1856.

Voto-lhe amor
Ficmo o constante,
Pois ja d'amuito
Sou seu amante.

Não mais prosigas
Muza de amor
Que a minha ELLA
É um primor.

Uma Senhora bastante infeliz me deo para
glozar o seguinte;

Motte.

Escreveu a feia morte
Com longos dedos mirrados,
No livro dos infelizes
Os meus dias desgraçados.

Gloza.

Ja fui feliz e ditosa,
Já gozei doce ventura,
Hoje vivo na tristura
Em situação tão penosa;
Padecer ser desditosa,
Sofrer do rigor da sorte
O jugo pesado e forte
Vivendo quasi sosinha,
Foi o que por sina minha
Escreveu a feia morte.

Esse passado brilhante
Que assomava tão risonho,

Foi um fantastico sonho
Que recordo a cada instante;
É uma lembrança errante
Que me vem trazer cuidados,
São martyrios requintados,
É da desgraça a fera mão
Que me aperta o coração
Com longos dedos mirrados.

É um amargo viver
Continuamente a penar,
Sempre comigo a chorar
Sem que me possam valler;
E que posso eu merecer
Em tão limitadas crizes?...
Quando por lei dos juizes
Foi esse o destino predito,
E que assim ficasse escrito
No livro dos infelizes.

E poderei eu soportar
Esta vida amargurada,
Que parece reservada
Só para me castigar?...
Não; só Deos pode acabar
Momentos tão tristurados:
Entre suspiros gelados
Quero-lhe a morte implorar
P'ra que possam já findar
Os meus dias desgraçados.

J. S. PEREIRA.

CHARADA.

S'elle tem formas diversas,
Tambem tem diversas cores;
Porem este de que fallo
Nada tem desses primores:

E' alvo como a çucena;
Em seu todo tão singello
Que por ter menos belleza,
Eu assim acho mais bello.

É dos céos astro brilhante
Que reflete sobre a terra,
Que tendo tantos dos nomes
Tambem este em si encerra.

Quantas vezes pelos bosques
Essa Deosa divagava;
A mesma, o nome mudou,
Qu'assim tambem se chamava.

Este nome tão formoso
Cheio de graça, e belleza,
É o nome d'uma virgem
Dotada por Natureza.

É flor que mal vegeta
Neste mundo enganador
Que parece ser formada
Pelas mãos do Criador.

J. S. PEREIRA.

Decifração da Charada do n. 5—*Cardolima*.
do Enigma—*Misericordioso*.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II.

S. LUIZ, DOMINGO 2 DE MARÇO DE 1856.

NUMERO 7.

ESPEREMOS SEMPRE.

(Conclusão.)

Todas as vezes que esta adoravel e piedosa creatura ia levar redes e esteiras de junco aos pescadores, e as trocava por provisões, seus olhos ávidos e com uma notavel expressão, percorrião o horisonte, e o menor pontinho negro que tocava sua vista lhe parecia ser um navio... Mas de repente, ah! sua esperança se desvanecia; e tudo se dissipava como uma ligeira sombra, que se confundia com o céu.

—A privação é muito forte, dizia então consigo Noemia; mas não mais do que a minha confiança em Deus.

Depois dos ventos tempestuosos, o Mediterraneo se tornou calmo e limpido, sua superficie tinha tornado a ser um espelho, e a Noemia, símbolo da doce esperança; Noemia, conforme o seu costume, tinha vindo a suas margens carregada com os trabalhos de sua familia; a sua oração com um fervor todo novo, quando repentinamente seus olhos ávidos e penetrantes avistão um desses pontos negros, que tantas vezes se tinham dissipado no espaço, e lhe parecia desta vez engrossar a cada instante. Ella interroga alguns pescadores: todos lhe asseverão que é um navio, que procura sem duvida um ancoradouro. Porem não podendo abordar a costa, foi forçado a por-se á capá; e logo um bote desembarca na praia, o capitão e dois marinheiros que veem pedir soccorros, e se annuncião como francezes... «Oh meu Deus! exclama Noemia com os olhos radiantes, e com a alegria sobre o rosto, e as mãos postas, oh! meu Deus! ter-me-lhas ouvido?»

Ella corre, vai procurar sua mãe e sua irmã, volta com ellas ao porto, no mesmo instante em que os estrangeiros vão para bordo. A Sra. de Marsol pede ao capitão que lhe conceda um momento de conversação; faz-se conhecer por papeis fechados em uma carteira que tra do seio. Acontece que o bravo marítimo a quem se dirige, é Provençal, e que conheceu o armador Marsol, sua viuva conta então suas desgraças e seus longos soffrimentos. Noemia pelas narrações fieis de sua mãe, inspira ao capitão o mais tocante interesse; faz-lhe experimentar a mais profunda emoção; e convencionou-se que no dia seguinte, devendo o navio dar á vela, transportará a mãe e as duas filhas ao porto de Marselha.

A viagem foi tão favoravel como o podia esperar esta interessante familia. No fim de seis semanas avistão as costas da Franca, que a Sra. de Marsol saudou com

uma emoção que é impossivel exprimir. Noemia, cahindo fóra de si em seus braços, exclamava—Oh! é neste momento, que me é permitido dizer—ESPEREMOS SEMPRE?—A joven Sara, maravilhada com a entrada do porto de Marselha do aspecto arrebatador das bellas habitações, que o rodeião, não cessava de dizer por sua vez:—Oh! como é bella a Franca!—A Sra. de Marsol que todos reconhecerão sem difficuldade, apezar dos soffrimentos, que tinham desfigurado suas feições, achou na antiga casa fundada por seu marido, com que ter uma honrosa existencia.

Mas Noemia achou muito mais; foi sua terna e veneravel avó octogenaria, que parecia voltar á mocidade nos braços de sua neta, e não cessava de repetir com ella:—ESPEREMOS SEMPRE!...—Em breve readquirio a Sra. de Marsol, essa alta dignidade de alma e maneiras graciosas que a tinham tornado notavel por tanto tempo. Sara, tornando-se cada vez mais bella, tomou facilmente esses usos da boa educação que lhe deu sua mãe; e Noemia tornou-se tão notavel por suas qualidades moraes, como pelo encanto seductor derramado em toda a sua pessoa. As narrações que continuamente fazia a Sra. de Marsol da heroica dedicação de sua filha mais velha, dos engenhosos recursos de sua imaginação, e principalmente da sua perseverança em sua esperança em Deus, em sua piedade filial, augmentavão ainda o tocante e nobre interesse, que inspira esta creatura angelica. Ella foi procurada pelas mais respeitaveis familias de Marselha, onde logo contrahio uma união de que era digna, e que a tornou por sua vez a mãe mais querida e a mais digna de ser-o. Nunca esqueceu ella a miseria e abaixamento, os tormentos, os perigos, que tinha affrontado com tanta coragem, e comparando-os com o brilhante destino que a Providencia lhe parecia dar de dia em dia; como endemnisção de tudo o que tinha soffrido feliz Noemia repetia, com uma religião, estas palavras, que tantas vezes tinha proferido, e que se tornarão a sua divisa até o ultimo momento de sua vida:

—ESPEREMOS SEMPRE!—

Conselhos á filhas.

(Continuado do n. 6.)

—A vaidade é a fraqueza mais geral, mastambem a mais ridicula e perniciososa da creatura humana, e nas mulheres, das quaes he uma doença quasi incuravel, faz que em toda a idade ellas sejam em geral, mais ou menos iguaes aos meninos. Assim não queiras ser tratada como as

meninas, porque uma menina não passa de uma boneca, um saguinzinho ou papagaio. (1)

Nunca exprobres mesmo em particular, e menos em publico, nem a teu pae ou tua mãe, nem a teus mestres, e a teus irmãos e amigos, quaisquer defeitos que lhes achares, porque he desacato e ingratião, e porque quanto áquelles he indecoroso, he collocar-se a si proprio acima d'aquellas pessoas a quem devemos o que somos seremos e podemos ser. Ao contrario, a respeito de todas essas pessoas, o que te cumpre he defendel-as em toda parte e sempre.

Socrates não produziu por si mesmo coisa alguma, isto he, não escreveu obra alguma, nem scientifica, nem mesmo litteraria. Mas nem por isso deixa de ser a elle, que são devidos directa ou indirectamente as obras e os bens que produziram Platão, Aristoteles, Epicuro, Zenão e os demais chefes de seitas ou escholas philosophicas da Grecia e de Roma. Pois devem-se-lhe o methodo, o impulso, a direcção, e o que mais he, o amor á verdade, essa virtude tão preciosa quanto rara.

Vê o respeito com que em todo tempo fallava Platão de seu bom mestre. Aristoteles combateu muitas opiniões de seu mestre Platão, mas nunca o pretendeu rebaixar. E nota, que Aristoteles foi um dos espiritos mais vastos, mais methodicos, engenhosos e profundos que tem honrado a especie humana. *Os bons discipulos são os melhores amigos de seus mestres, como os bons filhos o são de seus paes, e os bons irmãos de seus irmãos.*

Não desprezes nunca os conselhos, ainda quando dados sem o pedires. Porque todo homem carece delles e aquelle que o despreza, faz como o cego, que repellisse a quem lhe offerecesse a mão para o desviar de um precipicio, ou como um ente racional que se quizesse desquitar da razão.

O homem mais feliz he o que menos deseje, e mais sabe soffrer as penas de toda a especie.

Se a felicidade fosse tão real quanto he bella, e hem aventura seria o delirio mais inconsequente.

Parece que a divindade nos dotou da imaginação para nos dar a concepção e o amor de um bello ideal que se não pôde realizar n'este mundo. Com essa faculdade dotou-nos do affecto ou antes instincto da esperanza e deu-nos a necessidade de uma felicidade superior a tudo quanto nos pode offerecer este mundo.

Uma das singularidades mais notaveis d'este mundo é que a felicidade está ordinariamente na razão contraria da experiencia, do discernimento e saber dos individuos.

A vida é como os amantes que promettem casar na India, quando não podem dar nem uma choupana. Promette o futuro mais risoto. Engano, illusão cruel! Esse futuro cada dia, a cada

(1) Está claro, que não somente meu fim he apresentar um correctivo para esse defeito muito commum, como tambem que a generalidade, com que me expuz, não pode offender a tantas e tantas senhoras modestas, discretas e de um pezar assaz reflectido.

hora, ah! a cada instante nos afaga e aumenta-se para mais longe e augmenta a semsaboria do presente que nos infastia.

A vida é a mais vã de todas as vaidades. Mas he porque nós não a comprehendemos tal qual ella devêra ser encarada. Se nós a empregássemos em os fins para os quaes nos ha sido dada, ella seria outra; ella satisfaria não á phantazia mas a razão de todo espirito assaz reflectido e sensato.

Empreguemos a vida quanto nollo permitam as circumstancias em aperfeçoar-nos no moral e intellectual, porque assim colheremos dois proveitos: Preencheremos mais ou menos o fim para que existimos, e teremos a felicidade imperfeita, sim, mas quanta podemos merecer ou que mais ou menos nos contentará, e teremos pelo menos a mais doce consolação acompanhada da mais viva esperanza na bondade infinita do Creator.

S. P.

○ Amazonas.

—Este rio, tão celebrisado por tantos viajantes e escriptores, pelo primeiro lugar que occupa entre todos os rios do mundo, raoupara elle a auro-ra d'uma nova e brillante época.

Desde o seu descobrimento sulcado apenas por pequenas embarcações que mui tardia tornava a sua navegação, vê hoje rasgar o seio de suas soberbas aguas por esse motor para o qual não ha distancia.

Uma companhia amiga do progresso e da civilisação, se fundou no Rio de Janeiro em 1852, com a denominação de—Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas—para dar vida a este rio tão nobre de communicações, como rico de produções naturaes, e engrandecer o commercio offerecendo-lhe a brevidade do transporte das mercadorias. Ha bem pouco tempo, tivemos occasião de observar todas as vantagens que esta companhia offerece por fazermos uma viagem ao Amazonas, abordo do vapor *Marajó*.

Falto de conhecimentos como somos para escrevermos para um publico illustrado, tentamos contudo, descrever o que mais nos agradou e que podemos observar de bordo do *Marajó*, não obstante a sua velocidade.

O viajante que sahe da cidade de Belem para subir ao Amazonas, pouco praser sente até chegar a villa de Gurupá, porque, os rios até aqui a maior parte delles são—excepto, a bahia de Marajó—estreitos e tortuosos;

E desta villa para cima, o que nos rodeia desafa a nossa curiosidade.

Ao encontrarmos nesse rio a que os Indigenas havavão Paraná-nassá, e que alguns viajantes são o nome de Gigante, sentimos dilatar-se nos o coração, e como que uma especie de orgulho nos assalta de improviso!

Suas margens sempre formosas, onde a primavera é permanentemente, revestidas ora por corpulentos cedros, ora por delicadas palmeiras, arrebatão o coração de quem as contempla!

Mais alem, uma cinta de terra, livre de arvoredo, se nos offerece matizada de vistosas flores exhalando um embriagante perfume: este lugar aqui collocado pela natureza, parece convidar e viajante a descansar das fadigas da viagem.

Colorindo as nuvens que vagueão no espaço vem-se bandos de lindos e plumosos passaros, ornados de variegadas cores, como saudando os hospedes do Amasonas, e acompanhando-os em grande extensão; até que cansados de fadiga se vão a outros lugares a procurar novos hospedes que os admirem.

O Sabiá, balançando-se no ramo de fragil palmeira está com o seu incessante trinar festejando o viajante que passa, o que nos recorda esses tão lindos e cantados versos do poeta brasileiro o Sr. A. G. Dias, nos seus primeiros cantos:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
.
.

Extasiado o viajante de contemplar todas estas obras da natureza, outro objecto tem de não menos interesse se lhe offerece á vista: são as serras do Almeirim, Paraucoará, Velha pobre e de Monte Alegre, esta é a mais pittoresca, tanto pela extensão frondosa de suas arvores, como pela villa que coroa a eminencia: estas serras offerecem um variado panorama.

Proximo a cidade de Santarem, encontra-se da parte septentrional o rio Preto; suas aguas voadoras sem se difundirem, n'uma grande extensão; estas aguas formão a apparencia de duas faxas verdes cinsentas, o que não deixa de ser curioso o observal-as. Navegando rio a cima umas vinte leguas apparece a villa de Obidos, edificada «sobre a lombada de uma não muito elevada montanha.»

Nesta parte o rio vai estreitando de maneira tal, que dá lugar a chamar-se-lhe—garganta do Amasonas.—

A riqueza da paisagem é sempre a mesma, sempre encantadora a qual admiramos nesta pittoresca villa de Obidos, aonde chegamos no dia 22 de março deste anno tendo sahido da cidade de Belem no dia 17.

Taes são em resumo as bellas que surpreendem o viajante em todo o magestoso Amasonas, desse rio que se por alguns seculos permaneceu sem o necessario desenvolvimento em sua navegação, vé hoje fender suas agoas por vapores que lhe asseguram um brilhante futuro, cerrando a civilização e a abundancia por suas margens até ás fraldas da altissima cordilheira que extrema o territorio dos Quixos do terrível da Cidade de S. Francisco de Quito, onde brota este grande rio.

Esta nossa viagem aprasível pela rapidez com que foi feita, nos tem offerecido recordações mui saudosas, pela affabilidade com que fomos tratados pelo Illm. Sr. Parahibana e Pinto, aquelle Commandante e este piloto do *Marajo*.

Tivemos igualmente o praser de termos por companheiro de viagem o Illm. Sr. Pimenta Bueno, agno gerente da companhia, o qual por

suas maneiras rribanas e delicadas se torna credor de todas as attencões e sympathias.

O Illm. Sr. commendador Domingos Borges Machado Acatauassú, foi tambem nosso companheiro.

As brilhantes qualidades de que é dotado nos captivarão completamente, porque o vimos superior as vaidades que de ordinario andão a par do homem coberto de grandesas.

O seu modo de tratar que emprega para com o rico, é aquelle mesmo que emprega para com o pobre, é isto a que os nossos moralistas chamão uma virtude.

Obidos, março 28 de 1853.

F. M. TEIXEIRA.

PORTUGAL.

Lisboa 7 de janeiro de 1856.

—A 20 do passado debutou no theatro de D. Maria 2.^a o actor brasileiro Germano Francisco de Oliveira que veio á Europa para se aperfeicoar na sua arte. Escolheu o drama em 3 actos intitulado a *Gargalhada* (de Mr. Arago). Apesar de ser o papel de André (o protagonista) o unico saliente da peça, os melhores actores portuguezes capricharão em encarregar-se das outras partes para honrarem o seu collega brasileiro. O publico fez completa justiça ao Sr. Germano. No 2.^o e 3.^o acto, em que brilha pela expressão e naturalidade com que desempenhou o papel de alienado, choverão as palmas e os bravos, sendo chamado ao procenio no fim de ambos os actos. O Sr. Germano que dizem ser tão modesto como instruido, ficou extremamente penhorado pelas ovacões que recebeu, mostrando-se sobremaneira commovido. Os jornaes fizeram os devidos elogios ao actor estrangeiro, e este agradeceu os testemunhos de sympathia em termos dignos e honrosos.

(Ext. da correspondencia do Jornal do Commercio.)

Theatro de S. Luiz.

—Fomos ao Theatro na noite de 22 do corrente; representou-se: o Drama em 3 actos *Caravaggio*, a comedia em 1 acto *Avizo a Gazeta*, e a aria do *Padre Leigo*, pelo Ribeiro.

O espectáculo correu saptisfatoriamente, as partes do Drama forão mais ou menos bem desempenhadas, o vistorario foi a caracter e todo novo.

É paiz sentir que a concorrência não fosse maior, pois pouco mais de meia casa concorreu ao theatro nesta noite.

Fazemos especial menção de dois artistas que muito se distinguirão no Drama: Duarte Coimbra e Julio, aquelle na parte de *Caravaggio*, sensibilizou á tal ponto os expectadores, que os commoveu a victoriar o actor que tanto se exforessa por bem desempenhar as importantes scenas de *Caravaggio*. O actor Julio na parte de *José Dur-*

pinas, agradou geralmente, pelo bom desempenho do seu papel, e pelo estudo que empregou. Toda a vez que o actor Julio se tornar credor dos nossos encomios: será lembrada na nossa revista. Igualmente faremos aos mais artistas que se esforçarem no desempenho das partes que lhe forem confiadas.

Ainda neste espectáculo a aria do *Padre Leigo* agradou como sempre.

O Sr. Martins desenvolve-se na comedia, tanto quanto as suas forças o permittiam.

O INCOGNITO. 6

Figura symbolica.

**FILOMENA
FILOMEN
FILOME
FILOM
FILO
FIL
FI
F**

Explicação.

Seu Deus, os antigos tinham; (1)
Tambem eu, meo anjo tenho;
E que aquelle, do que este
Fosse melhor, não convencia.

Aquelle, para os antigos
Preservava enfermidades;
Mas este, bem que na terra,
Impéra nas Divindades.

Cura, castiga, e mata,
Processa, prende absolve,
Governa com despotismo
Tudo que a terra envolve.

E. R. C.

Logogripho.

Serve muito aos alfaiates
Para negocio fazer
A *segunda* com a *quarta*
Quantas vezes possa ser.

A *primeira* com *segunda*
Nas fontes s'encontrará,
Pois n'uma, ou n'outra parte
Pouco, ou muito se verá.

Com bom vinho, e bom petisco.
Muitas vezes sem querer
Na *segunda* e na *terceira*
Pode-se a gente meter.

Na *primeira* com a *quarta*
Ve-se quem está p'ra casar:
E uma amostra do panno
Da peça que vai comprar.

(1) Abracax, de cujas letras principalmente se formava a figura symbolica—Abracadabra.

Leitor se tiveres filha
Mui prestes a baptizar,
Na *primeira* e na *terceira*
Nome bonito has-de achar.

Terceira e *quarta* já fui,
Antes de ser o que sou;
E depois de minha morte
Ao mesmo torna-me vou.

É muito boa e gostosa
Sendo mui bem preparada.
Torna-se mais deliciosa
Quando nos é offertada.

J. S. PEREIRA.

Charada enigmatica.

- 1 { Se uma letra me accrescentas
{ Sou de Ceres linda filha.
- 2 { Incessante tavão mord'a mesquinha
{ Que, subinforme forma, a terra trilha.
- 2 { Eu não sou, tu não és, á fê que juro;
{ Mas tambem qu'algum seja, fica certo.
- 2 { Se simples contração tu me fizeres
{ Verás, quem a morte vio bem perto;
{ A cioza Lavinia, suspeitando
{ Amores, não viventes, nem cuidados,
{ Gerarem-se no peito do marido,
{ Tendo n'alma os zelos aguçados,
{ De prompto attentou tirar-lh'a vida:
{ Mas, em sonhos sendo *esta advertida*
{ Por quem: Nas vódas triste fado corre,
{ Alta noite fugindo, ás bórdas para
{ Do Numicio, cahe nelle, mas não morre
{ Enympha fica a ser da onda clara.

Conceito.

Da ingrata patria desterrado,
Azilo vai buscar em terra alheia,
Entre amor, e vingança o peito ancea,
Por ver-se injustamente expatriado.

A velha mãy, em lagrimas banhada
Dos nettos, e da nora se rodeia,
Supplicante, lhe exproba acção tão feia,
Lhe roga que retire a gente armada.

O guerreiro offendido, fica mudo,
Subito, mas, clama: oh! mãy querida,
A vingança porque assim m'a impedes?

Quebrado aqui vez o meo escudo!
He livre a patria, tu lhe dest'a vida,
Salvas a patria, mas o filho perdes!

—Este não hera barrigudo—

E. R. C.

EXPLICAÇÃO DO N. ANTECEDENTE.

Charada—*Filomena*.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A *Sentinella* publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno.....6\$000 | Semestre.....3\$000

ANNO II.

S. LUIZ, SEXTA-FEIRA 4 DE ABRIL DE 1856.

NUMERO 9.

A SENTINELLA.

—O nosso particular amigo o Snr. Francisco Ignacio Ferreira, residente actualmente em Portugal, acaba de honrar-nos com a poesia MINHA PATRIA; que hoje publicamos.

Não ousamos tecer encomios aos sublimes pensamentos, que ornão o genio poetico do Sr. Ferreira.

Nós, devidamente apreciamos as suas poesias, que publicamos no 1.º anno da *Sentinella*, em cujo numero merecem especial menção as seguintes: *O que foi Portugal, Sou pobre, mais livre! a Onda, Ella, Sonhei-a, Adeus. &c.*

Concluimos, recommendando aos nossos leitores a bella poesia MINHA PATRIA.

Pensamentos de um louco.

—Hoje recebi uma carta de Jorge: —á bem tempo me não escreve.

Pobre rapaz—tão moço, tão cheio de vida, de aspirações e de talento! pobre rapaz! ingenuo e lhano como a pomba; manso e doce como o cordeiro.... Foi meo condiscipulo, estimámo-nos no Collegio, e hoje somos amigos.

He de minha idade—vinte quatro annos apenas, mas tem ja soffrido tanto! Orfão—seu nascimento custou a vida ao anjo que lhe dera o ser; seu pae repellio-o de si, como para castigo de um crime, que, innocente, havia commettido. Criado no campo—educado por uma mulher, que para isso era paga—elle cresceu—como a flor delicada, que trepa mal segura o declive de um rochedo—e sem que a sua infancia se visse cercada d'aquelles carinhos, que só uma mãe sabe prodigalizar, sem que os labios maternas osculassem sua fronte infantil, sem que o doce murmurio de sua voz fizesse-o adormecer reclinado ao seu collo.

Pobre Jorge!

Tratado com dureza, com crueldade talvez—bem cedo a dor e o desgosto se lhe apoderaram d'alma, seu semblante era sempre melancholico, seu sorriso sempre triste, como o sorrir da desgraça resignada.

No Collegio captivava a todos pelo bondozo genio, que lhe conheciam;—dotado de grande talento era admirado por mestres e discipulos.

Nas horas de recreio—quando os outros se en-

tregavam ao tumulto e á distracção, Jorge se recolhia e estudava. Eu porem o acompanhava sempre—tinhamos os mesmos pensamentos, os mesmos desejos, os mesmos prazeres: liamos e escreviamos juntos; dramas, romances, poesias avulsas, poemas—tudo compunhamos, e no nosso orgulho de estudantes, julgavamo-nos ja hombreando com os grandes nomes da litteratura.

Ainda hoje recordo-me de tres estancias de uma poesia, que em uma bella noite de luar, e inspirados por—elle, juntos fizemos.

Era assim:

Era noite... e a lua clara
De pensar tristonho avara
No Céu bello passeiava;
Minha alma—cruel desgosto,
—que me houvéra o fado imposto
Mudamente devorava.

E á sós—cheio de tormentos
Enviava os meus lamentos
Á lua, ao Céu estrellado;
E a imagem de uma amante,
Que me fóra tão constante,
Trazia o peito magoado...

De uma amante... oh! sim, d'um anjo
Do Céu belleza—um archanjo,
Que p'ra o Céu cedo vóou;
—Na primavera dos annos,
Ja de amor volvendo arcanos
A lousa triste baixou....

A livraria do Collegio—bem sortida—nós a devorámos em poucos mezes; nossas economias—nós as reduziámos a livros, e depois dos companheiros tinhamos as obras—que elles podiam trazer de seus paes e conhecidos.

Sabimos do Collegio, —Jorge frequentou a Academia de Direito, e recebeu o diploma de Bacharel.

Depois de quasi seis annos tornei a encontrá-lo;—era sempre o mesmo Jorge do Collegio;—pallido, abattido, sempre melancholico, sempre com esse sorriso triste e resignado.

Estudava ainda. A carreira da magistratura não lhe agradava, não se coadunava com seu genio; suas aspirações eram mais altas; sua imaginação poetica não se alimentava com as esterilidades, com o positivismo dos codigos e ordenações.

Fazia romances, compunha versos, escrevia dramas, publicava artigos, redigia jornaes.

Queria uma vida agitada, ruidosa, poetica em fim. Ao contrario d'esses entes melancholicos e tristes—elle aborrecia o silencio, o retiro e a solidão, queria o tumulto, queria os perigos, queria a fama e a gloria.

E na verdade, fallemos sinceramente, o que querem todos os que estudam, todos os que escrevem?

Para que tantas noites de insomnia e de vigilia, quando todos dormem—consumindo, á luz de uma turva vella, e accuavado ás paginas de um livro, a saude e as forças?

O que querem, o que procuram assim? O bem do mundo? mas tambem o bem de si mesmo; o gozo dos outros? mas tambem o gozo de si mesmo, a reputação, a nomeada e a gloria.

Vós, que lêdes essas linhas, concordareis, se sois litterato, se estudaes, se escreveis—que tenho sobreja razão, que fallo com franqueza e consciencia. E de mais isto não he de hoje; é ja peccado velho, os seculos antigos ja o conheciam. Seneca, em alguma parte de suas obras, diz que desprezaria a sciencia, se a não pudesse publicar;—e um outro que ella (a sciencia) era como a moeda, que guardada no fundo dos cofres, cria corrosivo asinhavre, e perde todo o valor por maior que seja.

Assim é que pensava Jorge, tinha razão.

Desdobrando o involucro de sua carta, eis o que n'ella deparei.

II.

«Ainda nutres aquelles pensamentos, que sonhavam juntos? Queres ainda ser litterato e poeta? Ainda sonhas glorias, apotheoses e triumphos conseguidos, a custa de tua penna e de teu talento?

Amo-te, como a um irmão, bem provas te heidado;—por isso vou fallar-te com franqueza, como se fallára a um filho, com o coração nas mãos, e severo e sizo e imparcial com a segurança da experiencia bem dolorosa, com que tenho aprendido.

Queres ainda ser litterato e poeta? ah! não sabes o que sejam esses nomes, nem o que indiquem elles. Poeta! quer dizer martyr; o poeta é como o gladiador de outr'ora, que divertia as turbas no amphiteatro de Roma, á custa de seu sangue, que corria em jorros; o poeta é como o Christo, que com a linguagem da paz, com a consolação nos labios, só estendendo as mãos para abençoar, recebêra em cambio a esponja de fel, e a morte da Cruz. Bem razão tinha Zorzilla. No tumulto de D. José de Lara, esse poeta infeliz, como todos, que se suicidára, para escapar ás torturas da fome, elle contemplando-o, exclama comovido: «Ah! o poeta em sua missão sobre a terra é uma planta maldita, que dá fructos de benção.» Eis a verdade.

Queres ainda ser litterato e poeta? Bem joven—és ainda; tens bebido na existencia apenas o mel, que nada na superficie, o absynthio está em baixo;—talvez não tardes em encontrá-lo.

Pois bem, si queres; si o desejas—vé si tens animo para o ser, para sem baquear soffrer os

tormentos e as decepções do mundo na conquista da gloria.

Soffrer!... Um dia abri um livro, e nas primeiras paginas deparei estas linhas, que se me firmaram na memoria; li-as, mas surri-me; julguei mera poesia, o que era terrivel realidade—bem caro paguei: Lé, e oxalá te sejam proveitosas.

«Todos flagellam o escritor, e releve, que este ata as feridas de todos. Seu martyrio é de todos os dias, sua luta de todas as horas, luta incessante e terrivel, luta do mais fraco com o mais forte, da unidade com a pluralidade, luta com a inveja, com a calumnia, com a colera, com a compaixão, com a malicia, com a hypocrisia, com a tolice, com a mentira, com a opinião, com a injustiça, com a desconfiança, com a vaidade, com a indiscrição, com o desprezo e com o odio!... Seu destino é ser desconhecido, soffrer e chorar interiormente, conservando nos labios o sorriso;—não recuar diante do supplicio, nunca pedir misericordia e fazer rir á sua custa a multidão imbecil, se ousa gritar—Padeço!»

Esta pintura é exacta, bem que horrivel; e terá animo de lê-la, avançando sempre na carreira, que almejas?

(Continúa.)

F. B. DE SOUZA.

P O E S I A

MINHA PATRIA!

Aos Accionistas do Gabinete Portuguez de leitura em Maranhão.

I.

Sou poeta, esta vaidade,
Sinto-a no peito crescer;
Embora me chamem louco,
Hei-de com ella morrer:
Hei-de sim, erguer um canto,
Com affecto puro e santo,
Que vou á gloria depôr;
Embora digão, qu'è pobre,
Foi siquer a idea nobre,
Inda mais nobre no amor!

II.

Minha patria, amo-te tanto,
Como nunca amou ninguem,
Quizera agora n'um canto,
Mostrar-te o que o peito tem;
Ergue, ó lyra, um tom de novo,
Que até já na voz do povo,
Sinto da patria o porvir;
Deixa pois de ser'spectro,
Que vai agora o teu sceptro,
DOM PEDRO 5.^o—assumir!

PEDRO QUINTO! PEDRO QUINTO!
Quem pode arcanos sondar?
Vem alegre, vem, eu sinto,
De Lysia os fados mudar!
Hão-de esses tempos passados,
Esses louros já mirrados,
Surgir com encanto e luz;
Hão-de sim, qu'este monarcha,

Nova era p'ra si marca,
Já nova aurora reluz!

E reluz, que já tres mundos
Repetem... Real... Real!...
São uns echos tão rotundos,
Bem nos ouves Portugal!
Bem nos ouves, que alegria,
Não é p'ra nós este dia,
Que bella aurora raiou;
São uns echos tão saudosos,
Lembrando os tempos ditosos,
Em que o teu sceptro brilhou!

De mil virtudes ornado,
Do throno, que vais subir,
Olha este povo soldado,
E cre' no immenso porvir;
No porvir, que novas glorias,
Juntarás a essas victorias.
Que nem o tempo esqueceu;
Olha o *passado*, e a guerra,
Extermina-a d'esta terra,
Que um berço nobre te deu.

Artes, sciencias, estudo,
Repete do povo a voz,
Seja ella o teu escudo,
Seja a guerra o feró:
Faz assim, que a tua fama,
Que toda Europa proclama,
Nasceu d'estirpe real;
Que então, sempre de novo,
Ouvirás na voz do novo
PEDRO 5.^o, e Portugal!

Mas Affonso, o rei soldado,
Que louros soube ganhar,
Não t'os houvera legado,
Se os não soubera guardar;
Sê ó rei, sê nosso amigo,
Põe-nos pois ao teu abrigo,
Serás grande inda qu'és rei!
Não é p'ra vós caso novo,
Que quando o rei ama o povo,
Obedece o povo á lei!

PEDRO 5.^o, o teu renome,
Pertence já ao porvir;
Avante, lusos... que a patria,
Hade de novo surgir;
Surgir sim, ao mundo todo,
Que sepultado no lodo,
Arrastava mil grilhões
Surgir sim, que d'um só brado,
Verás o mundo assombrado,
Apontarte entre as nações!

Porto—Setembro de 1855.

F. J. FERREIRA.

O que é o papel.

—Um periodico de Barcelona escreve o seguinte sobre o valor, que o papel tem hoje em nossos dias.

O papel, diz Eugenio Sue, o confidente das almas tristes; e isto é uma verdade. Quem escuta,

e recorda melhor nossos sentimentos! O papel é o primeiro revolucionario do mundo! O agente secreto, que vende mais depressa os cúmplices, por que sabe calar, quando lhe perguntam! E o labor, que faz mais fe! é o misero confidente do amor, e das intrigas, e o que melhor se expressa por mais timidez, que mostre!

Em nossos dias o papel ha tido o seu valor: e von prova-lo.

Escrepto? rasga-se, ou se protocolisa, cobrindo-o do pó do esquecimento?

Impresso? ninguem o lê, nem menos o compra.

Em bilhetes de banco? perde tanto por cento.

Em accões de sociedades anonimas? todos as regeitam, cerrando seus ouvidos e seus bolsitos assustados.

Em cartas de amor? se prostitue com a mentira do coração.

Em bilhetes de loteria? oh! é um roubo, que se faz aos incautos.

Em bilhetes do thesouro? Todos os papeis de credito estão perdidos! as firmas não são mais que anzois, que agarram, mas que não soltam.

Oh! papel! que máo papel estás fazendo na nossa sociedade! agora estás soffrendo resignado os dicitérios da minha penna, sendo tu que apregoas as tuas proprias faltas, e expões á vergonha do mundo o teu miseravel estado!

A Estrella d'alva.

NO ALBUM DO MEU AMIGO JOAQUIM CESARIO DE BRITO.

Uma Virgem, que prendeu-me o coração
No seu rosto gentil tem teus encantos.

Brilhante luz dos amores,
Estrella d'Alva chamada,
Que assomas entre fulgores
Na linda esphera azulada,
Dourando a cima dos montes,
Os prados, rios, e fontes
Lá da parte oriental,
No teu fulgir seduzindo
A quem na terra carpindo
Vive seu dorido mal:

Tu, que brilhando com graças
Lá na immensa amplidão,
Es consolo nas desgraças,
Lenitivo na afflicção;
Tu, que te mostras tão bella,
Dize-me, dono d'estrella,
Que fazès a divagar?
Buscarás o teu amante
Por esse Céu rutilante
Sem jamais o encontrar?

Ou só pallias nos ares
Com tua suave luz
As dores de quem dezares
Soffre na terra da Cruz?
Dize, astro auri-formoso,
Que tornas esperançoso
Ó meu futuro viver,
Dize-me, qual o motivo,
Porque se te mostra esquivo
Quem faz-te assim padecer?

Acaso é um delirio
A razão do teu fulgir?
Dize-me, qual teu martyrio,
Faze-m'o, estrella, sentir!
Foste por ventura infida,
E vives arrependida,
Buscando teu lindo amante,
Para olvidar o passado,
Vendo o pezar retratado
No teu mimoso semblante?

Ou serás meiga donzella,
Que achou inconstante o mundo,
E fruir sob uma estrella
Quiz do Céu o bem fecundo?
Quem sabe!... a tua pureza,
Tua louçã singeleza
Affirmão ao meu pensamento!
Dize, casta divindade,
Falla-me a voz da verdade,
Que fazes no firmamento?
Estás ao bardo inspirando
Ramos d'heroicas poesias,
Que a lyra sua vibrando
Faz-te oblação d'harmonias?
Quem sabe se és lá dos Céus
A voz de um vate de Deos
Ao vil atheu confundindo,
Vendo, que tu quando brillas,
As immensas maravilhas
Estás de Deos traduzinda?

Serás tu a mãe do amor,
Qu'enleva ao peito mortal?
Dize, estrella, por favor,
Se o meu pensar é real!
Agora me descobriste,
Como fagueira sorriste
No teu Céu d'azul setim!
Es, estrella melindrosa,
A mãe terna e carinhosa
De que vive contra mim!
Tu, que vives com pureza,
Ornada de graças mil,
Do meu desterro a crueza
Abranda, estrella gentil!
Infiltra doce esperança
O teu fulgir de bonança
No meu triste coração,
Quando em ti tão verdadeira
Vejo uma Virgem fagueira,
Que moveu minha paixão!...

Divaga, brilhante estrella,
Da beldade matinal,
Seja sempre pura e bella
A tua luz divinal;
Divaga com teus fulgores
Por entre essas lindas flores
Do teu ceruleo jardim;
Vai colhendo com docura,
Com affagos e ternura
Os seus odores sem fim.
No retiro da saudade
Rendendo-te adoração

Verás com fidelidade
Meu sincero coração!
E dize lá das alturas,
Onde tão linda fulguras
A quem vive em minh'alma,
Que teu brilho é lenitivo
Do meu penar excessivo,
E quem minha dor acalma!

Pará 24 de Julho de 1854.

FREDERICO RHOSSARD.

Que coincidência.

Ja notaste, Filomena,
Singular coincidência?
Sempre o F junto ao E
Tem d'amor suave essencia!

F e E tem parte em—*feia*—;
Mais d'um E ja sóa—*és*—;
Tu principias por F
Eu por E—olha! não ves?

Com F se escreve—*fui*—
Sóa o E fórte, em—*pat-é-ta*—
Entre o E e o F existem
Sympathias de poeta.

Mesmo no nosso alphabeto
Primeiro escreve-se o E,
Apoz o F, tão juntos
Como co'a praia, a maré.

F e E começa meo nome,
Por F começa o teu;
Com'ao E' sta junto o F
Une teu amor ao meu.

Sejamos, Anjo, dous corpos,
Absorvendo uma alma,
Tenhamos a mesma palma
D'amor, e doce união.
Tenhamos tão uniformes
Os nossos mutuos querereres
Como o F e o E dous séres,
E uma só aspiração.

Sim?

—E—C. R.

Pensamentos.

—Ha uma certa união das almas, que se percebe ao primeiro encontro, e que logo produz a intimidade.

—Homem, que admira a altura das estrellas, e a profundidade do mar, deseje ao abysmo da tua alma, e admira-o se podes!

Advertencia.

—Em consequencia de termos mudado de entregador, talvez se deem algumas faltas para com os Srs assignantes; por isso rogamos aquelles, que deixarem de receber a *Sentinella*, se dignem reclamar nesta Typographia ao Editor, para se darem as providencias convenientes.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno.....6\$000 | Semestre.....3\$000

ANNO II.

S. LUIZ, DOMINGO 13 DE ABRIL DE 1856.

NUMERO 10.

Pensamentos de um louco.

(Continuado do n.º antecedente.)

Queres ainda ser poeta, litterato.....—pois bem,—sabe que a poezia, que a litteratura—quer dizer, a fome, a penuria, a desgraça, o sarcasmo, o desprezo e a morte; e apenas após a morte um nome abençoado ou maldito, conhecido de poucos, ignorado por muitos.

Não é isso péta—a historia está ali; a humanidade é quasi sempre ingrata para aquelles que mais trabalham em pró de seus interesses, que lhe dão a civilização, que é a luz, que nas paginas eloquentes de seus escriptos lhe levantam padrões de immorredoura gloria, que expiram com a penna entre os dedos, à luz semiturva da quebrada alampada, excogitando os segredos da felicidade do mundo!...

Socrates bebe a cicuta; Horacio e Virgilio mençam os favores de Augusto pela intercessão de Mecenas; Cicero é trucidado para satisfazer a vingança de Antonio; Seneca e Lucano são victimas dos desvarios de um monstro; Tasso vive vida infeliz e miseravel, soffrendo as torturas de um carcere, padecendo o desterro, té vir morrer quasi louco; Camões o immortal cantor das glorias lusas, Camões, o cysne melodoso e inspirado da Lusitania, esmola o obolo da caridade, repellido aqui e ali por aquelles a quem engrandecera—té ir dar o suspiro derradeiro na pobre enxerga de um hospital; Bocage prostitue o talento, vende a lyra, em que inspirado modulava—para não morrer á fome; Rousseau copia musica para sustentar-se, Moliere o protegido de Luiz XIV, deixa-se em casa por não ter sapatos; Chatterton, Gilbert, D. José de Lara morrem de fome, esmagando um d'elles a fronte vasta e espacosa de encontro ás escuras paredes de um carcere; Hugo—proscripto em Jersey; Chenier, enfim, o cantor da *Jeune captive*, victima de seu patriotismo, subindo os degrãos da guilhotina, battendo na testae exclamando....
...*A pourtant j'avais quelque chose là...*

Eis a sorte do poeta e do litterato.... embrenhando-se nas veredas a que sua vocação o chama, attralido irresistivelmente a penetrar no marmoso templo, em que se abriga a verdadeira gloria,—a mão pesada do destino parece cahir inextinguível sobre elle; vé perto o templo, e mais uns passos e parece tocá-lo;—illusão! como essas fadas dos contos arabes, o templo parece fugir, á proporção que elle se adianta; e bem vezes desanimado, com o suor sobre o rosto e o desespero

no coração, com os pés feridos de um caminhar sem termo—elle cahe desfallecido, para não mais levantar-se.

E ao depois, um pouco de terra sobre seus ossos, e tudo está dito....

E no entanto nada parece ser tão bello, tão doce, tão cheio de viço e de flores, como a vida do poeta.

A Sociedade assim o pensa e no seu engano ella não cessa de levanamente exclamar:—*Feliz como um poeta!*

E porque?—Elle pinta tão bem a natureza, exprime tão eloquentemente as paixões, falla de um modo tão suave a linguagem terna do coração, descreve os delirios do amor, os arrebatamentos da amizade, a ternura do amor maternal, o gozo, que produz a caridade, enthusiasma-se tanto pela gloria, canta tão vivamente os feitos heroicos, que parece ser seu coração um foco de suaves e deliciosas sensações, uma fonte inexaurível de amor e de felicidades, cujas aguas cristalinas fertilizando a aridez da terra, elle reparte com aquelles que a não possuem.

Ah! Como ficaria ella surprehendida se pudesse um instante só levantar a dobra do véo mysterioso, em que elles se envolvem; se pudesse entrar nas particularidades de sua vida intima, no santuario de sua existencia, admirara a austera severidade de sua vida e a coragem de sua abnegação!

Decepção e mais decepção, tortura e mais tortura, dôres, lagrimas e suspiros suffocados!...

Eis a realidade.

Um poeta, um litterato, uma das glorias d'esse paiz da civilização, d'essa França illustrada por tantas notabilidades, escrevendo o seu *René*, dizia d'este modo:

«Esses cantores são de raça divina, possuem o unico talento incontestavel de que o Céo fez presente á terra. Sua vida é ao mesmo tempo ingenna e sublime; elles celebram os deoses com bocado de ouro, e são os homens mais simples; conversam com immortaes ou com meninos, explicam as leis do universo e não podem comprehender os negocios mais innocentes da vida; tem ideas maravilhosas da morte e morrem sem a sentirem, como os recém-nascidos. Vendo-os de perto se comprehenderá toda a insufficiencia, que os opprime, todos os pezares, que os dilaceram!...»

Essas palavras são um grito sahido do fundo

do peito do poeta, um desabafo á sua dôr, uma censura atirada á face do mundo.

Quereis inda ser poeta e literato!—Sê—mas para chegares á meta, a que almejas, mister é soffrer. E ainda serás muito feliz, se, depois do soffrimento, conseguires alcançal-a.

Em outro paiz é forçoso lutar, mas a perspectiva é sempre bella; no nosso arrostam-se obstáculos insuperaveis, transpõem-se barreiras inacessiveis, e o resultado é duvidoso. Lá, em outras terras, depois de muitos exforços, pode-se conseguir ouro para comprar o pão;—aqui dá-se ouro, sem se ter com que comprar o alimento e a vida.

A litteratura entre nós vai ainda em começo; o Brasil, que tem seguido os exemplos da Europa, acompanhando-lhe os passos, desdenha ou olvida imital-a na protecção ás letras.

He factó. Os talentos apparecem, mostram-se, mas recuam desanimados, não encontrando apoio.

Estamos ainda na epocha dos interesses materiaes, das agiotagens, das especulações mercantis, talvez raie breve a aurora regeneradóra da litteratura.

Por ora não.

Se a França deixa ainda morrer de fome os seus poetas, levantando-lhes, ao depois estatuas, o Brazil negar-lhes-ha o pão, negando-lhes igualmente o browze, que incita a posteridade a imital-os.

Onde repousam os ossos do infeliz Gonzaga? onde o monumento consagrado á memoria do visconde?

A litteratura pois entre nós é a fome e o esquecimento.

Faz-se um poëma, escreve-se uma obra, e como imprimil-as?

Onde os editores—que concorram, que instem, que pesem-nas a ouro, que se empenhem em publicar-as?

Na Europa o author diz ao editor: Quanto me dais por esta obra? Aquí, é o editor, quem pergunta: Quanto me dais para imprimil-a?

Ha apenas uma mui pequena differença—a que porem separa um abysmo.

Ainda é cedo para nós; ainda em nosso horizonte não raiou esse sol, que vivifica o talento e a inspiração.

(Continúa.)

ALOCUÇÃO

Recitada pelo Conego Raymundo Alves dos Santos perante o cadaver do Illm. Sr. Aureliano A. Martins Franco, por occasião dese lhe dar sepultura no Cemiterio do Senhor Bom Jesus dos Passos na manhã de 15 de Março.

Eis-nos, Senhores, em presença do que resta do nosso sempre chorado amigo, o Sr. Aureliano Antonio Martins Franco, que hontem ás 2 horas da tarde entregou ao Creador uma alma pura e isenta de crimes, com quasi 60 annos de idade. Eis ahí mais um testemunho da realidade da nossa existencia—isto é—um testemunho de que nada somos.

Desde o momento, em que se esvae do invo-

lucro terreno a nossa alma, que representa a imagem e semelhança de Deos, o que resta? Para a terra essa massa inerte, pesada e já corrupta; para o ceo porem eleva-se a parte pura e incorruptivel—a parte espirital—essa, que vai gozar dos premios das suas obras neste mundo. é pois, Senhores, esse péso sem vida, que apenas contemplamos, e a quem rendemos os ultimos tributos de respeito, amizade e consideração, de que sempre e por demais digno se mostrou o distincto amigo, que ora lamentamos. Como poderei, Senhores, fazer calar em vossos corações a força da minha dor! avaliai-a vós mesmo pela vossa. . . .

Oh! por certo, essa manifestação, que acabais de dar em favor do nosso finado amigo, acompanhando seu cadaver até esta triste e silenciosa habitação, por certo, eu repito, muito depõe em favor da vossa piedade christã, e da maneira como avaliaveis o merito do illustre finado.

—Deos de piedade, não será por ventura uma blasphemia dos mortaes declamar contra o resultado final do nosso destino neste mundo, quando foi isso por vós previsto desde o peccado do primeiro homem?

Mas, que! como desarraigal do intimo d'alma esse sentimento innato, plantado por vós mesmo—a dôr—consequencia inevitavel da perda dos objectos, que para nós são caros neste mundo!

E' verdade, Senhor, que não podemos duvidar da vossa *Justicea sem peccado: e pois tranquillizai-vos, Senhores, o nosso amigo será recompensado por Deos.*—

Ema vida illibada, probidade a toda prova, severa moralidade de costumes, e por sobre tudo, não duvidosas provas de religiosidade, são, por certo, titulos por demais valiosos para arrancar das mãos de Deos a coroa do justo e plantal-a na cabeça do nosso finado amigo.

No espaço de tempo, em que cultivei a amizade do Senhor Aureliano Antonio Martins Franco, pouco para mais gozar de sua companhia, sufficiente porem, para avaliar, quanto para mim foi preciso, a sua sinceridade e caracter verdadeiro, nesse curto espaço, Senhores, não obtive os dados necessarios para uma necrologia propriamente dita; assim pois, limitar-me-hei a uma breve noticia dos factos mais geraes de sua vida, e por ventura quanto bastem para esta occasião.

Nasceu o nosso amigo no termo da villa do Itapicurú-mirim, nesta provincia, de uma familia honesta e dotada de poucos bens da fortuna, porem, bastantes para uma vida decente; frequentou nesta capital os estudos de humanidade, em que desenvolveu muita capacidade; retirando-se depois para o seio de sua familia casou-se com uma senhora distincta por sua reconhecida honestidade; este laço porem foi de curta duração com grande pezar seu, ficando-lhe o caro penhor d'uma filha, que ainda vive.

Regressando então para esta capital, contrahiu segundas nupcias com a Exm.^a Sr.^a D. Ignor Raymunda de Miranda Franco, que é hoje sua inconsolavel viuva, acompanhada de tres filhas.

—uma senhora já nubil, e dois ainda na idade da innocencia.

Desde então occupou emprégos publicos, que serviu com reconhecida honra e probidade, pois que sendo elles aliás lucrativos, não se prevaleceram do abuso e deixa sua familia no estado de pobreza.

Seu coração, onde se aninhava a paz e a caridade, não tolerou o abandono, de que estavam ameaçadas quatro senhoras orphãs, suas affins, e recebendo-as em seu seio bemfazejo, estimou-as sempre com amor verdadeiramente paternal.

Atacado ha tempos de padecimentos chronicos, e sendo d'uma organização delicada, tornaram-se elles por influencia da quadra actual por demais aggravados, a ponto de que, apezar da capacidade e illustração medica de dois dos primeiros facultativos desta capital, a par do mais desvelado tratamento, amor e caridade de toda a sua familia, não lhe foi desconhecido, que proximo estava o derradeiro dia de sua existencia.

A tudo assistiu. Não pronunciou uma só queixa contra sua sorte; nunca disse ao menos—sei que morro—no sentido de não derramar a consternação na familia, que tanto prezava, e em occasião opportuna, compenetrado de uma santa resignação, recebeu os sacramentos, mui contrito e reverente....

Desde que terminou sua sagrada missão o ministro de Deos, entrou o enfermo em agonia, e não havia algum soluço comprimido, pedia logo, que o não desanimassem....

Confesso, senhores, ainda não presenciei naquelle momento de dor, estando o paciente no uso perfeito de suas faculdades intellectuaes, tanta presença d'espírito!....

Finalmente elle ali vai descer ao tumulo; seja-nos cara a sua memoria.

Basta, não abusarei mais da vossa bondade; tão pouco miro á gloria neste momento—vós comprehendes perfeitamente, quão grande é a consternação, em que se acha a familia do nosso finado amigo, que já não tem lagrimas para chorar pela perda irreparavel, que acaba de soffrer, do seu querido Pai.

*Requiem aeternam dona ei, Domine,
Et lux perpetua luceat ei.*

(Da Saudade.)

AMIGO FREDERICO ROSSARD.

—Hontem recebi o teu favor, cobrindo o—Diario do Gram-Pará—n. 171, no qual me honraste, para exarar em meu *album*, com a poesia—A ESTRELLA D'ALVA—divina producção do teu juvenil, mas animado engenho poetico!

Os mellifluous accentos de tua Lyra calarão-me a alma e só podera apagal-os o gélido do tumulo.

No meio do meu pungir, almejei acordar meu torso e rude alaúde, para retribuir tua benevolencia, mas os seus seidos ficarão nimiamente áquem dos do teu, tão bellamente afinado!—A

falta, porem, de elegancia, acolhe os anhelos com que busca corresponder-te o

Teu amigo
J. C. DE BRITO.

O meu exilio.

Un souvenir affreux fait tout mon tourment!
HELOISE.
Obligé d'étouffer mes plaintes sans échos.....
LAMARTINE.

BARDO, que d'uma estrella,
Que no ceo viste, singela,
Formaste maga capella
Para meu *album* cr'oar;
Consente, que minha lyra,
Que n'este exilio suspira,
A gratidão te refira,
Do que me acabas de dar.

Enamorou-te o luzeiro
Da madrugada serena,
Como ao triste romeiro
Enamora a doce avena!
Libaste no seu fulgor
Esse prisma seductor,
Que corações extasia!
Nas aéreas regiões
Achaste as inspirações
Da mais ridente magia!

Bebeu-te Deos o condão
Da celeste melodia,
Verteu-te no coração
O nectar da ambrosia,
E, com pé altivo, ousado,
Qual JOCELYN, inspirado,
Descantas na Lyra tua
Essa estrella rutilante,
Que tem brilho fulgurante
Quando nos astros fluctua!

E teus vãos divinaes
Contem em si a doçura,
Que n'estes não ha jamais:
O meu presente é tristura,
O meu viver todo agroso,
E quem sabe se espiuhoso
O porvir hade sorrir-me?!
Este penar tão sangrento
Hade o futuro cruento
Ao coração repetir-me.

Embora eu, triumphante,
Possa á *hydra* scelerada
Dobrar o collo possante;
Fica-me n'alma gravada
Esta epocha de lucto,
Este «pranto nunca enxuto,»
Que pelas faces me brota!
Mas então, este passado
Ser-me-ha suavizado
Por uma *strella* ignota!

Releva, se meus lamentos
Te vão no seio calar!
Teus maviosos accentos
Vierão-me despertar

Essas ridentes manhãs,
Que desabrochão louças
Ao cabo do tempo dado!
—Um anno vai que não gozo
O despontar radioso
D'istante tão animado!

—Como será inspirante
O primeiro que fruir!
Como no val odorante
As rosas m'hão de sorrir!
Das fontes o serpear,
Do zephiro o murmurar,
Do sabiá o trinado;
Que grata recepção
Para o fragil coração,
Que jaz d'espinhos cravado!

A virgem das florestas,
Que o seio inda m'habita
É já descrida—As arestas
D'essa luz, qu'inda crepita,
E que se chama esperança:
Refletem com esperança:
Seu brilho vai apagado,
Qual fanal amortecido,
Que jaz nas trevas perdido,
Sem nunca ser encontrado!

Esta pagina é escura,
Como em noite de tormenta,
Ao viajante d'altura
E negro o mar, que rebenta!
No meu seio ha outro mar,
Onde sempre á rebentar
Jorra o pungir em cachão!
Quando bonanças espera
Revive a nova cratera
Em chammejante volcão!

Assim vai a minha vida
Entre abrolhos caminhando,
Qual florinha, que cahida
Os homens vão engeitando!
Oh! vai assim! . . .—Esta sorte
Tem mais agruras, que a morte!
Veze mil não ter nascido
Do que este viver cruel,
Do que este vaso de fel
Lentamente assim bebido!

Pará, 28 de Julho de 1854.

J. C. DE BRITO.

O canto do Bardo.

Em noite invernosa no cimo do monte,
Um homem se achava rendido d'amor,
Trazendo a seu lado a lyra saudosa,
Companheira fiel do triste cantor.
Trajava de negro, seu rosto era pallido,
Sua voz era fraca, o Bardo sentia,
Emfim tão saudoso de tanto pensar,
O pobre cantor assim principia:

Tangendo na lyra as cordas sonoras,
Cantando saudoso o seu triste fado;
O Bardo infeliz, assim meditando,
Revelava ao Senhor, o tempo passado.

Em silencio um pouco meditou, pois não ouvia
E nem sentia;
Tendo só por testemunha a fusca lua,
Que no horizonte se via.

«Tenho vertido pranto por uma ingrata
«Que não sabe avaliar o que é—amor—
«Tenho amaldiçoado a minha sorte,
«A sorte de um Bardo trovador.

«Eulina cruel, tu és a motora,
«Do pranto saudoso, que tenho vertido;
«Tu foste-me falsa, perjura infiel,
«Só tu es a causa do que tenho soffrido!

«Votei-te amor firme, constante e sincero,
«Rendi-te oblação, amei-te... e amaste-me!
«E tu oh! mulher, só foste falsaria,
«Pois em troca d'amor desprezo lançaste-me.

«Mas tu sempre és mulher! por isso es assim
«Falsaria e perjura!
«É quanto basta adeos»—assim cantando
O Bardo adormeceu.

S. LUZ, 10 de Janeiro de 1856.

Um beijo faz-te mal?

Dar-me um beijo, Marilia, faz-te mal,
De tua bocca a innocencia acaso rouba?
Ah! Marilia, meu bem, não julgues tal!
Um beijo! nossas almas só arrouba!

Beijos ha, que só tem de beijo o nome,
Nelles, não ha amor, não ha respeito;
Nelles, ha de lascivia torpe fome,
Que passa, mal o gozo satisfeito!

Mas um beijo qu'eu peço respeitoso,
Não he mais que d'amor, doce signal;
Um beijo, que me dês, faz-me ditoso,
Um beijo, que eu te dê, não te faz mal!

Afugenta, meu amor, do teu espirito
Esse receio em tí, tão mal fundado;
Um beijo é da alma terno grito,
He prova d'amor, por amor creado!

Não receis, Marilia, dar-me um beijo,
Sirva elle de sello ao nosso amor;
Accede ao meu pedido, ao meu desejo,
E do amor, que me tens—seja o penhor—

E. R. C.

A SENTINELLA.

PERIÓDICO SOCIAL E RECREATIVO.

A *Sentinella* publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno 6\$000 | Semestre 3\$000

ANNO II. S. LUIZ, SEGUNDA-FEIRA 21 DE ABRIL DE 1856. NÚMERO 11.

A SENTINELLA.

Estréa da Companhia Lyrica.

—Hontem, domingo 20 d'Abril, estreou a companhia lyrica do nosso theatro de S. Luiz, da empresa do Sr. José Maria Ramonda, na tragedia *Gemma de Vergy*, musica do Sr. *Donizetti*.

Ardendo como estavamos em desejos d'apreciar os nossos cantores, que tam elogiados tem sido tanto fora como ja dentro do imperio, não fazíamos ao espectáculo, e com nosco muitos *dilettanti* se apresentaram.

Com effeito, em geral, a companhia agradou-nos a a todos; os repetidos applausos, que o illustrado publico maranhense lhe prodigalizou, bem o attestam, e torat alguns pequenos defeitos, quasi nada temos a registrar por censura.

Em consequencia da granda concorrência, tambem grande foi o alvoroço, e por pouco que a mesma policia perturba a ordem, felizmente não houve novidade.

Pareceu-nos o interior do theatro pouco illuminado, visto que o máo candieiro do centro não é sufficiente para derramar toda a luz, que se faz mister naquelle vasto espaço; bom é que o empresario economize em outro artigo. É sem duvida uma das principaes necessidades d'um theatro regular a sua illuminação.

No primeiro acto andou o quer que fosse de mal ordenado, pois que, pareceo-nos, alguns cantores como que ficavam isolados nos recitativos; entretanto, se a musica andou mal nesta occasião, não foi por certo devido ao regente, que muito activo a dirigia; é que nem todos são para tudo; sendo que os côros ás vezes atrasavam, mas, não admira, porque são elles compostos de môtos pouco mestres na arte, e merecem desculpa.

Digamos porem o que de certo nos pareceu, do segundo acto em diante tudo andou bem. O *duetto* do conde de Vergy e *Tamas* absorveu-nos e no *terceto* destes e *Gemma* ficámos maravilhados; a musica entam era forte, harmoniosa e concertada, e *Tamas* principiando, é um tenor *bravioso* e doce, porque está todo possuido de ternura pelo perdão da vida, que pretende offercer por amor da bella *Gemma*, sua generosa protectora.

Em sua cavatma *Ida de Greville* mostrou, que

lhe não faltava graça e ternura para seduzir o coração do esposo de *Gemma* e a Sr.^a *Angelini*, sobre sua graça pessoal, envolvida na côr da pureza, preencheu dignamente o seu papel; e sem querermos dar-lhe preferencia sobre a Sr.^a *Roset*, com temor d'excitar descontentamento, diremos, que foi, como ella, victoriada; por quanto se nos transportes d'alegria pelos laços, que estava *da* para contrahir, fazia brilhar o seu talento comico, *Gemma* não menos revelava sua forçano tragico, quando se lamentava ou se indignava pelo immerecido repudio, pois que em seu desespero e afflicção d'esposa, não se perdoava de sua involuntaria esterilidade.

O Conde de Vergy, homem de guerra, é sempre o valente cruzado, tam forte nas armas, como *tenho* no amor, e bem digno é o Sr. *Jose d'Hyppolito* dos applausos, que lhe tributaram.

Tamas, oh! o Sr. Tancredo por certo dispensará os nossos elogios, porque com justo titulo tem-nos merecido; a sua voz é, alem do que ja dissemos, superior ao que temos ouvido, e fôra preciso uma dobrada orchestra para supplantá-la.

Não omitiremos no nosso registro *Rotando*, o escudeiro, e *Guido* o amigo do conde, os Srs. *Cantaveli* e *Ballico* agradaram-nos no seu genero.

O assumpto da tragedia é mui bem escolhido—e optimamente revela essas paixões romanesca dos seculos da cavalleria, do veneno e do puhal, e os seus lances são sempre ou quasi sempre vivos e arrebatadores.

Com quanto não sejamos musico *ex professo*, somolo d'ouvido, e por demais agradaram-nos essas peripecias harmoniosas, emanadas da fonte musical do sublime genio de *Donizetti*.

Longe iriamos, se quizessemos levar a nossa resenla com toda a minuciosidade, como desejanos; nas attento o acanhado espaço do nosso jornal, aqui ficaremos por em quanto, e mais tarde por certo não nos faltará oportunidade.

Não finalizaremos comtudo o nosso artigo sem nos congratularmos tambem com o habil pintor do scenario, que pelo bem acabado de seu trabalho, foi com a companhia chamado a scena, e deste modo foram todos entrondosamente applaudidos, restando-nos dizer, que o regente da orchestra é um habilissimo professor; porque bem sabidas são as difficuldades, com que luctou, para apresentá-la.

UM AI! DE DESPEDIDA.

ODE.

OFFERECIDA AO MEU LIANO AMIGO
Francisco Henrique da Luz.

I.

Transido das dôres da saudade,
Banhado no pranto da tristeza,
Vou acenar!
Ao amigo, que parte um mesto adeos,
E a elle dedicar.

Recebe este adeos amigo,
Mudo adeos de despedida;
Vai banhado com meu pranto
No momento da partida.

Collega, amanhã, sim amanhã;
Do fado imigo a mão te arrancará
D'entre meus braços!
Amanhã, amanhã, horrída nuvem
Meu peito cobrirá!

Desd' agora eu chorarei
Tua saudosa partida,
Que jamais olvidarei
Té findar a triste vida.

Ja vem despontando a rubra aurora;
Ja hi o momento se approxima
De embarcares;

E meu coração, todo comprimido,
Lança suspiros!

Ja vais, ó charo amigo,
As ondas te offerecer,
Em meu peito fica um vão,
Que ninguém pode preencher.

O mar todo borbulha, e eu ja diviso
Nos mastros o nauta estar içando
As brancas velas!

O ferro levantar-se e o grão baixel
Arrogante mover-se!

Ja se vai, cortand' os rizes,
Sulcando os mares veleiro
O navio, que conduz
Meu amigo verdadeiro.

II.

Assim como da flor mimosa pende
A haste de tarde, quando a deixa
Saudoso sol!

Assim minha frente está curvada
Pela tua ausencia.

Mas eu me consolo,
Porque vais buscar
Na patria das luzes
Com que t'illustrar.

Neste vasto horizonte afogueado
Sem cessar fito os olhos e procuro,
Mas em vão!

Ancioso o amigo, que tão longe
Vai estudar!

Permitti, ó Deus,
Que seja feliz,
Cumprindo os desejos
Que volte ao paiz.

Tu vais habitar muito distante
Da patria, em que primeiro viste
Baixar o sol!

Mas, animo, tens pais orão por ti
Ao Deus poderoso!

Teus passos vacillantes nessa patria
Deus guiará com aquella estrella,
Que os magos guiou!

E far-te-ha colher os doces fructos,
Que tanto almejas!

Adeos, ainda repito, ó charo amigo,
Única consolação, que me restava
Nesta solidão!

Eu espero, porem, que nunca esqueças
O teu collega!

E sempre lembrado
No meio do folguedo
Lances tuas vistas
P'ra este degredo.

Mas, um abraço da-me em despedida,
Que ligue nossos corpos para sempre
N'uma só alma!

E faça com que jamais deslembres
Este terno coração!

III.

Sobre a bonança, cesse a calma,
E ao porto desejado te condução
Propicios ventos!

Uma vida risonha nessa plaga
Estimo, que pascas.

Que gozes alegres dias
Cariços de vida e primor,
Eis o que ambiciono
Com afan e com ardor.

IV.

Embora gema eu nesta espessura,
Embora chore os tempos, em que juntos
Então vivemos;

Mas, quero saber, que a tua estrella
Bella te luz.

Embora meus olhos se humedeção,
Quando me recordar de ti ausente
Em patria estranha!

Mas, quero saber, que o teu porvir
Risonho prosegue.

Se da musica na patria e da pintura
Um dia, uma vez te recordares
Da tua terra;

Lembra-te de mim, sincero amigo,
De todo o coração.

V.

Tu vais desabrochar, qual nova rosa,
Nesse paiz tão bello e tão ditoso
Os teus perfumes;

Tu vais desenvolver o grão talento,
De que foste dotado.

Tu vais honrar este imperio
Novel na illustração,
Vais honrar a tua patria,
Vais honrar o Maranhão.

Não eliminas meu nome, por' star longe;
Sê, como o sabiá, que sempre adeja,
Modulando seu canto,
De ramo em ramo procurando
A sua amante;
E jamais infiel della se esquece
Um só instante.

Inda que a ausencia
De mim te afastou,
Não passes a esponja,
No nome do amigo,
Que sempre te amou.

15 de Abril 1856.

CRI.

Crime horroroso.

—Com este titulo lê-se no *Jornal de Madrid* o seguinte artigo:—

Um dos mais acreditados medicos de Madrid o dr. Sanchez Toca foi chamado ha poucas noites para ver um enfermo de gravidade. Desceu e achou-se entre dois mascarados, que lhe apresentaram duas pistolas, e o obrigaram a seguil-os, pondo-lhe uma venda nos olhos. Metteram-no em uma carruagem á força e o levaram por diversas ruas e travessas; por fim o apearam e conduziram a um ultimo andar, onde lhe tiraram a veadá e lhe mostraram um leito, e nelle uma senhora mascarada com as dores do parto. A cabeceira do leito estavam tambem mascarados um homem e uma mulher. Salve o filho, inda que a mãe morreu. Foi a primeira vez que se viu. O medico fez o seu officio e foi feliz, salvando a criança e a mãe. Segunda ordem: de agora uma sangria no pé á mão. O doutor tremeu e não quiz, então lhe pozeram um punhal ao peito. O doutor deu-lhe uma pequena sangria, que lhe não permittiram fechar. Pagaram-lhe bem, exigiram-lhe juramento de guardar segredo, e conduziram-no ao sitio, donde o tinham ido buscar, com o mesmo ceremonial, e fazendo os mesmos torcicolos.

Diz-se, que a Senhora é irmã de dois ricos capitalistas do Perú. Joven de singular formozura, e que se deixára seduzir por um mulato, caixeiro de casa. Estas relações estiveram em segredo alguns mezes, mas uma criada com ciumes ás descobriu aos irmãos. Convencidos estes deste successo, e do estado de sua irmã, abandonaram com ella o seu paiz, e passaram para a Europa. Sofreram na viagem um forte temporal, e chegaram a Madrid com tenção de partir para Biziz, o que não puderam fazer pelo perigo da viagem, e estado da infeliz.

Dizia-se, que já tinha sido descoberta a casa, aonde se passára a terrivel scena, e até se dizia que os actores, que nella figuraram, tinham fido, fronteira de Portugal, conduzindo um caixão, que figura um piano, onde encerraram a victima.

Queixumes.

Coridon, Coridon, que te dementa capta?
(VINGLIO.)

Meus suspiros vão quebrar-se
Nas lagas do teu desdem,

Como, n'um rochedo, as vagas
Em continuo vaivem—

Não se move esse teu peito,
Filomela innocentinha!
Eu amo-te, porque não queres
Responder á paixão minha?

Inda és muito infantil,
Para entender minha dor,
Quando cresceres, então
Saberás o que é amor.

Sentirás lethal ciume
Todo o peito te escaldar;
Gastarás tardias noites
Em suspiros, e scismar!

Minha quadra, vai passando,
A tua logo ha-de vir;
As magoas, que hoj'eu sinto,
Algum dia has-de sentir!

Bem como a vaga ruidosa
Ruge na praia amarélla,
Assim em meu peito um echo
Constante, diz: Filomela!

Foge, volta, torna a ir,
Retoma novo vigor;
Qual avezinha na rama,
Oscillo no meu amor.

Quero a um tempo, e desquero;
Logo apoz torno a querer,
Entre o desejo e a incerteza
Passo esta vida a—currer!...

Março 5 de 1856.

(O TRUÃO DE APOLLO.)

POESIA

O. D. C.

À Illm.^a Sr.^a D. S. Gertrude M. no dia 8
de Abril de 1856. anniversario de seu
natalicio.

I.

Eu quizera, linda virgem,
Descrever o teu natal,
Quizera um hymno cantar-te
Em dia tao festival.

Mas não tenho esse talento,
P'ra que, na lyra arpejando,
Um doce canto tirando
Te offertasse.

II.

N'este dia venturoso
Tudo é prazer, tudo amores!...
Douram-se os montes, os bosques,
Ostentam mais vico as flores!

A saudar tao lindo dia
Contentes sabem dos ninhos,
Soltando ternos gorgeios,
Os mimosos passarinhos!...

III.

« Aceita da Lyra o canto,
 « Que sei, que não pode tanto
 « Em perfeição!...
 « Mas teu Natal e teu Nome,
 « Sempre terá renome
 « Dentro do Coração.

Toujours le meme.

Minha linda—*Filomane*—
 Huma nova te vou dar,
 Ja sou—Segundo Sargento—
 Do Paço do Lumiar.
 Na primeira Companhia
 Do Terceiro Batalhão
 Has-de-me ver perfilado
 Do lado da esquerda mão.

Quando em dia de parada
 Vier a gente do—*Paço*—
 Verás meo pórtte garboso,
 Meo *Martio* desembarço.

Calsas brancas, hem gommadas;
 E fardão de cór de—*Macho*—;
 Correame luzidio;
 Barretão co'o seo penacho.

O clavinóte hem alvo,
 Que dirão todos: *He prata!*
 Tu mesma te enganarás,
 Tu, *Filomane*, ingrata!

Quando gritar o Major:
 « Hombro armas! perfilar!... »
 O meo penachinho verde
 Ha de co'o vento brincar.

(a proposito)

A cor, que tem meu penacho,
 Se me não foge a lembrança,
 (Porque sou muito abstracto)
 Não quer dizer: Esperança?

(Sim)

Esta esperança, que alento,
 He qu'um dia m'has-d'amar,
 E se não for nestes dias,
 Será quand'eu me fardar.

(porque fico mais bonitinho)

Quando voltar do serviço,
 Hei de á tua porta correr,
 E cheio de amor, e jubilo
 Continencia te fazer.

E tu ja terna ovelhinha,
 Dar-me-has mago sorriso;
 Hei-de nelle ver amor—;
 Em teu rosto o Paraiso!

E depois: Volta á direita!...
 Só Sargento, arraste a aza!...
 Diga adeus ao seo Anjinho,
 E volver! marcha! p'ra casa!...

(ah! como será bello!)

O TRUÃO D'APOLLO.

Motte.

As meninas Maranhenses
São estrellas cá do norte.

Glosa.

Bem como as Fluminenses
 São do Sul a primazia,
 São cá do Norte alegria
As meninas Maranhenses.
 Distino não me atormentes...
 Tu queres me dar má sorte:
 Porem heide até a morte
 Consagrar minha affeição
 Aquellas, que com razão
 São estrellas cá do norte.

Pensamentos.

—A fortuna ajuda os atrevidos, mas tambem muitas vezes os abandona.

—O homem atrevido dura como vaso de vidro.

—Nós não somos tudo o que queremos, por que não nos atrevemos a tudo o que podemos.

—A attenção é buril da memoria, é o olho do pensamento, que se fixa, é a imagem do arco estendido na direcção do objecto, a que se quer atirar.

A attenção é uma especie de microscopio, que engrandece os objectos e nos faz descobrir nelles propriedades, que escapam á uma vista distraida.

—A attenção do publico não póde corresponder a todos os que a reclamam.

—Procurai ganhar com vossas attensões benéficas aquelles, a quem vossos successos fatigam.

—Toda a vida não é senão a estrada da morte.

—O primeiro passo, que o homem dá na vida, é tambem o primeiro, que o avizinha da morte.

—Todos os dias caminhamos para a morte; o ultimo é o que se chega a ella.

—Apenas começamos a nascer, começamos a morrer, a nossa vida é uma prolongada morte.

—Esta vida é o berço da outra. Quem quer morrer bem, deve bem viver.

—A obra toda da vida é a fabricação da morte.

—A vida para o homem do mundo é um inexplicavel esquecimento; para o homem religioso, é a meditação da morte.

—O somno da morte é o nivelador mais poderoso das desigualdades sociaes. Quando elle apparece, não ha nada, que distinga o Rei mais opulento do mais miseravel mendigo.

—A morte não poupa o fraco nem o forte.

EXPLICAÇÕES DO N.º 7.Logogripho—*Limonada*—.Charada—*Coriolano*—.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A *Sentinella* publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno.....6\$000 | Semestre.....3\$000

ANNO II. S. LUIZ, SEGUNDA-FEIRA 5 DE MAIO DE 1856. NÚMERO 12.

A SENTINELLA.

—Neste seculo de civilização é sem duvida criminoso o individuo, não tanto por ser ignorante—nem todos doutores—mas, porque atropelle ou persiga essa mesma civilização.

A musica, essa arte divina, foi e será sempre apreciada—não seríamos, *a contrario*, nós, que a fustigássemos; pedimos a todos, que não nos julguem tão selvagens.

Por occasião da estrea da companhia lyrica demos no nosso ultimo numero (de 21 do p. p.) um artiguinho feito ás pressas, em que, d'envolta com pequenas censuras ao material do theatro, applaudimos o merito dos cantores; para logo appareceu no *Diario do Maranhão* de 23 um *correspondente*, que *devoção copoando* o nosso artigo a ponto de pedir áquelle jornal a sua transcripção, atira-nos á cara com uma insinuação totalmente aleivosa, dizendo: a transcripção... desse juizo, só porque parte elle *de pessoas, que se mostravam completamente desaffectedas ao Sr. Ramonda e á sua companhia &c.*

Em verdade, pelo facto da transcripção, muito agradecemos, todas as vezes que nos fizerem essa honra; o motivo, porem, reprovamos.

Em nossas columnas jamais estampámos artigos contra o Sr. Ramonda ou sua companhia, pois que não queríamos envolver-nos em questões *lyricas*; e porque emittissemos uma qualquer opinião a respeito em algum circulo d'amigos, seríamos criminosos?

Estaremos em tempo de soffrer accusações pelos pensamentos, alem das obras? Com effeito, é summamente *lyrico* o digno correspondente, a que alludimos!

Altamente declaramos, que na boa ou má posição, em que se collocou o Sr. Ramonda, não foi por certo por causa do nosso jornal, mas, sim por sua fortuna, sendo que, se, pela successão dos factos, como se deram até sua estrea, os quaes foram variada e acremente avaliados pelos jornaes desta cidade, em cujo numero muito figurou o proprio *Diario*, nem por isso se envolveu, nem se tem envolvido, na questão a companhia, que nenhuma responsabilidade tem das falhas e erros voluntarios ou involuntarios do emprezario.

Não iremos avante. Sem pretendermos discussões, limitar-nos-hemos a dizer, que se re-

flexionámos em particular acerca do emprezario, jamais accusámos a companhia, ao contrario diremos—que tem ella bem merecido do publico maranhense.

—Temos assistido ás representações lyricas, que se tem seguido á estrea—quatro noites,—visto que uma annunciada não teve effeito, em consequencia de enroquecer d'uma angina o Sr. *Taucredo Remorini*, pelo que até foi obrigado a applicar sanguessugas; na segunda noite, a contar da estrea, houve pequena concorrência, talvez por causa da copiosa chuva, que cahiu toda a tarde e parte da noite; na terceira cresceu o numero d'expectadores; na quarta e quinta noite *Genina de Verghy*, que tem sido o forte do *empresario*, foi decapitada! tirou-se-lhe a cabeça, o primeiro acto, e pregou-se-lhe com uns trechos da opera o *Trovador*; áquelle alluiu muita gente, apezar da chuva, á esta porem pouca; sempre assim será, mais ou menos, á proporção do que fór apparecendo de novo, mesmo por que a nossa gente theatrista é quasi sempre da mesma cara, e não se pode alargar muito nesta cidade o numero de *dilettanti*, por que não é ella das mais populosas nem das mais ricas.

Os trechos são dois *duettos*; delles o segundo é melhor, (isto não affecta os cantores) por que a musica alem de mais viva e energica é mais estrondosa e alegre, entretanto os cantores em todas tem brilhado, sendo que muito e cada vez a mais apreciamos com especialidade o Sr. d'Hippolyto e a Sra. Rebussini, que na ultima noite foi coroada de muitos ramalhetes de flores.

Felizmente ja se vai lembrando o Sr. Ramonda de melhor illuminar o theatro; nestas ultimas noites ja appareceram umas velinhas em redor dos camarotes, que vieram ajudar o capital do lustre em forma de funil.

A Recompensa da fidelidade.

—Houve na Persia um Rei, que teve a virtude de desconfiar se seus aulicos lhe fallariam sempre a verdade; e desejoso de ver seu povo em toda a sua simplicidade, e de o ver obrar e fallar á sua vontade, determinou-se a deixar por algum tempo o aparato de sua corte, e viajar incognito as provincias do seu Reino; e para o acompanhar escolheu d'entre os Cortezãos hum que elle conhecia como mais sincero, com o qual

foi correndo varias villas e aldeas. Nesta digressão vio o Principe, que os humildes habitantes daquellas povoações no meio de danças e folias se entretinham alegres e contentes com mil divertimentos innocentes; e não foi pequena a sua admiração e alegria, quando tão distante da Corte encontrou prazeres tão faceis e tão socegados. Hum dia que elle tinha boa vontade de comer pelo largo passeio que dá, entrou para jantar n'uma daquellas humildes choupanas, e notou que a grosseira comida, que lhe apresentaram lhe soubera melhor do que quantos guizados por mais delicados e exquisitos de que abundava a sua mesa.

Outro dia atravessando uma espaçosa campina matizada de flores, a quem amenizava um pequeno arroio, que por alli corria, divisou á sombra de um frondoso Ulmeiro um pastorinho tocando na sua flauta atrás de um pequeno rebanho, que conduzia a beber: perguntou-lhe o Rei como se chamava, e delle soube que seu nome era Alibéo, e que seus pais moravam naquella monte visinho. Tinha este moço uma guapa figura, sem com tudo ser afeminada tinha muita viveza, sem altivez, nem petulancia; nelle não havia a mais leve presumpção de ser superior em galhardia aos outros pastores daquelle sitio; e apesar que a arte nada tinha nelle aperfeiçoado, era com tudo devedor á natureza de um talento mais que ordinario, e por si mesmo bem desenvolvido. O Rei amou-lhe conversa, e falou muito de ouvir o pastorinho; aprendendo de sua simplicidade muitas cousas, que interessavam á prosperidade de seus povos, e que nunca tinha ouvido da boca de seus conselheiros; muitas vezes se surria vendo a ingenuidade com que este moço exprimia os seus pensamentos sem se referir a ninguem. «Agora acabo de crer, disse o Monarcha virando-se para o seu confidente, que a natureza não é nem menos bella, nem menos amavel em as ultimas condições da sociedade, do que em as classes mais elevadas; Principe algum me pareceo tão amavel como este pastor, que vive com o seu rebanho: qual seria o pai que se não daria por venturoso tendo um filho dotado de tão gentil aspecto, e de uma alma tão bem formada? Estou bem certo, que se a este moço se desse uma instrucção scientifica, aperfeiçoar-se-hião consideravelmente seus talentos, e viria a ser um homem de grandes partes, de quem eu me poderia servir com maior utilidade.» Decidio-se logo o Rei a levar consigo Alibéo, na intenção de lhe dar mestres, que o instruissem em todas as sciencias e artes, que podem ornar o espirito.

Apenas chegarão á Corte, ficou Alibéo maravilhado de seu esplendor, e dos magnificos objectos, que alli encontrou, e que nunca tinha visto. Que mudança tão imprevista e tão repentina se não offerece a seus olhos! E que impressão não deve ella fazer em sua alma, e em seu caracter?! quando em lugar do cajado, da flauta, e do surrao, e dos mais utensilios de pastor se vê ataviado com uma opa de purpura, recamada de ouro, e com um turbante na cabeça cravejado de diamantes?!

Impressão lisonjeira e seductora, que a outro qualquer podia deslumbrar e inspirar sentimentos de soberba e orgulho, mas que a Alibéo só fez convencer da necessidade que tinha de se dar ao estudo das letras para bem merecer o que ja gozava. Deo-se com effeito ao estudo com toda a assiduidade; e como a natureza se não mostrara para com elle mesquinha em seus dons facil lhe foi aproveitar tudo que a arte podia ministrar; e em pouco tempo appareceu feito um homem de estado, com cabedal de sciencia capaz de dirigir os mais importantes negocios: respondia por este modo Alibéo á idéa, que o Monarcha delle fizera, e todos os dias se fazia mais digno da sua estima, e acredor de sua amizade, que elle lhe consagrava como se fóra seu proprio filho; e de tal guiza, que conhecendo-lhe uma decidida inclinação para tudo que era de bom gosto e magnifico, nomeou-o Guarda-joias do seu Paço, emprégo dos mais importantes da Persia.

(*Continúa.*)

POESIA

REBUSSINI.

I.

Por que *Gemma* infeliz soffre repudios,
Hade a bella e mimosa *Rebussini*
Com magos cantos maltratar-nos a alma?!!!
Que temos nós com desleaes amores?

Donizetti—tambem não es culpado,
E nem disso as bellas e maviosas notas,
Com que traduzes de *Romani* o drama.
A ti devemos, harmoniosa *Gemma*,
A ti somente as afflições custosas,
Com que nossa alma suspirar fizeste.
Fada ou silphide, visão ou mero sonho,
Cantora... quem te deo tam doces echos,
Quando teus labios se desfazem em cantos?

II.

Na flôr das agoas o feiticeiro cysne
Com graça mais gentil não vem boiando,
Que a bella *Gemma* percorrendo o palco.
Da sandosa *Aleion* es viva imagem,
Quando lamentas os passados tempos
Desse perfido, ingrato e desleal esposo—
Nem tem a rola mais sentidas queixas
Do morto companheiro, e nem o chama
Com mais ternura, do que a perda choras
Do amante, que por outra vai deixar-te—
Tambem se da ternura os teus affectos
Por oppostos affectos os permutas.
Não ruge o tigre com mais insana ira,
Nem mais indomito se encapella o mar.

III.

Quem pode tranquillo ouvir as harmonias,
Que essa Cantora nos infiltra n'alma,
Sem dar-lhe bravos, isenção, e encomios?
Quem não lhe entrega o coração escravo
Das doces notas, que sem custo exhala?

Quem não vive contente, e não se eleva
 Conforme os cantos da maviosa *Gemma*?
 O rouxiol saúda a matinal aurora
 Com arganteios, que emmudecem as selvas:
 O ourado canario bolicoso
 Enche a gaiola de aprazíveis cantos:
 Mas Rebussini, emmudecendo o palco,
 Nos arrebatava a regiões ignotas.

O beijo no ar. (*)

Não sei que sentia, se estava dormindo,
 S'era acordado, ou ledo sonhava,
 Na hora ditosa, em que a teu lado
 A voz eu te ouvia, que meiga fallava.
 Teu meigo semblante, tão bello, meu anjo,
 A nuvem cobria de maga tristeza,
 Teus olhos senhores dos olhos formosos
 Que fallas fallavão com tanta belleza!
 Hum dôce sorriso pulsado nos labios,
 Formosa, eu não vi, que tristes estavão;
 Com as tranças mimosas dos negros cabellos
 As auras serenas contentes brincavão.
 Discreto, eu confesso, não pude te ver...
 Fallei-te d'amor, fugiste de mim!
 Busquei-te outra vez—paraste chorosa,
 Não fujas te digo. Respondes-me—sim.
 Prendi-te em meus braços, donzella querida,
 Um beijo amoroso quiz meigo te dar...
 Então despertei, que estava sonhando,
 E o beijo perdido, foi dado no ar!

Maranhão 1 d'Abril de 1856.

C. C. F. Rosa.

Pensamentos.

—Nas assembléas deliberantes, apezar da eloquencia e das cabalas, o ventre arrasta quasi sempre a cabeça.

—As grandes assembléas se reduzem a bem pequenas, e estas muitas vezes a um só homem.

—O Eterno, quando executa a sua justiça, derrama o espirito de vertigem nos conselhos dos reis e nas assembléas das nações.

—Refugiái-vos nos templos, quando a infelicidade vos acometter; elles são asylos dos desgraçados.

—O ambicioso não achará em todo o globo, que elle quer conquistar, um asylo contra a dor, nem contra a morte.

—O atheismo espiritualiza a materia, e materializa o espirito.

—Nos homens não ha sufficiente ignorancia, para serem verdadeiramente atheos.

—Os primeiros passos para a philosophia podem conduzir ao atheismo; mas, a verdadeira philosophia o condemna e o repelle.

—O insensato diz em seu coração:—Não ha Deos, não ha outra vida;—mas a idéa de Deos e da immortalidade da alma está ali gravada com caracteres indeleveis.

(*) Vide a *Marmota Fluminense* n. 523 de 17 Novembro de 1854.

NOTA DA REDACÇÃO.

—Sente-se, que existe Deos, e não se sente que elle não exista. Assim o atheo tem contra si seu proprio sentimento.

—Aquelle, que nega a existencia de Deos, é como o filho, que nega seu pai.

—Tudo quanto existe revela a existencia de Deos; o céo e a terra a publicam de concerto; os Atheos são os unicos, que a desconhecem, ou a regeitam.

ACROSTICO.

M—ulher pura e fiel não ha no mundo!

A—melhor, affectando no semblante,

R—iso enganador, amor jucundo,

I—mita no peito infiel, vario,

A—um tigre feroz, e sanguinario!... (a)

(a) G—rande louco fui eu melhor julga-a!

Do seu genio voluvel não sabia;

M—as, o culpado fui eu, pois olvidei

Qu'ella era—mulher—saías vestia!

BELLAS E ADORADAS LEITORAS.

Talvez vos pareça uma blasfemia minha, porem não he, crede *pimente*, he a pura realidade. O meu dito não se restringe ao presente acrostico, tanto faz ser Engracia, Anastacia, ou Lourença, como outra qualquer, todas são mulheres..... Estou intimamente convicto, que mais de um milheiro de vós, ao ler estas poucas linhas, mandar-me-hão, no meio das mais horribes imprecações e negras maldições, jazer eternamente nas caldeiras de Pedro Botelho; mas he excusado, porque á muito que ardo, corpo e alma, nas chammas dos vossos atractivos. Contento irei ao Barathro, com tanto que sejais vós, quem vades com os vossos habitos, embalsamados de rozas e violetas, atear os fogos, em que tenha eu de jazer até á consummação dos seculos, para espiar tão nefando crime; por que eu antes quero ir para o inferno com vosco, do que para o Céo com hum cento de velhas rabugentas, e beatas.

(O TRUÃO D'APOLLO.)

Carta que dirigia o Sr. S. E. L. L. á sua apaixonada a Sra. D. A. H. E. M., e que infelizmente lhe foi pillhada.

Minha Querida.

Vou por meio d'esta saber em primeiro lugar da saude de V. S. é de toda a sua Illustre familia, tambem tomo a liberdade de mostrar-lhe n'estas mal escriptas linhas quanto adoro-a, e estimo, e até mesmo juro que amo mais a V. S. que a mim mesmo e a minha propria vida, e julgo que V. S. hade ser-me sempre constante, para prova disso só desejo que V. S. responda se ama-me ou não para ficar desenganado da parte de V. S., porem se V. S. amar-me irei abitar nos jardins os mais deliciosos se porem for ao contrario, irei morar no meio dos bosques os mais desertos. Quem se presa ser de V. S.

O seu fiel amante

JUCAS.

Motte.

*D'aquillo que eu gostar
Inda sendo mau é bom.*

Glosa.

Prometti e cumprirei,
Proteste, e heide amar,
Pois ninguem tem que dizer
D'aquillo que eu gostar.

Podem não achar bonito,
Sem meiguice, sem ter tom,
Porem sendo do meu gosto,
Inda sendo mau é bom.

Hum penhor d'amizade.

(IMPROVISO.)

ACROSTICO

Offerecido ao meu amigo Joaquim C. F.

OLIVIA tens ternos olhos,
—indo collo, és uma flôr,
—rmã tambem és das graças,
—rtude tens o primor;
—man tu és, oh! bella,
—njo ou mulher d'amor!

Março 28 de 1856.

CHARADAS.

Sendo outr'óra adverbio, } 1
Hoje sou preposição, }
Sou pronome relativo } 1
Ná franceza construcção, }

Entre mil seductoras }
Donzellas, que encontrei, } 2
Nenhuma.... tão engraçada }
Como—*ella*—a quem amei. }

Conceito.

Branco lyrio não lh'excede a nivea côr;
Fica o ebano á quem dos seus cabellos;
Seos olhos côr da noite são tão bellos,
Que delles tem inveja a mãi d'amor!

Março de 1856.

O TRUÃO D'APOLLO.

AO MEU AMIGO A. J. V. DE M.

Por ventura, não fui no antigo Lacio? } 1
Quem meo valor dobrar, }
Das Ladys, forte mania, } 1
Ha-de por certo achar }

Quem entre minha segunda }
E terceira letra uma enxertar, } 2
Na ardente Libia o verá }
Iracundo trasbordar. }

Falsos irmãos, traidores }
O venderam a uns mercadores; } 2
Em sangue suas vestes ensoparam, }
E, ao pai carinhoso, assim levaram. }

Vencido jamais fui. A minha historia }
Recordada será com ingente gloria. } 2
Indo á Meca, la deixei }
Metade do meu composto. }

Huma joia eu possuia, }
Vem amigo, certo dia, } 1
E a levou por meu gosto }
Entre os pandeiros, }
Entre os bregeiros, }
E entr'as meninas } 1
De gestos faceiros. }

Conceito.

Talento pouco raro nelle brilha,
As letras por amor, por gosto trilha
E o mais que dizer podera
Tudo calo.

Eis da charada o conceito,
O mestre achará nella defeito,
Só eu não, que sou seo Pai.

E. H. C.

É de morte, se diz, sendo de gesso } 1
Vasilha de aduella ou meia pipa } 2

Conceito.

A cadeira, a janella, andor ou porta
Ella encobre mettida em vara, ou tripa.

F.

ANNUNCIO.**O CLARIM LITTERARIO.**

—Publicação periodica dos
estudantes da Faculdade de
Direito do Recife.

Assigna-se para este — Pe-
riodico — nesta Typographia,
a 3:500 reis por trimestre, sa-
hindo em cada semana um nu-
mero de oito paginas.

Espera-se que o illustrado
publico maranhense não ne-
gará sua valiosa protecção a
uma empresa nascente, quas
que exclusivamente dirigida
pelos nossos patricios, que es-
tudão n'aquella Faculdade.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Annó.....6\$000 | Semestre.....3\$000

ANNO II. S. LUIZ, TERÇA-FEIRA 13 DE MAIO DE 1856. NUMERO 13.

A SENTINELLA.

Estrea do Sr. Ramonda.

Na noite de 11 do corrente teve lugar a representação da opera lyrica o *Elixir d'amor*; por esta occasião fizeram o Sr. Ramonda sua estrea na parte do Dr. *Dulcamara* e a Sr.^a *Gallo* na de *Janeta*, e a nosso ver correu tudo em muito boa ordem.

A Sr.^a *Gallo* não tem má voz de segundo soprano, é porem um tanto fraca de peito, e será mais propria para um salão, do que para um theatro como o nosso.

A Sr.^a *Remorini* foi quem teve as honras da ovacão mas os Srs. *Hippolyto* e *Remorini* cada um em seu genero desenvolveram-se como era de esperar.

Sentimos todavia, que nem tudo correu a medida do que desejavamos.

Alguem por um tempo dito, que o Sr. Ramonda, tão bem recebido como foi pelo governo do Maranhão, quando contratou a sua empresa, não tem correspondido por seus actos passados á expectativa publica, sendo que os *dilletanti* se tem mostrado para com elle avessos em face dos seus modos bruscos, quer com a gente de cá, quer no angariamento d'assignaturas; por esta razão fallava-se em publico e em particular contra essas cousas, disso porem não passayão; agora que por falta d'um cantor proprio foi o Sr. *Ramonda* obrigado a apresentar-se em scena, tomaram delle uma desforra estrondosa—patearam-no—apenas ia o Dr. *Dulcamara* saltando de seu carro de pharmacia.

Felizmente ainda a policia não inventou um meio d'obstar o pronunciamiento publico contra um actor.

Nós não applaudimos a pateada; não, tambem não defendemos o Sr. *Ramonda*, carreguem os pateadores e o pateado com a devida responsabilidade; entretanto tendo o Sr. *Ramonda* affrontado a opinião publica, como se diz, era de supor que cedo ou tarde apparecesse essa consequencia, que cremos, ser-lhe-hia bastante dolorosa e aos seus amigos conselheiros.....

D'envolta com o estrondo de pés e palmas rezadas com alguns—foras—ou ao artista ou aos que pateavam, subiram á scena algumas coroas de restão d'alhos e de crinas! coitado....

O Sr. *Ramonda* soffreu, e quando teve de en-

trar em accção desempenhou-se maravilhosamente, pelo que foi depois applaudido; é que ja estava satisfeita a sanha dos descontentes.

Resigne-se o empresario, muito maiores pateadas temos visto, sendo que muitas dellas tem sido dadas—sem razão—e só por mero capricho d'alguem, que então se tem apresentado em opposição gratuita.

No fim do espectáculo foram os artistas chamados á scena, apresentaram-se alguns, menos o Sr. *Ramonda*, que alias era claramente nomeado, e que, em lugar de vir receber os applausos, que lhe queriam dedicar, cremos, que eram no sentido de neutralizar a pateada, fez apparecer o carro, em que esteve em scena! felizmente nesta occasião ja tinham sacado o burro dos tirantes, alias teriamos que applaudir um asno como *procurador do Sr. Ramonda*.

Que este o modo, porque o Sr. *Ramonda* respondia á pateada?

Porem supponnos, que por em quanto estam desvanecidas todas as prevenções, e que não temos de ver mais a repetição dessas scenas, que sempre em si são desagradaveis.

A Mocidade.

Bello raio do sol da existencia,
Flór da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga innocencia,
Leve gozo da quadra infantil!

G. D.

—Que de mais ameno e de mais agradável ha do que a idade juvenil? Que maiores venturas pode o mortal sorver do que no calix do despotar da vida? na verde idade, em que não se pensa? nessa idade em que se exhala e ainda se respira a fragrançia da pura innocencia?..... Que de mais ameno e de mais agradável ha?...

Se Deos formando o homem á sua imagem e semelhança creou-o para a felicidade, é sobre tudo nesta idade, em que elle a prova com maior profusão, é nesta risonha primavera da vida, nesta quadra de brincos e folguedos, nesta estação de flores que mais a experimenta, porque as evoluções e embates do mundo ainda não lhe fazem impressão, os seus sonhos ainda estão envolvidos no mago veio da caudura, e se deslizão brandamente, semelhantes a um arroio entre as alyas pedras por um leito tapetado de lyrios e boninas, suas aguas crystallinas transbordão do jumo do

peito, com admirável pureza, como o nectar dos Deoses por um descuido de Hebe; ainda este bello raio da existencia, esta aurora tão formosa conserva-se brilhante, ainda o seu horizonte lhe sorri fagueiro, porque as negras nuvens, que ao depois se teem de condensar, não obumbrarão ainda sua fronte, não mudarão os fulgentes brilhos com que allumia em huma horrivel tempestade, ainda seu idolo e suas orações limitão-se no prazer e no brinco, ainda seu coração e por consequencia seu espirito adeja e vaga tão livre como a rola no bosque, não encontra diques a seus vôos e em nada tropeção, e porque? sabeis acaso?

Porque um forte escudo, escudo formado das mantilhas da virtude e das faxas da innocencia abroquella-os; e será durador o seu valor? poderá resistir por muito tempo aos centuplicados tiros? Não! . . .

Elle rompe-se repentinamente; o fragrante lyrio não pode por muito tempo ornar o campo, esta flôr tão mimosa apenas desabrocha, sobreveem logo, ou alguma mão que, a vai colher ou o terrivel tufão que desfolha e mirra seus pobres ramos, *infeliz humanidade!* Quão ephemeris são os teus gozos! quão veloz corre o tempo da tua felicidade! quanta saudade não nos deixa elle! assim como a flôr a idade infantil, idade d'ouro, não se pode dilatar por muito tempo; os matizes da vida humana não se compoem unicamente de risos e alegrias, mas na maior parte de pezares e tristezas, por isso que o menino logo ao nascer, o primeiro annuncio de existencia é um grito de dor, não obstante seus olhinhos ainda estarem quasi fechados, as lagrimas saltão nas suas tenras faces, e cruel fatalidade! parece que se aventura esparze por alguns momentos no seio da alma e no amago do coração o seu odor é para logo ao depois operar-se a total metamorphose, porque essa idade que a principio era semelhante a um bello jardim, semeado de flores, alcatifado de relvas, ornado de estatuas, onde brilhava e reflectia o sol e onde se encontravão sombras protectoras, transphormã-se e desaparece repentinamente, não deixando vestigios da sua figura, como um phantasma ao som de uma poderosa e cabalistica invocação; esta idade prenhe de tantas alegrias e inastrada a principio de rosas tão pudibundas, mas que ao depois se converte em prantos, e em lagrimas, assemelha-se aos viajantes perdidos na neve, que adormecem com alegria e accordão paralyticos, quando não ficão dormindo para sempre.

Esta tão pequena, mas tão bella quadra da mocidade, que era uma bella aurora do nosso clima meridional, toda rosas, toda frescor, toda ineffaveis e consoladoras promessas, esse ciclar doce e repleto de amores, que bafejava e embalsamava, toda sua existencia, evapora-se com tanta presteza, qual a do fumo sahido da chaminé; essa bella aurora passa, e apoz si leva todas as esperanças, esse doce ciclar deixa de bafejar-a e o nordeste sopra, esse arroio, que placidamente corria, torna-se num mar caudaloso, agitado de tempestades, cheio de mil escolhos, transforma-se num novo Malstron, em que o navio da nossa existen-

cia está a todo o momento sobrando e submergindo-se, precipita-se no insontavel abyssmo do esquecimento e a esponja do tempo vem apagar todas essas mellifluas lembranças do passado para nunca mais serem novamente inscriptas.

Daqui data nova phase de vida.

Ja não se encontrão mais aquelles doces xephyros, que a embalavão, nem o sol refrigerante como outrora, mas um sol tão ardente como o do Sahara é que cresta sua fronte, não ha mais essa facilidade, tudo são entraves, tudo são embaraços, a indisciplinação, a ignorancia crassa e supina, o sollipsismo, as paixões desordenadas o appetite, tudo se congrega e forma um corpo, tão cerrado e basto, que offusca a razão, inebria a intelligencia e ella fracaccede, e logo eis a mocidade, unica esperanza da humanidade, sonhos dourados dos estados e de todos os povos, espelho magico em que previamente os raios da aurora de todas as grandezas ou vice-versa de todas as humilhações de qualquer povo reflectem, essa mocidade acephala lança-se nos mirrados braços desse filho da lascivia, chamado amor, que, em quantas penas e inquietações e enredos não a precipita? Elle a inflamma, incita e instiga para possuir o objecto da sua paixão, que não é mais que um idolo de carne, uma figura de lódo; e algumas vezes um monturo coberto de neve; e ella, coitada! enlevada na sua paixão commette as maiores degradações, a ponto de transformada em homicida para satisfazer seus furores, crava o punhal no peito de um competidor e o mata! *terrible cegueira!* Deus! só um leuão, *mas não...*

Parece, que uma nuvem negra envolve os seus olhos, a ponto della nada mais ver senão pelo prisma do crime e da depravação.

Sua vida então é sempre no alcouce, no leito da prostituição, polluida, assignalada com o stigma da deshonra, não ter mais credito e de nada corar ou ter pejo.

Os botequins, as casas de pasto, os pagodes, eis os seus entretenimentos, a indolencia eis o seu travesseiro, e a depravação eis a sua cama de repouso; todos os vicios lhe fazem córte, e todas as vaidades o acompanhão; suas vistas não se estendem ao futuro incerto, encerrão-se na estreita orbita do presente, ella só executa o que seu bestunto lhe dieta, conselhos de paes, de mestres, de amigos, não são ouvidos, quanto mais praticados; em fim tudo quanto é miseria, degradação, e infamia a occupa, e até quantas e quantas vezes a crapula não a domina?

Eis em pequenos e toscos bosquejos o que é a nocidade, quando passada inteiramente nos debôches e prazeres, eis em pequeno esboço de um quadro bem critico e terrivel da vida do homem, es bem patente o fructo da má indole ou da falta de educação, eis, e bem patente.

E bem triste passar assim os alegres verdores dos annos, mas que fazer? . . . educar, admoestar, corrigir e dar bons exemplos á mocidade. Enpregal-a sem cessar no estudo da sabedoria e da sciencia, na applicação ao que aprende e finalmente na pratica da virtude, essa filha do Ceo, abençoada por Deus, porque assim ella terá sua

que se empregar, refreará suas paixões; e na sua velhice não terá de mal dizer-se por tantas e tão reiteradas vezes o ter libado as fezes da desgraça; e uma vez agradável, uma paz celestial será sua recompensa.

Manhã 25 de Abril de 1856.

CRÍ.

A Recompensa da fidelidade.

(Continuado do n. antecedente.)

Em quanto viveo o Principe, foi sempre em augmento a valia e cabimento de Alibéo: apesar de tudo, á proporção que elle crescia em idade, crescia-lhe tambem a lembrança de deixar aquella vida de esplendor, e com saudades se recordava do socégo, que na sua primeira condição gozava, e muitas vezes desabafava com sigio mesmo, dizendo: «Ó venturosos dias!? Ó dias innocentes! Dias em que eu gozava de uma alegria solida sem mistura de penas e de sobresaltos! Dias os mais deliciosos de minha vida! Quem me privou de vos gozar, para me dar todas as riquezas, que possúo, despojou-me do meu maior bem: não, eu não vos encontro neste meu palacio. Felizes, mil vezes felizes os que não conhecêrão nunca as miserias, que vão nas Côrtes dos Reis! Aqui quasi que me advinhão os pensamentos, tudo se faz á medida de meus desejos; posso dizer, que não tenho tempo para desejar: todos os meus sentidos gozão do que se pode imaginar de mais agradável, e meu amor proprio recebe os ~~incommodos de um povo incerto e a boa graça de um Rei magnanimo~~; mas todos estes prazeres juntos, apesar de tantos e tão variados, não valem uma só daquellas emoções, que meu Coração sentia, quando acompanhado de meu rafeiro, guiando o meu rebanho, entrava, ao romper da aurora de um formoso dia, nas vastas Campinas prateadas do reluzente orvalho! Ah! e que não seria, se eu me assemelhasse á algunsdestes Cortezãos, que por ali andão comidos de inveja, e de uma ambição insaciavel, que lhes disfigura o rosto, e róe as entranhas?»

Apezar de que Alibéo não tinha em grande apreço os prazeres da Côte, nem fazia consistir nelles a sua felicidade; assim mesmo não foi isento de sofrer os revézes da fortuna sempre inherentes a taes empregos. Morréo o Monarca a quem elle tudo devia, e com a elevação de seu filho ao throno tomárão corpo os projectos dos invejosos pretendendo desacreditar-o perante o filho, ja que o não poderão conseguir para com o pai; e começarão por lhe metter na cabeça que Alibéo tinha abusado da confiança, que seu pai lhe concedia; que tinha enthesourado grande somma de riquezas, e que tinha alienado grande quantidade de preciosidades, das que fóráo confiadas ao seu cuidado. Como o Rei tinha poucos annos e menos experiencia, e como alem disso tinha certa presumpção de querer reformar muitas cousas, que seu pai fizera, facil foi aos invejosos saber para com elle, e fazer-lhe acreditar suas irrigas.

Para ser um pretexto de exbulhar Alibéo do

seu emprego, disse-lhe por conselho de seus validos, «que lhe fosse buscar a cemitarra guardada de diamantes, que El-Rei seu pai tinha por costume levar ás batalhas.» Cumprío Alibéo o que El-Rei mandára; mas como a cemitarra não tinha diamantes alguns, mais se confirmou El-Rei do que lhe tinham dito, e ficou-o tendo por um ladrão; Alibéo porem não teve grande difficuldade em desmentir esta accusação, porque tinha documentos, com que provou, que fora o falecido Rei, quem lhos mandára tirar, e muitos annos antes que elle tomasse conta d'aquella administração. Envergonhados ficarão os Cortezãos com o máo exito da sua primeira tentativa, mas por isso mesmo redobrárão seus esforços, e protestárão não desistir, emquanto não perdessem aquelle homem, que se lhes tornava tão fatal, por isso mesmo que se mostrava innocente; e aconselharão ao Rei, que lhe mandasse apresentar dentro em quinze dias um inventario de todas as alfaias, que estávão ao seu cargo.

Findo que foi o praso, quiz o Rei hir, elle mesmo em pessoa, assistir a abertura do thesouro; o qual Alibéo abriu francamente em sua presença, mostrando-lhe tudo collocado por sua ordem, e com o melhor arranjo possível, demonstrando ao mesmo passo que nada faltava do que lhe tinha sido entregue. Maravilhado o Rei de tanta exactidão e fidelidade, começava ja a deitar olhos de indignação contra os accusadores, quando elles lhe mostrárão ~~uma~~ uma porta de ferro fechada ~~a~~ com chaves, que estava no fim da galeria: «He aqui dentro, disserão, que Alibéo tem escondidos os thesouros, que roubou ao Pai de Vossa Magestade.» Quando fo Rei tal ouviu ficou como furioso, e mandou que logo sem perda de tempo se abrisse aquella porta. Lança-se então Alibéo aos pés d'El-Rei, e por tudo quanto ha de mais sagrado lhe pede, que o não prive do que elle mais que tudo estima neste mundo. «Ah! Senhor, diz elle, achais ser cousa justa, privar-me n'um instante de tudo quanto possúo, e assim recompensais a fidelidade, com que por tantos annos servia Vosso Pai?! Tudo que de suas mãos recebi, me tirai, mas deixai-me livre, o que nesta casa conservo.» Folgárão os Cortezãos com tal ouvir, e estavam-se lavando em agoa de rosas pelo triumpho, que julgavão seguro; e o mesmo Rei á vista da repugnancia de Alibéo em abrir a porta, mais se confirmava em suas desconfianças, e sem querer mais ouvir disse a Alibéo, ja enfurecido, «que se não queria morrer abrisse a porta.» Alibéo finalmente péga nas chaves, e abre esta porta misteriosa.

E qual não foi o assombro e a confusão daquelles malevolos, e do mesmo Rei, quando em vez de thesouros, que esperávão ver, encontrárão um cajado, uma flauta, e um currao de pastor?! Erão estes ainda os mesmos trastes, que outr'ora tinha trazido Alibéo, e que amudo visitava para conservar a lembrança e a amizade de sua primeira condição! Soberano Principe, vede Senhor, lhe diz, os restos de minha primeira fortuna: quando despojado fór de quanto me podeis tirar, n'elles acharei um thesouro

que não será objecto da inveja: estas, Senhor, são as solidas riquezas, que não podem jamais fallir, ellas serão sempre sufficientes para fazer a felicidade de um homem, que sabe amar a innocencia, e que se contenta com o necessario para a vida, sem se afadigar em busca de bens frivolos, que nada acrescentão á verdadeira felicidade. O vós, humildes, mais preciosos instrumentos de uma ditosa vida! A vós, e somente a vós quero, e he com vosco, que estou resolvido a viver e a morrer. Excelso Principe, em vossas mãos entrego, sem o menor pezar, tudo quanto de vosso Pai recebi; e só para mim reservo o que meu era, antes de vir á côrte.» Ficou o Rei de tal modo surprehendido com o que vira e ouvira que lhe custou bem a entrar em si: convenceo-se então até á evidencia da innocencia de Alibéo, e toda a sua indignação se converteo contra os Cortezãos, que o tinham enganado, e virando-se para elles com um ar de desprezo, disse-lhes: «Sahi de minha presença, impostores, desapparecei para que nunca mais vos veja diante de mim.» Nomeou logo Alibéo seu primeiro Ministro, e d'elle confiou os negocios mais secretos, e de maior importancia. Alibéo foi ministro até morrer, e foi tão politico e generoso, que não quiz que nenhum dos seus inimigos fosse castigado: morreo pobre, e a seus parentes só deixou o necessario para viverem honestamente na sua condição de pastores, a qual elle nunca deixou de olhar como a mais segura e a mais ditosa de todas.

(Ext.)

POESIA

Meus devaneios.

Aqui na solidão onde ora habito,
(Mortaes attentai, ouvi meu pranto)
Cercado de desgostos e sempre triste
Passo vida cruel!

Nem ao menos um som, sequer ao menos,
Nem o echo minha voz sequer repete,
Tudo jaz no silencio, tudo é trevas.
Somente choro eu!

Nem ao menos um vivente, uma só alma
Vem suavizar meus tristes dias,
Não lobrigó a ninguem, que minha dor
Venha mitigar!!

Só vós, ó meu Deos, somente vós,
E que tendes compaixão dos grandes males,
Que trazem a humanidade sempr'allicta
Sempre chorosa.

Só vós, que a vossos filhos soccorreis...
O Divina Providencia, que prestaes
Sempre aos mortaes vossos ouvidos,
Ouvi meu pranto!

De uma mulher, de um anjo ou fada,
Que no meu coração disseminou
O amor, o amor, esse veneno,
Que me tira a vida!

De um anjo, sim cujos encantos
Offuscarão o brilho dos meus olhos
De um anjo que com settas d'ouro
Meu peito traspassou!

Desse anjo por quem tenho idolatria,
Mais do que a seu filho a pobre mãe,
Mais do que o proscripto o céo d'anil
Da sua patria!

E' dess'anjo, qu'eu choro e que lastimo
A desabrida e crua ingratidão,
Que me desprezando praticou
De todo o coração!

Mas, infeliz! eu amo ainda esse anjo,
Sonhado encanto dos meus felizes dias
Não obstante ser sempre repellido
Não posso odial-o!

As grandes juras d'alma, que prestei,
Não posso rescindir, jamais eu posso,
Em quanto o meu coração pulsar no peito,
Hei de amal-o!

Os tempos hão de correr, hão de sumir-se
No abysmo de trevas horroras!
Mas nunca se riscará de minha idea
A imagem sua!

No cheiroso lyrio, que no prado
Mimoso reverdece, eu hei de vel-a
Na lua, no sol, em toda a parte
Hei de encontral-a!

No mimoso cantar do rouxinol,
No som melodioso d'um piano,
Na voz da solidão, na voz de tudo
Hei de ouvil-a!

Os homens podem amal-a, bem conheço,
Mas amar como eu... oh! ninguem pode!
Meu amor, meu amor inexplicavel,
Não o comprehendo!

Não tenho mais expressões, com que pintar-lhe
O amor devorador, qu'eu lhe consagro
A ponto que estou sempre a repetir
Eu te amo!!... eu te amo!!..

Maranhão, 26 de Abril de 1856.

Cui.

Explicaçãoes do n. 12.

- 1^a Charada—Emilia.
2^a " —Antonio José Victor Medeiros.
3^a " —Cortius.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do PROGRESSO rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno.....6\$000 | Semestre.....3\$000

ANNO II. S. LUIZ, QUINTA-FEIRA 29 DE MAIO DE 1856. NÚMERO 14.

Pensamentos de um louco.

(Continuado do n. 10.)

Queres ainda ser litterato e poeta? ... Consulta-te primeiro, F. dorme muitas noites, antes de dares um passo. Talvez tomes por vocação sincera e decidida o que não é mais que fantasia e enthusiasmo de moço;—estuda teu verdadeiro genio, para que abraçando uma vida, que não deverias seguir, não venhas a incomodar e embaraçar aquelles, cuja vocação real lhes dava o direito de unicos terem ahí entrada. A consciencia a ninguem engana; o genio e o talento se mostram em qualquer parte, que estejam; todo o mundo vê o sol, e o genio é o sol.

E no entanto pode ser que digas: E não seguindo a vida, para a qual irresistivelmente caminho—não serei condemnado á lei terrivel do esquecimento! Como posso escapar á realidade! Que fructo darei a meu paiz! Eu, para quem a litteratura não é um mero officio, um meio de conseguir ouro—mas uma crença profunda, santa, que alimento, uma divindade, que adoro;—eu, cujo coração se enthusiasma á vista de uma producção sublime, cujo peito franco e leal pulsa violentamente na contemplação do bello, da perfeição e de Deus! ...»

Bem; mas taes sentimentos, taes expressões acharão echo ante uma sociedade, que crê que uma moeda é a Rainha do mundo, que adora o dinheiro, que desdenha o sabio, porque tem esfarrapados os cotovêlos da casaca, e sebento o chapéo,—ao passo que se desmancha em cortezias ante o ignorante e o stulto, que se apresenta reclinado nos tofos coxins de uma dourada caruagem, coberto de sedas e negligentemente brincando com os enfeites de seu relógio! ... Só tem cortezias o sabio, quando é rico; só lhe dá o nome de litterato, quando elle tem sumptuosa casa, e dá magnificos bailes; si é pobre, na linguagem do mundo elle é appellidado, visionário, preguiçoso, e mil outras bellezas d'esta ordem.

Reflecte, F. melhor é que tranquillo passes a vida junto ao lar domestico, regando as flos de teu jardim, criando teus pombos e gallinha, montando em teu cavallo, colhendo os saborosos fructos de teu pomar, conversando com algum compadre,—que te não trahirá de certo,—do que viveres com o fel no coração, o suor na fronte, o soffrimento nos labios, empallescido o rosto, en busca da gloria, da nomeada e da fama, sem possuires um instante, para gozares d'esses prazeres de

cos e suaves da vida, que só se tem no remanso da paz e da tranquillidade.

He melhor viver ignorado e satisfeito—do que applaudido e desesperado.

Deixa o mundo como está. A litteratura é ainda n'elle uma mulher perseguida e repudiada, que para escapar a seus insultos é mister possuir a protecção do ouro.

Sé bastante grande, bastante forte, para, desprezando tudo, dizeres com Victor Esconse:

« Adieu, trop inféconde terre,
« Fleaux humains, soleil glacé;
« Comme un fantôme solitaire
« Inapperçu, j'aurai passé.

Mas talvez eu clame em vão;—porque o mundo é assim. Apesar de tudo quanto hei dito, a sociedade apresenta um fenomeno bem singular. ~~De cem jovens, que se dedicam ás letras—cinco,~~ quando muito poderá fazer fortuna e adquirir gloria; os demais—coitados!—acabam nos hospitaes ou nas cellas dos doudos.

E todavia uma mocidade immensa e impavida se atira n'esse redomoinho voraz, e a lista dos candidatos da litteratura é talvez a que mais individuos comprehende.

Mas a razão? He que tomamos ao serio as declamações sobre artistas e poetas infelizes; é que os nomes de Gilbert, Mafflâtre, Chatterton, Moreau e Chénier hão sido muitas vezes e mui imprudentemente apresentados ao enthusiasmo dos moços;—é que do tumulto d'esses homens grandes e desgraçados se tem feito uma tribuna, em que se prega o martyrio da arte e da poesia!

Eis a causa!—Os andrajos da pobreza não desanimam-nos; pelo contrario attrahem-nos; muita gente tem pensado, que basta ser pobre para ser poeta, e desejado com ardôr esmolar o pão, como Camões, embriagar-se nas tascas, como Bocage, ou morrer pobre no hospital, como Gilbert! ...

Queres ainda ser litterato e poeta? Escuta. «A litteratura, disse Henri Murger, pode ser o prefacio da Academia, do Hotel-Dieu, ou da Morgue.»

He verdade!—queres ser litterato? sé, estuda, vela, exgota tuas forças, e tua vida;—poderas fruir uma dourada cadeira nos salões das universidades, ou uma cella nos hospitaes dos doudos, ou um banco frio, em que repousará teu cadave na salla escura e lugubre dos allegados.

Seduz-te a perspectiva? tens animo bastante para resistir a todos os embates, de que esse caminho é cheio, luctar, sem dar um passo, sem

erguer uma queixa, e um grito, contra essa doença obscura e rigorosa, á que a sciencia classica de miseria? então prosegue; si porem te horrorizas, si disfallem tuas forças, si sombria, bem que rapida nuvem entristecéo teu coração —oh! nem mais um passo, recua sem olhar para traz. A litteratura exerce sobre certos espiritos essa attracção funesta e perigosa dos precipícios; o homem olha e treme, mas não recua, seus olhos se turvam, sua intelligencia se desvaira... e ao depois o ru da de uma queda e tudo fica silencioso como d'antes. E mister um braço amigo e forte, que conhecendo o perigo, procure desvial-o;—eis o que agora faço contigo, F.; muito hei soffrido, não tenho talvez mais forças para resistir, mas não quero que, como eu, te illudas, procurando esse phantasma, que sempre foge.

Mas si tens coragem, si tens conservado a alma ardente e generosa, si tua vocação é real e sincera, si és poeta emfim, então prosegue, como ja te disse, então sé inabalavel: come o pão dos fortes, soffre pela causa da intelligencia, da verdade e da humanidade, e que Deus te abençoe e te dê perseverancia.

Que nenhum obstaculo te embarace, supera-os todos; sujeita-te á fome, á sede, ao frio e ao calor, derrama teu sangue, enfraquece teu corpo, mas que não abandones jamais a causa sagrada, por que litigas; sirva-te de guia seu estandarte auri-verde, abriga-te, indifferente, ou sob os dourados palacios da opulencia, ou na mansara da indigencia e da miseria. Vence tudo com esse orgulho nobre e divino, que torna o homem superior aos outros homens, que fal-o resistir impassivel ás seduccões da cobiça e da fortuna, e olhar sereno ás rajadas da desgraça contra elle desenvolvidas. Se o mundo escarnecer de ti, deixa-o; tua vingança será a de trabalhar incessantemente para elle; si os homens te não fizerem justiça, teu coração a fará—sé grande, verdadeiramente grande, e que Deus te abençoe.

Mas para isso é preciso pesar tuas forças, si ellas faltarem, adeos... e tudo estará perdido.

Concluo com o seguinte trexo de um livro, cujas ideias muito aprecio:

«A vida do litterato deve ser toda de paciencia e de coragem, e em que se não póde lutar senão revestido de uma forte couraça de indifferencia á prova dos stultos e dos invejosos; em que se não deve, á menos de querer cabir no caminho, abandonar um só momento o orgulho de si mesmo como um bastião de apoio;—vida encantadora e terrivel, que tem seus heroes e seus martyres, e na qual se não deve entrar, senão resignando-se de antemão a soffrer a desapiadada lei do *ex victis!*»

Teu sempre amigo

Jorge.

«Mil reflexões me suscitou a leitura d'esta carta; tenho n'ella sisudamente pensado; tenho interrogado, combinado, discutido cada uma de suas ideias, em cahos de pensamentos me tem incessantemente assaltado... que fazer?

Me hei sentido atterrido; hei estremecido no

considerar as desgraças, que talvez me esperam? Não—Ao aspecto dos perigos, meu animo fortaleceo-se; meu espirito me manda proseguir... proseguirei...

F. B. de Souza

POESIA

ELLA.

AO MEU AMIGO A. J. RAMOS VILLAR.

Vi-a alegre walsando n'um baile,
Ah! como era formosa entre mil;
Ao depois deu-me a dextra tam nivea,
Ah! como era risonha e gentil.

Tinha pois pelas candidas faces,
Do mimoso jasmim o rubor;
Tinha encantos meiguices, ternuras,
E nas fallas singellas—amor—

Sobre as tranças tam negras cahidas
Branços lírios mimosos poisavão,
E dos olhos tam bellos mil raios,
Brando fogo de amor derramavão.

Eram lindos, tam lindos qu'estrellas,
Junto d'elles não podem brilhar;
Pois gravados na mente ind'os tenho,
Mas quem déra podel-os gozar?...

E conti-os crescer em meu peito.
Como cresce ao orvalho uma flor;
Como sente da tyra um só echo,
O alegre gentil trovador.

E que breve cintura Ella tinha,
Que requebros gentil engraçados,
E os pés tam pequenos e airosos,
Ao volvel-os na walsa apressados.

Oh! que em breves instantes quizera,
De seus labios um beijo ancioso;
Que os olhos bastára volver-mos
Para ser neste mundo ditoso.

E dois seios de neve, que tinha,
Eram flores, na flor da existencia;
Um das roupas nevadas trajand'o,
Era a imagem da pura innocencia.

E és tu que me vens perturbar
Doce somno, ó altiva donzella!...
E és tu, com quem luctão meus sonhos,
Qu'em sorrisos me dizem é—Ella—

Maranhão.

I. FERREIRA.

A ROSA abandonada.

(IMITAÇÃO.)

Offerecida ao Illm. Sr. Euclydes Ludgero
Correia de Faria.

Oh! mimosa rosa branca,
Quem ousou lançar-te ao chão,
Em um lugar tão monotono,
Nesta triste solidão?

Lancado aos ventos da noite,
Sem protecção de ninguem,
E entregue á fresca briza,
Talvez pisada de alguém?!

Quem te desprezou oh! rosa,
Flor mimosa, bella e pura,
Para andares pelo mundo,
Sem esp'rança e sem ventura?

Talvez fosse alguma ingrata,
Que te illudindo co'amor,
Colhesse de ti carinhos
Que lhe fizesses, oh flor!

E talvez nos seus cabellos,
Guardando-te flôr mimosa,
Avistasse um cravo roxo,
E te esquecesse oh pobre rosa?

Depois de te desprezar
Da vida no turbilhão,
Te deixasse no deserto
Nesta triste solidão?

Não percas as esperanças,
Não desanimas, oh! flor;
Em mim acharás um peito,
Que sabe guardar amor.

Serás minha companheira
Viverás comigo unida;
Me contarás tua sorte,
Eu te direi minha vida.

Maranhão 22 de Maio de 1856. J. S....

A meu anjo.

Donzella, porque razão
Não te apráz, ver-me chorar;
Sendo tu a causadora,
Do meu triste suspirar?

Tenho-te sido fiel,
Amado com gram fervor;
E em paga tens me dado,
Tirannias e rigor.

Não será isto verdade?
Responde terna donzella,
Não te voto amor constante
Linda virgem, minha bella.

Mas tu ingrata, desprezas,
Este amor tão vehemente;
Este amor, que te consagro,
Este amor puro, innocente.

Sim donzella é esse o pago,
Do amor, que te consagro,
Mesmo assim te amo tanto,
Que no sentido te trago.

Tu és a minha esperança,
Es por mim, querida, amada!
Es conforto da minh'alma,
Es por mim sempre adorada!

Me qu'importa me não ames
Parate deixar de amar;

Os gostos são variaveis
Tambem varia o amar.
S. Luiz 18 de Março de 1856.

OFFERECIDO AO JOVEM AGOSTINHO.

Motte.

*Ja se quebraram os laços
Em que presa me tivestes
Quizestes novos amores,
Foi favor que me fizestes.*

Gloza.

Vai-te cruel, vai-te infame,
Fera mais cruel que as feras,
Se és cruel, que mais esperas,
Que peor nome te chame;
Procura quem mais te ame,
Eu não te suspendo os passos,
Vai descansar em outros braços,
Vai persistir na trahição,
Que de antigas prisões
Ja se quebraram os laços.

Vai, que a tua falsidade,
Essa que tens por officio,
Me serviu de beneficio,
Pois me deste a liberdade;
Eu te fazia a vontade,
Tu escrava me fizeste
Gloza como quizeste
Quebrar de amor os grilhões,
Eu tambem quebro as prisões
Em que presa me tivestes.

Diz-me ingrato, eu não te ameí
Com firmeza e lealdade?
Não te fiz toda a vontade?
Tudo por ti não obrei?
Diz-me, fera, eu não jurei
Supportar os teus rigores?
Mil finezas, mil favores,
Não te fez meu coração?
Diz-me porque razão
Quizeste novos amores?

Tu cuidas, que offendida
Fiquei do teu genio fero?
Mais antes agora quero
Ser-te mais agradecida,
Para mostrar a Cupido
O applauso, que me destes,
E como agora quizestes,
Foi teu gosto na verdade,
Ficando eu em liberdade,
Foi favor, que me fizeste.

PAULA DOMINGUINHA DA GRACA.

O mentecapto—Coroador.

—No dia 21 deste mez foi á scena no nos-
Theatro a bella pessa intitulada—O Elix' de
Amor—onde foi perfeitamente representada pela
insigue companhia Italiana, e com especialidade
pelo Empreziario, e a Sra. D. Re. corini; quando

no fim do 4.º acto, onde estava a incomparavel cantora, appareceu no scenario um estulto e furioso menino-barbado, arrosado, com uma coroa de flores, n'um dos mais sublimes diletanti, e pousou-a na bella fronte da Snr.ª Remorini: e segundo consta-nos, que foi radicalmente reprovado pela dita Snr.ª tal procedimento de um mentecapto menino barbado, e que recebera da mão de semelhante lunatico tal offerta; por ser polida, bem educada e enfim, por não ter outro remedio, e que quasi desfalece no meio de tão morato e respeitavel publico, pela nunca vista loucura do impertinente e audaz menino barbado, e que suppõe-se ter ellefeito isso, por causa da lua fazer quarto naquelle dia, por cujo motivo merece compaixão e desculpa: aconselhamos ao pai do tal menino, que será bom tocar-lhe uma groza de palmatoadas, e outra de chicote, para ver se elle toma geito, e se por um instante livra o publico do Maranhão de um tão corrigivel menino barbado, e a elle e só a elle é que cabem as maximas seguintes:

1.ª O rosto é o espelho da alma.

2.ª Todo homem sem caracter recebe impressões de tudo aquillo, que o cerca; nem tem força nem vontade de ser homem.

3.ª As pessoas de máo caracter assemelham-se a um vaso de barro, facil de quebrar, e difficil de compor.

4.ª finalmente. A ignorancia é a mais perigosa das molestias, e a causa de quasi todas: e por conseguinte causa de ter o homem mais ousadia de ter feito, o que acima fallamos.

Sou por infelicidade minha amigo do mentecapto Coroador.

(O Fiel amigo.)

Maranhão 24 de Maio de 1856.

Acrosticos.

(Offerecido por uma bella ao seu apaixonado.)

C—omo é bello!... Teu semblante!
A—mor só pode inspirar-me
R—ancôr tambem ás vezes quando,
L—edas palavras queres recusar-me,
O—h! vem a meus braços, linda flôr!
S—ómos, seremos felizes, gozando Amor.

He pobre a offerta, quando o vate é pobre,
Mas dar-se o que se tem, Frágil amigo,
He acção nobre.

O—livia pura, entre as mais formosa,
L—uz dos meus olhos, de minh'alma vida,
I—gualas na frescura á fresca rosa;
V—ences na alvura, ao mais alvo lyrio;
I—magem do meu ser joven querida,
A—té á morte serás, o meu delirio!

14 de Março de 1856.

E. R. C.

Cousas que são.

Mito de caella é tutano.
Mema, preto é moleque.

Pedago de pão é tolete.
Unha de velha é marisco.
Igreja do mato é capella.
Filho de vaca é bezerro.
Tripa, que grita, é bordão.
Cabaço partido é cuité.
Cuia grande é cuião.

Charadas.

—Notta achada na gaveta d'um dos nossos Guardas d'Alfandega, moço d'um talento transcendente, bonito, peralvilho, querido (ou escarnecido, tambem não sei) das bellas, possuidor da cabelleira mais mimosa, e invejada, da nossa Capital & &. —eila: O Barco Subralejo chegado do Carrapux, cujos carregamento—são: chórus, de bójus, sargados, e outros mais!..... Todo commentario he pouco, por tanto callo-me e só sinto que as nossas bellas, ainda estejam em total atrazo de instrucção litteraria para não avaliarem a bussola da intelligeucia do nosso namorado Guarda, que tal como escreve, falla.

J. F.

Sou a todos necessaria
E todos a devem ter
A fim de *das amas livra*
A fim de *ninguem morrer*.

} 2

Em Napoles uma gruta
Deste nome tu acharás
Junto do lago Ariano
Lé bem que decifrarás

} 1

CONCEITO.

Dos velhos sou um vestido
No domingo estimado
Com que elles s'então
Tendo já bem escovado.

Sou o principal objecto
Necessario a todo o estado
Sem mim não pode haver ordem
Anda tudo atrapalhado.

} 1

Assim de um namorado
Com muito gosto fazia
Uma moça mui gaiata
E elle a tudo assentia.

} 2

CONCEITO.

Na capital de Portugal
Lisboa muito afimada
N'um districto la estou
Entre outras repimpada.

Caí.

A SENTINELLA.

PERIODICO SOCIAL E RECREATIVO.

A Sentinella publica-se aos Domingos, na Typographia do Progresso rua de Sant'Anna n.º 47.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Anno..... 6\$000 | Semestre..... 3\$000

ANNO II. S. LUIZ, SEGUNDA-FEIRA 7 DE JULHO DE 1856. NUMERO 16.

A SENTINELLA.

S. LUIZ 6 DE JULHO DE 1856.

—Hontem 5 do corrente chegou a esta capital vindo de Lisboa a bordo da barca brasileira *Luzitania*, o Sr. Germano Francisco d'Oliveira, ex-empresario do nosso theatro.

Desde que daqui partio o Snr. Germano, não cessou elle, como genio de grande capacidade, de cultivar a arte dramatica, para o que não se poupou a esforços, quer apresentando-se na scena europea, por excellencia romantica, quer assistindo a todos os trabalhos e ensaios pelo que foi por diversas vezes applaudido ja nas representações, que deu no theatro de D. Maria 2.^a no drama a *Gargalhada* de mr. Arago, quer nas que deu no Gymnasio em beneficio da pobreza de caridade, sendo por estes serviços a imprensa dos diversos paizes, que percorreu como um distincto e habilissimo genio artistico.

O Sr. Germano vio Pariz, Londres, e algumas cidades d'Alemanha, sendo que por demais, apaixonado pelo systema d'*Hanneman*, aperfeiçãoou-se nelle, aponto de ver coroado esse seu afan, conseguindo nesta ultima o diploma de doutor pelo systema homœopathico.

Consta-nos, que deixára contratada em Lisboa uma companhia dramatica e um corpo de baile, para apresentar nos theatros de Pernambuco, Maranhão e Pará.

O Sr. Germano, que foi nestes ultimos tempos o regenerador do nosso theatro dramatico, é digno dos encomios dos maranhenses, pelos esforços sobrehumanos, que tem posto em pratica, no sentido de melhorar, quanto possivel fôr no imperio sua arte predilecta.

Dirigimos votos aos ceos, para que elle veja coroado tamanho denodo e interesse pela boa reputação do seu paiz.

Desde que saltou em terra foi logo visitado pelos seus numerosos amigos.

Veio tambem na mesma barca a distincta artista D. Manoella Lucci, bem conhecida no nosso theatro.

Recebam os dois recém-chegados as nossas saudações pela sua prospera viagem.

O ARTISTA BRASILEIRO.

De certo será agradável ao publico saber que se achava de volta nesta cidade o sr. Germano Fran-

cisco de Oliveira, o artista brasileiro tão unanime e entusiasticamente applaudido entre nós, e com tanta consideração tratado pela imprensa franceza na capital do mundo civilizado. Já n'esta folha tivemos o gosto de transcrever os louvores, com que por aquella imprensa foi saudado o distinctissimo actor. Hoje apressamo-nos a dar uma boa nova participando o seu regresso.

Atiançam-nos, que o sr. Germano Francisco de Oliveira aproveitará a sua demora de alguns dias para dar ainda duas ou tres representações no formoso theatro do Gymnasio, manifestando-se n'um genero differente d'aquelle, em que revelou o seu alto merito no theatro normal. O artista, que tão esplendidamente tem sabido provar assim a sua brilhante vocação como o seu exemplar desinteresse, não solicitou senão uma compensação do seu trabalho, cujo fructo generosamente destinou aos seus irmãos da arte. Esta compensação foi a faculdade de dispor de uma recita, em beneficio de um estabelecimento pio!

D'este modo, o sr. Oliveira ennobrece ainda o talento com o emprego d'elle, e depois de crear direitos innegaveis ao applauso publico, adquire-os ao publico do reconhecimento da nação, que visita. A acção do cavalheiroso artista é caridosa e meritoria, duplamente meritoria e duplamente caridosa na crise, cujos effeitos ainda pesam sobre um paiz, tão experimentado agora de provações funestas e tão ferido de calamidades repetidas. Seria culpada a indiferença, que não commemorasse tal acção, só porque o artista não assigna com um appellido estranho a ouvidos portuguezes.

Acolhido pelo suffragio das platéas e pelo voto illustrado da imprensa, o sr. Oliveira, empregando o seu tempo nas fadigas scenicas, podia, como tantos outros artistas forasteiros, exigir a recompensa justa de um trabalho coroado de felicissimo exito e de uma reputação, que excita a curiosidade. Tão modesto porém como laborioso, só applica a propria valia em favor dos desvalidos. A simples exposição d'este acto philanthropico encerra em si todos os elogios.

O sr. Germano Francisco de Oliveira vem de visitar, não somente a França, senão tambem a Alemanha; não foi ali somente colligir observações artisticas, senão completar os seus estudos nas sciencias indicas, em que é particularmente versado, reunindo assim adupla corôa do saber e da arte. Folgamos de que os nossos compatriotas soubessem desde logo apreciar devidamente

o homem, que põe tanto cuidado em occultar os seus meritos, como outros em fazer d'elles ostentação. Honramo-nos da opinião, que a seu respeito emitimos. Regosija-nos que os jornaes da mais culta nação da Europa confirmassem os juizos d'esta primeira instancia portugueza, que o artista, nosso irmão, com tanta delicadeza de preferencia veio primeiro consultar. Damos-lhe as boas vindas, applaudindo a sua iniciativa philanthropica, e damos igualmente os parabens ao publico, porque terá brevemente occasião de o apreciar e saudar de novo.

O acolhimento do publico mais escolhido, tão legitimo e tão merecido por parte do artista, deve encher de ufania os seus patricios, que sinceramente presarem as glorias e progresso do imperio; e se alguma imprudente emulação accusar entre os seus o vicio de uma rivalidade mesquinha ou de resiveis orgulhos, a vergonha será só para quem tiver animo tão pequeno, que não possa ver os louros fraternaes, quando elles vem a recair sobre a fronte da patria, mãi commum. Aqui artistas, homens de letras, e platéas são todos accordes no distincto apreço, em que teem o illustre actor; e o seu voto sem exagerações, corroborava-o a sinceridade.

Parece, que entrou ou vai já entrar em ensaios a com media, em que o ser. Germano Francisco de Oliveira deve apparecer no theatro do Gymnasio. Logo que tenhamos mais amplas informações communicar-as-hemos ao publico.

M. J.
(Da Imprensa e Lei, de Lisboa.)

EPISODIO

de uma viagem ao outro mundo.

Dialogo de duas sombras sobre o Brasil.

Lá no augusto remanso; onde se abrigão
As almas grandes, que da morte escapão,
Entre nuvens de spectros povoadas
Vagava Real sombra, em cuja fronte
Duas aureas Coróas rutilavão.

Como seguindo a sombra, que as fugia,
Quem será?—Magestoso era o seu porte;
Uma mão sobre o peito, outra alizando
Da larga fronte as rugas dolorosas,
Como tristes idéas desfazendo,
Que vinhão resumbrar em seu semblante;
E dos olhos p'ra cima revirados,
Fixos, como quem põe em Deos a mente,
Gotas de rubras lagrimas pendiam.

Quem será?—Mas silencio... o Brasil todo
Sabe o nome de quem foi seu Monarcha:

De repente parou:—Meu filho! (exclama)
Oh! minha filha! Ti'los vãos vos cercão,
Ti'los vãos, que já forão meus martyrios
Em dias tenebrosos e agitados.
Quão jovens sois! Sou pai, eu vos lastimo.

Viveis, e não p'ra vós. Vossa grandeza
Tem por apoio o interesse d'outros.

C'os homens me enganai; vivi no engano,
E no engano deixei-vos. Se eu pudesse

Livrar-vos de igual sorte, e aconselhar-vos,
Por vós descera ao Mundo, não por eu.
Que assás conheço o mundo, hoje o delecto.

Oh! corrupção mundana! oh! ironia,
Honra de uma hora! Sordido interesse,
Templo immundo, onde só se adora o ouro...
Oh! filho meu, oh! cara filha!
Que tempestade em torno de vós reina.

Calou-se, e suspirou, e seu suspiro
Enterneceu as sombras, que o escutavão.
Longinqua luz da muribunda estrella
Entre nuvens desponta, vem chegando,
E a luz crescendo, como o albor da aurora.
Outra sombra se eleva, com ar grave,
E c'os braços cruzados sobre o peito,
Para a sombra real caminha, e pára;
Ambas se reconhecem, receiando,
Como espantadas de se verem juntas,
Voltão de novo e em extasis se abração.

A Sombra.

Oh! és tú, Evaristo! Eu te esperava
Aqui nesta mansão, onde não cabem
Paixões humanas. Tudo aqui se nutre
De um igual pensamento, justo e santo,
Somos todos amigos... Mas não fallas?
Separou-nos o mundo, a morte unio-nos,
E podemos julgar a quem nos julga.
Falla, diz, porque deixaste o mundo?

Evaristo.

Senhor, deixei-o por cruéis pezares,
Que a corção d'um dia me accusarão.
E eis-me aqui pela dor tora da Patria,
Qu'eu tanto amei, té que morri por ella.

A Sombra.

Como o Brasil deixaste?

Evaristo.

Na miseria!...
Qual enfermo sem tino, pobre enfermo,
Que sem cessar no leito se revolve,
Sem poder repousar de nenhum lado,
Que quer gritar, e as dores se exasperão,
E a voz nos labios convulsiva expira;
Que quer chorar, e as lagrimas recuão,
E geladas lhe cahem no seio d'alma...
Quer erguer-se, e impia não lhe fare o peito...
Agua pede, e hr'a negão: sem alento
Pejado o peito de cruel angustia
Co'a morte se resigna; e uma algazarra
Ironica e satanica o desperta.
Quer respirar, quer ár, tudo lhe falta!
E da gangrena, que o ameaça inteiro,
O corrosivo fetido o suffoca...
Eis aqui o Brasil! Assim deixei-o.

A Sombra.

Oh meu filho! oh Brasil! como é possível!
E tu me não quizeste.—Repeliste
Aquelle, que já de Nume tu chamaste,
Teu pai, teu defensor, e que mais tarde
Chamaste teu tyranno, e a quem um dia
Justiça será feita, quando os homens
Compararem com elle esses, que agora
Talvez fação chorar a perdã sua.
Oh! se minha alma no descansa eterno

De vingança e despeito se aprazesse,
Como vingador e alegre neste instante,
Te saudava com um sorriso de blasfemia!!!
Mas esse mundo um só amor conservo,
O amor paterno! — oh filho meu tão caro!

Evaristo.

Senhor, sobre elle véla a Providencia,
Deixa, que o inferno se debata inutil,
Té que de raiva o animo se accenda,
E em transportes de colera se eieve,
Decidido a vencer, e em pé ser livre.

A Sombra.

Mas que cadeias o embaraço hoje?
Que tyrannia o oprime?

Evaristo.

A indifferença,
Nascida de esperanças malogradas,
Sustida pelo sordido interesse
E pela constancia.

A Sombra.

Em que se cuida,
Que politica se opõe a tal flagello?

Evaristo.

Politica infantil de vis caprichos,
Systema de rancor.

A Sombra.

E o que fizeste
De tua stoica insolita firmeza,

Evaristo.

Essa firmeza
Esgotou-se no meio da ironia;
Fui vencido, calcei-me.

A Sombra.

O mal é grande?

Evaristo.

Grande como o Brasil.

A Sombra.

Não ha remedio?

Evaristo.

Só Deos o sabe, que não podem homens
Mandar, que a luz das vevas arrebeite.
Quem pode assombrar as caudupas
Do rio, que das rochas se desaba?

A Sombra.

Es tu culpado desse mal ingente?

Evaristo.

E tu, Senhor?

A Sombra.

Os homens me enganarão.
Nasci no throno, o throno só perdeu-me.
Nasci p'ra subir. Desci, fui grande.
Se sei se fui culpado, outros que digão.

Evaristo.

Senhor, tambem co'homens enganei-me.
Entre o povo nasci, vivi com elle,
E nunca quiz subir.

A Sombra.

Erraste, erraste.

Evaristo.

Quiz sempre ser pequeno.

A Sombra.

E foste grande:

E o teu genio entre todos se elevava.
Não devias deixar o pó erguer-se:
O pó sufoca o proprio, que o eleva.

Evaristo.

Se getio tive, oh! que esse foi meu crime!
Não somos nós os netos de Albuquerque,
Raça de Luzos?

A Sombra.

Sim, eu os conheço!

Tudo disseste; basta. — Dees os guie.»
Nisto milões de raios lampejarão,
E essas nuvens azues, Thronos de Sombras,
Se alargarão, de fogo ensanefadas.
Hum Anjo appareceo agigantado,
Alvas vestes trajando, mas luzeantes
Que o puro diamante lapidado.
E sobre as longas pontagudas áras
Suspenso, assim fallou: « Almas felizes,
Enviado de Deos venho trazer-vos
Vosso ultimo supplicio, a cujo aspecto
Será vossa paixão tão vehemente,
Que puros ficareis de vossas culpas.»
Disse; e virando o rosto, o braço estende,
E o Brasil vio-se ao longe, circulado
Co' as mãos cubrindo os olhos, recuando,
As duas sombras cahem de horror geladas.

(Inedito.)

Uma recordação!

Bella virgem d'encantos mimosa
O meu peito de amor abrasava,
E p'ra mim com affagos sorrindo,
Conseguir minha jura intentava.

Bem de pressa affagando-m'a Bella,
Revoltar-me não pude um instante,
Pelos Anjos Celestes jurando
Fiz protestos de amal-a constante.

Suas faces fazendo-se pallidas
Bem diziam (tão terna que era!)
Que mui cedo apartado estaria
Quem com ella abraçado estivera.

Mil protestos, mil juras fazia
Esse Anginho mui triste chorando:
Fiz-lhe então novas juras, promessas
Com carinhos a ella agradando.

Nem sequer dum abraço somente,
Desd'então da Donzell'ausentado,
Eu gozei! E mui triste já soffro
Amudança do tempo passado.

••• L.

Recife, Junho de 1856.

A.....

É ella a mais bella das louras da festa,
Acima de todas seu rosto primava!
E o louro cabello em tranças disposto
Que lindo que era! que bem lhe ficava!

J. A. dos S. COSTIC.

T: vendo Donzella, mui bella e fagueira,
A todos mostrando teu terno sorriso;
Não sabes Santinha, que grande tormento,
O peito me abraza tirando-me o siso.

Vendo-te casta, brincando innocente,
Com ternas florinhas tão bellas meu Anjo;
Balsamo salutar o peito me ameiga,
E a mente só diz-me, que és um Arcinjo,

Vendo um teu olhar pousar-se terne
Em um rosto mortal um rosto alheio,
Subito calafrio as veias corre,
Ferro agudo me corta o intimo seio.

Mas se breves momentos Donzella me attendes,
Se limpido olhar em mim tu só fitas,
Então oh! meu Anjo! a razão me transtornas,
Alegria e prazer na alma me excitas!

Eis, de subito muda a sorte mesquinha,
Minha vida é só flores, prazer e ternura
No que vejo cercar-me diviso meu Anjo,
O meu amor por ti, e minha ventura.

«O amor que a essa virgem consagro
É amor não fingido, é real,
É amor, que a existencia me adoça
É amor puro, amor fraternal.»

Maranhão Junho de 1856.

J. * SILVA.

Isto é que eu duvido!

A Moça solteira
Que seu Pai é pobre
E roupas de nobre
Traja no diario
—Se comprou vestido
Isto é que eu duvido!

Menino enfeitado
Muito bem vestido
Sendo parecido
Com a dona da casa:
—Se não foi parido
Isto é que eu duvido!

Viuvinha fresca
Já toda enfeitada
Toda requebrada
Sem perder função!
—Que não quer marido
Isto é que eu duvido!

Rapaz pettimaitre
Com muita corrente
que paga a gente

Com dinheiro á vista.
—Se elle é bem havido,
Isto é que eu duvido!

Estudante novo
Que frequenta a casa
Não perdendo vasa
De fazer visita:
—Se é só conhecido
Isto é que eu duvido!

Estar um dia inteiro
A menina bella
Sempre na janella
Olhando para rua
—Sem ter mau sentido,
Isto é que eu duvido!

Empregado publico
Com pouca soldada
Ter sala dourada
He luxo de mais:
—Se não tem comido
Isto é que eu duvido!

Sujeito que vai
A loja comprar
Depois sem pagar
Se escapa da rua:
—Se é por esquecido
Isto é que eu duvido!

Mulher velha e magra
De faces coradas
E corpo bem feito:
—Que não é fingido
Isto é que eu duvido!

Militar que vive
Sempre de licença
E pede dispensa
P'ra não ir á guerra:
—Se elle foi ferido
Isto é que eu duvido!

S. J.

Acrostico semi-retrogrado.

Hum momento foi bastante
Ver-te, para amar-te com extremo.
(Do Auctor.)

B—ella, mais bella, que a mais bella virgem,
E—s formosa, gentil, engraçada,
L—anguido olhar, dormente, amoroso,
L—ançaste em minh'alma, repleto d'amor,
A—alma roubaste-me, sem ella fiquei;
E—tu, minha bella, acaso não viste
C—omo eu cauteloso, das outras á furto,
L—ibava em teus olhos prazer, e ventura?
U—nir-me contigo, d'hymineu pelos laços,
D—esejo com ardor; oh! queiras tambem! ...

O TRUÃO D'APPOLLO.

Junho—25 de 1856.